AGATHA CHRISTIE

O ASSASSINATO DE ROGER ACKROYD

UM CASO DE HERCULE POIROT

GLOBOLIVROS

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by convertEPub

Agatha Christie

O assassinato de Roger Ackroyd

um caso de Hercule Poirot

Tradução
Renato Rezende

GLOBOLIVROS

The Murder of Roger Ackroyd Copyright © 1926 Agatha Christie Limited. All rights reserved. AGATHA CHRISTIE, POIROT and the Agatha Christie Signature are registered trade marks of Agatha Christie Limited in the UK and/or elsewhere. All rights reserved.

Translation entitled *O assassinato de Roger Ackroyd* © 2001 Agatha Christie Limited.
Copyright da tradução © 2001 by Editora Globo

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Título original: *The Murder of Roger Ackroyd*

Editor responsável: Ana Lima Cecilio

Editores assistentes: Erika Nogueira Vieira e Juliana de Araujo Rodrigues

Editor digital: Erick Santos Cardoso

Revisão da presente edição: Tomoe Moroizumi

Capa e ilustração: Rafael Nobre / Babilônia Cultura Editorial

Diagramação: Jussara Fino

cip-brasil. catalogação na publicação
sindicato nacional dos editores de livros, rj

c479a
Christie, Agatha, 1890-1976
Assassinato de Roger Ackroyd/Agatha Christie;
tradução Renato Rezende. – 4. ed.
São Paulo: Globo, 2014.

Tradução de: *The Murder of Roger Ackroyd*
isbn 978-85-250-5765-5

1. Ficção inglesa. 2. Ficção policial inglesa.i. Rezende, Renato. ii. Título.

14-10785 cdd: 823
cdu: 821.111-3

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo s.a.
Av. Jaguaré, 1485 — 05346-902 — São Paulo — sp

www.globolivros.com.br

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
1 - dr. sheppard à mesa do café da manhã
2 - quem é quem em king’s abbot
3 - o homem que cultivava abobrinhas
4 - o jantar em fernly
5 - o assassinato
6 - a adaga tunisiana
7 - descubro a profissão de meu vizinho
8 - o inspetor raglan está confiante
9 - o lago dos peixinhos dourados
10 - a copeira
11 - poirot faz uma visita
12 - ao redor da mesa
13 - a pena de ganso
14 - mrs. ackroyd
15 - geoffrey raymond
16 - uma noite de mahjong
17 - parker
18 - charles kent
19 - flora ackroyd
20 - miss russell
21 - o parágrafo no jornal
22 - a história de ursula
23 - a pequena reunião de poirot
24 - a história de ralph paton
25 - toda a verdade
26 - e nada mais que a verdade
27 - apologia

Para Punkie,
que aprecia uma história policial clássica com assassinato, inquérito e suspeitas que recaiam alternadamente sobre todos!

1
dr. sheppard à mesa do café da manhã

mrs. ferrars morrera na noite de 16 para 17 de setembro, uma quinta-feira. Mandaram me buscar às 8 horas da manhã da sexta--feira, 17. Não havia nada mais a ser feito. Ela estava morta fazia algumas horas.

Pouco depois das 9 horas eu já estava em casa novamente. Abri a porta da frente com a chave que sempre tinha comigo e parei intencionalmente, alguns instantes, no corredor de entrada enquanto pendurava o chapéu e o leve sobretudo que eu havia levado, sábia precaução contra a friagem do início de uma manhã outonal. Para ser sincero, estava bastante perturbado e preocupado. Não vou dizer que naquele momento eu previa os eventos das próximas semanas. Eu certamente não previ. Porém meu instinto avisava que momentos agitados estavam por vir.

Da sala de jantar à minha esquerda vieram o ruído das xícaras de chá e a tosse curta e seca de minha irmã Caroline.

— É você, James? — ela perguntou.

Uma pergunta desnecessária, pois quem mais poderia ser? Para dizer a verdade, foi precisamente minha irmã Caroline a razão dos meus minutos de atraso.

O lema da família mangusto, como nos diz mr. Kipling, é: “Vá e descubra”. Se Caroline algum dia adotar um brasão, eu certamente sugeriria um mangusto rompante. Pode-se omitir a segunda parte do lema. Caroline pode descobrir muita coisa apenas permanecendo placidamente sentada em casa. Não sei como ela o faz, mas o faz. Minha suspeita é que os empregados e os comerciantes constituam seu “Serviço Secreto”. Quando ela sai, não é para coletar informação, mas para distribuí-la. Nisso, também, ela é extraordinariamente esperta.

Era justamente essa última característica que me causava essa angústia e indecisão. O que eu dissesse a Caroline nesse momento com relação à causa da morte de mrs. Ferrars se tornaria de conhecimento público por toda a cidade num espaço de tempo de hora e meia. Como médico, eu naturalmente prezo a discrição. Assim, desenvolvi o hábito de continuamente ocultar informação de minha irmã o máximo possível. De qualquer modo ela acaba descobrindo, porém tenho a satisfação moral de saber que de nenhuma forma fui responsável por isso.

O marido de mrs. Ferrars morrera há cerca de um ano e Caroline tinha constantemente afirmado, sem base nenhuma para isso, que sua mulher o havia envenenado.

Ela zomba da minha resposta invariável de que mr. Ferrars morrera de gastrite aguda, auxiliado por sua indulgência habitual com bebidas alcoólicas. Os sintomas de gastrite e envenenamento por arsênico não são, eu concordo, diferentes, porém Caroline baseia sua acusação em assertivas bem diferentes.

— Basta olhar para ela — eu a ouvi comentar.

Mrs. Ferrars, embora não mais uma jovem, era uma mulher bastante atraente, e suas roupas, apesar de

simples, pareciam sempre lhe cair muito bem; no entanto inúmeras mulheres compram suas roupas em Paris sem que por isso tenham envenenado seus maridos.

Enquanto hesitava de pé no corredor de entrada, com tudo isso passando em minha mente, a voz de Caroline se fez ouvir novamente em um tom mais agudo.

— Afinal, James, o que você está fazendo aí? Por que não entra e toma seu café da manhã?

— Estou chegando, minha querida — apressei-me em responder. — Estava pendurando meu sobretudo.

— Você já poderia ter pendurado uma dúzia de casacos.

Ela estava certa. Eu poderia mesmo.

Entrei na sala de jantar, beijei de leve o rosto de Caroline como de costume, e sentei-me diante de ovos e bacon. O bacon estava um tanto frio.

— Você teve um chamado cedo — observou Caroline.

— Sim — eu disse. — De King’s Paddock. Mrs. Ferrars.

— Eu sei — disse minha irmã.

— Como você sabia?

— Annie me contou.

Annie é a copeira. Uma boa moça, porém uma tagarela inveterada.

Houve uma pausa. Continuei a comer os ovos com bacon. O nariz de minha irmã, que é longo e fino, estremeceu na ponta, o que sempre acontece quando ela está interessada ou excitada com alguma coisa.

— Bem? — ela inquiriu.

— Um caso muito ruim. Nada a ser feito. Deve ter morrido durante o sono.

— Eu sei — disse novamente minha irmã.

Dessa vez me irritei.

— Não tem como você saber — respondi bruscamente. —Eu mesmo não sabia até chegar lá, e não mencionei o fato a nenhuma alma até o momento. Se essa moça Annie sabe, ela deve ser clarividente.

— Não foi Annie quem me contou. Foi o leiteiro. Ele soube pela cozinheira dos Ferrars.

É como eu digo, Caroline não precisa sair para se informar. Ela se senta em casa e a informação chega até ela.

Minha irmã continuou:

— De que ela morreu? Ataque cardíaco?

— O leiteiro não lhe contou isso? — perguntei com sarcasmo.

Sarcasmo é perda de tempo com Caroline. Ela leva a sério e responde de acordo.

— Ele não sabia — explicou.

Caroline iria saber afinal, mais cedo ou mais tarde. Ela podia, portanto, ouvir de mim.

— Ela morreu de uma dose excessiva de Veronal. Ela o vinha tomando recentemente para insônia. Deve ter tomado em excesso.

— Bobagem — disse Caroline imediatamente. — Ela tomou de propósito. Não precisa nem dizer!

É engraçado, quando se tem uma crença secreta, que não se quer reconhecer, quando alguém a expressa em voz alta, isso nos leva a negá-la veementemente. Eu explodi de pronto em um discurso indignado.

— Lá vai você de novo — eu disse —, precipitando-se sem pé nem cabeça. Por que cargas d’água mrs. Ferrars iria querer cometer suicídio? Uma viúva, ainda bastante jovem, bem de vida, sem nada a fazer exceto divertir-se. É absurdo.

— De jeito nenhum. Até você deve ter reparado como ela estava diferente nos últimos tempos. Já faz uns seis meses. Ela parecia inteiramente atormentada. E você acaba de admitir que ela não conseguia dormir.

— Qual o seu diagnóstico? — perguntei com frieza. — Um romance infeliz, suponho?

Minha irmã balançou a cabeça.

— *Remorso* — ela disse, com muito gosto.

— Remorso?

— Sim. Você nunca acreditou em mim quando eu dizia que ela tinha envenenado o marido. Estou ainda mais convencida disso agora.

— Não acho que você esteja sendo muito lógica — objetei. — Se uma mulher comete um crime como assassinato, com certeza ela teria sangue-frio suficiente para desfrutar dos resultados sem nenhum sentimentalismo bobo como arrependimento.

Caroline balançou a cabeça.

— Existem mulheres, certamente, que são assim — mas mrs. Ferrars não era uma delas. Ela era um monte de nervos. Um impulso incontrolável a levou a livrar-se do marido porque ela era o tipo de pessoa que simplesmente não consegue suportar nenhum tipo de sofrimento, e não há dúvida de que a mulher de um homem como Ashley Ferrars deve ter sofrido muito...

Assenti com a cabeça.

— E desde então ela tem sido assombrada pelo que fez. Eu só posso ter pena dela.

Não acredito que Caroline tenha alguma vez sentido pena de mrs. Ferrars enquanto ela estava viva. Agora que ela se foi para onde (presumivelmente) os vestidos de Paris não podem ser usados, Caroline estava pronta

para as emoções mais brandas de piedade e compreensão.

Eu lhe disse com firmeza que toda essa sua ideia era uma bobagem. Eu estava ainda mais firme porque no íntimo concordava em parte, pelo menos, com o que ela dissera. Mas não era certo que Caroline chegasse à verdade simplesmente através de um tipo de sexto sentido. Eu não encorajaria esse tipo de coisa. Ela irá por toda a cidade revelando suas ideias, e todos irão pensar que ela está se baseando em informação médica fornecida por mim. A vida é muito difícil.

— Bobagem — disse Caroline, em resposta a minha censura. — Você vai ver. Aposto que ela deixou uma carta confessando tudo.

— Ela não deixou nenhuma carta — disse asperamente, sem perceber aonde essa afirmação iria me levar.

— Oh! — disse Caroline. — Então você *perguntou* sobre isso, não foi? Eu acredito, James, que, bem lá no fundo, você pensa como eu. Você é um doce velho hipócrita.

— É praxe sempre se considerar a possibilidade de suicídio — eu disse seriamente.

— Haverá um inquérito?

— Talvez haja. Tudo depende. Se eu puder me declarar completamente satisfeito com a conclusão de que uma dose excessiva foi tomada por acidente, talvez um inquérito seja desnecessário.

— E você está inteiramente convencido? — perguntou-me minha irmã com malícia.

Levantei-me da mesa sem responder.

2
quem é quem em king’s abbot

antes de prosseguir com o que eu disse a Caroline e com o que Caroline me disse, talvez fosse apropriado passar uma ideia do que eu descreveria como nossa geografia local. Nossa vila, King’s Abbot, é, penso eu, como qualquer outra vila. Nossa cidade grande é Cranchester, a nove milhas de distância. Temos uma grande estação ferroviária, uma pequena agência de correios e duas lojas de “departamentos” rivais. Homens saudáveis tendem a deixar o lugar cedo na vida, mas somos ricos em solteironas e oficiais aposentados. Nossos passatempos e recreações podem ser resumidos em uma palavra: “fofoca”.

Existem apenas duas casas de certa importância em King’s Abbot. Uma é a King’s Paddock, que mrs. Ferrars herdou do marido. A outra, Fernly Park, pertence a Roger Ackroyd. Ackroyd sempre me interessou por ser um homem que se assemelha a um nobre do campo tanto quanto tal nobre deva parecer. Ele me lembra um esportista de rosto rosado que sempre surge no início do primeiro ato de um musical antigo, no qual os gramados da vila servem de cenário. Em geral cantam uma canção sobre partir para Londres. Hoje em dia temos o teatro de revista, e o nobre do interior desapareceu dos musicais.

É claro, Ackroyd não é de fato um nobre. Ele é um industrial de enorme sucesso que produz (eu acho) rodas para vagões. Ele beira os cinquenta anos de idade, com rosto corado e maneiras gentis. É unha e carne com o vigário, contribui generosamente para os fundos da paróquia (embora os rumores sejam de que ele é extremamente sovina com seus gastos pessoais), encoraja as partidas de críquete, clubes de jovens e institutos para soldados incapacitados. Ele é, na verdade, a vida e a alma de nossa pacata vila de King's Abbot.

Quando Roger Ackroyd era, então, um rapaz de vinte e um anos, apaixonou-se e casou-se com uma linda mulher cinco ou seis anos mais velha. Seu nome era Paton, ela era viúva e mãe de uma criança. A história do casamento foi breve e dolorosa. Para ser direto, mrs. Ackroyd era dipsomaníaca. Ela conseguiu se matar de tanto beber após quatro anos de casamento.

Nos anos que se seguiram, Ackroyd não se mostrou disposto a entrar em uma segunda aventura matrimonial. O filho do primeiro casamento de sua mulher tinha apenas sete anos quando a mãe morreu. Ele tem agora vinte e cinco anos. Ackroyd sempre o considerou como seu filho, e o educou dessa maneira, porém ele tem sido um rapaz rebelde e uma contínua fonte de preocupação e problema para seu padrasto. No entanto, todos nós em King's Abbot gostamos muito de Ralph Paton. Para começar, ele é um jovem muito bonito.

Como eu disse antes, estamos sempre prontos a fofocar em nossa cidade. Todos repararam desde o início que Ackroyd e mrs. Ferrars se deram muito bem. Depois da morte de seu marido, a intimidade ficou ainda mais acentuada. Eles eram sempre vistos juntos, e se

conjeturava livremente que, ao final de seu período de luto, mrs. Ferrars se tornaria mrs. Roger Ackroyd. Sentia-se, de fato, que havia uma certa adequação. A mulher de Roger Ackroyd tinha claramente morrido por causa da bebida. Ashley Ferrars tinha sido alcoólatra por muitos anos antes de morrer. Era apropriado que essas duas vítimas do excesso do álcool pudessem compensar um ao outro por tudo o que haviam sofrido nas mãos de seus cônjuges anteriores.

Os Ferrars vieram morar aqui fazia pouco mais de um ano, porém um halo de fofoca envolvia Ackroyd havia muitos anos. Ao longo de todo o período de crescimento de Ralph Paton, até o final de sua adolescência, uma série de governantas administrou a casa de Ackroyd, e todas eram vistas com intensa suspeita por Caroline e suas comadres. Não é demais dizer que por pelo menos quinze anos toda a cidade esperava confiantemente que Ackroyd se casasse com uma de suas governantas. A última delas, uma mulher terrível chamada miss Russell, reinou inconteste por cinco anos, duas vezes mais que qualquer uma de suas predecessoras. Havia uma sensação de que, se não fosse pelo advento de mrs. Ferrars, Ackroyd dificilmente teria escapado. Isso e um outro fator: a chegada inesperada do Canadá de uma cunhada viúva acompanhada de sua filha. Mrs. Cecil Ackroyd, viúva do inútil irmão caçula de Ackroyd, foi morar em Fernly Park e conseguiu, segundo Caroline, colocar miss Russell em seu devido lugar.

Não sei exatamente o que significa “seu devido lugar” — soa um tanto frio e desagradável —, mas sei que miss Russell anda por aí com lábios cerrados, e com o que posso descrever apenas como um sorriso azedo, e

que professa sua profunda comiseração pela “pobre mrs. Ackroyd — dependente da caridade do irmão de seu marido. O pão da caridade é tão amargo, não é mesmo? Eu seria muito infeliz se não trabalhasse para o meu sustento”.

Desconheço o que pensava mrs. Cecil Ackroyd do caso Ferrars quando soube dele. Era claramente vantajoso para ela que Ackroyd não se casasse. Ela era sempre bastante amável — para não dizer efusiva — com a mrs. Ferrars quando se encontravam. Caroline diz que isso não prova nada.

Essas eram nossas preocupações em King’s Abbot nos últimos anos. Discutimos sobre Ackroyd e seus casos sob todos os ângulos. Mrs. Ferrars encaixou-se no seu papel no esquema.

Houve agora um rearranjo do caleidoscópio. De conversas tranquilas sobre prováveis presentes de casamento fomos lançados em meio à tragédia.

Revolvendo esses e outros diversos assuntos em minha mente, cumpri minha ronda de forma mecânica. Eu não tinha nenhum caso em especial para cuidar, o que foi talvez bom, pois meus pensamentos retornavam continuamente ao mistério da morte de mrs. Ferrars. Teria ela acabado com a própria vida? Claro que, se tivesse feito isso, não teria deixado um bilhete para explicar o que tinha feito? As mulheres, em minha experiência, se decidem cometer suicídio, em geral, querem revelar o estado mental que levou à ação fatal. Elas ambicionam a publicidade.

Quando foi que a tinha visto pela última vez? Não fazia mais de uma semana. Suas maneiras na ocasião

tinham sido normais, considerando, bem, considerando tudo.

De repente lembrei-me de que a tinha visto, embora não tivéssemos nos falado, ontem mesmo. Ela caminhava com Ralph Paton, e eu ficara surpreso porque não tinha ideia de que ele estivesse em King's Abbot. Eu na verdade achava que ele tinha finalmente brigado com seu padrasto. Não o tínhamos visto por aqui nos últimos seis meses. Eles caminhavam, lado a lado, com as cabeças próximas, e ela falava com uma expressão bastante grave.

Posso afirmar com segurança que foi então nesse momento que uma previsão do futuro me arrebatou. Nada palpável ainda — mas uma premonição vaga sobre como as coisas estavam se encaminhando. Esse *tête-à-tête* entre Ralph Paton e mrs. Ferrars no dia anterior me impactou de forma desagradável.

Eu ainda pensava nisso quando me vi frente a frente com Roger Ackroyd.

— Sheppard! — ele exclamou. — Exatamente com quem eu queria falar. Esta é uma situação horrível.

— Você soube então?

Ele aquiesceu. Eu podia perceber que ele sentira o golpe intensamente. Suas grandes bochechas rubras pareciam encovadas, e ele tinha uma aparência arrasada que destoava de seu costumeiro jeito jovial e vigoroso.

— É pior ainda do que você imagina — ele disse baixinho. — Olhe, Sheppard, preciso falar com você. Você pode vir comigo agora?

— Não creio. Tenho ainda três pacientes para ver, e devo retornar ao meio-dia para ver os pacientes no consultório.

— Então esta tarde, não, melhor ainda, venha jantar esta noite. Às 19h30? Está bem para você?

— Sim, posso. O que há de errado? É Ralph?

Não tenho ideia de por que disse isso, exceto, talvez, pelo fato de que frequentemente era sobre Ralph.

Ackroyd me olhou estupefato como se mal tivesse entendido. Comecei a perceber que deveria haver alguma coisa bastante errada em algum lugar. Eu nunca tinha visto Ackroyd tão perturbado antes.

— Ralph? — ele disse vagamente. — Oh! Não, não é sobre Ralph. Ralph está em Londres — droga! Lá vem a velha miss Ganett. Eu não quero ter de falar com ela sobre esse assunto horrível. Vejo você hoje à noite, Sheppard. Às 19h30.

Sacudi a cabeça afirmativamente, e ele saiu apressado e me deixou pensando. Ralph, em Londres? Mas ele certamente estivera em King’s Abbot na tarde anterior. Ele deve ter retornado para a cidade ontem à noite ou hoje cedo pela manhã, ainda assim o jeito de Ackroyd transmitira uma impressão bastante diferente. Ele falara como se Ralph estivesse longe dali há meses.

Não tive tempo para decifrar esse assunto. Miss Ganett já tinha me alcançado, sedenta por informação. Miss Ganett tem todas as características de minha irmã Caroline, mas lhe falta aquela infalível pontaria ao pular para conclusões, o que dá um toque de grandeza às manobras de Caroline. Miss Ganett estava sem fôlego e inquisitiva.

Não era triste o que acontecera com a pobre querida mrs. Ferrars? Muitas pessoas estão comentando que, com toda a certeza, ela consumia drogas havia anos. Era tão maldosa a maneira de as pessoas comentarem. E,

ainda assim, o pior era que havia sempre um quê de verdade em algum lugar dessas afirmações loucas. Não há fumaça sem fogo! Estão dizendo também que mr. Ackroyd descobrira isso e rompera o noivado — porque *existia* um noivado. Ela, miss Ganett, tinha provas incontestáveis disso. É claro que eu deveria estar sabendo tudo a respeito — os médicos sempre sabiam. Mas alguma vez falavam?

Tudo isso dito com pequenos olhos perspicazes sobre mim, para ver como eu reagia a essas declarações. Felizmente a longa associação com Caroline tinha me levado a preservar uma face impassível, e eu estava pronto a emitir pequenas observações não comprometedoras.

Nessa situação, parabenizei miss Ganett por não aderir a fofocas maldosas. Um ótimo contra-ataque, pensei. Deixei-a em dificuldades, e antes que pudesse se recompor, eu já tinha seguido adiante.

Fui para casa pensativo, para encontrar vários pacientes me esperando no consultório.

Já havia dispensado o último, eu achava, e estava no jardim meditando por alguns minutos quando percebi que mais uma paciente me aguardava. Ela se levantou e caminhou na minha direção enquanto eu permanecia surpreso.

Não sei por que deveria estar surpreso, a não ser pelo fato de que há uma impressão de saúde de ferro em relação a miss Russell, algo que está além das debilidades da carne.

A governanta do Ackroyd é uma mulher alta, bonita, porém de aparência ameaçadora. Ela tem um olhar severo e lábios cerrados, e eu me senti como se eu fosse

um empregado subalterno ou ajudante de cozinha que precisaria correr para salvar minha vida sempre que a ouvisse chegar.

— Bom dia, doutor Sheppard — disse miss Russell. — Eu ficaria muito grata se o senhor examinasse meu joelho.

Dei uma olhada, mas, para ser sincero, fui nem um pouco sábio ao fazer isso. O relato de miss Russell sobre dores vagas era tão pouco convincente que com uma mulher de caráter menos íntegro eu suspeitaria de uma história forjada. Cruzou minha mente por um instante que miss Russell poderia ter deliberadamente inventado essa dor no joelho com o intuito de me interrogar sobre o assunto da morte de mrs. Ferrars, mas logo percebi que, ao menos nesse momento, eu a julgara mal. Ela fez apenas uma breve referência à tragédia e nada mais. Porém, parecia disposta a ficar por ali conversando.

— Bem, muito obrigada por essa pomada, doutor — ela disse por fim. — Não que eu ache que vá fazer algum bem.

Eu também não achava, mas protestei por dever. Afinal, mal não faria, e devemos aderir às ferramentas da profissão.

— Eu não acredito em todas essas drogas — disse miss Russell, seus olhos corriam desdenhosos pela minha coleção de frascos. — Drogas fazem muito mal. Veja o hábito da cocaína.

— Bem, no que concerne a isso...

— É bastante difundido na alta sociedade.

Tenho certeza de que miss Russell sabe muito mais sobre a alta sociedade do que eu. Não tentei argumentar com ela.

— Apenas me diga, doutor — disse miss Russell. — Imagine que o senhor seja de fato um escravo do hábito da droga. Existe alguma cura?

Não se pode responder a uma pergunta dessa assim de improviso. Fiz uma pequena preleção sobre o assunto, e ela ouviu com bastante atenção. Eu ainda suspeitava que ela buscasse informação sobre mrs. Ferrars.

— Agora, por exemplo, Veronal... — continuei.

Mas, estranhamente, ela não parecia interessada em Veronal. Ela mudou de assunto e me perguntou se era verdade que existiam certos venenos muito raros que não podiam ser detectados.

— Ah! — eu disse. — Você andou lendo histórias de detetive.

Ela admitiu que sim.

— A essência de uma história de detetive — eu disse — é ter um veneno raro, se possível algum da América do Sul, do qual ninguém ouviu falar, algo que tribos selvagens remotas usam para envenenar suas flechas. A morte é instantânea, e a ciência ocidental é impotente para detectá-lo. É a algo assim que você está se referindo?

— Sim. Existe isso?

Balancei minha cabeça pesarosamente.

— Receio que não. Existe o curare, é claro.

Dei-lhe bastante informação sobre o curare, mas ela parecia mais uma vez ter perdido o interesse. Ela me perguntou se eu tinha algum veneno em meu armário, e, quando disse que não, creio que caí em seu conceito.

Ela disse que tinha de voltar, e eu a vi passar pela porta do consultório no instante em que soava o gongo do almoço.

Eu jamais suspeitaria que miss Russell gostasse de histórias de detetive. Divertia-me muito imaginá-la saindo do seu quarto de governanta para repreender uma empregada delinquente e então retornar a uma confortável leitura de *O mistério da sétima morte*, ou algo do gênero.

3
o homem que cultivava abobrinhas

eu disse a caroline na hora do almoço que jantaria em Fernly. Ela não expressou nenhuma objeção, ao contrário.

— Excelente — ela disse. — Você ficará sabendo de tudo. Aliás, qual o problema com Ralph?

— Com Ralph? — disse, surpreso. — Nenhum.

— Então por que ele está hospedado na pousada Three Boars em vez de estar em Fernly Park?

Nem por um minuto questionei a afirmação de Caroline de que Ralph Paton estivesse hospedado na pousada local. O fato de Caroline dizer isso era suficiente para mim.

— Ackroyd me disse que ele estava em Londres — eu disse. Na surpresa do momento abandonei minha regra valiosa de não adiantar nenhuma informação.

— Oh! — disse Caroline. Eu podia ver seu nariz se mexendo enquanto ela farejava a respeito.

— Ele chegou à Three Boars ontem de manhã — ela disse. — E ainda está lá. Ontem ele saiu com uma moça.

Isso não me surpreendia em nada. Ralph, eu diria, sai com moças na maioria das noites de sua vida. Mas eu me perguntava por que ele escolhera cultivar seu

passatempo favorito em King’s Abbot em vez da alegre metrópole.

— Uma das garçonetes? — perguntei.

— Não. Isso é tudo. Ele saiu para encontrá-la. Eu não sei quem ela é.

(Era duro para Caroline ter de admitir tal coisa.)

— Mas posso imaginar — continuou minha incansável irmã.

Esperei com paciência.

— Sua prima.

— Flora Ackroyd? — exclamei surpreso.

Flora Ackroyd não é, claro, parente de fato de Ralph Paton, mas Ralph foi considerado praticamente filho de Ackroyd por tanto tempo que serem primos era considerado natural.

— Flora Ackroyd — disse minha irmã.

— Mas por que não ir à Fernly se ele queria vê-la?

— Noivos em segredo — disse Caroline, com grande divertimento. — O velho Ackroyd não admitiria e eles tiveram de se encontrar dessa forma.

Vi muitas falhas consideráveis na teoria de Caroline, mas me abstive de demonstrá-las a ela. Uma observação inocente sobre nosso vizinho desviou o rumo da conversa.

A casa vizinha, The Larches, foi recentemente ocupada por um estranho. Para grande aborrecimento de Caroline, ela não pôde descobrir nada sobre ele, exceto que é estrangeiro. Seu “Serviço Secreto” falhou totalmente. É de presumir que o homem receba leite e verduras e carne em casa e se utilize de vez em quando dos serviços da lavanderia como todo mundo, mas nenhuma das pessoas que fornecem essas coisas parece

ter conseguido qualquer informação. Seu nome, aparentemente, é mr. Porrott — um nome que transmite uma estranha sensação de irrealidade. A única coisa que sabemos sobre ele é que tem interesse em cultivar abobrinhas.

Mas esse não é certamente o tipo de informação que Caroline busca. Ela quer saber de onde ele vem, o que faz, se é casado, o que fazia sua mulher, ou faz, se ele tem filhos, qual era o nome de solteira de sua mãe etc. Imagino que alguém muito parecido com Caroline deve ter inventado as perguntas nos passaportes.

— Minha querida Caroline — disse. — Não há nenhuma dúvida sobre qual é a profissão desse homem. Ele é um cabeleireiro aposentado. Veja o bigode dele.

Caroline discordou. Disse que, se o homem fosse um cabeleireiro, ele teria o cabelo ondulado — não liso. Todos os cabeleireiros tinham cabelo ondulado.

Citei vários cabeleireiros que eu conhecia pessoalmente com cabelos lisos, mas Caroline se recusava a ser convencida.

— Não consigo decidir sobre ele de jeito nenhum — ela disse com voz triste. — Outro dia peguei emprestado algumas ferramentas de jardinagem, e ele foi extremamente educado, mas não consegui arrancar nada dele. Por fim perguntei-lhe francamente se ele era francês, e me disse que não, e por alguma razão não quis lhe perguntar mais nada.

Passei a ficar mais interessado em nosso misterioso vizinho. Um homem capaz de calar Caroline e enviá-la embora como a rainha de Sabá de mãos vazias devia ser uma personalidade e tanto.

— Eu acredito — disse Caroline — que ele tem um desses novos aspiradores de pó...

Percebi um empréstimo ser cogitado como oportunidade de novas inquisições brilhando em seus olhos. Aproveitei a chance de escapulir para o jardim. Gosto muito de jardinagem. Estava ocupado exterminando raízes de dentes-de-leão quando um grito de alerta soou muito próximo e um corpo pesado passou zunindo pelo meu ouvido e caiu aos meus pés esborrachando-se. Era uma abobrinha!

Olhei para cima furioso. Sobre o muro, à minha esquerda, surgiu um rosto. Uma cabeça oval, parcialmente recoberta por cabelos de um negro suspeito, um enorme bigode e um par de olhos observadores. Era nosso vizinho misterioso, mr. Porrott.

Ele irrompeu em fluentes desculpas.

— Eu lhe peço mil perdões, monsieur. Não tenho desculpas. Tenho cultivado abobrinha há meses. Esta manhã, de repente, me enraiveci com elas e mandei-as passear — *alas!* Não apenas mentalmente, mas fisicamente. Peguei a maior delas e a atirei por cima do muro. Monsieur, estou envergonhado. Eu me inclino a seus pés!

Diante de tal profusão de desculpas, minha raiva foi forçada a ceder. Afinal, a desagradável leguminosa não havia me atingido. Mas eu esperava sinceramente que lançar grandes legumes por sobre muros não fosse um passatempo de nosso novo amigo. Tal hábito dificilmente o recomendaria como nosso vizinho.

O estranho homenzinho pareceu ler meus pensamentos.

— Ah! Não — ele exclamou. — Não se inquiete. Não é um hábito meu. Mas o senhor pode imaginar por si mesmo, monsieur, que um homem possa trabalhar rumo a um certo objetivo, possa labutar e mourejar para alcançar certo tipo de lazer e ocupação, e afinal descobre que anseia pelos velhos dias ocupados e pela antiga ocupação que ele se acreditava tão feliz de deixar?

— Sim — eu disse lentamente. — Eu imagino que isso ocorra com frequência. Eu talvez seja um exemplo disso. Há um ano recebi uma herança, o suficiente para que pudesse realizar um sonho. Sempre quis viajar e ver o mundo. Bem, isso foi há um ano, como eu disse, e... ainda estou aqui.

O pequeno vizinho concordou com um gesto de cabeça.

— Os grilhões do hábito. Trabalhamos para alcançar um objetivo, e, o objetivo tendo sido alcançado, descobrimos que sentimos falta é da labuta diária. E repare, monsieur, meu trabalho era interessante. O trabalho mais interessante que existe.

— Sim? — disse encorajando-o. Naquele momento o espírito de Caroline batia forte em mim.

— O estudo da natureza humana, monsieur!

— Perfeitamente — disse com gentileza.

Certamente um cabeleireiro aposentado. Quem melhor que um cabeleireiro conhece os segredos da natureza humana?

— E também eu tinha um amigo, um amigo que por muitos anos nunca me abandonou. Algumas vezes era de uma imbecilidade que dava medo, no entanto era muito querido por mim. Imagine que sinto falta inclusive de sua estupidez. Sua *naiveté*, sua perspectiva honesta, o

prazer de deliciá-lo e surpreendê-lo com meus dons superiores, tudo isso me faz muita falta.

— Ele morreu? — perguntei penalizado.

— Não. Ele está vivo e próspero, mas do outro lado do mundo. Ele está agora na Argentina.

Sempre quis ir à América do Sul. Suspirei e levantei os olhos, encontrando mr. Porrott me fitando com simpatia. Parecia ser um homenzinho compreensivo.

— Você irá até lá, não é? — ele perguntou.

Sacudi a cabeça com um suspiro.

— Eu poderia ter ido — eu disse —, há um ano. Mas fui tolo, e pior do que tolo, fui ganancioso. Arrisquei o certo pelo duvidoso.

— Eu compreendo — disse mr. Porrott. — O senhor especulou na Bolsa?

Sacudi a cabeça lastimosamente, mas, apesar de tudo, intimamente, me divertia muito. Esse homenzinho ridículo tinha um ar tão solene!

— Não teria sido no Porcupine Oilfields? — ele perguntou subitamente.

Olhei-o estarrecido.

— Pensei em investir neles, na verdade, mas no final optei por uma mina de ouro no oeste da Austrália.

Meu vizinho me olhava com uma expressão estranha que eu não entendia.

— É o destino — ele disse afinal.

— O que é destino? — perguntei irritado.

— Que eu viesse a morar ao lado de um homem que seriamente considere Porcupine Oilfields, e também as minas de ouro no oeste da Austrália. Diga-me, você tem também uma queda por cabelos castanho-avermelhados?

Olhei-o boquiaberto, e ele explodiu em uma gargalhada.

— Não, não, não sofro de insanidade. Relaxe. Foi uma pergunta tola que fiz a você, pois, veja, o meu amigo sobre quem lhe falei era jovem, um homem que acreditava que todas as mulheres eram boas, e, em sua maioria, bonitas. Mas você é um homem de meia-idade, um médico, um homem que conhece a loucura e a vaidade da maior parte das coisas desta nossa vida. Bem, bem, somos vizinhos. Eu peço que aceite e ofereça à sua extraordinária irmã minha melhor abobrinha.

Abaixou-se e com um floreio me ofereceu um enorme espécime, que aceitei devidamente com o mesmo espírito com o qual me foi oferecido.

— Realmente — disse o homenzinho com satisfação —, esta não foi uma manhã desperdiçada. Conheci um homem que em alguns aspectos lembra meu amigo distante. Aliás, gostaria de lhe fazer uma pergunta. Sem dúvida você conhece cada um nesta pequena vila. Quem é o jovem com cabelos e olhos bem escuros e um rosto bonito? Ele caminha com a cabeça jogada para trás, e um sorriso relaxado nos lábios.

A descrição não deixou dúvidas.

— Deve ser o capitão Ralph Paton — respondi devagar.

— Eu já não o teria visto por aqui antes?

— Não, ele não vem aqui há algum tempo. Mas ele é o filho — filho adotivo, melhor dizendo — do mr. Ackroyd, de Fernly Park.

Meu vizinho fez um leve gesto de impaciência.

— Claro, eu deveria ter imaginado. Mr. Ackroyd falou sobre ele várias vezes.

— Conhece mr. Ackroyd? — perguntei com certa surpresa.

— Mr. Ackroyd me conheceu em Londres, quando eu trabalhava lá. Pedi a ele que não comentasse nada aqui sobre minha profissão.

— Entendo — eu disse, bastante divertido por esse sinal, como eu pensara, evidente de esnobismo.

Mas o homenzinho prosseguiu com um sorriso afetado.

— É melhor permanecer incógnito. Não anseio por notoriedade. Nem sequer me preocupei em corrigir a versão local do meu nome.

— Realmente — eu disse, sem saber bem o que mais dizer.

— Capitão Ralph Paton — murmurou pensativo mr. Porrott. — E ele então está noivo da sobrinha do mr. Ackroyd, a charmosa miss Flora.

— Quem lhe contou? — perguntei muito surpreso.

— Mr. Ackroyd. Há cerca de uma semana. Ele está muito satisfeito com o noivado — há muito desejava que alguma coisa assim acontecesse, ou foi o que entendi. Acredito inclusive que ele tenha feito alguma pressão sobre o jovem. Isso nunca é sábio. Um jovem deve se casar com quem lhe agrada — e não para agradar ao padrasto de quem espera receber uma herança.

Fiquei completamente perturbado. Não podia imaginar Ackroyd fazendo de um cabeleireiro seu confidente e discutindo com ele sobre o casamento de sua sobrinha com o enteado. Ackroyd é amável e cordial com as pessoas de classes inferiores, porém tem um senso bastante grande de sua própria dignidade.

Comecei a achar afinal que Porrott não poderia ser um cabeleireiro.

Para disfarçar minha confusão, disse a primeira coisa que me veio à mente.

— O que o fez reparar em Ralph Paton? Sua boa aparência?

— Não, não só isso, embora ele seja singularmente bonito para um inglês, o que suas romancistas chamariam de um deus grego. Não, havia algo a respeito desse jovem que eu não compreendi.

Ele disse a última frase em um tom de voz pensativo, que me causou uma impressão indefinida. Era como se ele estivesse resumindo o jovem à luz de algum conhecimento interior que eu não compartilhava. Foi essa a impressão que permaneceu comigo, pois nesse instante a voz de minha irmã me chamava de casa.

Entrei. Caroline estava de chapéu, e claramente acabara de chegar da cidade. Sem preâmbulos ela disse:

— Encontrei mr. Ackroyd.

— Sim? — disse.

— Eu o parei, é claro, mas ele parecia muito apressado e ansioso para afastar-se.

Eu não tinha dúvida de que fosse verdade. Ele sentiria com relação a Caroline algo parecido com o que eu sentira mais cedo hoje com relação à miss Ganett — talvez ainda mais. Caroline é mais difícil de nos desembaraçarmos.

— Eu lhe perguntei imediatamente sobre Ralph. Ele ficou estarrecido. Não tinha a menor ideia de que o menino tivesse estado aqui. Na verdade ele disse que acreditava que eu me enganara. Eu! Enganada!

— Ridículo — eu disse. — Ele deveria se informar melhor.

— Ele então prosseguiu me contando que Ralph e Flora estão noivos.

— Eu sei disso também — interrompi, com um orgulho discreto.

— Quem lhe contou?

— Nosso vizinho.

Caroline oscilou visivelmente por um segundo ou dois, como uma bola de roleta pode vacilar entre dois números. Mas afinal decidiu-se por não aceitar a atraente tentativa de desviar o rumo da conversa.

— Eu disse ao mr. Ackroyd que Ralph estava hospedado na Three Boars.

— Caroline — eu disse —, você não considera, nunca, que pode causar muito dano com esse seu hábito de repetir tudo, indiscriminadamente?

— Bobagem — disse minha irmã. — As pessoas precisam saber das coisas. Eu considero meu dever contar a elas. Mr. Ackroyd ficou muito grato a mim.

— E então? — eu disse, pois claramente ainda havia mais.

— Eu acho que ele foi diretamente para a Three Boars, mas se foi não encontrou Ralph lá.

— Não?

— Não. Porque quando eu voltava pelo bosque...

— Voltando pelo bosque? — eu a interrompi.

Caroline teve o decoro de enrubescer.

— Estava um dia tão agradável — ela exclamou. — Pensei em dar uma pequena volta. O bosque com seus matizes outonais é um lugar perfeito nesta época do ano.

Caroline não dá a mínima bola para bosques em qualquer época do ano. Em geral os considera como locais onde se encharcam os pés, e onde todos os tipos de coisas desagradáveis podem cair em nossa cabeça. Não, foi o infalível instinto de mangusto que a levou ao nosso bosque local. É o único lugar próximo da vila de King's Abbot onde se pode conversar com uma jovem sem ser visto por todos na cidade. E fica ao lado do parque de Fernly.

— Bem — eu disse —, continue.

— Como eu dizia, eu estava voltando pelo bosque quando ouvi vozes.

Caroline parou.

— Sim?

— Uma era de Ralph Paton, eu logo soube. A outra era de uma moça. Claro que não era minha intenção ouvir...

— Claro que não — atalhei, com sarcasmo evidente, que infelizmente, em se tratando de Caroline, era um desperdício.

— Mas simplesmente era impossível não ouvir. A moça disse alguma coisa, não ouvi bem o que foi, e Ralph respondeu. Ele parecia muito zangado. "Minha querida", ele disse, "você não percebe que é bem provável que o velho me deixe sem um centavo? Ele tem estado farto de mim nos últimos anos. Basta só um pouco mais. E precisamos do dinheiro, minha querida. Eu serei um homem muito rico quando o velho morrer. Ele é sovina como dizem, mas tem muito dinheiro. Não quero que ele altere seu testamento. Deixe comigo, não se preocupe." Essas foram exatamente as suas palavras. Eu me lembro perfeitamente. Infelizmente, bem nessa hora

pisei em um galho seco ou algo assim, e eles baixaram o tom de voz e saíram. Eu não podia, é claro, correr atrás deles, então não pude ver quem era a moça.

— Isso deve ter sido muito decepcionante — eu disse. — Imagino, no entanto, que você tenha corrido até a Three Boars, sentindo-se desvanecer, e ido até o bar para tomar um conhaque, e pôde reparar então se as duas garçonetes estavam em horário de trabalho?

— Não era uma garçonete — disse Caroline sem hesitar. — Na verdade, tenho quase certeza de que era Flora Ackroyd, só que...

— Só que não faz sentido — concordei.

— Mas, se não fosse Flora, quem poderia ter sido?

Minha irmã rapidamente correu uma lista das solteiras que moravam na vizinhança, com profusas razões contra e a favor.

Quando parou para respirar, murmurei algo sobre um paciente e saí.

Minha intenção era ir na direção de Three Boars. Era provável que Ralph Paton já tivesse retornado a essa altura.

Eu conhecia Ralph muito bem, melhor, talvez, que qualquer outro em King’s Abbot, pois eu conhecera sua mãe antes de ele existir e, portanto, entendia muita coisa dele que a outros confundia. Ele era, em certa medida, a vítima da hereditariedade. Ele não herdara a propensão fatal de sua mãe para a bebida; no entanto, havia nele um traço de fraqueza. Como declarara meu novo amigo esta manhã, ele era extraordinariamente bonito. Media 1,85 m de altura, perfeitamente proporcional, com a graça natural de um atleta, moreno como sua mãe, com um belo rosto bronzeado sempre

pronto a abrir-se em um sorriso. Ralph Paton era um desses nascidos para encantar com facilidade e sem esforço. Ele era autoindulgente e extravagante, sem respeito por nada nesta terra, mas, no entanto, era amável e todos seus amigos lhe eram devotados.

Será que eu poderia fazer alguma coisa pelo menino? Achava que sim.

Ao perguntar na Three Boars descobri que o capitão Paton acabara de chegar. Subi ao seu quarto e entrei sem me anunciar.

Por um instante, lembrando do que tinha ouvido e visto, fiquei em dúvida quanto à minha recepção, mas minhas apreensões eram infundadas.

— Oh, é Sheppard! Que bom vê-lo.

Ele se aproximou para me cumprimentar, com a mão estendida, um sorriso radioso iluminando seu rosto.

— A única pessoa que tenho prazer em ver nesse lugar infernal.

Levantei as sobrancelhas.

— O que o lugar tem feito?

Ele riu aflito.

— É uma longa história. As coisas não têm ido bem para mim, doutor. Mas aceita uma bebida?

— Obrigado — eu disse —, aceito.

Ele apertou a campainha e, retornando, jogou-se em uma poltrona.

— Para dizer a verdade — ele disse com ar sombrio —, estou em uma encrenca danada. Na verdade, não tenho a menor ideia do que fazer agora...

— Qual é o problema? — perguntei com simpatia.

— É meu abominável padrasto.

— O que ele fez?

— Não é o que ele já fez, mas o que provavelmente fará.

A campainha foi respondida, e Ralph pediu as bebidas.

Quando o homem se foi, ele se sentou curvado na poltrona, franzindo as sobrancelhas.

— É realmente grave? — perguntei.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Estou totalmente contra isso desta vez — ele disse seriamente.

O tom de gravidade, incomum em sua voz, me indicava que ele dizia a verdade. Era preciso muito para deixar Ralph sério.

— Na verdade — ele continuou —, não consigo vislumbrar meu futuro... não consigo mesmo.

— Se há algo que eu possa fazer por você — propus com firmeza.

Mas ele sacudiu a cabeça com determinação.

— É generoso da sua parte, doutor. Mas não posso deixá-lo se envolver nisso. Preciso dar uma cartada sozinho.

Ele ficou em silêncio por um instante e depois repetiu em um tom de voz ligeiramente diferente:

— Sim, preciso dar uma cartada sozinho...

4
o jantar em fernly

Faltavam apenas alguns minutos para as 19h30 quando toquei a campainha da frente de Fernly Park. A porta foi aberta com uma prontidão admirável por Parker, o mordomo.

A noite estava tão agradável que preferi vir a pé. Entrei no grande saguão quadrado e Parker pegou meu sobretudo. Nesse momento o secretário de Ackroyd, um jovem simpático chamado Raymond, passou pelo saguão a caminho do escritório, com as mãos cheias de papéis.

— Boa noite, doutor. Veio para o jantar? Ou é uma visita profissional?

Essa última foi uma alusão a minha maleta preta, que apoiara na arca de carvalho.

Expliquei que esperava ser chamado a qualquer momento para um parto, e portanto viera preparado para uma emergência. Raymond acenou com a cabeça, e seguiu seu caminho, falando por sobre o ombro:

— Espere no salão de recepção. Você conhece o caminho. As senhoras descerão em um instante. Eu tenho apenas que levar estes papéis para mr. Ackroyd, e lhe direi que está aqui.

Com a chegada de Raymond, Parker se recolheu, e eu estava então sozinho no saguão de entrada. Ajeitei a

gravata, dei uma olhada rápida no grande espelho pendurado ali, e cruzei em direção à porta bem à minha frente, que era, como eu sabia, a porta para o salão de recepção.

Percebi, no momento em que ia girar a maçaneta, um som no interior — o fechar de uma janela, foi o que achei. Reparei no som de maneira mecânica sem lhe atribuir muita importância naquele momento.

Abri a porta e entrei. Ao fazê-lo quase colidi com miss Russell, que vinha saindo. Ambos nos desculpamos.

Pela primeira vez me peguei avaliando a governanta e pensando que ela deveria ter sido uma mulher muito bonita — e em realidade, com relação a isso, ainda o era. Seus cabelos escuros não tinham fios grisalhos, e quando enrubescia, como nesse momento, a característica severa de sua aparência não era tão evidente.

Muito inconscientemente me perguntei se ela teria vindo de fora, pois estava ofegante, como se tivesse corrido.

— Receio estar alguns minutos adiantado — eu disse.

— Oh! Não creio. Já passa das 19h30, doutor Sheppard. — Ela parou um minuto antes de dizer — Eu... não sabia que o senhor vinha jantar hoje. Mr. Ackroyd não o mencionou.

Fiquei com a vaga impressão de que minha presença no jantar a desagradava de alguma maneira, mas não podia imaginar por quê.

— Como está o joelho? — perguntei.

— Na mesma, obrigada, doutor. Devo ir agora. Mrs. Ackroyd descerá num instante. Eu... eu apenas vim ver se as flores estavam direito.

Ela saiu rápido da sala. Caminhei até a janela, refletindo sobre o seu desejo evidente de justificar sua presença ali. Ao fazê-lo percebi que, é claro, eu deveria ter sabido o tempo todo, se tivesse pensado melhor, isso é, que as janelas eram francesas, do tipo que se abriam para o terraço. O som que ouvi, portanto, não poderia ter sido o de uma janela sendo fechada.

Preguiçosamente, e mais para distrair a minha mente de pensamentos dolorosos do que por qualquer outra razão, me diverti tentando imaginar o que poderia ter causado aquele som.

Carvão na lareira? Não, não era de jeito algum esse tipo de barulho. Uma gaveta da escrivaninha sendo empurrada? Não, também não.

Meu olhar foi então atraído pelo que, acredito, seja chamado de mesa-mostruário, cuja tampa se levanta e pelo vidro podemos ver seu conteúdo. Dirigi-me para ela, examinando os objetos no interior. Havia uma ou outra peça de prata antiga, um sapato de bebê que pertencera ao rei Carlos i, algumas figuras chinesas de jade e uma quantidade de artefatos e raridades africanas. Com a intenção de examinar mais de perto uma das figuras de jade eu levantei a tampa. Ela escorregou pelos meus dedos e caiu.

Imediatamente reconheci o som que escutara. Foi essa mesma tampa de mesa sendo fechada com muito cuidado e delicadeza. Repeti a ação umas duas vezes para minha própria satisfação. E então levantei a tampa para examinar o conteúdo mais de perto.

Eu ainda estava debruçado sobre a mesa aberta quando Flora Ackroyd entrou na sala.

Muitas pessoas não gostam de Flora Ackroyd, mas ninguém pode deixar de admirá-la. E ela pode ser bastante encantadora com seus amigos. A primeira coisa que chama a atenção é sua extraordinária beleza. Ela tem o verdadeiro cabelo dourado pálido escandinavo. Seus olhos são azuis — azuis como as águas dos fiordes noruegueses, e sua pele é como nata e rosas. Ela tem ombros quadrados de menino e quadris pouco pronunciados. E para um velho médico cansado é refrescante encontrar alguém perfeitamente saudável.

Uma simples e franca garota inglesa — posso ser antiquado, mas acredito que um artigo genuíno é muito difícil de encontrar.

Flora se juntou a mim ao lado da mesinha e expressou dúvidas heréticas sobre o rei Carlos i ter algum dia usado aquele sapatinho de bebê.

— E de qualquer modo — continuou miss Flora —, todo esse alvoroço sobre coisas que pessoas teriam ou não usado me parece uma enorme bobagem. Elas não as estão usando agora. A caneta com que George Eliot escreveu *O moinho à beira do rio*, esse tipo de coisa, bem, é apenas uma caneta afinal. Se uma pessoa gosta realmente de George Eliot, por que não comprar *O moinho à beira do rio* em uma edição barata e lê-lo?

— Imagino, miss Flora, que nunca leia uma coisa tão velha e desatualizada?

— Está enganado, doutor Sheppard. Eu adoro *O moinho à beira do rio*.

Fiquei bastante satisfeito ao ouvir isso. As coisas que as jovens leem hoje em dia e professam gostar me apavoram deveras.

— Ainda não me parabenizou, doutor Sheppard — disse Flora. — Não soube?

Ela esticou sua mão esquerda. No terceiro dedo estava um belo solitário de pérola.

— Vou me casar com Ralph, sabe — ela continuou. — Meu tio está bastante contente. Isso me mantém na família.

Tomei ambas as suas mãos nas minhas.

— Minha querida — eu disse —, espero que você seja muito feliz.

— Estamos noivos há mais ou menos um mês — continuou Flora em sua voz tranquila —, porém foi anunciado apenas ontem. Meu tio vai preparar o Cross-Stones e oferecê-lo para nós morarmos, e nós vamos fingir que somos fazendeiros. De fato, vamos caçar durante o inverno, ir para a cidade na primavera e então sair de iate. Eu adoro o mar. E, claro, vou me dedicar aos assuntos da paróquia e participar de todas as reuniões de mães.

Nesse momento mrs. Ackroyd entrou ruidosamente, cheia de desculpas pelo atraso.

Lamento dizer que detesto mrs. Ackroyd. Ela é toda colares, dentes e ossos. Uma mulher muito desagradável. Ela tem olhos pequenos e duros de um azul muito pálido, e, independentemente do quanto suas palavras sejam efusivas, seus olhos permanecem em uma frieza especulativa.

Atravessei a sala em sua direção, deixando Flora perto da janela. Ela me estendeu a mão angulosa e cheia de anéis para apertar, e começou a falar loquazmente.

Eu já soubera do noivado de Flora? Tão apropriado sob todos os aspectos. Os queridos jovens tinham se

apaixonado à primeira vista. Um par tão perfeito, ele tão moreno, ela tão clara.

— Não tenho como expressar, meu querido doutor Sheppard, o alívio para um coração de mãe.

Mrs. Ackroyd suspirou — um tributo ao seu próprio coração materno enquanto seus olhos permaneciam sagazes me observando.

— Eu estava pensando. Você é um velho amigo do querido Roger. Sabemos quanto ele confia em seu julgamento. É tão difícil para mim, em minha posição, como pobre viúva de Cecil. Mas há tantas coisas cansativas, arranjos, você sabe, tudo isso. Eu acredito inteiramente que Roger pretenda estabelecer um dote para a querida Flora, mas, como você sabe, ele é um *pouco* peculiar com respeito a dinheiro. Muito comum, já ouvi dizer, entre homens que são donos de indústrias. Eu queria saber se você poderia simplesmente *sondá-lo* sobre o assunto? Flora gosta tanto de você. Nós o temos como um velho amigo, embora só o tenhamos conhecido realmente há pouco mais de dois anos.

A eloquência de mrs. Ackroyd foi cortada abruptamente quando a porta da sala se abriu mais uma vez. Fiquei feliz com a interrupção. Detesto me meter nos assuntos de outras pessoas, e eu não tinha a menor intenção de sondar Ackroyd com relação aos arranjos para Flora. Um momento a mais e eu teria sido forçado a dizer isso para mrs. Ackroyd.

— Você conhece o major Blunt, não é, doutor?

— Sim, de fato — eu disse.

Muitas pessoas conhecem Hector Blunt, pelo menos de reputação. Creio que nenhuma pessoa viva se compara a ele na quantidade de animais selvagens que

matou nos locais mais improváveis. Quando se menciona o nome dele, as pessoas dizem: “Blunt, você se refere ao grande caçador de feras?”.

Sua amizade com Ackroyd sempre me espantou um pouco. Os dois homens são tão diferentes. Hector Blunt talvez seja uns cinco anos mais moço que Ackroyd. Eles se tornaram amigos cedo na vida, e, embora os caminhos tenham divergido, a amizade ainda se mantém. Cerca de uma vez a cada dois anos Blunt passa uns quinze dias em Fernly, e uma enorme cabeça de animal, com uma quantidade incrível de chifres, que nos fixa com um olhar vidrado, assim que se entra no saguão de entrada, é uma recordação permanente dessa amizade.

Blunt entrou na sala agora com seu passo peculiar, deliberado, porém leve. Ele é um homem de estatura mediana, robusto e de constituição bastante atarracada. Seu rosto é quase da cor do mogno, e particularmente sem expressão. Tem olhos acinzentados que dão a impressão de estarem sempre observando algo que se passa bem ao longe. Ele fala pouco, e quando fala é aos sobressaltos, como se as palavras estivessem sendo forçadas para fora contra sua vontade.

Então ele disse: “Como vai, Sheppard?”, em sua maneira abrupta usual, e ficou plantado de pé diante da lareira olhando por cima de nossa cabeça como se estivesse vendo algo interessante acontecendo em Tombuctu.

— Major Blunt — disse Flora —, gostaria que me falasse sobre estas coisas africanas. Tenho certeza de que você sabe o que são.

Eu já ouvi Hector Blunt ser descrito como um misógino, mas percebi que se juntou a Flora na mesinha-mostruário com o que se poderia chamar de entusiasmo. Ambos se debruçaram sobre a mesa.

Fiquei com receio de que mrs. Ackroyd começasse novamente a falar sobre dotes, então fiz algumas observações apressadas sobre a nova ervilha-de-cheiro. Eu sabia que havia uma nova ervilha-de-cheiro porque lera no *Daily Mail* naquela manhã. Mrs. Ackroyd não sabe nada de horticultura, mas ela é o tipo de mulher que faz questão de parecer bem informada sobre os tópicos do dia, e ela também lê o *Daily Mail.* Mantivemos uma conversa inteligente até que Ackroyd e seu secretário se juntaram a nós, e logo depois Parker anunciou o jantar.

Meu lugar à mesa era entre mrs. Ackroyd e Flora. Blunt estava do outro lado de mrs. Ackroyd, e Geoffrey Raymond estava ao lado dele.

O jantar não foi alegre. Ackroyd estava visivelmente preocupado. Ele tinha uma aparência abatida, e praticamente não comeu. Mrs. Ackroyd, Raymond e eu mantivemos a conversação fluindo. Flora parecia afetada pela depressão do tio, e Blunt se recolheu a sua taciturnidade habitual.

Logo após o jantar, Ackroyd tomou meu braço e me levou ao seu escritório.

— Uma vez que tomarmos café não seremos mais perturbados — explicou. — Disse a Raymond que não deveríamos ser interrompidos.

Eu o examinei discretamente. Ele estava claramente sob influência de alguma excitação intensa. Por um ou dois minutos andou de um lado para o outro na sala,

então, quando Parker entrou com a bandeja de café, ele afundou em uma poltrona diante da lareira.

O escritório era uma peça confortável. Estantes forravam uma parede inteira. As poltronas eram grandes e recobertas com couro azul-escuro. Uma grande escrivaninha ficava próxima à janela e estava coberta de papéis cuidadosamente identificados e arquivados. Em uma mesa redonda havia várias revistas e jornais de esporte.

— Tenho sentido esta dor ultimamente após comer — ele comentou casualmente, ao se servir de café. — Você precisa me dar mais alguns desses seus comprimidos.

Fiquei surpreso de ele estar ansioso por dar à nossa conversa um tom de consulta médica. Acompanhei-o.

— Pensei o mesmo. Trouxe alguns comigo.

— Ótimo. Pode me dar um agora.

— Estão na minha maleta no corredor. Vou buscá-los.

Ackroyd me deteve.

— Não se preocupe. Parker irá buscá-los. Traga a maleta do doutor, Parker, por favor.

— Com certeza, senhor.

Parker se retirou. Quando eu ia falar, Ackroyd levantou a mão.

— Ainda não. Espere. Você não reparou que estou em tal estado de nervos que mal posso me conter?

Eu percebia claramente. E me sentia bastante inquieto. Todo tipo de pressentimento me ocorria.

Ackroyd falou de novo quase imediatamente.

— Certifique-se de que a janela está fechada, por favor — ele pediu.

Surpreso, levantei-me e fui olhar. Não era uma janela à francesa, mas do tipo comum de guilhotina. As cortinas

pesadas de veludo azul estavam puxadas na frente, mas a janela em si estava aberta na parte de cima.

Parker retornou à sala trazendo minha maleta enquanto eu ainda estava próximo à janela.

— Está tudo bem — eu disse, retornando de novo para a sala.

— Você passou o trinco?

— Sim, sim. Qual é o problema, Ackroyd?

A porta acabara de fechar atrás de Parker ou eu não teria perguntado.

Ackroyd esperou um momento antes de responder.

— Estou em um inferno — ele disse devagar, depois de um instante. — Não, não se preocupe com essas drogas de comprimidos. Eu falei deles por causa de Parker. Os empregados são tão curiosos. Sente-se aqui. A porta está fechada também, não está?

— Sim. Ninguém pode nos ouvir; não fique aflito.

— Sheppard, ninguém sabe o que passei nas últimas vinte e quatro horas. Se a casa de um homem pode cair em ruínas sobre ele, a minha acabou de cair sobre mim. Esse assunto do Ralph é a última gota. Mas não falaremos sobre isso agora. É o outro, o outro! Não sei o que fazer a respeito. E preciso decidir logo.

— Qual o problema?

Ackroyd permaneceu silencioso por um momento. Ele parecia curiosamente relutante em começar. Quando conseguiu falar, a pergunta que ele fez foi uma completa surpresa para mim. Era a última coisa que eu poderia esperar.

— Sheppard, você cuidou de Ashley Ferrars em sua doença final, não foi?

— Sim, foi.

Ele parecia achar ainda mais difícil elaborar a pergunta seguinte.

— Você alguma vez suspeitou... alguma vez você pensou... que... bem, que ele pudesse ter sido envenenado?

Fiquei em silêncio por um ou dois minutos. Então decidi o que dizer. Roger Ackroyd não era Caroline.

— Vou lhe dizer a verdade — eu disse. — Na época eu não tinha nenhuma suspeita, mas desde que, bem, foi apenas uma conversa à toa da minha irmã que primeiro me fez pensar. Desde então, não deixo de pensar nisso. Mas veja você, não tenho nenhuma base para essa suspeita.

— Ele *foi* envenenado — disse Ackroyd.

Ele falou com uma voz sombria, pesada.

— Por quem? — perguntei aflito.

— Pela mulher.

— Como você sabe disso?

— Ela mesma me contou.

— Quando?

— Ontem! Meu Deus! Ontem! Parecem dez anos. — Esperei um pouco, e então ele continuou.

— Você compreende, Sheppard, estou lhe falando isso confidencialmente. Não é para comentar com ninguém. Quero seu conselho — não posso carregar esse peso todo sozinho. Como disse há pouco, não sei o que fazer.

— Você pode me contar a história toda? — eu disse. — Estou ainda no escuro. Por que mrs. Ferrars fez essa confissão a você?

— Foi assim. Há três meses propus casamento à mrs. Ferrars. Ela recusou. Propus novamente e ela consentiu,

mas não me permitiu anunciar o noivado até que terminasse o seu ano de luto. Ontem falei com ela e chamei a atenção para o fato de que um ano e três semanas haviam se passado desde a morte de seu marido, e que não haveria mais objeções para tornar o noivado de conhecimento público. Eu observara que ela andava estranha já fazia alguns dias. Agora, de repente, sem nenhum aviso, ela desmoronou completamente. Ela, ela me contou tudo. Seu ódio brutal pelo marido, seu amor crescente por mim, e o... o terrível caminho que tomou. Veneno! Meu Deus! Foi assassinato a sangue-frio.

Vi a repulsão, o horror no rosto de Ackroyd. E mrs. Ferrars deve ter visto também. Ackroyd não é o tipo do grande amante que tudo perdoa em nome do amor. Ele é basicamente um bom cidadão. Tudo o que nele é correto, íntegro e de acordo com a lei deve tê-lo afastado dela inteiramente naquele momento de revelação.

— Sim — ele continuou, em uma voz baixa e monótona —, ela confessou tudo. Parece que uma pessoa estava a par do que aconteceu, desde o início — e a chantageava em altas somas. Foi a pressão causada por isso que quase a enlouqueceu.

— Quem era o homem?

Diante dos meus olhos, subitamente, apareceu a imagem de Ralph Paton e mrs. Ferrars lado a lado. A cabeça dos dois muito próximas. Senti uma momentânea palpitação de ansiedade. Suponha, oh! Mas certamente isso seria impossível. Lembrei-me da sinceridade da saudação de Ralph esta tarde. Absurdo!

— Ela não me disse o nome dele — disse Ackroyd devagar. — Na verdade, ela não disse que era um homem. Mas é claro...

— Claro — concordei. — Deve ter sido um homem. E você não tem nenhuma suspeita?

Em resposta Ackroyd gemeu e deixou cair o rosto entre as mãos.

— Não pode ser — ele disse. — Fico louco só de pensar nisso. Não, não vou admitir nem mesmo para você a suspeita louca que cruzou minha mente. Posso adiantar o seguinte, no entanto. Ela disse algo que me fez pensar que a pessoa em questão talvez esteja entre os da minha própria casa, mas não pode ser. Eu devo tê-la compreendido mal.

— O que você disse a ela? — perguntei.

— O que poderia dizer? Ela viu, é claro, o choque terrível que isso foi para mim. E então seguiu-se a questão: qual era meu dever nesse assunto? Ela me tornou, veja, um cúmplice depois do fato. Ela viu tudo isso, eu acho, mais depressa do que eu. Eu estava pasmo, sabe. Ela me pediu vinte e quatro horas, fez-me prometer que não faria nada até esse prazo expirar. E recusou-se firmemente a me dar o nome do patife que a vinha chantageando. Acho que ela temia que eu saísse dali e fosse direto quebrar-lhe a cara, o que iria apenas piorar as coisas. Ela me disse que daria notícias antes que as vinte e quatro horas se passassem. Meu Deus! Eu juro a você, Sheppard, que jamais me ocorreu o que ela pretendia fazer. Suicídio! E eu a levei a isso.

— Não, não — eu disse. — Não exagere as coisas. A responsabilidade pela morte dela não se deve a você.

— A pergunta é o que devo fazer agora? A pobre moça está morta. Por que revolver problemas passados?

— Concordo plenamente com você — respondi.

— Mas há outra questão. Como vou agarrar esse patife que a levou à morte tão seguramente como se a tivesse matado? Ele sabia sobre o primeiro crime, e ele se prendeu a isso como um abutre imoral. Ela pagou a pena. Ele deveria ficar impune?

— Entendo — disse devagar. — Você quer descobrir quem é ele? Isso vai gerar muita publicidade, você sabe.

— Sim, pensei nisso. Já fiquei muito indeciso comigo mesmo.

— Concordo com você que o vilão deve ser punido, mas o custo deve ser levado em conta.

Ackroyd levantou-se e começou a caminhar para cima e para baixo. Depois afundou novamente na poltrona.

— Olhe aqui, Sheppard, e se deixarmos assim? Se nenhuma palavra vier dela, deixaremos os mortos em paz.

— O que você quer dizer com se não ouvirmos dela? — perguntei curioso.

— Tenho uma forte impressão de que em algum lugar ou de alguma maneira ela deve ter deixado uma mensagem para mim, antes de partir. Não posso explicar o porquê disso, mas o sinto.

Sacudi a cabeça.

— Ela não deixou nenhuma carta ou mensagem de nenhum tipo? — perguntei.

— Sheppard, estou convencido que sim. E mais, tenho um sentimento que, ao escolher a morte deliberadamente, ela queria que tudo viesse à tona, nem que fosse para se vingar do homem que a levou ao desespero. Eu acredito que, se pudesse tê-la visto

naquele instante, ela teria me dito o nome dele e me pedido para ir atrás dele e fazer justiça.

Ele me olhou.

— Você não acredita em pressentimentos?

— Oh, sim, acredito, em certo sentido. Se, como você diz, vier alguma palavra da parte dela...

Eu me interrompi. A porta se abriu silenciosamente e Parker entrou com uma salva na qual havia algumas cartas.

— O correio da noite, senhor — ele disse, entregando a salva para Ackroyd.

Ele recolheu então as xícaras de café e se retirou.

Minha atenção, distraída por um instante, voltou-se para Ackroyd. Ele estava olhando para um envelope azul como um homem petrificado. As outras cartas ele deixou cair no chão.

— A *letra* dela — ele disse em um sussurro. — Ela deve ter saído e colocado a carta no correio ontem à noite, pouco antes... antes...

Ele rasgou o envelope e retirou uma carta volumosa. Então ele olhou vivamente para cima.

— Você tem certeza de que fechou a janela? — disse.

— Certeza absoluta — eu disse, surpreso. — Por quê?

— Ao longo da noite tive um sentimento estranho de estar sendo observado, espionado. O que é isso...?

Ele se voltou de repente. Eu também. Ambos tivemos a impressão de ter ouvido o trinco da porta se mover levemente. Atravessei a sala e a abri. Não havia ninguém.

— Nervos — murmurou Ackroyd para si mesmo.

Ele desdobrou as espessas folhas de papel, e leu alto em uma voz fraca.

> Meu querido, muito querido Roger. Uma vida se paga com outra vida. Eu vejo isso. Eu o vi em seu rosto esta tarde. Então, estou tomando o único caminho aberto para mim. Deixo a você a punição da pessoa que tornou minha vida um inferno sobre a terra neste último ano. Eu não diria a você o nome esta tarde, mas estou disposta a escrevê-lo para você agora. Não tenho filhos *ou parentes próximos a quem proteger, então não tema a publicidade. Se você puder, Roger, meu muito querido Roger, perdoe-me o mal que eu lhe faria, já que afinal não tive coragem de fazê-lo quando a hora chegou...*

Ackroyd, com o dedo sobre a página para virá-la, pausou.

— Sheppard, perdoe-me, mas eu devo ler isto sozinho — disse emocionado. — Foi escrito para mim, e apenas para mim.

Ele enfiou a carta no envelope e colocou-o sobre a mesa.

— Mais tarde, quando eu estiver sozinho.

— Não — gritei impulsivamente —, leia agora.

Ackroyd balançou a cabeça.

— Não, prefiro esperar.

Mas, por alguma razão obscura para mim, continuei a insistir com ele.

— Leia, pelo menos, o nome do homem — eu disse.

Ackroyd é essencialmente teimoso. Quanto mais se insiste para que ele faça uma coisa, mais determinado ele fica a não fazê-la. Todos os meus argumentos foram em vão.

A carta fora trazida às 20h40. Eram apenas 20h50 quando eu o deixei, com a carta ainda por ler. Hesitei com a mão na maçaneta, olhando para trás e me perguntando se tinha deixado alguma coisa por fazer. Não podia pensar em nada. Com um aceno de cabeça saí e fechei a porta atrás de mim.

Levei um susto com a figura de Parker logo ali. Ele parecia constrangido, e me ocorreu que ele deveria estar ouvindo através da porta.

Que rosto gordo, presunçoso, oleoso o homem tinha, e definitivamente havia algo de astúcia em seu olhar.

— Mr. Ackroyd não deseja ser perturbado por ninguém — eu disse friamente. — Ele me pediu que lhe dissesse isso.

— Muito bem, senhor. Eu... eu achei que tinha ouvido a campainha soar.

Era uma mentira tão evidente que nem me dei o trabalho de responder. Precedendo-me até o saguão, Parker ajudou-me a vestir o sobretudo, e saí para a noite. A lua estava encoberta e tudo parecia muito escuro e quieto. O relógio da cidade batia as 21h quando passei pelos portões da guarita. Virei à esquerda em direção à cidade, e quase esbarrei em um homem que vinha na direção oposta.

— Este é o caminho para Fernly Park, senhor? — perguntou-me o estranho com uma voz rouca.

Olhei para ele. Vestia um chapéu puxado sobre os olhos, e a gola do casaco estava levantada. Eu podia ver pouco ou quase nada de seu rosto, mas ele parecia jovem. A voz era áspera e grosseira.

— Estes são os portões da guarita — eu disse.

— Obrigado, senhor. — Ele pausou, e acrescentou, desnecessariamente: — Sou estrangeiro nesta região, sabe.

E continuou atravessando os portões enquanto eu me virava para olhá-lo.

O estranho era que sua voz lembrava a voz de alguém que eu conhecia, mas não conseguia pensar

quem.

Dez minutos depois eu estava novamente em casa. Caroline estava cheia de curiosidade para saber porque eu retornara tão cedo. Tive de inventar um relato ligeiramente fictício sobre a noite para satisfazê-la, e tinha uma certa inquietação do que ela tivesse enxergado através daquele artifício transparente.

Às 22h levantei-me, bocejei, e sugeri que iria me deitar. Caroline aquiesceu.

Era sexta-feira à noite, e às sextas à noite eu dava corda nos relógios. Como de costume, fiz isso, enquanto Caroline verificava se os empregados haviam trancado a cozinha corretamente.

Eram 22h15 quando subimos. Tinha acabado de chegar ao andar de cima quando o telefone tocou no corredor embaixo.

— Mrs. Baites — disse Caroline imediatamente.

— Receio que sim — disse pesaroso.

Desci as escadas e atendi o telefone.

— O quê? — eu disse. — *O quê?* Claro que irei imediatamente.

Corri para cima, peguei minha maleta, coloquei nela um pouco de curativo extra.

— Parker telefonou — gritei para Caroline —, de Fernly. Acabam de encontrar Roger Ackroyd assassinado.

5
o assassinato

tirei o carro quase sem perder nenhum tempo, e dirigi rapidamente para Fernly. Saltei do carro e toquei a campainha impacientemente. Houve uma demora em responderem, e eu toquei mais uma vez.

Ouvi então o ruído da fechadura e Parker, com o rosto impassível, praticamente sem nenhuma expressão, apareceu na soleira da porta.

Entrei no saguão empurrando-o.

— Onde ele está? — perguntei vivamente.

— Perdão, senhor?

— Seu patrão, mr. Ackroyd. Não fique aí me encarando, homem. Você avisou a polícia?

— A polícia, senhor? O senhor disse, a polícia? — Parker me encarava como se eu fosse um fantasma.

— Qual é o problema com você, Parker? Se, como você diz, o seu patrão foi assassinado...

Ele emitiu um grito sufocado.

— O patrão? Assassinado? Impossível, senhor!

Foi minha vez de encará-lo perplexo.

— Você não me telefonou, menos de 5 minutos atrás, e me disse que mr. Ackroyd tinha sido encontrado assassinado?

— Eu, senhor? Oh! De jeito nenhum, senhor. Eu não sonharia em fazer tal coisa.

— Você quer dizer que tudo não passa de uma brincadeira? Que não há nada errado com mr. Ackroyd?

— Desculpe-me, senhor, a pessoa que telefonou usou o meu nome.

— Vou lhe repetir exatamente o que ouvi. *"É o doutor Sheppard? Parker, o mordomo de Fernly falando. Por favor, venha imediatamente, senhor. Mr. Ackroyd foi assassinado."*

Parker e eu nos olhamos perplexos.

— Uma brincadeira muito maldosa para se fazer, senhor — ele disse finalmente, em um tom chocado. — Imagine dizer uma coisa dessas.

— Onde está mr. Ackroyd? — perguntei de repente.

— Ainda no escritório, eu acho, senhor. As senhoras foram se deitar, o major Blunt e mr. Raymond estão na sala de bilhar.

— Vou dar uma olhada e falar com ele por um instante — disse. — Sei que ele não quer ser perturbado novamente, mas esta piada estranha me deixou inquieto. Quero apenas ter certeza de que ele está bem.

— Muito bem, senhor. Deixa-me bastante inquieto também. Se o senhor não se opõe, gostaria de acompanhá-lo até a porta pelo menos...

— Não é incômodo algum — eu disse. — Venha.

Passei pela porta da direita com Parker logo atrás, atravessei o pequeno saguão, onde um pequeno lance de escadas levava ao quarto de Ackroyd no andar de cima, e bati na porta.

Não houve resposta. Girei a maçaneta, mas a porta estava trancada.

— Permita-me, senhor — disse Parker.

Com agilidade, para um homem de sua constituição, ele ficou de joelhos e olhou pela fechadura.

— A chave está na fechadura, senhor — disse, levantando-se. — Do lado de dentro. Mr. Ackroyd deve ter se trancado e possivelmente adormeceu.

Inclinei-me e verifiquei a afirmação de Parker.

— Parece tudo bem — eu disse —, mas mesmo assim, Parker, vou acordar seu patrão. Não iria satisfeito para casa sem ouvir de seus próprios lábios que está bem.

Ao dizer isso, eu sacudi a maçaneta e chamei: — Ackroyd, Ackroyd, só um instante.

Mas ainda assim não houve resposta. Olhei por sobre os ombros.

— Não quero alarmar os moradores da casa — disse hesitante.

Parker adiantou-se e fechou a porta do grande saguão pelo qual entráramos.

— Acho que vai estar bem assim, senhor. A sala de bilhar é do outro lado da casa, as instalações da cozinha e os quartos das mulheres também.

Eu acenei. Depois, bati freneticamente na porta e, me abaixando, quase berrei pelo buraco da fechadura:

— Ackroyd, Ackroyd! É Sheppard. Deixe-me entrar.

Mais uma vez, silêncio. Nem um sinal de vida de dentro da sala trancada. Parker e eu nos olhamos.

— Olhe, Parker — eu disse —, vou arrombar esta porta... ou melhor, nós vamos. Eu assumo a responsabilidade.

— Se o senhor acha — disse Parker, com grande hesitação.

— Eu acho sim. Estou muito alarmado com relação a mr. Ackroyd.

Olhei em torno do pequeno saguão e levantei uma pesada cadeira de carvalho. Parker e eu a erguemos, um de cada lado, e a arremessamos. Uma, duas, três vezes nós a

lançamos contra a fechadura. Com o terceiro golpe ela cedeu e entramos aos tropeços dentro do escritório.

Ackroyd estava sentado como eu o havia deixado, na poltrona diante da lareira. Sua cabeça estava tombada de lado, e visivelmente, bem abaixo da gola do seu casaco, havia uma peça de metal brilhante e retorcida.

Parker e eu avançamos até a figura reclinada imóvel. Ouvi o mordomo reter a respiração com um silvo agudo.

— Apunhalado pelas costas — ele murmurou. — Horrível!

Ele enxugou com um lenço a testa molhada de suor, e então estendeu a mão cautelosamente na direção do cabo do punhal.

— Você não deve tocar nisso — eu disse severamente. — Vá ligar imediatamente para a delegacia. Informe-os do que aconteceu. E então avise mr. Raymond e o major Blunt.

— Muito bem, senhor.

Parker apressou-se, ainda enxugando a testa perspirante.

Fiz o pouco que tinha para ser feito. Fui cuidadoso para não desfazer a posição do corpo e para não tocar absolutamente na adaga. Não haveria nenhum benefício em fazê-lo. Ackroyd estava claramente morto havia algum tempo.

Ouvi então, do lado de fora, a voz do jovem Raymond, carregada de horror e incredulidade.

— O que você está dizendo? Oh! É impossível! Onde está o doutor?

Ele apareceu impetuoso na soleira da porta, e então parou de repente, com o rosto muito pálido. Uma mão o empurrou, e Hector Blunt passou por ele entrando na sala.

— Meu Deus! — disse Raymond atrás dele. — É verdade, então.

Blunt veio direto até chegar à poltrona. Inclinou-se sobre o corpo, e pensei que, como Parker, ele iria pegar no cabo do

punhal. Eu o afastei com a mão.

— Nada deve ser removido — expliquei. — A polícia deve encontrá-lo exatamente como está.

Blunt anuiu concordando. Sua face estava mais sem expressão do que nunca, mas achei ter percebido sinais de emoção sob a máscara impassível. Geoffrey Raymond se juntara a nós agora, e estava de pé espiando o corpo sobre o ombro de Blunt.

— Isso é terrível — disse em voz baixa.

Ele recuperara a calma, mas, ao tirar o *pince-nez* que habitualmente usava e limpá-lo, observei que suas mãos tremiam.

— Roubo, imagino — ele disse. — Como o tipo entrou? Pela janela? Algo foi levado?

Ele andou na direção da escrivaninha.

— Você acha que foi um roubo? — perguntei devagar.

— O que mais poderia ser? Não há hipótese de suicídio, imagino?

— Nenhum homem poderia se esfaquear dessa maneira — eu disse com segurança. — É assassinato com certeza. Mas por que motivo?

— Roger não tinha um único inimigo neste mundo — disse Blunt tranquilamente. — Devem ter sido ladrões. Mas o ladrão estava atrás de quê? Nada parece fora do lugar?

Ele olhou em torno do escritório. Raymond ainda examinava os papéis sobre a escrivaninha.

— Nada parece estar faltando, e nenhuma das gavetas mostra sinais de ter sido arrombada — observou finalmente o secretário. — É muito misterioso.

Blunt fez um pequeno movimento de cabeça.

— Há algumas cartas no chão aqui — disse ele.

Olhei para baixo. Três ou quatro cartas estavam ali onde Ackroyd as deixara cair mais cedo naquela noite.

Mas o envelope azul que continha a carta de mrs. Ferrars havia desaparecido. Eu ia abrindo a boca para falar quando soou pela casa a campainha. Houve um burburinho confuso de vozes no corredor, e então Parker apareceu com o inspetor local e um policial.

— Boa noite, cavalheiros — disse o inspetor. — Eu sinto muito mesmo por isso! Um cavalheiro tão bom quanto mr. Ackroyd. O mordomo disse que é assassinato. Nenhuma possibilidade de acidente ou suicídio, doutor?

— Absolutamente nenhuma — eu disse.

— Ah! Um caso sério.

Ele se aproximou do corpo.

— O corpo foi tocado? — perguntou severamente.

— Além de confirmar que a vida se fora, o que foi fácil, não mexi no corpo de nenhum modo.

— Ah! E tudo indica que o assassino escapou; por enquanto, pelo menos. Agora, contem-me o que aconteceu. Quem descobriu o corpo?

Expliquei as circunstâncias com cuidado.

— Uma mensagem telefônica, você disse? Do mordomo?

— Uma mensagem que eu nunca proferi — declarou Parker com firmeza. — Não cheguei perto do telefone durante toda a noite. Os outros podem confirmar que foi assim.

— Muito estranho isso. Parecia com a voz de Parker, doutor?

— Bem, não posso afirmar que tenha reparado. Veja, eu presumi que era.

— Naturalmente. Bem, você chegou aqui, arrombou a porta e encontrou o pobre mr. Ackroyd desse jeito. Há quanto tempo diria que ele está morto, doutor?

— Uma meia hora pelo menos, talvez mais — eu disse.

— A porta estava trancada por dentro, você diz? E a janela?

— Eu mesmo a fechei e tranquei a pedido de mr. Ackroyd mais cedo hoje à noite.

O inspetor atravessou a sala em direção a ela e abriu as cortinas.

— Seja como for, está aberta agora — ele observou.

Realmente, a janela estava aberta, a parte inferior estava completamente levantada.

O inspetor tirou uma lanterna do bolso e iluminou ao longo do peitoril externo.

— Foi por aqui que ele passou com certeza — comentou — *e* entrou. Veja aqui.

À luz da poderosa lanterna, várias pegadas claramente definidas podiam ser vistas. Pareciam de sapatos de sola de borracha. Uma particularmente nítida apontava para dentro, outra, sobrepondo-a ligeiramente, apontava para fora.

— Não podia ser mais evidente — disse o inspetor. — Está faltando alguma coisa valiosa?

Geoffrey Raymond sacudiu negativamente a cabeça.

— Não que possamos descobrir. Mr. Ackroyd não guardava nada de valioso neste cômodo.

— Hum — disse o inspetor. — Um homem encontrou uma janela aberta. Subiu por ela, viu mr. Ackroyd sentado aqui, talvez ele tenha adormecido. O homem o esfaqueia por trás, fica nervoso e foge. Mas deixou seus rastros bem claros. Não teremos dificuldade em apanhá-lo. Algum estranho, suspeito, andou rodeando por aqui?

— Oh! — eu disse de repente.

— O que é, doutor?

— Encontrei um homem esta noite, assim que saí pelo portão. Ele me perguntou qual era o caminho para Fernly Park.

— A que horas teria sido isso?

— Eram exatamente 21h. Eu ouvi badalar a hora quando saí.

— Pode descrevê-lo?

Eu o fiz o melhor que pude.

O inspetor virou-se para o mordomo.

— Alguém com essa descrição veio até a porta da frente?

— Não, senhor. Ninguém veio até a casa esta noite.

— E nos fundos?

— Não creio, senhor, mas vou perguntar.

Ele se moveu em direção à porta, mas o inspetor, levantando sua grande mão, o deteve.

— Não, obrigado. Eu farei meus próprios interrogatórios. Mas primeiro gostaria de fixar com mais exatidão a hora. Quando mr. Ackroyd foi visto vivo pela última vez?

— Provavelmente por mim — eu disse —, quando deixei a casa — deixe-me ver, aproximadamente às 20h50. Ele me dissera que não queria ser perturbado, e eu passei essa ordem a Parker.

— Isso mesmo, senhor — disse Parker respeitosamente.

— Mr. Ackroyd estava vivo com certeza às 21h30 — disse Raymond —, pois ouvi sua voz aqui, falando.

— Com quem ele falava?

— Isso eu não sei. Claro que na hora presumi que fosse o doutor Sheppard que estivesse com ele. Eu queria lhe fazer uma pergunta acerca de alguns documentos nos quais estava trabalhando, porém quando ouvi as vozes lembrei que ele tinha dito que queria falar com o doutor Sheppard sem ser interrompido, e então fui embora novamente. Mas agora parece que o doutor já teria saído?

Movi a cabeça afirmativamente.

— Eu estava em casa em torno de 21h15 — disse. — E não saí novamente até receber o telefonema.

— Quem poderia estar com ele às 21h30? — perguntou o inspetor. — Não foi você, senhor....

— Major Blunt — eu disse.

— Major Hector Blunt? — perguntou o inspetor, com um tom respeitoso na voz.

Blunt apenas acenou abruptamente com a cabeça.

— Penso que já o vimos por aqui antes, senhor — disse o inspetor. — Eu não o reconheci por um momento, mas você se hospedou com mr. Ackroyd em maio passado.

— Junho — corrigiu Blunt.

— Isso mesmo, era junho. Agora, como eu dizia, não era com o senhor que mr. Ackroyd falava às 21h30 esta noite?

Blunt balançou a cabeça negativamente.

— Não o vi depois do jantar. — Adiantou.

O inspetor se voltou mais uma vez para Raymond.

— Você não ouviu nada da conversa que estava acontecendo, ouviu, senhor?

— Eu entreouvi apenas um fragmento — disse o secretário —, e, presumindo, como fiz, que fosse o doutor Sheppard com mr. Ackroyd, esse fragmento me pareceu bastante estranho. Do que me lembro, as palavras exatas foram as seguintes: mr. Ackroyd dizia, “os saques contra minha bolsa têm sido tão frequentes ultimamente”, isso é o que ele dizia, “que temo ser impossível concordar com seu pedido...”. Fui embora mais uma vez, é claro, portanto não ouvi mais nada. Mas fiquei intrigado porque o doutor Sheppard...

— Não pede empréstimo para si ou subscrição para os outros — eu concluí.

— Um pedido de dinheiro — disse o inspetor pensativo. — Pode ser que tenhamos aqui um indício muito importante. — Ele se voltou para o mordomo. — Você diz, Parker, que ninguém foi admitido pela porta da frente esta noite?

— É o que afirmo, senhor.

— Parece então quase certo que mr. Ackroyd tenha aberto a porta, ele mesmo, para um estranho. Mas não compreendo bem...

O inspetor entrou em uma espécie de devaneio durante alguns minutos.

— Uma coisa é clara — ele disse com alguma demora, saindo de seu transe. — Mr. Ackroyd estava vivo e bem às 21h30. Esse é o último momento que sabemos que estava vivo.

Parker emitiu uma tosse discreta que fez com que o inspetor o olhasse imediatamente.

— Sim? — ele disse categórico.

— Se me permite, senhor, miss Flora o viu depois disso.

— Miss Flora?

— Sim, senhor. Seria aproximadamente 21h45. Foi depois disso que ela me disse que mr. Ackroyd não deveria ser perturbado novamente esta noite.

— Ele pediu a ela que lhe desse esse recado?

— Não exatamente, senhor. Eu estava trazendo uma bandeja com soda e uísque quando miss Flora, que acabava de sair deste cômodo, me parou e disse que seu tio não queria ser perturbado.

O inspetor olhou para o mordomo com uma atenção maior do que lhe dispensara até aquele momento.

— Você já tinha sido alertado para o fato de que mr. Ackroyd não queria ser perturbado, não foi?

Parker começou a gaguejar. Suas mãos tremiam.

— Sim, senhor. Sim, senhor. Foi isso mesmo, senhor.

— E, mesmo assim, você estava se propondo a fazê-lo?

— Eu tinha esquecido, senhor. Pelo menos, quero dizer, eu sempre lhe levava uísque e soda naquele horário, senhor,

e lhe perguntava se precisava de algo mais, e pensei... bem, eu estava apenas cumprindo um hábito de forma mecânica.

Foi naquele instante que começou a me ocorrer que Parker estava suspeitosamente agitado. O homem tremia e se retorcia.

— Hum — disse o inspetor. — Devo ver miss Ackroyd imediatamente. Por ora vamos deixar esta sala exatamente como está. Posso voltar aqui depois de ouvir o que miss Ackroyd tem a me dizer. Apenas tomarei a precaução de fechar e trancar a janela.

Com isso feito, tomou o caminho para o corredor e nós o seguimos. Ele parou por um instante, ao olhar para o alto do lance de escadas, e falou então por sobre os ombros com o policial.

— Jones, é melhor você ficar aqui. Não deixe ninguém entrar neste cômodo.

Parker se interpôs respeitosamente.

— Se me permite, senhor. Ao trancar a porta que dá no corredor principal, ninguém terá acesso a esta parte da casa. Esta escada leva apenas ao quarto e ao banheiro de mr. Ackroyd. Não há comunicação com a outra parte da casa. Existia uma porta antigamente, porém mr. Ackroyd mandou bloqueá-la. Ele gostava de sentir que sua suíte era inteiramente privativa.

Para esclarecer e explicar a disposição, produzi um rápido esboço da ala direita da casa. O lance de escadas conduz, como Parker explicara, a um grande quarto de dormir (feito pela junção de dois quartos) e um banheiro e lavatório ao lado.

O inspetor compreendeu a disposição com uma olhadela. Fomos para o corredor principal e ele trancou a porta atrás de si, colocando a chave no bolso. Deu então instruções em voz baixa ao policial, e este se preparou para ir embora.

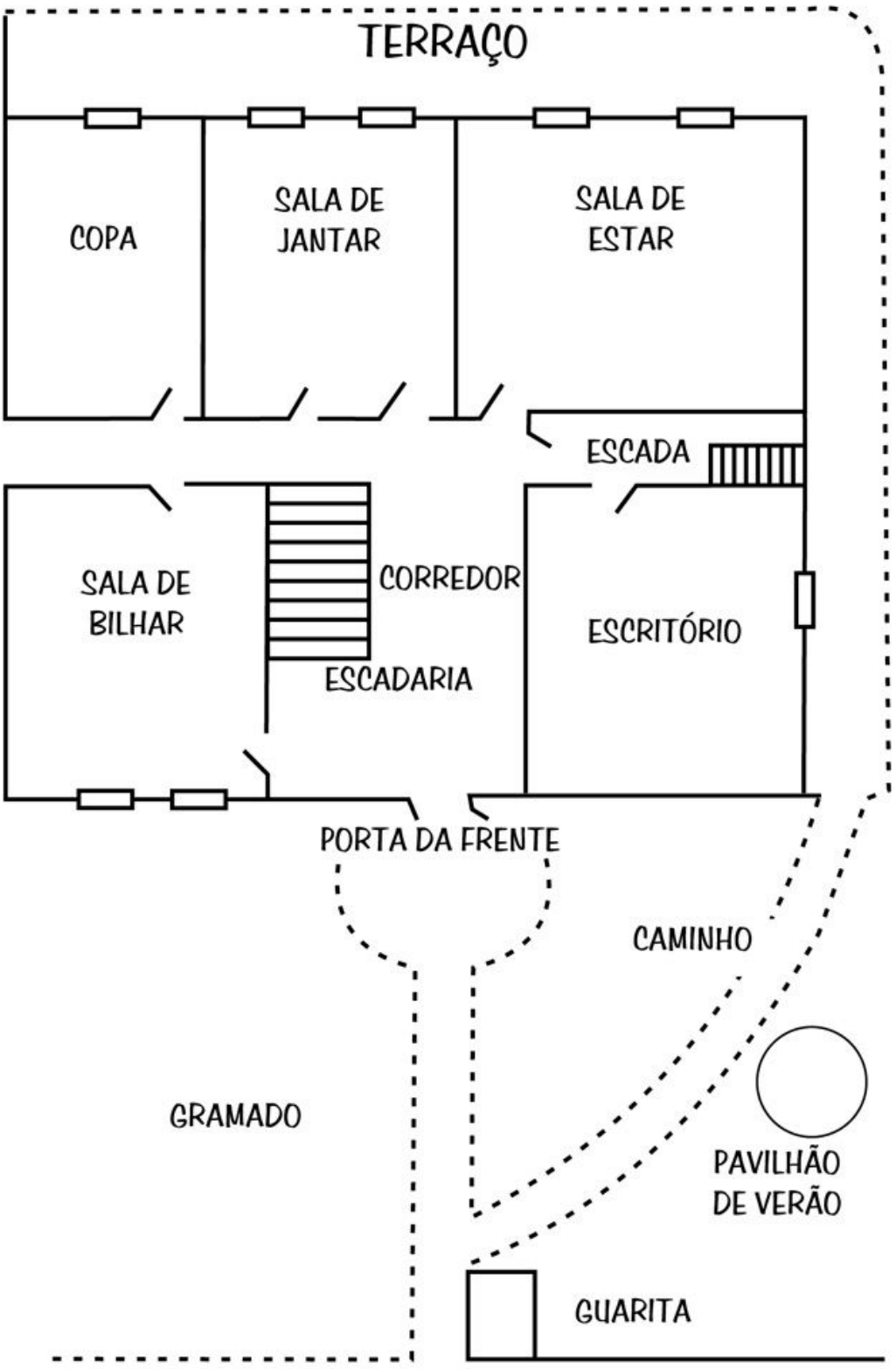
— Precisamos começar a trabalhar essas pegadas — explicou o inspetor. — Mas primeiro preciso conversar com miss Ackroyd. Ela foi a última pessoa a ver o tio vivo. Ela já sabe disso?

Raymond balançou a cabeça negativamente.

— Bem, ela pode ficar ainda cinco minutos sem saber. Ela responderá melhor a minhas perguntas sem estar perturbada pelas notícias sobre seu tio. Diga-lhe que houve um roubo, e se ela se importaria de vestir-se e descer para responder a algumas perguntas.

Foi Raymond quem subiu encarregado dessa tarefa.

— Miss Ackroyd descerá em instantes — ele disse, quando voltou. — Eu disse a ela o que me sugeriu.


TERRAÇO
COPA
SALA DE JANTAR
SALA DE ESTAR
ESCADA
SALA DE BILHAR
CORREDOR
ESCADARIA
ESCRITÓRIO
PORTA DA FRENTE
CAMINHO
GRAMADO
PAVILHÃO DE VERÃO
GUARITA

Em menos de cinco minutos Flora desceu as escadas. Ela estava envolta em um robe rosa-pálido. Ela parecia ansiosa e excitada.

O inspetor aproximou-se.

— Boa noite, miss Ackroyd — ele disse civilizadamente. — Receio que tenha havido uma tentativa de roubo, e gostaríamos de sua ajuda. Esta é a sala de bilhar? Entre e sente-se.

Flora sentou-se serenamente no amplo divã encostado ao longo da parede, e olhou para cima, para o inspetor.

— Não compreendo. O que foi roubado? O que posso lhe dizer?

— É apenas o seguinte, miss Ackroyd. Parker aqui diz que você saiu do escritório de seu tio por volta das 21h45. Foi isso mesmo?

— Exatamente. Eu tinha vindo lhe dar boa-noite.

— E a hora está correta?

— Bem, deve ter sido por volta das 22h. Não sei com precisão. Pode ter sido mais tarde.

— Seu tio estava sozinho, ou tinha mais alguém com ele?

— Ele estava sozinho. O doutor Sheppard já havia partido.

— Você teria reparado se a janela estava aberta ou fechada?

Flora negou com a cabeça.

— Não saberia dizer. As cortinas estavam corridas.

— Exato. E o seu tio parecia como de costume?

— Creio que sim.

— Você poderia nos dizer exatamente o que se passou entre vocês?

Flora parou um instante, como para se lembrar.

— Eu entrei e disse “Boa-noite, tio, vou me deitar agora. Estou cansada hoje. — Ele fez um tipo de resmungo, e eu me

aproximei e o beijei, e ele falou algo sobre eu estar bem no vestido que usava, e então mandou que me apressasse porque estava ocupado. E saí.

— Ele pediu especialmente para não ser perturbado?

— Oh! Sim, esqueci. Ele disse: “Diga a Parker que não preciso de mais nada esta noite, que ele não deve me perturbar”. Eu encontrei Parker logo fora da sala e passei-lhe a mensagem de meu tio.

— Então foi assim — disse o inspetor.

— Posso saber o que foi roubado?

— Não estamos bastante certos — disse o inspetor com hesitação.

Um olhar bastante alarmado surgiu nos olhos da moça. Ela se levantou de um salto.

— O que é? Vocês estão me escondendo alguma coisa?

Movendo-se em sua maneira discreta habitual, Hector Blunt colocou-se entre ela e o inspetor. Ela estendeu um pouco a mão, e ele a tomou entre as suas, afagando-a como se ela fosse uma criança muito pequena, e ela se voltou para ele, como se algo em seu comportamento sereno e firme prometesse conforto e segurança.

— São más notícias, Flora — ele disse calmamente. — Más notícias para todos nós. Seu tio Roger...

— Sim?

— Será um choque para você. Fatalmente. O pobre Roger está morto.

Flora afastou-se dele, seus olhos dilatados de horror.

— Quando? — sussurrou. — Quando?

— Logo que você o deixou, receio — disse Blunt seriamente.

Flora levou a mão à garganta, soltou um pequeno grito, e eu me apressei a segurá-la enquanto caía. Ela desmaiara, e Blunt e eu a carregamos para cima e a deitamos na cama.

Então pedi a ele que acordasse mrs. Ackroyd e lhe desse as notícias. Flora logo voltou a si, e eu trouxe sua mãe até ela, orientando-a sobre como cuidar da moça. Corri então novamente para baixo.

6
a adaga tunisiana

encontrei o inspetor retornando pela porta que levava para a cozinha e às dependências dos empregados.

— Como está a jovem, doutor?

— Recuperando-se bem. Sua mãe está com ela.

— Isso é bom. Estive interrogando os empregados. Todos declararam que ninguém esteve na porta dos fundos esta noite. A sua descrição desse estranho foi bastante vaga. Você não poderia nos dar algo mais definido para nos orientar?

— Receio que não — disse pesaroso. — Era uma noite escura, veja você, e o tipo estava com a gola do casaco erguida e o chapéu puxado sobre os olhos.

— Hum — disse o inspetor. — Parece que ele queria esconder o rosto. Tem certeza de que não era nenhum conhecido seu?

Respondi que não, mas não com tanta firmeza quanto deveria. Lembrei-me da impressão de que a voz do estranho me era familiar. Expliquei isso ao inspetor com bastante hesitação.

— Era uma voz áspera, grosseira você diz?

Concordei, mas me ocorreu que havia algo de quase exagerado nessa rudeza. Se, como o inspetor pensava, o

homem quisesse esconder seu rosto, ele poderia igualmente ter tentado disfarçar a voz.

— Você se incomoda de voltar comigo de novo ao escritório, doutor? Há uma ou duas coisas que quero lhe perguntar.

Concordei. O inspetor Davis destrancou a porta do saguão, nós entramos, e ele trancou-a novamente.

— Não queremos ser interrompidos — ele disse carrancudo. — E também não queremos ninguém entreouvindo nossa conversa. Do que se trata essa história de chantagem?

— Chantagem — exclamei muito surpreendido.

— É a imaginação criativa de Parker? Ou há algum fundo de verdade nisso?

— Se Parker ouviu alguma coisa sobre chantagem — eu disse devagar —, ele deve ter ficado ouvindo do outro lado desta porta com o ouvido colado no buraco da fechadura.

Davis aprovou com a cabeça.

— Nada mais provável. Veja, fiz umas perguntas sobre como Parker usou seu tempo esta noite. Para dizer a verdade, não gostei do jeito dele. O homem sabe de algo. Quando comecei a interrogá-lo ele farejou alguma coisa e soltou essa história truncada sobre chantagem.

Tomei uma decisão de momento.

— Estou bem contente que tenha levantado esse assunto — eu disse. — Estava tentando decidir se faria ou não uma revelação. Já tinha praticamente decidido lhe contar tudo, mas ia aguardar por um momento mais favorável. Esta é uma boa oportunidade.

E então narrei todos os eventos da noite como os descrevi aqui. O inspetor ouviu atento, ocasionalmente

fazendo uma pergunta.

— A história mais extraordinária que já ouvi — ele disse, quando terminei. — E você diz que a carta desapareceu por completo? Isso parece sério, parece muito sério, realmente. E fornece-nos o que buscávamos, um motivo para o assassinato.

Concordei com um gesto de cabeça.

— Também acho.

— Você diz que mr. Ackroyd levantou uma suspeita de que algum membro da casa estava envolvido? Morador da casa é uma expressão bastante ampla.

— Você não acredita que o próprio Parker seja a pessoa que estamos procurando? — sugeri.

— Parece bastante provável. Ele estava obviamente escutando atrás da porta quando você saiu. Depois miss Ackroyd o encontrou mais tarde resolvido a entrar no escritório. Digamos que ele tentou novamente quando ela já estava fora do caminho. Ele apunhalou Ackroyd, trancou a porta por dentro, abriu a janela, saiu por essa via, deu a volta para uma porta lateral que teria deixado previamente aberta. Que tal?

— Só há uma coisa contra essa teoria — eu disse devagar. — Se Ackroyd começou a ler essa carta logo depois que saí como ele pretendia, eu não o vejo permanecendo sentado por mais uma hora pensando. Ele teria chamado Parker imediatamente, acusando-o, e haveria uma confusão dos diabos. Lembre-se de que Ackroyd era um homem de temperamento colérico.

— Talvez ele não tenha tido tempo de ler a carta naquele momento — sugeriu o inspetor. — Sabemos que tinha alguém com ele às 21h30. Se esse visitante chegou assim que você partiu, e depois que ele se foi miss

Ackroyd entrou para dar boa-noite... bem, ele não poderia ter continuado a ler a carta até próximo das 22h.

— E o telefonema?

— Parker o fez, com certeza, talvez antes de ponderar sobre a porta trancada e a janela aberta. Depois mudou de ideia, ou entrou em pânico, e decidiu negar saber de qualquer coisa. Foi assim, acredite.

— Si-im — gaguejei ainda bastante cético.

— Enfim, poderemos descobrir a verdade sobre o telefonema a partir da central telefônica. Se foi feito daqui, não vejo como outra pessoa além de Parker o teria feito. Acredite, ele é nosso homem. Mas mantenha isso em segredo, não queremos alarmá-lo ainda, até que tenhamos todas as provas. Vou providenciar para que ele não escape. Para manter as aparências, vamos nos concentrar no seu misterioso estranho.

Ele se levantou da cadeira da escrivaninha onde estava escarranchado, e dirigiu-se para a figura imóvel na poltrona.

— A arma deve nos dar uma pista — observou, olhando para cima. — É bem singular, uma raridade, eu acho, pelo que parece.

Curvou-se examinando o cabo atentamente, e o ouvi dar um grunhido de satisfação. Então, com muito cuidado, pressionou suas mãos abaixo do punho e retirou a lâmina do ferimento. Com cuidado para não tocar no cabo, ele a colocou em um grande vaso de porcelana que adornava a lareira.

— Sim — ele disse, acenando para ela. — Uma verdadeira obra de arte. Não deve haver muitas delas por aí.

Era de fato um belo objeto. Uma lâmina estreita, afiada, e um punho de esmerado trançado de metal curiosa e cuidadosamente trabalhado. Ele tocou na lâmina levemente com o dedo, testando seu gume, e fez uma careta apreciativa.

— Nossa, que corte — exclamou. — Uma criança poderia enfiá-la em um homem tão facilmente quanto cortar manteiga. Um brinquedo perigoso para se ter por aí.

— Posso examinar o corpo devidamente agora? — perguntei.

Ele acenou com a cabeça.

— Vá em frente.

Fiz um exame detalhado.

— Bem? — disse o inspetor, quando terminei.

— Vou poupá-lo dos termos técnicos — respondi. — Deixaremos isso para o inquérito. O golpe foi dado por um homem destro de pé atrás dele, e a morte deve ter sido instantânea. Pela expressão no rosto do homem morto, eu diria que o golpe foi inesperado. Ele provavelmente morreu sem saber quem era o assaltante.

— Mordomos podem se esgueirar tão silenciosos quanto gatos — disse o inspetor Davis. — Não haverá muito mistério em torno deste crime. Dê uma olhada no cabo da adaga.

Eu olhei.

— Ouso dizer que não sejam evidentes para você, mas eu posso vê-las claramente. — Ele baixou sua voz. — *Impressões digitais*!

Ele se afastou alguns passos para avaliar o efeito causado.

— Sim — eu disse calmamente. — Achei que seriam.

Não vejo por que eu deveria ser considerado destituído de inteligência. Afinal, eu leio histórias de detetive e os jornais, e sou um homem bastante capacitado. Se houvesse marcas de dedos do pé no cabo da adaga, bem, isso seria totalmente diferente. Eu teria então demonstrado grande surpresa e espanto.

Acho que o inspetor ficou aborrecido comigo por não ter me entusiasmado. Ele pegou o vaso de porcelana e me convidou para acompanhá-lo à sala de bilhar.

— Quero saber se mr. Raymond pode nos dizer alguma coisa sobre esta adaga — explicou.

Trancando novamente a porta externa ao passarmos, nos dirigimos para a sala de bilhar, onde encontramos Geoffrey Raymond. O inspetor levantou sua prova.

— Já viu isto antes, mr. Raymond?

— Ora, sim, eu acho. Tenho quase certeza que é uma raridade que o major Blunt deu ao mr. Ackroyd. Vem do Marrocos... não, Tunísia. O crime foi então cometido com isso? Que extraordinário. Parece quase impossível, mas dificilmente haveria duas adagas iguais. Posso chamar o major Blunt?

Sem esperar resposta, ele saiu apressado.

— Bom rapaz, este — disse o inspetor. — Tem algo de sincero e ingênuo nele.

Concordei. Nos dois anos em que Geoffrey Raymond foi secretário de mr. Ackroyd, eu nunca o vira contrariado ou irritado. — E ele tem sido, eu sei, um secretário muito eficiente.

Um instante depois, Raymond retornou acompanhado do major Blunt.

— Eu estava certo — disse Raymond agitado. — *É* a adaga tunisiana.

— O major Blunt ainda não a viu — objetou o inspetor.

— Eu reparei no momento em que entrei no escritório — disse o homem calmamente.

— Você a reconheceu então?

Blunt afirmou com a cabeça.

— Você não comentou nada — disse o inspetor com suspeita.

— Momento inapropriado — disse Blunt. — Muito problema é causado por se alardear coisas na hora errada.

E enfrentou o olhar do inspetor com bastante placidez.

Este finalmente deu um grunhido e desviou o olhar. Levou a adaga até Blunt.

— Você tem absoluta certeza sobre isso, senhor? Você a identifica positivamente?

— Certamente. Nenhuma dúvida.

— Onde esta... hum... raridade era guardada normalmente? Pode me dizer, senhor?

Foi o secretário quem respondeu.

— Na mesa-mostruário na sala de estar.

— O quê? — exclamei.

Os outros me olharam.

— Sim, doutor? — disse o inspetor encorajando-me.

— Não é nada.

— Sim, doutor? — disse o inspetor novamente, ainda mais encorajador.

— É tão insignificante — expliquei desculpando-me. — Apenas quando cheguei ontem à noite para o jantar ouvi a tampa da mesa ser fechada na sala de estar.

Percebi um profundo traço de ceticismo e suspeita no rosto do inspetor.

— Como você sabia que era a tampa daquela mesa?

Fui forçado a explicar em detalhes, uma longa e tediosa explicação que eu preferia muito ter evitado.

O inspetor me ouviu até o fim.

— A adaga estava nesse local quando você examinou o conteúdo? — perguntou.

— Eu não sei — disse. — Não posso dizer que me lembro de tê-la visto, mas, claro, pode ter estado lá todo o tempo.

— Melhor chamarmos a governanta — observou o inspetor e puxou a campainha.

Alguns minutos depois miss Russell, convocada por Parker, entrou na sala.

— Não creio que eu tenha chegado perto da mesa-mostruário — ela disse, quando o inspetor lhe fez a pergunta. — Eu estava me certificando de que todas as flores estavam frescas. Oh! Sim, eu lembro agora. A mesa estava aberta, e não deveria estar, então baixei a tampa ao passar por ela.

Ela o olhou agressivamente.

— Entendo — disse o inspetor. — Pode me dizer se esta adaga estava no lugar naquele momento?

Miss Russell olhou para a arma calmamente.

— Não posso afirmar — respondeu. — Não parei para olhar. Sabia que a família desceria em instantes, e queria sair dali.

— Obrigado — disse o inspetor.

Houve apenas uma ligeira hesitação no seu jeito, como se quisesse ter feito mais perguntas, porém miss Russell entendeu as palavras como dispensa, e deslizou porta afora.

— Uma mulher bem intratável, imagino, hein? — disse o inspetor, vendo-a sair. — Deixe-me ver, essa mesa fica em frente a uma das janelas, foi o que disse, não é, doutor?

Raymond respondeu por mim.

— Sim, a da esquerda.

— E a janela estava aberta?

— Ambas estavam entreabertas.

— Bem, não penso que devamos nos estender mais. Alguém, e direi apenas alguém, poderia se apossar desta adaga quando quisesse, e exatamente quando o fez não tem a menor importância. Voltarei de manhã com o comissário, mr. Raymond. Até lá, ficarei com a chave desta porta. Quero que o coronel Melrose veja tudo exatamente como está. Sei que ele está jantando fora, do outro lado do condado, e, acredito, ficará para a noite...

Vimos o inspetor levantar o vaso de porcelana.

— Terei de embalar isto com muito cuidado — observou. — Será uma prova importante em vários aspectos.

Alguns minutos depois, quando saí da sala de bilhar com Raymond, este deu uma risadinha divertida.

Senti a pressão de sua mão em meu braço, e segui a direção de seu olhar. O inspetor Davis parecia pedir a Parker sua opinião sobre uma pequena caderneta de bolso.

— Bastante óbvio — murmurou meu companheiro. — Então Parker é o suspeito, não é? Devemos obsequiar o inspetor Davis com nossas impressões digitais também?

Ele pegou dois cartões da bandeja de cartões, limpou-os com seu lenço de seda, me entregou um, e

segurou o outro. Então, com um sorriso malicioso, os entregou ao inspetor de polícia.

— Lembranças — ele disse. — Número um, doutor Sheppard; número dois, minha humilde pessoa. O do major Blunt virá pela manhã.

A juventude é bastante alegre. Mesmo o assassinato brutal de seu amigo e patrão não abateu por muito tempo o humor de Geoffrey Raymond. Talvez assim é que se deva ser. Não sei. Eu perdi essa capacidade de recuperação há muito tempo.

Já era bem tarde quando voltei, e torcia para que Caroline já estivesse deitada. Mas eu deveria ter imaginado!

Ela tinha um chocolate quente esperando por mim, e, enquanto eu bebia, extraiu toda a história daquela noite. Não falei nada sobre o assunto da chantagem, mas me contentei em dar--lhe os fatos do assassinato.

— A polícia suspeita de Parker — eu disse, ao me levantar e preparar-me para subir e deitar. — Parece um caso bastante claro contra ele.

— Parker! — disse minha irmã. — Absurdo! Esse inspetor deve ser um completo tolo. Imagine, Parker! Acha que eu sou tola?!

Com esse pronunciamento obscuro fomos nos deitar.

7
descubro a profissão de meu vizinho

na manhã seguinte fiz apressado, e de forma imperdoável, a minha ronda. Minha desculpa pode ser o fato de eu não ter casos graves para atender. No meu retorno Caroline veio me saudar no saguão.

— Flora Ackroyd está aqui — ela anunciou em um sussurro excitado.

— O quê?

Escondi minha surpresa o melhor que pude.

— Ela está muito ansiosa para vê-lo. Já está aqui há meia hora.

Caroline tomou a frente na direção de nossa pequena sala de estar, e eu a acompanhei.

Flora estava sentada no sofá próximo à janela. Vestida de preto torcia nervosamente as mãos. Fiquei chocado com a visão de seu rosto. Toda a cor se fora. Porém, ao falar, seu jeito foi tão sereno e determinado quanto possível.

— Doutor Sheppard, vim pedir-lhe que me ajude.

— Claro que ele vai lhe ajudar, minha querida — disse Caroline.

Eu não achava que Flora queria realmente Caroline presente durante a conversa. Ela teria preferido, infinitamente, falar comigo em particular. Porém ela também não queria perder mais tempo, então aproveitou a situação da melhor forma.

— Quero que venha ao The Larches comigo.

— The Larches? — perguntei surpreso.

— Para falar com aquele homenzinho engraçado? — exclamou Caroline.

— Sim. Vocês sabem quem ele é, não sabem?

— Imagino — eu disse — que ele seja um cabeleireiro aposentado.

Os olhos azuis de Flora se arregalaram.

— Ora, ele é Hercule Poirot! Você sabe de quem estou falando, o detetive particular. Dizem que ele já fez as coisas mais extraordinárias, como os detetives fazem nos livros. Há um ano ele se aposentou e veio morar aqui. Meu tio sabia quem ele era, mas prometeu não contar a ninguém, porque monsieur Poirot queria viver tranquilo sem ser perturbado por quem quer que fosse.

— Então isso é o que ele é — disse devagar.

— Você já ouviu falar dele, é claro?

— Sou mais um velho antiquado, como me diz Caroline — respondi —, mas *acabo* de ouvir falar dele.

— Extraordinário! — comentou Caroline.

Não sei a que ela se referia. Talvez ao seu próprio fracasso em descobrir a verdade.

— Você quer ir vê-lo? — perguntei devagar. — E por quê?

— Para pedir que investigue esse assassinato, é claro — disse Caroline categoricamente. — Não seja bobo, James.

Eu não estava sendo na verdade bobo. Caroline nem sempre compreende aonde quero chegar.

— Você não confia no inspetor Davis? — continuei.

— Claro que ela não confia — disse Caroline. — Eu também não.

Qualquer um pensaria que tinha sido o tio de Caroline que fora assassinado.

— E como você sabe que ele assumirá o caso? — perguntei. — Lembre-se de que ele se aposentou.

— Exato — disse Flora simplesmente. — Terei de persuadi-lo.

— Você tem certeza de estar agindo sabiamente? — perguntei com seriedade.

— Claro que ela tem — disse Caroline. — Eu irei com ela pessoalmente se ela quiser.

— Eu prefiro que o doutor venha comigo se não se importa, miss Sheppard — disse Flora.

Ela conhece o valor de ser direta em certas ocasiões. Qualquer insinuação teria sido perda de tempo com Caroline.

— Veja — ela explicou, somando tato à franqueza —, o doutor Sheppard, sendo médico, e tendo encontrado o corpo, estaria em condições de prover todos os detalhes ao monsieur Poirot.

— Sim — disse Caroline a contragosto —, percebo.

Dei algumas voltas pela sala.

— Flora — disse sério —, deixe-me orientá-la. Eu a aconselho a não arrastar esse detetive para o caso.

Flora se levantou abruptamente, empalidecendo.

— Eu sei por que diz isso — ela gritou. — Mas é exatamente por essa razão que estou tão ansiosa em ir. Você está com medo! Mas eu não. Eu conheço Ralph melhor do que você.

— Ralph — disse Caroline. — O que Ralph tem a ver com isso?

Nenhum de nós respondeu.

— Ralph pode ser fraco — continuou Flora. — Ele pode ter feito tolices no passado, coisas maldosas inclusive, mas ele não assassinaria ninguém.

— Não, não — exclamei. — Eu nunca pensei nele.

— Então por que foi a Three Boars ontem à noite — perguntou Flora —, ao voltar para casa, depois que o corpo do meu tio foi encontrado?

Fiquei momentaneamente em silêncio. Esperava que minha visita passasse despercebida.

— Como você soube disso? — retruquei.

— Fui lá esta manhã — disse Flora. — Ouvi dos empregados que Ralph estava hospedado lá...

Eu a interrompi.

— Você não sabia que ele estava em King’s Abbot?

— Não. Eu fiquei surpresa. Não entendi. Fui até lá e perguntei por ele. Disseram-me o mesmo que devem ter lhe dito a noite passada, que ele saíra por volta das 21h ontem à noite e não voltou.

Seus olhos me olharam desafiadores, e, como se respondesse a algo em meu olhar, ela explodiu:

— Bem, por que ele deveria? Ele deve ter ido... a qualquer lugar. Ele pode até mesmo ter voltado a Londres.

— Sem sua bagagem? — perguntei com delicadeza.

Flora bateu com o pé no chão.

— Não me importa. Deve ter uma explicação simples.

— E por isso você quer falar com Hercule Poirot? Não é melhor deixar as coisas como estão? A polícia não suspeita nem um pouco de Ralph, lembre-se disso. Estão trabalhando em uma linha bem diferente.

— Precisamente! — gritou a moça. — Eles suspeitam dele *sim*. Um homem de Cranchester apareceu esta manhã. Inspetor Raglan, um homenzinho horrível, com cara de fuinha. Descobri que ele foi a Three Boars antes de mim esta manhã. Eles me falaram sobre sua visita e as perguntas que fez. Ele deve pensar que foi Ralph.

— Se é fato, houve desde ontem à noite uma mudança de ideia — disse devagar. — Ele não acredita então na teoria de Davis de que foi Parker?

— Parker, realmente — disse minha irmã, bufando com desprezo.

Flora aproximou-se e pousou a mão sobre meu braço.

— Oh! Doutor Sheppard, vamos imediatamente ver monsieur Poirot. Ele descobrirá a verdade.

— Minha querida Flora — eu disse gentilmente, colocando minha mão sobre a dela. — Você tem certeza de que é a verdade que queremos?

Ela me olhou, confirmando seriamente com um aceno.

— Você não tem certeza — ela disse. — Eu tenho. Conheço Ralph melhor do que você.

— É claro que ele não fez isso — disse Caroline, que mantivera o silêncio com grande dificuldade. — Ralph pode ser extravagante, mas ele é um rapaz amável e de muito boas maneiras.

Eu queria dizer a Caroline que um grande número de assassinos tem boas maneiras, mas a presença de Flora me refreou. Já que a moça estava determinada, fui forçado a concordar com ela e partimos imediatamente, nos afastando antes que minha irmã pudesse disparar mais pronunciamentos, iniciando com suas palavras prediletas, “é claro”.

Uma velha mulher com uma enorme touca bretã abriu a porta do The Larches para nós. Parecia que monsieur Poirot estava em casa.

Fomos conduzidos a uma pequena sala de estar arrumada com precisão formal, e lá, depois de alguns instantes, meu amigo da véspera se juntou a nós.

— Monsieur, *le docteur* — ele disse, sorrindo. — Mademoiselle.

Ele se inclinou para Flora.

— Talvez — comecei — você tenha ouvido sobre a tragédia que ocorreu ontem à noite.

Seu rosto ficou sério.

— Mas certamente que sim. É horrível. Ofereço toda minha compaixão à mademoiselle. Em que posso ajudá-los?

— Miss Ackroyd — eu disse — quer que o senhor... o senhor...

— Ache o assassino — disse Flora com voz clara.

— Entendo — disse o homenzinho. — Mas a polícia fará isso, não é?

— Eles podem cometer um erro — disse Flora. — Eles estão prestes a cometer esse erro agora mesmo, eu acho. Por favor, monsieur Poirot, você nos ajudaria? Se... se for uma questão de dinheiro...

Poirot levantou a mão.

— Isso não, eu lhe peço, mademoiselle. Não que o dinheiro não me interesse — seus olhos brilharam por um momento. — Dinheiro significa muito para mim, sempre significou. Não, se eu me envolver nisso, você deve compreender claramente uma coisa. *Eu irei até o fim!* O bom cão não abandona o faro, lembre-se! Você poderá acabar desejando ter deixado tudo com a polícia local.

— Eu quero a verdade — disse Flora, olhando-o diretamente nos olhos.

— Toda a verdade?

— Toda a verdade.

— Então aceito — disse calmamente o homenzinho. — E espero que você não se arrependa dessas palavras. Agora, conte--me todos os detalhes.

— O doutor Sheppard poderá contar melhor — disse Flora. — Ele sabe mais do que eu.

Solicitado dessa maneira mergulhei em uma narrativa detalhada, abrangendo todos os fatos que já descrevi. Poirot ouvia com atenção, fazendo uma pergunta aqui e ali, mas na maior parte do tempo permanecia em silêncio, olhando para o teto.

Concluí minha história com a partida do inspetor e a minha de Fernly Park na véspera à noite.

— E agora — disse Flora, quando terminei —, conte-lhe tudo sobre Ralph.

Eu hesitei, mas seu olhar imperativo me obrigou a prosseguir.

— Você foi a essa pousada, a tal Three Boars, ontem à noite na volta para casa? — perguntou Poirot quando encerrei meu relato. — Bem, e por que exatamente?

Parei um instante para escolher minhas palavras com cuidado.

— Achei que alguém precisava informar o rapaz sobre a morte de seu tio. Ocorreu-me depois que saí de Fernly Park que possivelmente ninguém, exceto mr. Ackroyd e eu, sabia que ele estava na cidade.

Poirot acenou com a cabeça.

— Certamente. Esse foi seu único motivo para ir até lá, não?

— Esse foi meu único motivo — eu disse endurecendo.

— Não teria sido para, digamos, assegurar-se sobre *ce jeune homme*?

— Assegurar-me?

— Acredito, monsieur *le docteur*, que você sabe muito bem do que estou falando, embora finja que não. Minha sugestão é de que teria sido um alívio para você se tivesse descoberto que o capitão Paton estivera em casa durante toda a noite.

— De jeito nenhum — eu disse categórico.

O pequeno detetive balançou a cabeça com seriedade na minha direção.

— Você não confia em mim como miss Flora — ele disse. — Mas não tem importância. O que temos de examinar é: o capitão Paton não pôde ser encontrado, sob circunstâncias que pedem uma explicação. Não vou esconder de vocês que o caso parece grave. Porém, pode-se admitir uma explicação perfeitamente simples.

— Isso é exatamente o que continuo repetindo — gritou Flora impacientemente.

Poirot não insistiu mais no assunto. Em vez disso sugeriu uma visita imediata à polícia local. Achou que seria melhor para Flora voltar para casa, e que eu deveria acompanhá-lo e apresentá-lo ao oficial encarregado do caso.

Executamos prontamente esse plano. Encontramos o inspetor Davis fora da delegacia com ar bastante taciturno. Com ele estava o coronel Melrose, o comissário, e outro homem, que, pela descrição de Flora de “cara de fuinha”, não tive dificuldade em identificar como o inspetor Raglan de Cranchester.

Conheço Melrose muito bem, e apresentei-lhe Poirot, explicando a situação. O comissário estava claramente aborrecido, e o inspetor Raglan parecia fechar a cara. Davis, no entanto, parecia ligeiramente divertido diante do aborrecimento de seu superior.

— O caso será uma barbada — disse Raglan. — Não há a menor necessidade para que amadores intervenham. Seria possível dizer que qualquer tolo teria visto como as coisas aconteceram ontem à noite, e, portanto, não deveríamos ter perdido doze horas.

Ele dirigiu um olhar vingativo ao pobre Davis, que o recebeu impassível.

— A família de mr. Ackroyd pode, é claro, fazer o que bem entender — disse o coronel Melrose. — Mas não podemos permitir que a investigação oficial seja dificultada de nenhum modo. Conheço, é claro, a grande reputação do monsieur Poirot — ele acrescentou cortesmente.

— Pena que a polícia não possa fazer publicidade de si mesma — disse Raglan.

Foi Poirot quem salvou a situação.

— É verdade que me aposentei — ele disse. — Nunca pretendi assumir um caso novamente. Acima de tudo, tenho

horror a publicidade. Eu peço que, no caso de contribuir em alguma coisa para a solução do mistério, meu nome não seja mencionado.

O rosto do inspetor Raglan iluminou-se um pouco.

— Já ouvi falar sobre notáveis sucessos seus — observou o coronel, aliviando a situação.

— Tenho muita experiência — disse Poirot discretamente. — Mas a maioria dos meus sucessos foi obtida com a ajuda da polícia. Eu admiro enormemente a polícia inglesa. Se o inspetor Raglan permitir que eu o ajude, ficarei tanto honrado quanto lisonjeado.

A face do inspetor ficou ainda mais amável.

O coronel Melrose puxou-me de lado.

— Pelo que sei, esse homenzinho fez de fato coisas notáveis — murmurou. — Estamos naturalmente ansiosos para não ter de chamar a Scotland Yard. Raglan parece bem seguro de si, mas não tenho certeza se concordo com ele. Veja, hum... conheço os envolvidos melhor do que ele. Esse camarada não parece buscar notoriedade, parece? Trabalharia conosco sem causar obstruções, não?

— Para a maior glória do inspetor Raglan — eu disse solenemente.

— Bem, bem — disse o coronel Melrose animadamente em voz alta —, devemos deixá-lo a par dos últimos acontecimentos, monsieur Poirot.

— Obrigado — disse Poirot. — Meu amigo, doutor Sheppard, falou algo sobre o mordomo ser um suspeito?

— Isso é tudo bobagem — disse Raglan imediatamente. — Esses empregados da alta classe ficam tão apavorados que agem de forma suspeita por nenhum motivo.

— As impressões digitais? — insinuei.

— Nenhuma de Parker. — Ele deu um leve sorriso, e acrescentou: — As suas e as do mr. Raymond também não encaixam, doutor.

— E as do capitão Ralph Paton? — perguntou Poirot calmamente.

Senti uma admiração secreta pela maneira como pegou o touro à unha. Percebi um olhar de respeito da parte do inspetor.

— Vejo que você não perde tempo, monsieur Poirot. Será um prazer trabalhar com você, tenho certeza. Tiraremos as impressões digitais desse jovem assim que pusermos as mãos nele.

— Não paro de achar que estão enganados, inspetor — disse o coronel Melrose calorosamente. — Eu conheço Ralph Paton desde que ele era menino. Ele nunca mostrou inclinação para ser um assassino.

— Talvez não — disse o inspetor em tom neutro.

— O que você tem contra ele? — perguntei.

— Saiu justo às 21h ontem à noite. Foi visto na vizinhança de Fernly Park por volta das 21h30. Não foi mais visto. Acredita-se que esteja com sérios problemas financeiros. Tenho um par de seus sapatos aqui, sapatos com sola de borracha. Ele tinha dois pares quase idênticos. Vou subir agora para compará-los com a impressão das pegadas. O policial está lá garantindo que ninguém as destrua.

— Vamos imediatamente — disse o coronel Melrose. — Você e monsieur Poirot irão nos acompanhar, certo?

Dissemos que sim, e fomos todos no carro do coronel. O inspetor estava ansioso para chegar logo até as impressões das pegadas e pediu para ficar na guarita. Mais ou menos na metade do trajeto de entrada da casa, um caminho entroncava à direita, contornando a varanda e a janela do escritório de Ackroyd.

— Você gostaria de ir com o inspetor, monsieur Poirot? — perguntou o comissário. — Ou prefere examinar o escritório?

Poirot escolheu a segunda alternativa. Parker abriu a porta para nós. Seus modos eram presunçosos e deferentes, e ele

parecia ter se recobrado do pânico da noite anterior.

O coronel Melrose pegou a chave no bolso e, destrancando a porta que levava para o saguão, nos conduziu para dentro do escritório.

— Exceto pela remoção do corpo, monsieur Poirot, esta sala está exatamente como na noite passada.

— E o corpo foi encontrado onde?

O mais precisamente possível, descrevi a posição de Ackroyd. Sua poltrona estava ainda diante da lareira.

Poirot aproximou-se e sentou-se nela.

— A carta azul da qual falou, onde ela estava quando saiu da sala?

— Mr. Ackroyd a havia deixado sobre essa mesinha à sua direita.

Poirot acenou.

— Exceto por isso, está tudo no lugar?

— Sim, creio que sim.

— Coronel Melrose, você faria o grande favor de se sentar nesta cadeira um instante? Obrigado. Agora, monsieur *le docteur*, faria a gentileza de me mostrar exatamente a posição da adaga?

Fiz como pediu, enquanto o homenzinho estava parado na soleira da porta.

— O punho da adaga estava claramente visível da soleira, então. Tanto você quanto Parker puderam vê-la imediatamente?

— Sim.

Poirot dirigiu-se à janela seguinte.

— A luz estava acesa, é claro, quando descobriram o corpo? — perguntou por sobre o ombro.

Disse que sim, e me juntei a ele, que examinava as marcas no peitoril da janela.

— As marcas das solas de borracha têm o mesmo padrão do encontrado nos sapatos do capitão Paton — ele disse

calmamente.

Voltou então mais uma vez para o centro da sala. Seus olhos percorreram em volta, examinando tudo com um olhar rápido e treinado.

— Você é um homem com boa capacidade de observação, doutor Sheppard? — ele perguntou finalmente.

— Acho que sim — disse, surpreso.

— Vejo que houve fogo na lareira. Quando você arrombou a porta e encontrou mr. Ackroyd morto, como estava o fogo? Estava baixo?

Dei uma risada encabulado.

— Eu, eu não sei dizer. Não reparei. Talvez mr. Raymond ou o major Blunt...

O homenzinho à minha frente balançou a cabeça com um rápido sorriso.

— A pessoa deve sempre proceder com método. Fiz um erro de julgamento ao fazer-lhe essa pergunta. A cada homem, seu conhecimento. Você poderia me dar todos os detalhes sobre a aparência do paciente, nada lhe escaparia. Se eu quisesse informação sobre os papéis nesta escrivaninha, mr. Raymond teria reparado no que havia a ser notado. Para saber sobre o fogo, devo perguntar ao homem cujo trabalho é observar essas coisas. Se me permite...

Ele se moveu rapidamente para a lareira e tocou a campainha.

Depois de alguns instantes, Parker apareceu.

— A campainha soou, senhor — disse ele hesitante.

— Entre, Parker — disse o coronel Melrose. — Este cavalheiro quer lhe fazer uma pergunta.

Parker transferiu sua atenção respeitosa a Poirot.

— Parker — disse o homenzinho —, quando você arrombou a porta com o doutor Sheppard ontem à noite, e encontrou seu patrão morto, como estava o fogo?

Parker respondeu sem hesitar.

— Queimava baixo, senhor. Estava quase apagando.

— Ah! — disse Poirot. A exclamação soou quase triunfante. Ele continuou.

— Olhe em volta, meu bom Parker. Esta sala está exatamente como estava então?

Os olhos do mordomo percorreram a sala. E pararam na janela.

— As cortinas estavam fechadas, senhor, e a luz estava acesa.

Poirot acenou aprovando.

— Algo mais?

— Sim, senhor, essa poltrona estava um pouco mais para fora.

Ele indicou uma grande poltrona para a esquerda da porta entre esta e a janela. Anexo aqui uma planta da sala com a cadeira em questão marcada por um x.

— Mostre-me — disse Poirot.

O mordomo arrastou a cadeira em questão uns bons sessenta centímetros da parede, virando-a para que ficasse de frente para a porta.

— *Voilà ce qui est curieux* — murmurou Poirot. — Ninguém se sentaria em uma cadeira nessa posição, imagino. Agora, quem a puxou de volta para o lugar, me pergunto? Foi você, meu amigo?

— Não, senhor — disse Parker. — Eu estava muito perturbado ao ver o patrão e tudo o mais.

Poirot voltou-se para mim.

— Foi você, doutor?

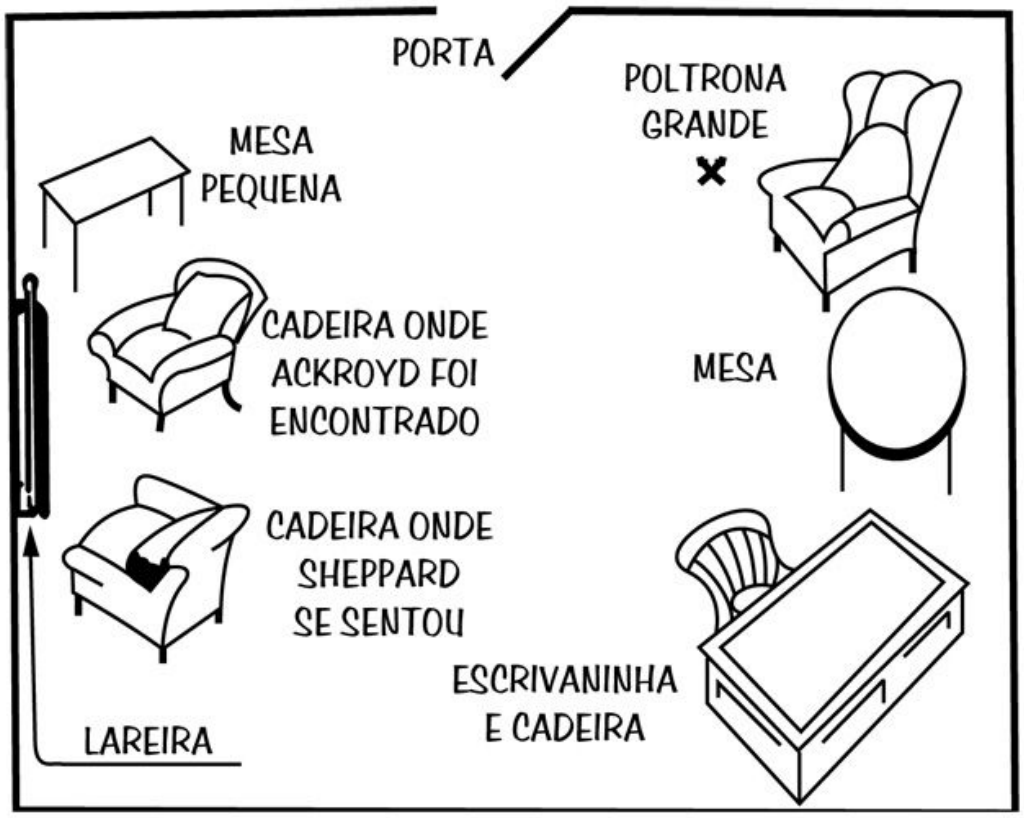
Neguei com a cabeça.

— Estava de volta na posição quando cheguei com a polícia, senhor — disse Parker. — Tenho certeza disso.

— Curioso — disse Poirot novamente.

— Raymond ou Blunt devem tê-la empurrado de volta — sugeri. — Com certeza não é importante.

— É totalmente sem importância — disse Poirot. — Por isso é tão interessante — ele acrescentou suavemente.



— Desculpe-me por um instante — disse o coronel Melrose, e saiu da sala com Parker.

— Você acha que Parker está dizendo a verdade? — perguntei.

— Sobre a poltrona, sim. Além disso, não sei. Você irá descobrir, monsieur *le docteur,* caso se envolva muito com casos assim, que eles todos se parecem em uma coisa.

— Em quê? — perguntei curioso.

— Todos os envolvidos têm algo a esconder.

— Eu também? — perguntei, sorrindo.

— Eu acho que sim — ele respondeu calmamente.

— Mas...

— Você me contou tudo o que sabe sobre esse jovem Paton? Ele sorriu enquanto eu enrubescia. — Oh! Não tema. Eu

não irei pressioná-lo. Saberei quando for a hora.

— Gostaria que me contasse um pouco sobre seus métodos — eu disse impetuosamente, para encobrir minha confusão. — A questão sobre o fogo, por exemplo?

— Oh! Isso é muito simples. Você deixou mr. Ackroyd às... 20h50, não foi?

— Sim, exatamente, eu diria.

— A janela estava fechada e trancada e a porta, destrancada. Às 22h15, quando o corpo foi descoberto, a porta está trancada e a janela aberta. Quem a abriu? Certamente apenas mr. Ackroyd o teria feito, e por uma razão. Ou porque o quarto estava muito quente (mas já que o fogo estava quase apagando e houve uma queda brusca de temperatura ontem à noite, essa não seria a razão), ou porque ele deixou alguém entrar por aí. E, se deixou alguém entrar por aí, teria de ser alguém que ele conhecia muito bem, já que ele tinha se mostrado inquieto com relação à janela antes.

— Parece bem simples — eu disse.

— Tudo é simples, se você ordena os fatos metodicamente. Estamos agora focados na personalidade de quem estava com ele às 21h30 ontem à noite. Tudo indica que era o indivíduo que ele deixou entrar pela janela, e, embora mr. Ackroyd tenha sido visto vivo mais tarde por miss Flora, não chegaremos próximo à solução do mistério até que saibamos quem foi o visitante. A janela pode ter sido deixada aberta depois que ele partiu, permitindo a entrada do assassino, ou a mesma pessoa pode ter retornado. Ah! O coronel está voltando.

O coronel Melrose entrou animado.

— O telefonema foi rastreado afinal — ele disse. — Não veio daqui. Foi feito para o doutor Sheppard às 22h15 ontem à noite de uma cabine de telefone público, na estação de King’s Abbot. E às 22h23 o trem noturno parte para Liverpool.

8
o inspetor raglan está confiante

entreolhamo-nos.

— Você vai conduzir interrogatórios na estação, imagino — eu disse.

— Certamente, mas não estou esperançoso com relação ao resultado. Você sabe como essa estação é.

Eu sabia. King’s Abbot é uma vila simples, mas sua estação é uma conexão importante. A maioria dos grandes expressos para lá e as composições que entram nos desvios são divididas e reagrupadas. Tem duas ou três cabines de telefone. A esta hora da noite três trens locais chegam um logo após o outro, para pegar a conexão com o expresso para o norte que chega às 22h19 e sai às 22h23. O lugar todo fica uma balbúrdia, e a chance de uma pessoa em particular ser vista telefonando ou pegando o expresso é realmente muito pequena.

— Mas por que telefonar, afinal? — perguntou Melrose. — Isso é que acho extraordinário. Isso me parece sem pé nem cabeça.

Poirot cuidadosamente ajeitou um ornamento de porcelana em uma das estantes.

— Tenha certeza de que houve uma razão — disse ele por sobre o ombro.

— Mas que razão poderia ser?

— Quando soubermos isso, saberemos tudo. Este caso é muito curioso e muito interessante.

Havia algo quase indescritível na maneira como ele disse essas últimas palavras. Senti que ele examinava o caso de um ângulo próprio e peculiar, e o que via eu não saberia dizer.

Ele foi até a janela e ali ficou parado, olhando para fora.

— Você disse que eram 21h, doutor Sheppard, quando encontrou esse estranho do lado de fora do portão?

Ele fez a pergunta sem se voltar.

— Sim — respondi. — Ouvi o relógio da igreja soar a hora.

— Quanto tempo demoraria para ele alcançar a casa... para alcançar esta janela, por exemplo?

— Cinco minutos, pelo caminho externo. Dois ou três minutos apenas se ele tiver usado o caminho à direita da entrada e viesse direto para cá.

— Mas para fazer isso ele precisaria conhecer o caminho. Como explicar? Significa que ele já teria vindo aqui antes... que conhecia os arredores.

— Isso é verdade — respondeu o coronel Melrose.

— Poderíamos descobrir, sem dúvida, se mr. Ackroyd recebeu a visita de estranhos na semana passada?

— O jovem Raymond pode nos dizer isso — eu disse.

— Ou Parker — sugeriu o coronel Melrose.

— *Ou tous les deux* — sugeriu Poirot sorrindo.

O coronel Melrose foi procurar Raymond e eu toquei a campainha chamando Parker novamente.

O coronel Melrose voltou quase imediatamente, acompanhado pelo jovem secretário, que ele apresentou a Poirot. Geoffrey Raymond estava mais bem-disposto e afável do que nunca. Ele parecia surpreso e deliciado em conhecer Poirot.

— Não tinha a menor ideia de que estivesse morando incógnito na vizinhança, monsieur Poirot — ele disse. — Será um grande privilégio observá-lo trabalhar — Oh, o que é isso?

Poirot estava de pé bem do lado esquerdo da porta. Ele se moveu ligeiro para o lado, e percebi que, enquanto eu estivera de costas, ele deve ter girado rapidamente a poltrona até que estivesse na posição que Parker indicara.

— Quer que eu me sente na poltrona enquanto me faz um exame de sangue? — perguntou Raymond com bom humor. — Qual é a ideia?

— Mr. Raymond, esta poltrona estava afastada desta forma ontem à noite quando mr. Ackroyd foi encontrado morto. Alguém a moveu de volta para o lugar. Foi você?

A resposta do secretário veio sem hesitação alguma.

— Não, na verdade não. Eu nem mesmo me lembro de ela estar nesta posição, mas deve ser verdade, já que você o diz. Enfim, outra pessoa deve tê-la movido de volta para o lugar. Destruíram alguma pista ao fazer isso? Muito ruim!

— Não traz grandes consequências — disse o detetive. — Nenhuma consequência. O que de fato quero lhe perguntar, mr. Raymond, é: algum estranho visitou mr. Ackroyd durante esta última semana?

O secretário refletiu por um minuto ou dois, franzindo o cenho, e durante essa pausa Parker apareceu respondendo ao chamado da campainha.

— Não — disse Raymond finalmente. — Não me lembro de ninguém. E você, Parker?

— Desculpe-me, senhor?

— Algum estranho veio ver mr. Ackroyd esta semana?

O mordomo refletiu por um instante.

— Houve um jovem que veio na quarta-feira, senhor — ele disse finalmente. — Ele era da Curtis & Troute, foi o que entendi.

Raymond desconsiderou essa informação com um gesto impaciente.

— Oh! Sim, eu me lembro, mas não é a esse tipo de estranho que este cavalheiro se refere. — Ele se virou para Poirot. — Mr. Ackroyd tinha ideias de comprar um ditafone — ele explicou. — Teria permitido que fizéssemos uma quantidade maior de trabalho em um tempo limitado. A empresa enviou seu representante, mas sem resultado. Mr. Ackroyd não se decidiu pela compra.

Poirot se voltou para o mordomo.

— Você pode descrever esse jovem para mim, meu bom Parker?

— Ele era louro e baixo, senhor. Muito bem vestido em um terno azul de sarja. Um jovem muito apresentável, senhor, para sua posição na vida.

Poirot virou-se para mim:

— O homem que encontrou no portão, doutor, era alto, não era?

— Sim — eu disse. — Cerca de um metro e oitenta, eu diria.

— Não há nada aí, então — declarou o belga. — Obrigado, Parker.

O mordomo falou para Raymond:

— Mr. Hammond acaba de chegar, senhor — ele disse. — Ele está ansioso para saber se pode ajudar, e ele gostaria de falar com o senhor.

— Irei agora mesmo — disse o jovem. E partiu rapidamente. Poirot olhou inquisitivo para o comissário.

— O advogado da família, monsieur Poirot — disse este último.

— É um momento atribulado para o jovem mr. Raymond — murmurou Poirot. — Ele tem um jeito eficiente, esse rapaz.

— Eu acredito que mr. Ackroyd o considerava um secretário muito capaz.

— Ele está aqui há quanto tempo?

— Apenas dois anos, imagino.

— Ele realiza seus deveres meticulosamente. Tenho certeza disso. Qual é sua forma de diversão? Ele faz *le sport*?

— Secretários particulares não têm muito tempo para esse tipo de coisa — disse o coronel Melrose, sorrindo. — Raymond joga golfe, eu acho. E tênis no verão.

— Ele não frequenta as corridas... quero dizer, corridas de cavalo?

— Corridas? Não, não creio que esteja interessado em corrida de cavalo.

Poirot acenou com a cabeça e pareceu se desinteressar. Olhou lentamente ao redor do escritório.

— Já vi, acredito, tudo o que havia para ser visto aqui.

Eu também olhei em volta.

— Se estas paredes pudessem falar — murmurei.

Poirot balançou a cabeça.

— Uma língua não é suficiente — ele disse. — Elas teriam de ter olhos e ouvidos também. Mas não tenha tanta certeza de que estas coisas inanimadas — ele tocou o topo da estante ao falar — sejam sempre mudas. Elas falam comigo algumas vezes — cadeiras, mesas —, elas têm suas mensagens!

Ele se virou em direção à porta.

— Que mensagem? — exclamei. — O que lhe disseram hoje?

Ele olhou por sobre o ombro e levantou uma sobrancelha de forma irônica.

— Uma janela aberta — ele disse. — Uma porta trancada. Uma poltrona que aparentemente se moveu sozinha. A essas três eu digo “por quê?”, e não encontro resposta.

Ele balançou a cabeça, estufou o peito, e parou pestanejando para nós. Ele parecia ridiculamente inflado com sua própria posição. Em minha mente passou a pergunta se ele seria realmente um bom detetive. Teria a sua reputação sido construída em cima de uma série de eventos afortunados?

Acho que o mesmo pensamento ocorreu ao coronel Melrose, pois ele franziu o cenho.

— Há algo mais que queira ver, monsieur Poirot? — ele perguntou bruscamente.

— Você poderia me fazer a gentileza de apontar a mesa-mostruário de onde a arma foi retirada? Depois disso, não abusarei mais de sua bondade.

Fomos para o salão de recepção, mas no caminho o policial reteve o coronel, e depois de uma conversa em sussurros este último desculpou-se e nos deixou. Indiquei

a mesa-mostruário para Poirot, e, após levantar e deixar cair umas duas vezes a tampa, ele abriu a janela e saiu para o terraço. Eu o segui.

O inspetor Raglan acabava de virar a esquina da casa e vinha em nossa direção. Seu rosto estava com um sorriso severo e satisfeito.

— Então aí está você, monsieur Poirot — ele disse. — Bem, isso não será exatamente um caso. Sinto muito, também. Apenas um bom jovem que fez algo errado.

Poirot deixou cair o queixo e falou muito mansamente.

— Receio então que não lhe serei de muita ajuda?

— Na próxima vez, talvez — disse o inspetor consolando-o. — Embora não tenhamos assassinatos todos os dias neste calmo canto do mundo.

O olhar de Poirot expressou admiração.

— Você foi de uma rapidez maravilhosa — observou. — Como você procedeu exatamente, se posso perguntar?

— Certamente — disse o inspetor. — Para começar, com método. Isso é o que digo sempre: método!

— Ah! — clamou o outro. — Esse também é meu lema. Método, ordem, e as pequenas células cinzentas.

— As células? — disse o inspetor, espantado.

— As pequenas células do cérebro — explicou o belga.

— Oh, claro; bem, nós todos as usamos, eu presumo.

— Em maior ou menor grau — murmurou Poirot. — E há, também, diferenças de caráter. E então há a psicologia de um crime. A pessoa deve estudar esse assunto.

— Ah! — disse o inspetor —, você foi mordido por toda essa história psicanalítica? Bem, eu sou um homem

simples...

— Mrs. Raglan discordaria disso, tenho certeza — disse Poirot, fazendo uma ligeira reverência para ele.

O inspetor Raglan, um pouco confuso, inclinou-se.

— Você não compreende — disse, sorrindo amplamente. — Que grande diferença a linguagem faz. Estou lhe contando como me ponho a trabalhar. Em primeiro lugar, método. Mr. Ackroyd foi visto vivo pela última vez por sua sobrinha, às 21h45, miss Flora Ackroyd. Esse é o fato número um, não é?

— Se você o diz.

— Bem, é. Às 22h30, o doutor aqui diz que mr. Ackroyd estava morto havia pelo menos meia hora. Você confirma isso, doutor?

— Certamente — eu disse. — Meia hora ou mais.

— Muito bem. Isso nos dá precisamente um quarto de hora em que o crime deve ter sido cometido. Faço uma lista de todos na casa, e trabalho nela, anotando do lado dos nomes onde estavam e o que faziam entre 21h45 e 22h.

Ele entregou uma folha de papel a Poirot. Li por cima de seu ombro. Dizia o seguinte, escrito em letras claras:

major blunt – Na sala de bilhar com mr. Raymond (último confirma).

mr. raymond – Sala de bilhar (ver acima).

mrs. ackroyd – 21h45 vendo jogo de bilhar. Foi se deitar às 21h55 (Raymond e Blunt a viram subir as escadas).

miss ackroyd – Subiu direto do quarto de seu tio (confirmado por Parker e pela empregada, Elsie Dale).

Empregados:

parker – Foi direto para a copa do mordomo (confirmado pela governanta, miss Russell, que desceu para falar com ele sobre alguma coisa às 21h47, e ficou pelo menos dez minutos).

miss russell – Como acima. Falou com a empregada, Elsie Dale, no andar de cima às 21h45.

ursula bourne (copeira) – Em seu quarto até 21h55. Depois na sala dos empregados.

mrs. cooper (cozinheira) – Na sala dos empregados.

elsie dale – No quarto no andar de cima. Foi vista lá por miss Russell e por miss Flora Ackroyd.

mary thripp (auxiliar da cozinha) – Sala dos empregados.

— A cozinheira trabalha aqui há sete anos, a copeira há dezoito meses, e Parker há pouco mais de um ano. Os outros são novos. Exceto por algo suspeito sobre Parker, eles parecem todas pessoas de bem.

— Uma lista bem completa — disse Poirot, devolvendo-a para ele. — Tenho certeza de que Parker não cometeu o assassinato — ele acrescentou com seriedade.

— Minha irmã pensa o mesmo — acudi. — E ela em geral acerta.

Ninguém prestou atenção alguma à minha interrupção.

— Isso determina tudo com relação ao pessoal da casa — continuou o inspetor. — Chegamos agora a um ponto muito sério. A mulher na guarita, Mary Black,

fechava as cortinas ontem à noite quando viu Ralph Paton virar o portão e ir em direção à casa.

— Ela tem certeza disso? — perguntei vivamente.

— Completamente. Ela o conhece muito bem de vista. Ele passou bem depressa e virou no caminho à direita, que é um atalho para o terraço.

— E a que horas foi isso? — perguntou Poirot, que tinha se sentado com o rosto impassível.

— Exatamente às 21h25 — disse o inspetor seriamente.

Houve um silêncio. O inspetor então voltou a falar.

— Está tudo bastante claro. Tudo se encaixa com perfeição. Às 21h25, o capitão Paton é visto passando pela guarita; às 21h30 mais ou menos, mr. Geoffrey Raymond ouve alguém, aqui, pedindo dinheiro ao mr. Ackroyd, que recusa. O que acontece depois? O capitão Paton sai pelo mesmo lugar — pela janela. Ele caminha pelo terraço, enraivecido e frustrado. Chega à janela aberta do salão. Digamos que já sejam 21h45. Miss Flora Ackroyd está dando boa-noite a seu tio. O major Blunt, mr. Raymond e mrs. Ackroyd estão na sala de bilhar. O salão está vazio. Ele entra furtivamente, pega a adaga na mesa-mostruário e retorna para a janela do escritório. Retira os sapatos, sobe, e... bem, não preciso entrar em detalhes. Então sai novamente e vai embora. Não teve coragem de voltar para a pousada. Dirige-se à estação, e de lá telefona...

— Por quê? — disse Poirot suavemente.

A interrupção me fez saltar. O homenzinho se inclinava para a frente. Seus olhos brilhavam com uma estranha luz verde.

Por um instante o inspetor Raglan foi surpreendido pela pergunta.

— É difícil dizer exatamente por que ele fez isso — ele disse afinal. — Mas assassinos fazem coisas estranhas. Você saberia disso se estivesse na polícia. Os mais espertos deles cometem erros estúpidos algumas vezes. Mas venha e lhe mostrarei as pegadas.

Nós o seguimos virando a esquina do terraço em direção à janela do escritório. A um sinal de Raglan um policial mostrou os sapatos que foram encontrados na pousada local.

O inspetor os encaixou nas marcas.

— São os mesmos — ele disse confiante. — Ou melhor, não é o mesmo par que fez estas marcas. Ele os está usando. Este é um par similar, porém mais antigo. Veja como as solas de borracha estão desgastadas.

— Certamente um grande número de pessoas usa sapatos com solas de borracha? — arguiu Poirot.

— É claro — disse o inspetor. — Eu não estaria dando tanta ênfase às marcas dos sapatos se não fosse por todo o resto.

— Um jovem muito tolo, o capitão Ralph Paton — disse Poirot pensativo. — Deixar tanta evidência de sua presença.

— Ah! Bem — disse o inspetor —, estava uma agradável noite seca, veja. Ele não deixou marcas no terraço ou no caminho de cascalho. Mas, infelizmente para ele, uma poça d’água deve ter se formado bem no final do caminho a partir da via principal. Veja aqui.

Um pequeno caminho de cascalho se juntava ao terraço a alguns pés de distância. Em um ponto, a alguns metros de seu término, o solo estava úmido e lamacento.

Cruzando este local úmido havia novamente marcas de passos e entre elas as de sapato com sola de borracha.

Poirot seguiu o caminho mais um pouco, com o inspetor ao seu lado.

— Você reparou nas pegadas femininas? — ele disse subitamente.

O inspetor riu.

— Naturalmente. Mas várias mulheres percorreram este caminho... e homens também. É um atalho regular para a casa, sabe. Seria impossível identificar todas as pegadas. Afinal, são as que estão no peitoril da janela que realmente importam.

Poirot acenou com a cabeça.

— Não vale a pena continuar mais — disse o inspetor, ao chegarmos à estrada. — É tudo cascalho aqui novamente, e tão duro quanto pode ser.

Mais uma vez Poirot acenou com a cabeça, mas seus olhos estavam fixos em uma pequena casa no jardim, uma espécie de casa de verão. Ficava um pouco à esquerda do caminho à nossa frente, e uma vereda de cascalho levava até ela.

Poirot ficou por ali até o inspetor voltar para a casa. Então olhou para mim.

— Você deve mesmo ter sido enviado pelo bom Deus para substituir meu amigo Hastings — ele disse com um olhar malicioso. — Eu noto que você não sai do meu lado. O que você diria, doutor Sheppard, de investigarmos esta casa de verão? Ela me interessa.

Ele foi até a porta e a abriu. Dentro, o lugar estava praticamente às escuras. Havia uma ou duas cadeiras rústicas, um conjunto de críquete, e algumas espreguiçadeiras dobráveis.

Fiquei surpreso ao observar meu novo amigo. Ele estava de quatro no chão e arrastava-se tateando. De vez em quando balançava a cabeça como se não estivesse satisfeito. Finalmente sentou-se sobre os calcanhares.

— Nada — murmurou. — Bem, talvez não fosse muito de esperar. Mas teria significado muito...

Parou de repente e aprumou-se. Então estendeu a mão até uma das espreguiçadeiras, e desprendeu alguma coisa de sua lateral.

— O que é isso? — indaguei. — O que você encontrou?

Ele sorriu e abriu a mão para que eu pudesse ver. Um pedaço de tecido branco endurecido.

Eu peguei, olhei para aquilo com curiosidade e devolvi.

— O que você acha disto, meu amigo? — ele perguntou olhando-me fixamente.

— Um pedaço de lenço rasgado — sugeri, levantando os ombros.

Com outro movimento brusco pegou uma pequena pena; uma pena de ganso, ao que parecia.

— E isto? — gritou triunfante. — O que acha disto?

Eu apenas olhava espantado.

Ele colocou a pena no bolso, e olhou novamente para o pedaço de tecido branco.

— Um fragmento de lenço? — ele refletiu. — Talvez você tenha razão. Mas lembre-se: *uma boa lavanderia não engoma um lenço.*

Ele acenou para mim triunfantemente, e então guardou com cuidado o pedaço de tecido em sua caderneta de bolso.

9
o lago dos peixinhos dourados

retornamos juntos para a casa. Não havia sinal do inspetor. Poirot parou no terraço e ficou lá de pé, de costas para a casa, girando levemente a cabeça de um lado a outro.

— *Une belle propriété* — ele disse finalmente, apreciativo. — Quem vai herdá-la?

Suas palavras me causaram quase um choque. Pode parecer estranho, mas até aquele momento a questão da herança não tinha me ocorrido. Poirot me observava intensamente.

— Esta é uma ideia nova para você — disse finalmente —, você não tinha pensado nisso ainda, não?

— Não — eu disse sinceramente. — Gostaria de ter pensado.

Ele me olhou de novo, com curiosidade.

— Pergunto-me exatamente o que você quer dizer com isso — ele disse pensativo. — Ah! Não — ele me interrompeu quando recomecei a falar. — *Inutile*! Você não me diria o que realmente pensa.

— Todos têm algo a esconder — eu citei, sorrindo.

— Exatamente.

— Você ainda acredita nisso?

— Mais do que nunca, meu amigo. Mas não é fácil esconder coisas de Hercule Poirot. Ele tem a habilidade de descobri-las.

Ele desceu os degraus do jardim enquanto falava.

— Vamos caminhar um pouco — ele disse por sobre o ombro. — O ar está agradável hoje.

Eu o segui. Ele me levou por um caminho à esquerda ladeado por sebes de teixos. Uma passagem levava pelo centro, margeada por canteiros de flores, e no final havia um nicho com um assento e um tanque de peixes dourados. Em vez de continuar o caminho até o final, Poirot pegou outro caminho que circundava a lateral de um declive arborizado. Em um ponto, as árvores haviam sido retiradas, e um assento fora colocado. Sentado ali se tinha uma vista esplêndida de toda a região, e viam-se diretamente o nicho pavimentado e o tanque de peixes dourados.

— A Inglaterra é linda — disse Poirot, seus olhos perdidos na paisagem. Ele então sorriu. — E também as moças inglesas — ele disse em voz mais baixa. — Quieto, meu amigo, e olhe a linda vista abaixo.

Foi então que vi Flora. Ela se deslocava ao longo do caminho que acabáramos de deixar e cantarolava um pequeno trecho de uma canção. Seu andar parecia mais dançar do que caminhar, e, apesar de seu vestido preto, só havia alegria em toda a sua atitude. Ela fez uma pirueta súbita sobre os calcanhares, e sua saia rodopiou. E ao mesmo tempo ela jogava a cabeça para trás e ria francamente.

Ao fazer isso um homem saiu de trás das árvores. Era Hector Blunt.

A moça se assustou. Sua expressão mudou um pouco.

— Que susto você me deu, não o havia visto.

Blunt não disse nada, mas ficou ali olhando por um instante em silêncio.

— O que eu gosto no senhor — disse Flora, com um toque de malícia —, é sua conversa animada.

Eu imaginei que com isso, sob seu bronzeado, Blunt enrubesceu. Sua voz, quando ele falou, soava diferente, havia uma curiosa humildade nela.

— Nunca fui um homem de falar muito. Nem quando era jovem.

— Isso foi há muito tempo, imagino — disse Flora seriamente.

Captei o riso que se escondia sob sua voz, mas não creio que Blunt tenha percebido.

— Sim — ele disse simplesmente —, foi...

— Como é ser Matusalém? — perguntou Flora.

Dessa vez o riso era mais óbvio, mas Blunt estava interessado em algum pensamento próprio.

— Lembra o cara que vendeu sua alma ao diabo? Para poder ser jovem novamente? Há uma ópera sobre isso.

— *Fausto*, você quer dizer?

— Esse mesmo. História de doido. Alguns de nós faríamos o mesmo, se pudéssemos.

— Qualquer um pensaria que o senhor estava desesperado por falar — afirmou Flora entre envergonhada e divertida.

Blunt não disse nada por um instante. Então olhou distante para além de Flora, e falou para um tronco próximo que era hora de voltar para a África.

— Você vai partir em outra expedição, atirando em animais?

— Espero que sim. Normalmente o faço, você sabe... atirar em animais, quero dizer.

— O senhor caçou aquela cabeça que está no corredor, não foi?

Blunt acenou com a cabeça. Então falou abruptamente, enrubescendo muito ao fazê-lo:

— Gostaria de algumas peles bonitas, qualquer hora dessas? Se quiser, posso consegui-las para você.

— Oh! Por favor, sim — clamou Flora. — O senhor fará isso mesmo? Não esquecerá?

— Não esquecerei — disse Hector Blunt.

Ele acrescentou, em uma explosão súbita de comunicabilidade:

— Hora de ir. Não sou bom neste tipo de vida. Não tenho o jeito para isto. Sou um sujeito rude, nada habituado à sociedade. Nunca me lembro das coisas que esperam que sejam ditas. Sim, é hora de ir.

— Mas não irá imediatamente — disse Flora. — Não enquanto estivermos em meio a este problema. Oh! Por favor. Se for...

Ela se voltou um pouco.

— Quer que eu fique? — perguntou Blunt.

Ele falou intencionalmente, mas com simplicidade.

— Nós todos...

— Quero dizer, você, pessoalmente — disse Blunt assertivamente.

Flora voltou-se novamente e olhou-o nos olhos.

— Eu quero que fique — ela disse —, se... se isto faz alguma diferença.

— Faz toda a diferença — disse Blunt.

Houve um momento de silêncio. Sentaram-se no banco de pedra próximo ao tanque de peixes dourados. Parecia que nenhum dos dois sabia muito bem o que dizer em seguida.

— Está... está uma manhã tão adorável — disse Flora finalmente. — Sabe, não posso evitar me sentir feliz, apesar... apesar de tudo. Isso é horrível, imagino?

— Muito natural — disse Blunt. — Você não conhecia seu tio até dois anos atrás, não é? Não se pode esperar que se entristeça em demasia. Muito melhor não ser hipócrita sobre isso.

— Há algo de muito consolador na sua presença — disse Flora. — Faz as coisas ficarem tão simples.

— As coisas são simples por princípio — disse o grande caçador.

— Nem sempre — disse Flora.

Sua voz baixara, e vi Blunt virar-se para olhá-la, trazendo seus olhos de volta (aparentemente) da costa da África. Ele evidentemente fez sua própria interpretação sobre a mudança em seu tom de voz, pois disse, depois de um momento, de uma forma bastante abrupta:

— O que digo, sabe, é que não deve se preocupar. Sobre esse jovem, quero dizer. O inspetor é um burro. Todos sabem disso... é absolutamente absurdo supor que ele o tenha feito. Homem de fora. Um ladrão. Essa é a única solução possível.

Flora virou-se para olhá-lo.

— Acha isso realmente?

— Você não? — disse Blunt apressado.

— Eu — oh, sim, claro.

Outro silêncio e então Flora explodiu:

— Eu estou... eu lhe direi por que me sentia tão feliz esta manhã. Por mais que possa me considerar sem coração, eu lhe direi. É porque o advogado tem sido... mr. Hammond. Ele nos falou sobre o testamento. O tio Roger deixou-me vinte mil libras. Pense só... vinte mil maravilhosas libras.

Blunt olhou-a surpreso.

— Significa tanto para você?

— Se significa muito para mim? Ohohohoh, é tudo. Liberdade, uma vida livre de intrigas, coisas usadas e mentiras.

— Mentiras? — disse Blunt, interrompendo vivamente.

Flora pareceu espantada por um instante.

— Você sabe o que quero dizer — disse ela incerta. — Fingir ser grata por todas as coisas desagradáveis e rejeitadas que os parentes ricos lhe dão. Os casacos e saias e chapéus do ano passado.

— Não sei muito sobre roupas de mulher, mas diria que você sempre esteve muito bem apresentada.

— Custava-me, no entanto — disse Flora em voz baixa. — Não falemos de coisas terríveis. Estou tão feliz. Sou tão livre. Livre para fazer o que quiser. Livre para não...

Ela parou de repente.

— Não o quê? — perguntou Blunt rapidamente.

— Esqueci. Nada importante.

Blunt tinha uma vareta na mão, e a enfiou no tanque, cutucando alguma coisa.

— O que está fazendo, major Blunt?

— Tem alguma coisa brilhando ali. Pergunto-me o que será...parece um broche de ouro. Agora eu agitei a lama

o objeto se foi.

— Talvez seja uma coroa — sugeriu Flora. — Como a que Mélisande viu na água.

— Mélisande — disse Blunt pensativo —, é uma ópera, não é?

— Sim, você parece saber muito sobre óperas.

— As pessoas me levam algumas vezes — disse Blunt tristemente. — Ideia curiosa de divertimento... barulheira pior do que aquela que os nativos fazem com seus tambores.

Flora riu.

— Eu me lembro de Mélisande — continuou Blunt —, casou-se com um homem velho o bastante para ser seu pai.

Ele jogou um seixo no tanque de peixes dourados. E, com uma mudança de tom, virou-se para Flora.

— Miss Ackroyd, posso fazer alguma coisa? Sobre Paton, quero dizer. Sei quanto você deve estar terrivelmente ansiosa.

— Obrigada — disse Flora com uma voz fria. — Não há nada realmente a ser feito. Ralph vai ficar bem. Eu arrumei o melhor detetive do mundo, e ele vai descobrir a verdade.

Já fazia algum tempo eu me sentia inquieto quanto à nossa posição. Não estávamos exatamente espionando, já que os dois no jardim debaixo tinham que apenas levantar a cabeça para nos ver. No entanto, eu teria chamado a atenção para nossa presença antes, se meu companheiro não tivesse pressionado levemente meu braço indicando-me para não fazê-lo. Com certeza ele queria que eu ficasse em silêncio.

Mas agora ele se levantou rapidamente pigarreando.

— Peço perdão — ele disse bem alto. — Não posso permitir que mademoiselle me elogie assim, extravagantemente, sem chamar a atenção para a minha presença. Dizem que os que escutam não ouvem coisas boas sobre si mesmo, mas esse não foi o caso. Para poupar meu enrubescimento, devo me aproximar e desculpar-me.

Ele desceu rapidamente o caminho comigo em seu calcanhar, e se juntou aos outros no laguinho.

— Este é monsieur Poirot — disse Flora. — Imagino que tenha ouvido falar dele.

Poirot curvou-se.

— Conheço o major Blunt por sua reputação — disse polidamente. — Fico contente de encontrá-lo, monsieur. Estou precisando de uma informação que você pode me dar.

Blunt olhou para ele de modo interrogativo.

— Quando foi a última vez que viu mr. Ackroyd vivo?

— No jantar.

— E você não o viu ou ouviu absolutamente depois disso?

— Não o vi. Ouvi sua voz.

— Como foi?

— Eu passeava no terraço...

— Desculpe-me, mas a que horas foi isso?

— Por volta de 21h30. Eu andava de um lado para o outro fumando diante da janela do salão. Ouvi Ackroyd falando em seu escritório...

Poirot inclinou-se e removeu uma erva daninha microscópica.

— Com certeza você não podia ouvir vozes no escritório estando nesta parte do terraço — ele

murmurou.

Ele não estava olhando para Blunt, mas eu estava, e, para minha grande surpresa, vi este último corar.

— Eu andei até o canto — ele explicou a contragosto.

— Ah! Realmente? — disse Poirot.

De uma maneira suave ele indicava que esperava o resto.

— Pensei ter visto... uma mulher desaparecendo entre os arbustos. Apenas um vislumbre de branco. Devo ter me enganado. Foi quando estava parado no canto do terraço que ouvi a voz de Ackroyd falando com seu secretário.

— Falando com mr. Geoffrey Raymond?

— Sim, foi o que achei naquele momento. Parece que eu me enganei.

— Mr. Ackroyd não se dirigiu a ele pelo nome?

— Oh! Não.

— Então, se me permite perguntar, por que achou...

Blunt explicou laboriosamente.

— Eu supus que era Raymond porque ele dissera pouco antes de eu sair que estava levando alguns papéis para Ackroyd. Nunca achei que fosse outra pessoa.

— Pode lembrar as palavras que ouviu?

— Receio que não. Alguma coisa bastante comum e sem importância. Ouvi apenas um fragmento. Eu pensava em outra coisa naquele momento.

— Não tem importância — murmurou Poirot. — Você moveu uma poltrona de volta contra a parede quando entrou no escritório depois que o corpo foi descoberto?

— Poltrona? Não. Por que o faria?

Poirot encolheu os ombros e não respondeu. Ele se voltou para Flora.

— Tem uma coisa que gostaria de saber de você, mademoiselle. Quando estava examinando as coisas da mesa-mostruário com o doutor Sheppard, a adaga estava ou não no lugar?

Flora levantou o rosto abruptamente.

— O inspetor Raglan tem me perguntado isso — ela falou ressentida. — Eu disse a ele e repito a você. Tenho certeza absoluta de que a adaga *não* estava lá. Ele acha que estava e que Ralph a apanhou sorrateiramente mais tarde naquela noite. E ele não acredita em mim. Ele pensa que estou falando isso para proteger Ralph.

— E não está? — perguntei sério.

Flora bateu os pés com força.

— O senhor também, doutor Sheppard! Oh! Isso está mal.

Poirot mudou de assunto habilmente.

— É verdade o que disse o major Blunt. Há algo brilhando neste laguinho. Vejamos se consigo alcançá-lo.

Ele se ajoelhou ao lado do laguinho e desnudando o braço até o cotovelo, baixou-o na água bem devagar para não agitar o fundo do poço. Porém, apesar de toda a precaução, a lama revirou e turvou a água, e ele foi forçado a retirar o braço de mão vazia.

Ele olhou pesarosamente para a lama em seu braço. Ofereci-lhe meu lenço, que ele aceitou com fervorosos agradecimentos. Blunt olhou para o relógio.

— Quase hora do almoço — ele disse. — Melhor começarmos a retornar para casa.

— O senhor vai almoçar conosco, monsieur Poirot? — perguntou Flora. — Gostaria que conhecesse minha mãe. Ela gosta muito de Ralph.

O homenzinho curvou-se.

— Ficarei encantado, mademoiselle.

— E o senhor ficará também, não é, doutor Sheppard?

Hesitei.

— Oh! Fique!

Eu queria ficar, e então aceitei sem mais cerimônias.

Partimos em direção à casa, com Flora e Blunt seguindo na frente.

— Que cabelos — disse Poirot para mim em voz baixa, acenando na direção de Flora. — O verdadeiro dourado! Eles farão um belo casal. Ela e o moreno e belo capitão Paton. Não é?

Olhei para ele de modo inquiridor, mas ele começou a ocupar-se com algumas gotas microscópicas de água na manga de seu casaco. O homem me lembrava um pouco um gato. Seus olhos verdes e seus hábitos meticulosos.

— E tudo por nada, também — eu disse solidário. — Pergunto-me o que havia no laguinho.

— Você gostaria de ver? — perguntou Poirot.

Eu o olhei fixo. Ele acenou.

— Meu bom amigo — disse repreendendo-me com delicadeza —, Hercule Poirot não corre o risco de desordenar seus trajes sem ter certeza de alcançar seu objetivo. Do contrário seria ridículo e absurdo. Eu nunca sou ridículo.

— Mas sua mão saiu vazia — objetei.

— Há momentos em que ser discreto é necessário. Você diz tudo aos seus pacientes — tudo, doutor? Acho que não. E você também não conta tudo a sua extraordinária irmã, conta? Antes de mostrar minha mão vazia, passei para a outra mão o que eu tinha. Vou lhe mostrar o que era.

Ele esticou sua mão esquerda e a abriu. Sobre a palma havia um pequeno círculo de ouro. Uma aliança de casamento feminina.

Eu a peguei.

— Veja no interior — mandou Poirot.

Eu o fiz. Dentro havia uma inscrição feita em fina caligrafia:

de r., 13 de março.

Olhei para Poirot, mas ele estava ocupado verificando sua aparência em um pequeno espelho de bolso. Ele prestava atenção particular ao bigode, e nenhuma a mim. Percebi que ele não pretendia falar sobre o assunto.

10
a copeira

encontramos mrs. ackroyd no corredor. Com ela estava um homenzinho encarquilhado, de queixo agressivo e olhos cinzas aguçados, e com a palavra “advogado” estampada na testa.

— Mr. Hammond almoçará conosco — disse mrs. Ackroyd. — Conhece o major Blunt, mr. Hammond? E o querido doutor Sheppard, também um amigo próximo do pobre Roger. E, deixe-me ver...

Ela parou, avaliando Hercule Poirot com perplexidade.

— Esse é monsieur Poirot, mãe — disse Flora. — Eu lhe falei sobre ele esta manhã.

— Oh! Sim — disse mrs. Ackroyd vagamente. — Claro, querida, claro. Ele deverá encontrar Ralph, não é?

— Ele irá descobrir quem matou meu tio — disse Flora.

— Oh! Minha querida — exclamou sua mãe. — Por favor! Meus pobres nervos. Estou um caco esta manhã, um caco total. Uma coisa tão terrível. Não paro de achar que deve ter sido algum tipo de acidente. Roger gostava tanto de manusear raridades estranhas. Sua mão deve ter escorregado ou algo assim.

Essa teoria foi recebida em polido silêncio. Vi Poirot aproximar-se do advogado e falar com ele em tom

confidencial. Eles se afastaram para o vão da janela. Eu me dirigi a eles, e então hesitei.

— Talvez esteja me intrometendo — eu disse.

— De jeito algum — clamou Poirot sinceramente. — Você e eu, monsieur *le docteur*, estamos investigando juntos esse assunto. Sem você eu estaria perdido. Quero uma pequena informação do bom mr. Hammond.

— Está agindo em nome do capitão Ralph Paton, eu presumo — disse o advogado com cautela.

Poirot balançou a cabeça negativamente.

— Não é verdade. Estou agindo em nome da justiça. Miss Ackroyd me pediu que investigasse a morte de seu tio.

Mr. Hammond pareceu um pouco surpreso.

— Eu não posso acreditar seriamente que o capitão Paton possa estar envolvido nesse crime — ele disse —, independentemente do quanto as evidências contra ele sejam fortes. O simples fato de ele ter tido dificuldades financeiras...

— Ele estava com dificuldades financeiras? — atalhou Poirot rapidamente.

O advogado encolheu os ombros.

— Era uma condição crônica para Ralph Paton — ele disse secamente. — O dinheiro se esvaía feito água por suas mãos. Ele estava sempre recorrendo ao padrasto.

— Ele fez isso recentemente? Durante o último ano, por exemplo?

— Não saberia dizer. Mr. Ackroyd não comentou nada comigo.

— Compreendo. Mr. Hammond, presumo que esteja familiarizado com a disposição do testamento de mr. Ackroyd?

— Certamente. Esse é meu assunto principal hoje aqui.

— Então, entendendo que estou agindo em nome de miss Ackroyd, você não irá se opor em me dizer quais são os termos do testamento?

— São muito simples. Retirando a terminologia legal, e depois de pagar alguns impostos de transmissão e legados...

— Tais como? — interrompeu Poirot.

Mr. Hammond pareceu um pouco surpreso.

— Mil libras para sua governanta, miss Russell; cinquenta libras para a cozinheira, Emma Cooper; quinhentas libras para seu secretário, mr. Geoffrey Raymond. Em seguida vários hospitais...

Poirot levantou a mão.

— Ah! Os legados caritativos, esses não me interessam.

— Muito bem. A renda sobre dez mil libras em ações será paga à miss Cecil Ackroyd enquanto for viva. Miss Flora Ackroyd herda vinte mil libras diretamente. O restante, incluindo esta propriedade e as ações da Ackroyd e Filho ficam para seu filho adotivo, Ralph Paton.

— Mr. Ackroyd possuía uma grande fortuna?

— Uma enorme fortuna. O capitão Paton será um jovem muitíssimo rico.

Houve um silêncio. Poirot e o advogado se olharam.

— Mr. Hammond — ouviu-se a voz queixosa de mrs. Ackroyd vindo da lareira.

O advogado respondeu ao chamado. Poirot pegou meu braço e me levou direto para a janela.

— Olhe as íris — ele observou em voz bastante alta. — São magníficas, não são? Um efeito impactante e

agradável.

Ao mesmo tempo eu sentia a pressão de sua mão em meu braço, e ele acrescentou em voz baixa:

— Você quer mesmo me ajudar? Fazer parte desta investigação?

— Sim, claro — eu disse entusiasmado. — Não há nada que queira mais. Você não sabe que vida entediada de velho eu levo. Nada nunca fora do comum.

— Ótimo, seremos colegas então. Em alguns instantes imagino que o major Blunt se reunirá a nós. Ele não está feliz na companhia da boa mãe. Bem, há algumas coisas que quero saber, mas não quero que fique parecendo que estou interessado. Compreende? Então caberá a você fazer as perguntas.

— Que perguntas quer que eu faça? — perguntei apreensivo.

— Quero que introduza o nome de mrs. Ferrars.

— Sim?

— Fale nela de maneira natural. Pergunte-lhe se ele estava aqui quando o marido dela morreu. Você percebe o que estou querendo. E, quando ele responder, observe seu rosto sem que ele perceba. *C'est compris*?

Não deu tempo para mais, pois nesse segundo, como Poirot havia previsto, Blunt deixou os outros em sua maneira abrupta e encaminhou-se para nós.

Sugeri darmos uma volta no terraço e ele concordou. Poirot ficou para trás.

Parei para examinar uma rosa tardia.

— Como as coisas mudam ao longo de um dia ou mais — observei. — Estive aqui na quarta-feira, me lembro, caminhando neste mesmo terraço. Ackroyd estava comigo, todo animado. E agora, três dias depois,

Ackroyd está morto, pobre homem. Mrs. Ferrars está morta, você a conheceu, não é? Claro que sim.

Blunt acenou que sim com a cabeça.

— Você a viu desta vez, desde que chegou?

— Fui visitá-la com Ackroyd. Na última quinta-feira, eu acho. Mulher fascinante, mas tinha algo estranho sobre ela. Algo profundo, nunca se sabia o que ela tinha em mente.

Olhei em seus firmes olhos acinzentados. Não havia nada ali com certeza. Continuei:

— Imagino que a tenha encontrado antes.

— Na última vez em que estive aqui, ela e seu marido tinham acabado de se mudar. — Ele parou um minuto e acrescentou:

— Coisa estranha, ela mudou muito de lá para cá.

— Mudou como? — perguntei.

— Parecia dez anos mais velha.

— Você estava aqui quando o marido morreu? — perguntei, tentando fazer a pergunta soar o mais casual possível.

— Não. Por tudo o que ouvi foi uma boa solução. Talvez não soe muito compassivo, mas é a verdade.

Concordei.

— Ashley Ferrars não era de forma alguma um marido-padrão — eu disse com cautela.

— Um salafrário, em minha opinião — disse Blunt.

— Não — eu disse —, apenas um homem com mais dinheiro do que seria aconselhável.

— Oh! Dinheiro! Todos os problemas no mundo podem se resumir a dinheiro, ou à falta dele.

— Qual tem sido o seu tipo de problema? — perguntei.

— Tenho o suficiente para o que quero. Sou um dos afortunados.

— Realmente.

— Na verdade, não estou tão abonado agora. Recebi uma herança há um ano, e como um tolo me deixei persuadir em aplicar em negócios arriscados.

Compadeci-me e narrei meu problema similar.

O gongo então soou, e fomos todos almoçar. Poirot me atrasou um pouco.

— *Eh*! *Bien*?

— Ele está o.k. — eu disse —, tenho certeza.

— Nada... perturbador?

— Ele recebeu uma herança há apenas um ano — eu disse. — Mas por que não? Por que não receberia? Posso jurar que o homem é perfeitamente honesto e correto.

— Sem dúvida, sem dúvida — disse Poirot calmamente. — Não se aborreça.

Ele falou como se fosse para uma criança mal-humorada.

Seguimos todos para a sala de jantar. Parecia incrível que menos de vinte e quatro horas haviam se passado desde que me sentara pela última vez àquela mesa.

Mais tarde, mrs. Ackroyd levou-me para o canto e sentou-se comigo no sofá.

— Não posso deixar de me sentir um pouco magoada — ela murmurou, segurando um lenço que obviamente não fora destinado a enxugar lágrimas. — Magoada, quero dizer, pela falta de confiança de Roger em mim. Essas vinte mil libras deveriam ter sido deixadas para *mim*, não para Flora. Deve-se confiar em uma mãe para proteger os interesses de sua filha. Falta de confiança, é como chamo isso.

— Isso passará, mrs. Ackroyd — eu disse —, Flora era sobrinha de Ackroyd, parente de sangue. Teria sido diferente se a senhora fosse irmã dele, e não sua cunhada.

— Como pobre viúva de Cecil, creio que meus sentimentos deveriam ter sido levados em consideração — disse a senhora, tocando os cílios levemente com o lenço. — Porém, Roger sempre foi muito peculiar — para não dizer *mau* — em questões de dinheiro. Tem sido uma posição difícil tanto para Flora quanto para mim. Ele não dava sequer uma mesada à pobre criança. Ele pagava suas contas, sabe, e mesmo assim com grande relutância e perguntando para que precisava de todas essas bobagens — tão masculino —, mas — agora esqueci o que ia dizer! Oh, sim, nenhum centavo que pudéssemos chamar de nosso. Flora ressentia-se disso — sim, devo dizer que ela se ressentia disso — intensamente. Embora devotada ao tio, é claro. Mas qualquer moça sentiria o mesmo. Sim, devo dizer que Roger tinha ideias muito estranhas sobre o dinheiro. Ele não comprava nem novas toalhas de rosto, embora eu lhe dissesse que as velhas estavam cheias de buracos. E então — prosseguiu mrs. Ackroyd, com um salto repentino, tão característico de sua conversação — deixar todo esse dinheiro, mil libras, imagine, mil libras!, para essa mulher.

— Que mulher?

— Essa mulher, Russell. Há algo de muito estranho sobre ela, e sempre disse isso. Mas Roger não queria ouvir uma única palavra contra ela. Dizia que ela era uma mulher de grande força de caráter, e que ele a admirava e respeitava. Ele sempre falava sobre sua integridade e independência e valor moral. Eu acho que

há algo suspeito sobre ela. Ela certamente fez o que podia para casar-se com Roger. Mas logo pus um ponto final nisso. Ela sempre me odiou. Naturalmente. Eu *via* através dela.

Comecei a me perguntar se havia alguma maneira de estancar a eloquência de mrs. Ackroyd e escapar.

Mr. Hammond proveu a distração necessária vindo despedir--se. Agarrei minha chance e me levantei também.

— Sobre o inquérito — eu disse —, onde você gostaria que acontecesse, aqui ou na Three Boars?

Mrs. Ackroyd me olhou boquiaberto.

— O inquérito? — ela perguntou com a imagem da consternação. — Mas certamente não haverá nenhum inquérito.

Mr. Hammond emitiu uma pequena tosse seca e murmurou em dois pigarros: — Inevitável. Sob as circunstâncias.

— Mas certamente o doutor Sheppard pode ajeitar...

— Há limites para o que posso fazer — disse secamente.

— Se a morte foi um acidente...

— Ele foi assassinado, mrs. Ackroyd — disse brutalmente.

Ela soltou um pequeno grito.

— Nenhuma teoria sobre acidente se manterá por muito tempo.

Mrs. Ackroyd me olhou com angústia. Eu não tinha paciência para o que achava ser seu medo tolo por coisas desagradáveis.

— Se houver um inquérito, não vou precisar responder a nenhuma pergunta e tudo o mais, vou? —

ela perguntou.

— Não sei o que será necessário — respondi. — Imagino que mr. Raymond vai aliviá-la. Ele conhece todas as circunstâncias e pode dar os dados para uma evidência formal de identificação.

O advogado assentiu com uma leve inclinação.

— Não creio realmente que haja nada a temer, mrs. Ackroyd — ele disse. — Você será poupada de todo aspecto desagradável. Agora, com relação à questão financeira, a senhora tem tudo o que precisa no momento? Quero dizer — ele acrescentou, quando ela o olhou de forma inquiridora —, dinheiro em mãos. Espécie, veja. Se não, posso arranjar para que tenha o que precisar.

— Há o suficiente — disse Raymond, que estava perto. — Mr. Ackroyd descontou um cheque de cem libras ontem.

— Cem libras?

— Sim. Para salários e outras despesas vencendo hoje. Até o momento não foi utilizado.

— Onde está o dinheiro? Em sua escrivaninha?

— Não, ele sempre mantinha dinheiro em espécie em seu quarto. Em uma antiga caixa de colarinhos, para ser exato. Ideia engraçada, não é?

— Creio — disse o advogado — que devemos nos certificar de que o dinheiro está lá antes que eu parta.

— Certamente — concordou o secretário. — Eu o levarei para cima agora... Oh! Esqueci. A porta está trancada.

Perguntas a Parker revelaram a informação de que o inspetor Raglan estava no quarto da governanta fazendo perguntas adicionais. Alguns minutos depois o inspetor

se reuniu ao grupo no corredor, trazendo a chave. Ele destrancou a porta e passamos para o saguão, e logo subimos pela pequena escada. No topo do lance a porta para o quarto de Ackroyd estava aberta. Dentro estava escuro, as cortinas fechadas e a cama arrumada como na noite anterior. O inspetor abriu as cortinas, deixando entrar a luz do sol, e Geoffrey Raymond dirigiu-se à gaveta superior de uma cômoda de pau-rosa.

— Ele guardava seu dinheiro assim, em uma gaveta destrancada. Imagine — comentou o inspetor.

O secretário enrubesceu um pouco.

— Mr. Ackroyd tinha total confiança na honestidade de todos os empregados — disse com fervor.

— Oh! Realmente — disse o inspetor apressadamente.

Raymond abriu a gaveta, pegou uma caixa de couro de colarinhos, abriu-a e retirou uma carteira espessa.

— Aqui está o dinheiro — ele disse, tirando um rolo grosso de notas. — Você encontrará as cem libras intactas, eu sei, pois mr. Ackroyd as colocou na caixa de colarinhos ontem à noite na minha presença quando se vestia para o jantar, e, claro, não foi tocado desde então.

Mr. Hammond pegou o rolo de notas e contou. Olhou para cima repentinamente.

— Cem libras, você disse. Mas aqui há apenas sessenta.

Raymond fitou-o espantado.

— Impossível! — gritou, lançando-se para a frente. Pegando as notas das mãos do outro, contou-as em voz alta.

Mr. Hammond estava certo. O total somava sessenta libras.

— Mas não compreendo isso — clamou o secretário, aturdido.

Poirot fez uma pergunta.

— Você viu mr. Ackroyd guardar esse dinheiro ontem à noite quando se vestia para o jantar? Você tem certeza de que ele não tinha feito ainda nenhum pagamento?

— Tenho certeza que não. Ele mesmo disse, “não quero levar cem libras comigo para o jantar. É muito volumoso”.

— Então o caso é muito simples — observou Poirot. — Ou ele pagou essas quarenta libras em algum momento durante a noite, ou foi roubado.

— Esse é o resumo da situação — concordou o inspetor. Ele se voltou para mrs. Ackroyd. — Quais dos empregados viriam aqui ontem à noite?

— Suponho que a arrumadeira prepararia a cama.

— Quem é ela? O que sabe a seu respeito?

— Ela não está aqui há muito tempo — disse mrs. Ackroyd. — Mas ela é uma moça do campo boa e simples.

— Creio que precisamos esclarecer esse assunto — disse o inspetor. — Se mr. Ackroyd fez pagamento em dinheiro, pode ter uma relação com o mistério do crime. Os outros empregados estão limpos, pelo que saiba?

— Oh, penso que sim.

— Nada faltou antes?

— Não.

— Ninguém foi embora, ou algo assim?

— A copeira está indo embora.

— Quando?

— Ela comunicou ontem, eu acho.

— Ao senhor?

— Oh, não. Eu não tenho nada a ver com os empregados. Miss Russell cuida dos assuntos domésticos.

O inspetor ficou imerso em pensamentos por um instante. Então acenou com a cabeça e observou:

— Creio que é melhor que eu fale com miss Russell, e verei também a menina Dale.

Poirot e eu o acompanhamos ao quarto da governanta. Miss Russell nos recebeu com seu usual *sang-froid*.

Elsie Dale estava em Fernly havia cinco meses. Uma boa moça, rápida em seus afazeres, e muito respeitosa. Boas referências. A última moça no mundo que pegaria algo que não lhe pertencesse.

E a copeira?

— Ela é também uma pessoa digna de elogios. Muito quieta e de boas maneiras. Uma excelente trabalhadora.

— Então, por que está indo embora? — perguntou o inspetor.

Miss Russell apertou os lábios.

— Não foi por minha causa. Entendi que mr. Ackroyd achou que ela fez algo errado ontem à tarde. Era sua função limpar o escritório, e ela desordenou alguns papéis que estavam em sua escrivaninha, eu acho. Ele ficou muito aborrecido com isso, e ela se demitiu. Pelo menos, foi o que compreendi do que me disse, mas talvez vocês queiram falar com ela pessoalmente?

O inspetor concordou. Eu já tinha reparado na moça quando ela nos serviu o almoço. Uma moça alta, com fartos cabelos castanhos bem presos na nuca, e serenos olhos cinza. Ela veio atendendo ao chamado da

governanta e ficou parada bem ereta com esses mesmos olhos cinzas fixos em nós.

— Você é Ursula Bourne? — o inspetor perguntou.

— Sim, senhor.

— Ouvi dizer que está indo embora?

— Sim, senhor.

— E por quê?

— Desarrumei alguns papéis que estavam na escrivaninha de mr. Ackroyd. Ele ficou muito zangado com isso, e eu disse que era melhor ir embora. Ele me disse que fosse o mais cedo possível.

— Você esteve no quarto de mr. Ackroyd ontem à noite? Arrumando ou outra coisa?

— Não, senhor. Essa é função da Elsie. Eu nunca cheguei perto dessa parte da casa.

— Devo dizer, minha jovem, que uma grande quantia de dinheiro sumiu do quarto de mr. Ackroyd.

Afinal ela perdeu a serenidade. Uma onda de rubor lhe cobriu o rosto.

— Não sei nada sobre dinheiro algum. Se o senhor acha que o peguei, e por isso mr. Ackroyd me dispensou, o senhor está enganado.

— Não estou lhe acusando de pegá-lo, minha jovem — disse o inspetor. — Não se exalte assim.

A moça o olhou friamente.

— O senhor pode revistar minhas coisas, se quiser — disse ela com desprezo. — Mas não vai achar nada.

Poirot de repente se interpôs.

— Foi ontem à tarde que mr. Ackroyd a dispensou; ou você se demitiu, foi isso? — ele perguntou.

A moça acenou que sim.

— Quanto tempo durou a entrevista?

— A entrevista?

— Sim, a entrevista entre você e mr. Ackroyd no escritório?

— Eu... eu não sei.

— Vinte minutos? Meia hora?

— Algo assim.

— Não mais?

— Não mais do que meia hora, certamente.

— Obrigado, mademoiselle.

Olhei para ele com curiosidade. Ele estava reordenando alguns objetos na mesa, posicionando-os em ordem com movimentos precisos. Seus olhos brilhavam.

— Isso é tudo — disse o inspetor.

Ursula Bourne desapareceu. O inspetor virou-se para miss Russell.

— Há quanto tempo ela está aqui? Você tem uma cópia da referência que teve dela?

Sem responder à primeira pergunta, miss Russell dirigiu--se a um *bureau* próximo, abriu uma das gavetas, e tirou várias cartas atadas com um prendedor de papel. Ela selecionou uma e entregou ao inspetor.

— Hum — ele disse. — Está legível. Mrs. Richard Folliot, Marby Grange, Marby. Quem é essa mulher?

— Gente bastante boa do condado — disse miss Russell.

— Bem — disse o inspetor, devolvendo-a —, vamos dar uma olhada na outra, Elsie Dale.

Elsie Dale era uma moça grande, loura, com um rosto agradável embora um pouco tolo. Ela respondeu às nossas perguntas bastante prontamente e aparentou pouco incômodo e preocupação pela perda do dinheiro.

— Eu não creio que haja nada errado com ela — observou o inspetor, depois de dispensá-la.

— E com relação a Parker?

Miss Russell cerrou os lábios e não respondeu.

— Tenho uma sensação de que há algo errado com esse homem — o inspetor continuou pensativo. — A questão é que não percebo quando ele teria tido a oportunidade. Ele estaria ocupado com suas tarefas logo após o jantar, e tem um álibi muito bom para a noite toda. Sei disso porque tenho dedicado atenção particular a isso. Bem, muito obrigado, miss Russell. Vamos deixar as coisas como estão por agora. É muito provável que mr. Ackroyd tenha feito um pagamento pessoalmente.

A governanta nos deu um seco boa-tarde, e partimos.

Deixei a casa junto com Poirot.

— Eu me pergunto — eu disse, quebrando o silêncio — que papéis a moça desarrumou para deixar Ackroyd em tal estado. Pergunto-me se há aí alguma chave para o mistério.

— O secretário disse que não havia papéis de importância particular na escrivaninha — disse Poirot calmamente.

— Sim, mas... — pausei.

— Você não acha estranho que Ackroyd tenha ficado enfurecido com um assunto tão trivial?

— Sim, com certeza.

— Mas, seria um assunto trivial?

— Claro — admiti —, não sabemos que papéis eram esses. Mas Raymond certamente disse...

— Deixe Raymond fora disso por um instante. O que você achou da moça?

— Qual moça? A copeira?

— Sim, a copeira. Ursula Bourne.

— Ela parecia uma boa moça — disse hesitante.

Poirot repetiu minhas palavras, dizendo com ênfase.

— Ela *parecia* uma boa moça — sim.

Então, depois de um minuto de silêncio, ele pegou algo em seu bolso e me entregou.

— Veja, meu amigo, vou lhe mostrar algo. Veja aqui.

O papel que me entregou foi o papel compilado pelo inspetor que ele dera a Poirot naquela manhã. Seguindo a indicação de seu dedo, vi uma pequena cruz marcada a lápis ao lado do nome de Ursula Bourne.

— Você pode não ter percebido na hora, meu bom amigo, mas há uma pessoa nesta lista cujo álibi não tem confirmação. Ursula Bourne.

— Você não acha...

— Doutor Sheppard, não ouso dizer nada. Ursula Bourne pode ter matado mr. Ackroyd, mas confesso que não vejo motivo para ela fazer tal coisa. Você percebe?

Ele me olhou com tanta dureza que me senti desconfortável.

— Você percebe? — ele repetiu.

— Nenhum motivo, absolutamente — eu disse com firmeza.

Seu olhar relaxou. Ele franziu as sobrancelhas e murmurou para si mesmo:

— Já que o chantagista era um homem, ela não poderia ser o chantagista, então...

Eu tossi.

— Com relação a isso... — comecei em dúvida.

Ele virou-se bruscamente para mim.

— O quê? O que você ia dizer?

— Nada. Nada. Apenas que, falando estritamente, em sua carta mrs. Ferrars menciona uma *pessoa* — ela não especificou de fato um homem. Mas nós presumimos que fosse, Ackroyd e eu, que *fosse* um homem.

Poirot não parecia me ouvir. Ele estava falando consigo mesmo novamente.

— Mas então é possível afinal — sim, certamente é possível —, mas então — ah! Devo reordenar minhas ideias. Método, ordem; nunca precisei tanto deles. Tudo deve se encaixar — em seu próprio lugar —, ou estarei na pista errada.

Ele interrompeu e voltou-se para mim novamente.

— Onde é Marby?

— Do outro lado de Cranchester.

— A que distância?

— Oh! Catorze milhas, talvez.

— Seria possível para você ir até lá? Amanhã, digamos?

— Amanhã? Vejamos, é domingo. Sim, eu poderia organizar isso. O que você quer que eu faça lá?

— Que encontre essa mrs. Folliot. Descubra tudo o que puder sobre Ursula Bourne.

— Muito bem. Mas esse trabalho não me agrada muito.

— Não é o momento para criar dificuldades. A vida de um homem pode depender disso.

— Pobre Ralph — eu disse com um suspiro. — Você acredita então que ele seja inocente?

Poirot olhou-me seriamente.

— Você quer saber a verdade?

— Claro.

— Então você a terá. Meu amigo, tudo aponta para a suposição de que ele seja culpado.

— O quê! — exclamei.

Poirot acenou com a cabeça.

— Sim, esse inspetor estúpido — porque ele é estúpido — tem tudo apontando para isso. Eu busco a verdade — e a verdade me leva a todo momento para Ralph Paton. Motivo, oportunidade, meio. Mas não deixarei pedra sobre pedra. Prometi à mademoiselle Flora. E ela tinha muita certeza, essa pequena. Muita certeza mesmo.

11
poirot faz uma visita

eu estava um pouco nervoso quando toquei a campainha em Marby Grange na tarde seguinte. Perguntava-me o que Poirot esperava que eu descobrisse. Ele confiara a tarefa a mim. Por quê? Seria porque, como no caso do questionamento ao major Blunt, ele queria permanecer nos bastidores? O pedido, compreensível no primeiro caso, me parecia aqui completamente sem sentido.

Minhas reflexões foram interrompidas pela entrada de uma elegante copeira.

Sim, mrs. Folliott estava em casa. Fui conduzido a um amplo salão de visitas e olhei curiosamente a minha volta, enquanto aguardava a dona da casa. Um grande cômodo vazio, algumas finas porcelanas antigas e algumas belas gravuras, cortinas e estofados gastos. Uma sala feminina em todo o sentido do termo.

Interrompi a inspeção de um Bartolozzi na parede quando mrs. Folliott entrou na sala. Ela era uma mulher alta, com cabelos castanhos desalinhados, e um sorriso muito cativante.

— Doutor Sheppard — ela disse hesitante.

— Esse é meu nome — eu respondi. — Devo desculpar-me por visitá-la assim, mas gostaria de algumas informações sobre uma copeira previamente empregada por você, Ursula Bourne.

Assim que ouviu esse nome o sorriso desapareceu de seu rosto, e toda a cordialidade congelou-se. Ela parecia desconfortável e inquieta.

— Ursula Bourne — ela disse hesitantemente.

— Sim — eu disse. — Talvez você não se lembre do nome?

— Oh, sim, claro. Eu... eu me lembro perfeitamente.

— Ela deixou esta casa há pouco mais de um ano, se entendi bem?

— Sim. Sim, é fato. Está correto.

— E a senhora estava satisfeita com ela enquanto trabalhava aqui? Por quanto tempo ela permaneceu, aliás?

— Oh! Um ou dois anos. Não me lembro exatamente. Ela... ela é muito capaz. Tenho certeza de que vai achá-la bastante satisfatória. Eu não sabia que ela estava deixando Fernly. Não tinha a menor ideia.

— Pode me falar algo sobre ela? — perguntei.

— Algo?

— Sim, de onde ela é, quem é sua família. Esse tipo de coisa?

O rosto de mrs. Folliott mais do que nunca apresentava um semblante frio.

— Não sei absolutamente nada.

— Para quem ela trabalhou antes de vir para cá?

— Receio não estar lembrada.

Havia agora um traço de raiva sob seu nervosismo. Ela jogou a cabeça para trás em um gesto que me era vagamente familiar.

— É realmente necessário fazer todas essas perguntas?

— De forma alguma — eu disse com um ar de surpresa acompanhado de um pedido de desculpas pelo meu mau jeito. — Eu não imaginava que a senhora se importaria de responder. Sinto muito.

Sua irritação dissipou-se e ela ficou novamente confusa.

— Oh! Eu não me importo de respondê-las. Asseguro-lhe que não. Por que deveria? Apenas... apenas pareceu-me um pouco estranho, sabe. Foi isso. Um pouco estranho.

Uma vantagem em ser médico é que em geral podemos dizer quando uma pessoa está mentindo para nós. Apenas pelo jeito de mrs. Folliott eu sabia que ela, sim, se incomodava de responder a minhas perguntas, e incomodava-se muitíssimo. Ela estava totalmente desconfortável e perturbada, e havia claramente um mistério nos bastidores. Eu a julguei ser uma mulher nada habituada a enganar, e, portanto, ficava bem pouco à vontade quando se via obrigada a fazê-lo. Uma criança teria percebido a mentira.

Mas era claro também que ela não tinha intenção de me falar mais nada. Qualquer que fosse o mistério envolvendo Ursula Bourne, eu não o descobriria através de mrs. Folliott.

Derrotado, desculpei-me mais uma vez por incomodá-la, peguei meu chapéu e saí.

Fui ver alguns pacientes e cheguei em casa por volta das 18h. Caroline acabara de tomar seu chá e ainda estava sentada. Ela tinha aquele ar de exultação contida em seu rosto que conheço tão bem. É um sinal claro que ela queria extrair ou dar informação. Eu me perguntava qual seria nesse caso.

— Tive uma tarde muito interessante — começou Caroline quando me joguei em minha poltrona favorita e estiquei os pés em direção ao fogo convidativo da lareira.

— Teve? — perguntei. — Miss Ganett veio para o chá?

Miss Ganett é uma das líderes de nossas mexeriqueiras.

— Tente novamente — disse Caroline com intensa complacência.

Tentei adivinhar várias vezes, passando devagar por todos os membros do “Serviço Secreto” de Caroline. Minha irmã ouvia cada tentativa com um triunfante sacudir de cabeça. No final ela mesma ofereceu a informação.

— Monsieur Poirot! — ela disse. — O que acha disso, hein?

Pensei várias coisas com relação a isso, mas fui prudente em não dizê-las a Caroline.

— Por que ele veio? — perguntei.

— Para me ver, é claro. Ele disse que, conhecendo tão bem meu irmão, esperava estar autorizado a conhecer sua charmosa irmã... a sua charmosa irmã, entendeu?

— Sobre o que ele falou? — perguntei.

— Ele me falou muito sobre ele mesmo e seus casos. Sabe o príncipe Paul da Mauritânia — o que acaba de se casar com uma dançarina?

— Sim?

— Li um parágrafo muito interessante sobre ela no *Society Snippets* outro dia, insinuando que ela era na verdade uma grã--duquesa russa, uma das filhas do czar que conseguiu escapar dos bolcheviques. Bem, parece que monsieur Poirot solucionou um mistério aparentemente insolúvel de assassinato que ameaçava

envolver os dois. O príncipe Paul ficou imensamente grato.

— Ele lhe ofereceu um prendedor de gravata com uma esmeralda do tamanho de um ovo de perdiz? — perguntei sarcasticamente.

— Ele não mencionou. Por quê?

— Nada — eu disse. — Pensei que fosse praxe. Está sempre nas histórias de detetive de qualquer modo. O grande detetive sempre tem em seu aposento rubis, pérolas e esmeraldas espalhados, ofertados por gratos clientes reais.

— É muito interessante ouvir essas coisas dos bastidores — disse minha irmã complacentemente.

Seria — para Caroline. Eu só podia admirar a engenhosidade de monsieur Hercule Poirot, que certeiramente escolhera entre todos os casos aquele que mais atrairia uma solteirona idosa vivendo em uma cidade pequena.

— Ele lhe disse se a dançarina era mesmo uma grã-duquesa? — perguntei.

— Ele não estava autorizado a dizer — disse Caroline com ar de importância.

Eu me perguntava até onde Poirot havia forçado a verdade ao falar com Caroline — provavelmente nem um pouco. Bastava insinuar com as sobrancelhas e os ombros.

— E depois de tudo isso — observei —, imagino que você tenha terminado pronta para comer em sua mão.

— Não seja grosseiro, James. Não sei onde você arruma essas expressões vulgares.

— Provavelmente através de meu único elo com o mundo exterior: meus pacientes. Infelizmente minha

prática não acontece entre príncipes reais e interessantes imigrantes russos.

Caroline ajeitou os óculos e olhou para mim.

— Você parece muito rabugento, James. Deve ser seu fígado. Uma pílula azul me parece bem hoje à noite.

Se me vissem em minha própria casa, jamais diriam que sou um médico. Caroline faz a prescrição caseira tanto para ela quanto para mim.

— Que se dane meu fígado — disse irritado. — Vocês falaram alguma coisa afinal sobre o assassinato?

— Bem, naturalmente, James. O que mais há para se falar por aqui? Pude corrigir monsieur Poirot sobre vários pontos. Ele ficou muito grato a mim. Disse que eu tinha as qualidades de um detetive nato — e uma maravilhosa perspicácia psicológica em relação à natureza humana.

Caroline estava exatamente como um gato pronto para se empanturrar de leite. Ela estava certamente ronronando.

— Ele falou muito sobre as células cinzentas do cérebro e suas funções. As dele, ele disse, são da melhor qualidade.

— Ele diria isso — observei amargamente. — Modéstia não é certamente o seu sobrenome.

— Eu queria que você não fosse tão terrivelmente americano, James. Ele achou que seria muito importante que Ralph fosse encontrado o mais cedo possível e induzido a se apresentar e dar conta de seus atos. Ele diz que seu desaparecimento irá produzir uma impressão muito desfavorável no inquérito.

— E o que você comentou diante disso?

— Concordei com ele — disse Caroline toda vaidosa. — E pude lhe contar sobre como as pessoas já estão

comentando o assunto.

— Caroline — eu disse vivamente —, você contou a monsieur Poirot o que entreouviu no bosque naquele dia?

— Sim — disse Caroline complacente.

Levantei-me e comecei a andar de um lado para o outro.

— Você compreende o que está fazendo, espero? — eu perguntei de repente. — Você está colocando uma corda em torno do pescoço de Ralph Paton tão certo quanto está sentada nesta cadeira.

— De jeito nenhum — disse Caroline com muita calma. — Fiquei surpresa por *você* não ter contado a ele.

— Eu tomei bastante cuidado para não fazê-lo — disse. — Gosto desse menino.

— Eu também. Por isso eu digo que você está falando bobagem. Eu não acredito que Ralph tenha cometido o crime e, portanto, a verdade não pode prejudicá-lo, e devemos dar a monsieur Poirot toda a ajuda que pudermos. Porque, veja, com certeza Ralph saiu com essa mesma moça na noite do assassinato, e, se foi esse o caso, ele tem um álibi perfeito.

— Se ele tem um álibi perfeito — eu retorqui —, por que ele não se apresentou e disse isso?

— Poderá trazer problemas para a moça — disse Caroline com sabedoria. — Mas se monsieur Poirot achá-la, e lhe disser que é seu dever, ela se apresentará por conta própria e inocentará Ralph.

— Você parece ter criado seu próprio conto de fadas romântico — eu disse. — Você lê muito romance barato, Caroline. Eu sempre lhe disse isso.

Joguei-me novamente em minha poltrona.

— Poirot lhe fez mais perguntas? — inquiri.

— Apenas sobre os pacientes que você teve naquela manhã.

— Os pacientes? — perguntei incrédulo.

— Sim, seus pacientes de consultório. Quantos foram e quem eram?

— Você quer dizer que pôde dar a ele essa resposta? — eu a interpelei.

— Por que não? — perguntou minha irmã triunfantemente. — Eu posso ver perfeitamente desta janela o caminho que leva para a porta do consultório. E eu tenho uma memória excelente, James. Muito melhor que a sua, permita-me dizer.

— Tenho certeza que sim — murmurei mecanicamente.

Minha irmã continuou contando os nomes nos dedos.

— Teve a velha mrs. Bennett, e aquele menino da fazenda com um dedo ruim, Dolly Grice, para extrair uma agulha do dedo; aquele comissário americano. Deixe-me ver — são quatro. Sim, e o velho George Evans e sua úlcera. E por fim...

Ela parou significantemente.

— Bem?

Caroline manifestou o clímax triunfantemente. Ela sibilou no melhor estilo — ajudada pelo número afortunado de “esses” à sua disposição.

— *Miss Russell*!

Ela recostou em sua cadeira e me lançou um olhar significativo, e, quando Caroline olha assim, é impossível não reparar.

— Não sei o que quer dizer — menti. — Por que miss Russell não poderia me consultar sobre seu joelho machucado?

— Joelho machucado — disse Caroline. — Bobagem! Um joelho tão ruim quanto o seu ou o meu. Ela queria alguma coisa.

— O quê? — perguntei.

Caroline teve de admitir que não sabia.

— Mas, acredite, isso era o que monsieur Poirot estava tentando obter, quero dizer. Há algo de suspeito sobre aquela mulher, e ele sabe disso.

— Exatamente a observação que mrs. Ackroyd me fez ontem — eu disse. — Que havia algo de suspeito sobre miss Russell.

— Ah! — disse Caroline, sombriamente. — Mrs. Ackroyd! Essa é outra!

— Outra, o quê?

Caroline recusou-se a explicar seu comentário. Ela meramente acenou com a cabeça várias vezes, enrolou seu tricô, e subiu para colocar a blusa de gola alta de seda violeta e o medalhão de ouro que ela diz ser seu traje de jantar.

Fiquei ali, olhando o fogo, e pensando nas palavras de Caroline. Teria Poirot vindo aqui realmente para se informar sobre miss Russell, ou foi apenas a mente tortuosa de Caroline que interpretou tudo segundo suas próprias ideias?

Não houve nada certamente nas maneiras de miss Russell aquela manhã que levantasse suspeita. Pelo menos...

Lembrei-me de sua insistente conversa sobre o tema de uso de drogas, e depois ela levou a conversa para venenos e envenenamento. Mas não havia nada ali. Ackroyd não tinha sido envenenado. Ainda assim, era estranho...

Ouvi a voz de Caroline, com um tom bastante ácido, chamando do topo da escada.

— James, você vai se atrasar para o jantar.

Coloquei um pouco de carvão no fogo e subi obediente.

A paz em casa vale qualquer preço.

12
ao redor da mesa

um inquérito conjunto foi realizado na segunda-feira.

Não pretendo contar os processos em detalhes. Fazer isso seria apenas percorrer várias vezes o mesmo caminho. Por determinação da polícia, muito pouco pôde ser trazido a público. Testemunhei sobre a causa e sobre a hora provável da morte de Ackroyd. A ausência de Ralph Paton foi comentada pelo investigador, mas não enfatizada.

Depois disso, Poirot e eu trocamos algumas palavras com o inspetor Raglan. O inspetor estava muito sério.

— A situação parece ruim, mr. Poirot — ele disse. — Estou tentando fazer julgamentos justos e imparciais. Sou um cidadão local, e já encontrei o capitão Paton muitas vezes em Cranchester. Não estou desejando que ele seja o culpado, mas, de qualquer ângulo que se olhe, a situação dele é ruim. Se é inocente, por que não se apresenta? Temos evidências contra ele, mas é possível que possam ser explicadas. Então por que ele não provê uma explicação?

Havia muito mais por detrás das palavras do inspetor que na ocasião eu não sabia. A descrição de Ralph fora enviada a cada porto e estação de trem na Inglaterra. A polícia estava alerta em toda parte. Sua casa na cidade

estava sob vigilância, assim como todas as casas que se sabia que ele frequentava habitualmente. Com tal cerco parecia impossível que Ralph pudesse deixar de ser preso. Ele não tinha bagagem, e, até onde todos sabiam, não tinha dinheiro.

— Não consigo encontrar ninguém que o tenha visto na estação aquela noite — continuou o inspetor. — E ele é muito conhecido por aqui, era de esperar que alguém tivesse reparado nele. Tampouco há notícias de Liverpool.

— O senhor acha que ele foi para Liverpool? — perguntou Poirot.

— Bem, parece provável. Essa mensagem telefônica feita da estação apenas três minutos antes de o expresso de Liverpool partir... Deve haver algo aí.

— A menos que tivesse sido deliberado para despistá-lo. Essa pode ter sido a razão do telefonema.

— É uma ideia — disse o inspetor ansiosamente. — Você acha, realmente, que essa é a explicação para o telefonema?

— Meu amigo — disse Poirot seriamente —, eu não sei. Mas deixe-me lhe dizer uma coisa: acredito que quando encontrarmos a explicação para esse telefonema nós encontraremos a explicação para o assassinato.

— Você já disse algo parecido antes.

Poirot, de repente, expressou-se de uma maneira acentuadamente estrangeira, como era habitual quando se entusiasmava com alguma coisa.

— Monsieur *l'inspecteur* — disse ele —, cuidado com o beco, o beco — *comment dire*? —, a pequena rua sem saída.

O inspetor Raglan encarou-o, mas fui mais rápido.

— Você quer dizer um beco sem saída? — eu disse.

— É isso. Uma rua sem saída que não leva a lugar algum. Do mesmo modo essas impressões digitais... elas podem levar a nada.

— Não vejo como pode ser isso — disse o oficial de polícia. — Suponho que você esteja achando que são falsas? Já li que isso pode ser feito, embora eu não tenha tido nenhuma experiência. Mas, falsas ou verdadeiras, elas têm de levar a algum lugar.

Poirot meramente encolheu os ombros, abrindo bem os braços.

O inspetor nos mostrou então várias fotografias de impressões digitais ampliadas, e continuou com tecnicalidades sobre curvas e espirais.

— Ora, vamos — disse finalmente, aborrecido com a maneira indiferente de Poirot —, o senhor tem de admitir que essas impressões digitais foram feitas por alguém que estava na casa naquela noite.

— *Bien entendu* — disse Poirot, acenando com a cabeça.

— Bem, tirei as impressões digitais de cada membro da casa, cada um, imagine, desde a velha senhora lá embaixo até a cozinheira.

Não acho que mrs. Ackroyd gostaria de ser chamada de velha senhora. Ela deve gastar uma quantia considerável em cosméticos.

— As impressões de cada um — frisou o inspetor.

— Inclusive as minhas — disse secamente.

— Muito bem. Nenhuma delas bate. Isso nos deixa duas alternativas. Ralph Paton, ou o estranho misterioso do qual nos conta o doutor. Quando pegarmos esses dois...

— Muito tempo valioso já poderá ter sido perdido — irrompeu Poirot.

— Eu não o compreendo bem, mr. Poirot.

— Você tirou as impressões digitais de todos nesta casa, você diz — murmurou Poirot. — Isso que está dizendo é inteiramente verdade, monsieur *l'inspecteur*?

— Certamente.

— Sem deixar ninguém de fora?

— Sem deixar ninguém de fora.

— Os vivos e os mortos?

Por um instante o inspetor pareceu confuso com o que considerava ser uma observação quase religiosa. Então reagiu em ritmo lento.

— Você quer dizer...

— O morto, monsieur *l'inspecteur.*

O inspetor demorou ainda de um a dois minutos para compreender.

— Estou sugerindo — disse Poirot calmamente — que as impressões no cabo da adaga são do próprio mr. Ackroyd. É algo fácil de verificar. O corpo ainda está disponível.

— Mas por quê? Qual seria a razão disso? Com certeza o senhor não está sugerindo suicídio, monsieur Poirot?

— Ah! Não. Minha teoria é que o assassino usou luvas ou enrolou qualquer coisa em sua mão. Depois que o golpe foi desferido, ele pegou a mão da vítima e a fechou em volta do cabo da adaga.

— Mas por quê?

Poirot encolheu novamente os ombros.

— Para complicar mais um caso já complicado.

— Bem — disse o inspetor —, vou investigar isso. O que lhe deu inicialmente essa ideia?

— Quando você teve a gentileza de me mostrar a adaga e chamou a atenção para as impressões digitais. Sei muito pouco sobre curvas e espirais, confesso francamente minha ignorância. Porém me ocorreu que a posição das impressões digitais era de algum modo estranha. Eu não teria segurado uma adaga dessa forma para golpear. Naturalmente, com a mão direita levantada por detrás do ombro, teria sido difícil colocá-la exatamente na posição correta.

O inspetor Raglan olhou para o homenzinho. Poirot, com um ar de grande despreocupação, retirava com um peteleco uma partícula de poeira da manga do casaco.

— Bem — disse o inspetor —, é uma ideia. Vou examinar isso, mas não fique desapontado se não encontrarmos nada.

Ele se esforçou para tornar o seu tom gentil e protetor. Poirot o observou ir embora. Então se voltou para mim com os olhos brilhando.

— Da próxima vez — observou —, eu devo ser mais cuidadoso com seu *amour propre*. E, agora que fomos deixados por conta própria, o que acha, meu bom amigo, de uma pequena reunião de família?

A “pequena reunião”, como chamou Poirot, aconteceu cerca de meia hora mais tarde. Sentamo-nos ao redor da mesa na sala de jantar de Fernly, Poirot na cabeceira, como o presidente de alguma reunião desagradável de diretoria. Os empregados não estavam presentes, éramos então seis no total. Mrs. Ackroyd, Flora, major Blunt, o jovem Raymond, Poirot e eu.

Quando todos se reuniram, Poirot se levantou e curvou-se.

— *Messieurs, mesdames*, eu os convoquei com certo propósito. — Ele parou. — Para começar, quero fazer um pedido muito especial à mademoiselle.

— A mim? — disse Flora.

— Mademoiselle, a senhorita está noiva do capitão Ralph Paton. Se ele confia em alguém é em você. Eu lhe peço, com veemência, se sabe onde ele se encontra, que o convença a aparecer. Um instante — quando Flora levantou a cabeça para falar —, não diga nada até que tenha refletido bem. Mademoiselle, a posição dele fica a cada dia mais perigosa. Se tivesse se apresentado imediatamente, independente do quanto os fatos fossem acusatórios, ele poderia ter tido a chance de explicá-los. Mas esse silêncio, essa fuga, o que pode significar? Certamente uma coisa só, saber-se culpado. Mademoiselle, se crê de verdade na inocência dele, convença-o a apresentar-se antes que seja muito tarde.

O rosto de Flora empalideceu.

— Muito tarde! — ela repetiu, bem devagar.

Poirot inclinou-se para a frente, olhando para ela.

— Veja, mademoiselle — ele disse gentilmente —, é *papa* Poirot que lhe pede isso. O velho *papa* Poirot que tem muito conhecimento e muita experiência. Eu não armaria uma cilada para a senhorita. Confiaria em mim, e me diria onde Ralph Paton está escondido?

A moça se levantou, e de pé o encarou.

— Monsieur Poirot — disse ela com voz clara —, eu juro, juro solenemente, que não tenho a mínima ideia de onde está Ralph, e de que tampouco o vi nem ouvi dele no dia do... do assassinato, ou desde então.

Ela se sentou novamente. Poirot a olhou em silêncio por um instante, e então baixou suas mãos sobre a mesa com uma pancada forte.

— *Bien*! É isso — ele disse. Sua feição severa. — Agora apelo aos outros sentados ao redor desta mesa. Mrs. Ackroyd, major Blunt, doutor Sheppard, mr. Raymond. Vocês todos são amigos íntimos do homem desaparecido. Se sabem onde Ralph Paton está escondido, é hora de falar.

Houve um silêncio prolongado. Poirot olhou para cada um.

— Eu lhes imploro — disse em voz baixa —, falem.

Ainda assim o silêncio se manteve, mas finalmente foi quebrado por mrs. Ackroyd.

— Devo dizer — observou em tom queixoso — que a ausência de Ralph é muito peculiar, realmente muito peculiar. Não se apresentar em um momento como este. Parece, como sabem, que há algo por trás disso. Não paro de pensar, querida Flora, de que foi uma sorte seu noivado não ter sido formalmente anunciado.

— Mãe! — gritou Flora furiosa.

— A Providência — declarou mrs. Ackroyd —, tenho uma crença ardente na Providência, uma divindade que modela nosso destino, como diz de maneira tão bela esta citação de Shakespeare.

— Com certeza, a senhora não responsabiliza o Todo-Poderoso por tornozelos grossos, mrs. Ackroyd? — Geoffrey Raymond perguntou, com seu riso irreverente se elevando.

Seu desejo era, imagino, relaxar a tensão, mas mrs. Ackroyd lançou-lhe um olhar reprovador e pegou seu lenço.

— Flora foi poupada de uma terrível quantidade de publicidade e dissabores. Nem por um momento considero que o querido Ralph tenha tido algo a ver com a morte do pobre Roger. Eu não acho isso. Mas eu tenho um coração confiante, sempre tive, desde menina. Repugna-me pensar o pior de qualquer um. Mas, é claro, devemos nos lembrar que Ralph esteve em diversos ataques aéreos quando rapaz. Os resultados só aparecem muito depois, dizem. As pessoas deixam de ser responsáveis por seus atos. Elas perdem o controle, você sabe, sem poderem fazer nada para ajudar na situação.

— Mãe! — gritou Flora. — Você não acha que Ralph fez isso?

— Ora, mrs. Ackroyd — disse Blunt.

— Não sei o que pensar — disse mrs. Ackroyd chorosa. — Tudo é muito perturbador. O que aconteceria com a propriedade se Ralph fosse considerado culpado?

Raymond empurrou violentamente a cadeira para longe da mesa. Major Blunt permaneceu muito quieto, olhando-a pensativamente.

— Como uma neurose de guerra, você sabe — disse mrs. Ackroyd com obstinação —, e ouso dizer que Roger o manteve com muito pouco dinheiro, com a melhor das intenções, é claro. Vejo que estão todos contra mim, mas acho muito estranho que Ralph não tenha se apresentado, e devo dizer que sou grata pelo noivado de Flora nunca ter sido anunciado formalmente.

— Será amanhã — disse Flora em uma voz clara.

— Flora! — gritou sua mãe, espantada.

— Envie, por favor, o anúncio para o *Morning Post* e para o *Times*, mr. Raymond.

— Se a senhorita está segura de que isso é sábio — ele replicou com seriedade.

Ela se voltou impulsivamente para Blunt.

— O senhor compreende — ela disse —, o que mais posso fazer? Do jeito que as coisas estão, devo ficar do lado de Ralph. O senhor não concorda que é o que tenho de fazer?

Ela o olhou com ar inquisitivo, e, depois de uma longa pausa, ele acenou bruscamente em sinal de aprovação.

Mrs. Ackroyd explodiu em protestos agudos. Flora permaneceu inalterada. Raymond falou então.

— Aprecio suas razões, miss Ackroyd. Mas não acha que está sendo um tanto precipitada? Espere um dia ou dois.

— Amanhã — disse Flora, em uma voz clara. — Não é bom, mãe, continuar assim. Posso ser tudo, mas não sou desleal com meus amigos.

— Monsieur Poirot — apelou chorosa mrs. Ackroyd —, não tem nada a dizer?

— Não há nada a ser dito — interrompeu Blunt. — Ela está fazendo o que é correto. Eu a apoiarei no que der e vier.

Flora estendeu-lhe a mão.

— Obrigado, major Blunt — ela disse.

— Mademoiselle — disse Poirot —, permitiria que um velho homem a parabenizasse por sua coragem e sua lealdade? E não me entenderá mal se eu lhe pedir o mais solenemente que adie o anúncio do qual fala por pelo menos mais dois dias?

Flora hesitou.

— Eu lhe peço visando ao interesse de Ralph Paton tanto quanto ao seu, mademoiselle. Vejo-a franzir a

testa. Não compreende como. Mas garanto que é assim. *Pas de blagues*. A senhorita colocou o caso em minhas mãos, e não deve criar obstáculos para mim agora.

Flora pausou um momento antes de responder.

— Eu não gosto disso — disse finalmente —, mas vou fazer o que pede.

Ela sentou-se novamente à mesa.

— E agora, *messieurs* e *mesdames* — disse Poirot rapidamente —, continuarei com o que estava para dizer. Compreendam que meu interesse é chegar à verdade. A verdade, por pior que seja, é sempre curiosa e bela para aquele que a busca. Estou velho, minhas habilidades podem não ser mais as mesmas. — Aqui ele claramente esperava ser contradito. — Com toda probabilidade este será o último caso que investigo. Mas Hercule Poirot não conclui com fracasso. *Messieurs* e *mesdames*, digo que pretendo saber a verdade. E eu saberei... apesar de todos vocês.

Ele expressou provocativamente suas últimas palavras, lançando-as no rosto de cada um, por assim dizer. Creio que todos se encolheram um pouco, exceto Geoffrey Raymond, que permaneceu bem-humorado e imperturbável como sempre.

— O que quer dizer “apesar de todos nós”? — ele perguntou com ligeiro erguer de sobrancelhas.

— Exatamente isso, monsieur. Cada um de vocês nesta sala está escondendo algo de mim. — Ele levantou a mão diante de um tímido murmúrio de protesto. — Sim, sim, sei o que estou dizendo. Pode ser algo de pouca importância, trivial, que supostamente não tem relevância para este caso, mas aí está. Cada um de vocês tem algo a esconder. Então, não estou certo?

Seu olhar, desafiador e acusador, passou por toda a mesa. E cada par de olhos baixou diante do seu. Sim, o meu também.

— Já tenho minha resposta — disse Poirot, com um riso curioso. Ele se levantou de seu lugar. — Eu apelo a vocês todos. Digam-me a verdade, toda a verdade. — Houve um silêncio. — Ninguém falará?

Ele deu o mesmo tipo de riso curto novamente.

— *C'est dommage* — ele disse e partiu.

13
a pena de ganso

naquela noite, a pedido de Poirot, fui à sua casa após o jantar. Caroline me viu partir com uma relutância visível. Creio que ela gostaria de ter me acompanhado.

Poirot me cumprimentou hospitaleiro. Ele colocara uma garrafa de uísque irlandês (que não suporto) sobre uma pequena mesa, com um sifão de água com gás e um copo. Ele próprio estava entretido com um chocolate quente. Era sua bebida favorita, descobri mais tarde.

Ele perguntou educadamente sobre minha irmã, sobre quem declarou ser uma pessoa das mais interessantes.

— Receio que esteja dando uma dor de cabeça a ela — eu disse secamente. — E o que dizer de domingo à tarde?

Ele riu e seus olhos brilharam.

— Gosto sempre de empregar um perito — ele observou vagamente, mas recusou-se a explicar o comentário.

— Deve ter escutado toda a fofoca local de qualquer modo — observei —, a verdadeira e a falsa.

— E muita informação valiosa — ele acrescentou baixinho.

— Como por exemplo?

Ele balançou a cabeça.

— Por que não me contou a verdade? — ele censurou. — Em um lugar como este, todas as ações de Ralph Paton seriam certamente conhecidas. Se sua irmã não tivesse passado, por acaso, pelo bosque naquele dia, outra pessoa o teria feito.

— Creio que teria — disse amuado. — E esse seu interesse em meus pacientes?

Ele pestanejou novamente.

— Apenas em um deles, doutor. Apenas um deles.

— O último? — arrisquei.

— Considero miss Russell um caso de estudo dos mais interessantes — disse ele de maneira evasiva.

— Concorda com minha irmã e com mrs. Ackroyd de que há algo suspeito a respeito dela? — perguntei.

— Hã? O que disse — suspeito?

Expliquei o melhor que pude.

— E elas dizem isso, é mesmo?

— Minha irmã não lhe transmitiu isso ontem à tarde?

— *C'est possible.*

— Mas não tem o menor fundamento — declarei.

— *Les femmes* — generalizou Poirot. — Elas são maravilhosas! Elas inventam ao acaso e, por milagre, acertam. Não que seja isso realmente. As mulheres observam inconscientemente milhares de detalhes, sem saber que o fazem. Seu subconsciente junta essas pequenas informações, e elas chamam o resultado de intuição. Eu sou um perito em psicologia. Sei sobre essas coisas.

Ele inflou o peito de maneira importante, e parecia tão ridículo que tive dificuldade de não cair na

gargalhada. Ele então tomou um pequeno gole do chocolate, e com cuidado limpou o bigode.

— Eu gostaria que me dissesse — explodi — o que você realmente acha de tudo isso.

Ele apoiou sua xícara.

— Você gostaria de saber?

— Sim.

— Você viu o que eu vi. Nossas ideias não deveriam ser as mesmas?

— Receio que esteja rindo de mim — eu disse severamente. — É claro que não tenho experiência nesse assunto.

Poirot sorriu para mim com indulgência.

— Age como a criança que quer saber como funciona um motor. Quer ver o caso, não como o médico da família o vê, mas com o olhar de um detetive que não conhece e nem se importa com ninguém, para quem todos são estranhos e igualmente suspeitos.

— Colocou muito bem — eu disse.

— Então lhe darei uma pequena aula. A primeira coisa é ter uma perspectiva clara do que aconteceu naquela noite, tendo sempre em mente que a pessoa que fala pode estar mentindo.

Levantei as sobrancelhas.

— Uma atitude bem desconfiada.

— Mas necessária, eu lhe garanto, necessária. Então, primeiro, o doutor Sheppard deixa a casa às 20h50. Como sei disso?

— Por que eu lhe disse.

— Mas pode não estar dizendo a verdade, ou o relógio poderia estar marcando errado. Porém Parker também diz que o viu sair às 20h50. Então aceitamos

essa afirmativa e passamos adiante. Às 21h você colidiu com um homem — e aqui chegamos ao que chamaremos de a Novela do Estranho Misterioso — logo depois dos portões da propriedade. Como sei que foi assim?

— Por que eu lhe disse — comecei novamente, mas Poirot me interrompeu com um gesto de impaciência.

— Ah! Mas você está um pouco lento esta noite, meu amigo. *Você* sabe que foi assim, mas como é que *eu* saberia? *Eh bien,* posso dizer que o Estranho Misterioso não foi uma alucinação sua, porque a empregada de miss Ganett o encontrou alguns minutos antes, e ele lhe perguntou também o caminho para Fernly Park. Aceitamos então a presença dessa pessoa, e podemos ter certeza de duas coisas sobre ela: que era um estranho para a vizinhança, e qualquer que fosse sua razão de ir a Fernly, não era um segredo grande, já que duas vezes perguntou o caminho.

— Sim — eu disse —, percebo.

— Agora eu tornei uma questão pessoal descobrir mais sobre esse homem. Ele tomou um drinque na Three Boars, eu descobri, e a garçonete dali diz que ele falava com sotaque americano e mencionou ter acabado de chegar dos Estados Unidos. Você se surpreendeu com o sotaque americano dele?

— Sim, creio que sim — eu disse depois de um tempo, durante o qual consultei minha memória —, sim, mas era bem leve.

— *Précisément*. Há isso também, que você se lembrará, eu recolhi no quiosque.

Ele me entregou a pequena pena. Olhei com curiosidade. Então uma lembrança de algo que eu lera veio à tona.

Poirot, que observava meu rosto, aquiesceu.

— Sim, “neve” de heroína. Os consumidores de drogas a carregam dessa maneira e a aspiram pelo nariz.

— Cloridrato de diamorfina — murmurei mecanicamente.

— Essa maneira de carregar droga é muito comum do outro lado do oceano. Outra prova, se quiséssemos uma, de que o homem veio do Canadá ou dos Estados Unidos.

— O que lhe chamou a atenção em primeiro lugar nesse quiosque? — perguntei com curiosidade.

— Meu amigo, o inspetor assumiu que qualquer pessoa que tivesse usado o caminho o teria feito para servir de atalho até a casa, mas, assim que vi o quiosque, percebi que esse mesmo caminho seria usado por alguém que utilizasse o quiosque como local de encontro. Parece agora bem claro que o estranho não veio nem à porta da frente nem à dos fundos. Será então que alguém saiu da casa para encontrá-lo? Se sim, que lugar mais conveniente do que o pequeno quiosque? Fiz ali uma busca na esperança de encontrar algum indício. Encontrei dois, o pedaço de cambraia e a pena.

— E o pedaço de cambraia? — perguntei curioso. — O que deduzir dele?

Poirot elevou as sobrancelhas.

— Não está exercitando suas pequenas células cinzentas — observou secamente. — O pedaço de cambraia deveria ser óbvio.

— Não muito óbvio para mim. — Mudei de assunto. — Enfim — eu disse —, esse homem foi ao quiosque encontrar alguém. Quem era?

— Exatamente a pergunta — disse Poirot. — Lembra-se de que mrs. Ackroyd e sua filha vieram do Canadá?

— Foi isso que quis dizer quando as acusou hoje de estarem escondendo a verdade?

— Talvez. Agora outro ponto. O que achou da história da copeira?

— Que história?

— A história de sua demissão. Demora-se meia hora para demitir um empregado? Será que a história daqueles documentos importantes é uma história plausível? E lembre-se, embora ela dissesse que estava em seu quarto das 21h30 até as 22h, não há ninguém para confirmar sua declaração.

— Estou espantado — eu disse.

— Para mim fica cada vez mais claro. Mas me conte agora suas ideias e teorias.

Retirei um pedaço de papel do bolso.

— Apenas rascunhei algumas sugestões — disse desculpando-me.

— Mas é excelente, há um método. Vamos ouvi-las.

Li alto com voz um tanto constrangida.

— Em primeiro lugar, deve-se olhar a situação com lógica.

— Exatamente o que dizia o pobre Hastings — interrompeu Poirot —, mas, ah! Ele nunca o fazia.

— Ponto nº 1 — mr. Ackroyd foi ouvido conversando com alguém às 21h30.

Ponto nº 2 — em algum momento da noite, Ralph Paton deve ter entrado pela janela, como ficou evidenciado pelas pegadas dos seus sapatos.

Ponto nº 3 — mr. Ackroyd estava nervoso nessa noite e só teria admitido a entrada de quem ele conhecesse.

Ponto nº 4 — a pessoa que estava com mr. Ackroyd às 21h30 pedia-lhe dinheiro. Sabemos que Ralph Paton estava em apuros financeiros.

“Esses quatro pontos mostram que a pessoa que estava com mr. Ackroyd às 21h30 era Ralph Paton. Mas sabemos que mr. Ackroyd estava vivo às 21h45, assim não foi Ralph Paton quem o matou. Ralph deixou a janela aberta. Mais tarde o assassino entrou por esse acesso.”

— E quem foi o assassino? — perguntou Poirot.

— O estranho americano. Ele devia estar de combinação com Parker, e possivelmente Parker tenha sido o homem que chantageou mrs. Ferrars. Se foi, Parker deve ter ouvido falar o suficiente para perceber que o jogo terminara, disse isso ao seu cúmplice, e este cometeu o crime com a adaga que Parker lhe deu.

— Essa é uma teoria — admitiu Poirot. — Decididamente você tem células da melhor qualidade. Mas muita coisa fica sem resposta.

— Como por exemplo?

— O telefonema, a cadeira fora do lugar...

— Realmente acha que isso é importante? — interrompi.

— Talvez não — admitiu meu amigo. — Pode ter sido puxada por acidente, e Raymond ou Blunt podem tê-la empurrado para o lugar inconscientemente sob o estresse da emoção. E há também as quarenta libras desaparecidas.

— Entregues a Ralph por Ackroyd — sugeri. — Ele pode ter reconsiderado sua recusa inicial.

— Isso ainda deixa uma coisa sem explicação.

— O quê?

— Por que Blunt tinha tanta certeza de que era Raymond que estava com mr. Ackroyd às 21h30?

— Ele explicou isso — eu disse.

— Tem certeza? Não vou pressionar nesse ponto. Diga-me, então, quais são as razões que levaram Ralph Paton a desaparecer?

— Isso é bem mais difícil — disse devagar. — Terei de falar como médico. Os nervos de Ralph devem ter entrado em colapso! Se ele descobrisse de repente que seu tio tinha sido assassinado poucos minutos depois de estarem juntos — depois, talvez, de uma conversa bastante tempestuosa —, bem, ele teria ficado com medo e fugido sem perda de tempo. Sabe-se que as pessoas fazem isso, agem como culpadas quando são completamente inocentes.

— Sim, é verdade — disse Poirot. — Mas não devemos perder uma coisa de vista.

— Sei o que você vai dizer — observei. — Motivo. Ralph Paton herda uma fortuna enorme com a morte do tio.

— Esse é um motivo — concordou Poirot.

— Um?

— *Mais oui.* Não percebe que temos três motivos diferentes bem diante de nós? Alguém com certeza roubou o envelope azul e seu conteúdo. Esse é um motivo. Chantagem! Ralph Paton pode ter sido a pessoa que chantageava mrs. Ferrars. Lembre-se, até onde Hammond sabia, Ralph Paton não recorria ao seu tio havia um bom tempo. É como se ele estivesse suprido de dinheiro por outra fonte. Há também o fato de que ele estava em — como se diz, apuros? —, que temia que

chegasse aos ouvidos do tio. E finalmente há o que acaba de ser mencionado.

— Por Deus — eu disse um pouco confuso. — O caso parece grave contra ele.

— Parece? — disse Poirot. — É aí que discordamos. Três motivos é um pouco demais. Estou tendendo a pensar que afinal Ralph Paton seja inocente.

14
mrs. ackroyd

depois da conversa noturna que acabo de relatar, o caso para mim parecia entrar em uma fase diferente. Tudo pode ser dividido em duas partes, cada uma clara e distinta da outra. A primeira fase vai da morte de mr. Ackroyd na sexta-feira à noite até a próxima segunda-feira à noite. É a narrativa direta do que aconteceu, tal como apresentado para Hercule Poirot. Estive ao lado de Poirot todo o tempo. Vi o mesmo que ele viu. Tentei o melhor que pude acompanhar seus pensamentos. Como descobri agora, falhei nesta última tarefa. Embora Poirot tenha compartilhado todas as suas descobertas, por exemplo, a aliança de ouro de casamento, ele reteve as impressões essenciais e, ainda assim, lógicas que ele construiu. Como soube mais tarde, esse sigilo era uma característica sua. Ele lançava indícios e sugestões, mas não mais do que isso.

Como disse, até segunda-feira à noite, minha narrativa seria a do próprio Poirot. Atuei Watson para seu Sherlock. Porém, depois de segunda-feira, nossos caminhos divergiram. Poirot estava ocupado por conta própria. Eu sabia o que ele estava fazendo porque em King’s Abbot você acaba sabendo de tudo, mas ele não me confidenciava mais nada em primeira mão. E eu também tinha minhas próprias preocupações.

Olhando retrospectivamente, o que mais me chama a atenção é o caráter fragmentário desse período. Todos tiveram uma parte na elucidação do mistério. Era um quebra-cabeça com o qual cada um contribuiu com sua pequena porção de conhecimento ou descoberta. Mas a função deles terminou aí. Apenas a Poirot coube a fama de juntar esses pedaços no lugar apropriado.

Alguns incidentes pareciam irrelevantes e sem sentido na época. Havia, por exemplo, a questão das botas pretas. Mas isso vem depois... Para manter as coisas estritamente em ordem cronológica, devo começar com os chamados de mrs. Ackroyd.

Ela mandou me chamar cedo, na terça-feira de manhã, e já que parecia ser um chamado urgente, corri até lá, esperando encontrá-la *in extremis*.

Ela estava deitada. O máximo que se permitia para a etiqueta da situação. Ela me ofereceu sua mão ossuda, e indicou-me uma cadeira próxima.

— Bem, mrs. Ackroyd — eu disse —, qual é o problema com a senhora?

Falei com aquele tipo de generalidade espúria esperada de clínicos gerais.

— Estou prostrada — disse mrs. Ackroyd com voz débil. — Completamente prostrada. É o choque da morte do pobre Roger. Dizem que essas coisas em geral não são sentidas *na hora*, sabe. É a reação que vem depois.

É uma pena que um médico esteja impedido por sua profissão de dizer, algumas vezes, o que realmente pensa.

Eu teria dado tudo para poder responder, “Conversa fiada!”.

Em vez disso, sugeri um tônico. Mrs. Ackroyd aceitou-o. Um movimento do jogo parecia ter sido concluído. Por nenhum momento imaginei que tinha sido chamado por causa do choque ocasionado pela morte de Ackroyd. Mas mrs. Ackroyd é totalmente incapaz de prosseguir em um curso direto sobre qualquer assunto. Ela sempre aborda o assunto por meios tortuosos. Eu me perguntava realmente por que ela tinha mandado me chamar.

— E então aquela cena, ontem... — continuou minha paciente.

Ela pausou como se esperasse que eu pegasse a deixa.

— Que cena?

— Doutor, como pode? Já esqueceu? Aquele terrível homenzinho francês — ou belga —, ou o que for. Intimidando-nos como ele fez. Aborreceu-me muito. Assim logo depois da morte de Roger.

— Sinto muito, mrs. Ackroyd — eu disse.

— Não sei o que ele queria, gritando conosco daquele jeito. Espero saber muito bem qual é meu dever para nem sequer *sonhar* em esconder alguma coisa. Dei à polícia toda a ajuda que estava em meu poder.

Mrs. Ackroyd parou, e eu disse, “perfeitamente”. Eu começava a vislumbrar de que se tratava todo o problema.

— Ninguém pode dizer que falhei com meu dever — continuou mrs. Ackroyd. — Tenho certeza que o inspetor Raglan está bastante satisfeito. Por que esse pequeno estrangeiro pretensioso faria um estardalhaço? Além disso, é uma criatura de aparência ridícula, como um comediante francês num teatro de revista. Não sei por que Flora insistiu em trazê-lo para o caso. Ela nunca me

disse nada a respeito. Apenas saiu e decidiu por si mesma. Flora é independente demais. Eu sou uma mulher do mundo e mãe dela. Ela deveria ter buscado meu conselho primeiro.

Eu ouvia a tudo isso em silêncio.

— O que ele está pensando? É o que gostaria de saber. Ele realmente acha que eu estou escondendo alguma coisa? Ele... ele... definitivamente *acusou-me* ontem.

Encolhi os ombros.

— Com certeza não tem nenhuma importância, mrs. Ackroyd — eu disse. — Já que a senhora não está escondendo nada, qualquer observação que ele possa ter feito não lhe diz respeito.

Mrs. Ackroyd saiu pela tangente, como é seu costume.

— Os empregados são tão cansativos — ela disse. — Eles intrigam e falam entre eles. E então os boatos surgem, e quase sempre não há provavelmente nada de verossímil.

— Os empregados têm falado? — perguntei. — Sobre o quê?

Mrs. Ackroyd me lançou um olhar bastante astuto. Quase me assustando.

— Eu tinha certeza de que *o senhor* saberia, doutor, mais do que ninguém. Esteve com monsieur Poirot o tempo todo, não foi?

— Sim, estive.

— Então é claro que o senhor sabe. Foi aquela moça, Ursula Bourne, não foi? Naturalmente — ela está indo embora. Ela *iria querer* criar toda a confusão que pudesse. Malvadas, é o que são. São todas iguais. Agora,

já que o senhor estava lá, deve saber exatamente o que ela disse. Fico muito ansiosa para que nenhuma má impressão se espalhe por aí. Afinal, não se repete cada pequeno detalhe para a polícia, não é? Há assuntos de família, muitas vezes nada relacionados com o assassinato. Mas, se a moça era maldosa, ela pode ter inventado todo tipo de coisas.

Eu era perspicaz o suficiente para reparar que uma ansiedade bastante real estava por trás dessa efusão. As premissas de Poirot estavam justificadas. Das seis pessoas ao redor da mesa ontem, mrs. Ackroyd, pelo menos, tinha escondido alguma coisa. Cabia a mim descobrir o quê.

— Se eu fosse a senhora, mrs. Ackroyd — disse bruscamente —, eu faria uma confissão completa.

Ela soltou um pequeno grito.

— Oh! Doutor, como pode ser tão rude. É como se... como se... e posso explicar tudo de maneira tão simples.

— Então por que não o faz? — sugeri.

Mrs. Ackroyd, chorosa, pegou um lenço de babados.

— Eu pensei, doutor, que o senhor poderia dizer ao monsieur Poirot, explicar, sabe, porque é tão difícil um estrangeiro perceber nosso ponto de vista. E o senhor não sabe — ninguém poderia saber — contra o que tive de lutar. Um martírio, um longo martírio. Isso é o que tem sido minha vida. Não gosto de falar mal dos mortos — mas aí está. Nem a menor conta podia passar sem explicação — como se Roger tivesse míseras centenas de libras anuais, em vez de ser (como mr. Hammond me disse ontem) um dos homens mais ricos desta região.

Mrs. Ackroyd pausou para secar os olhos com o lenço de babados.

— Sim — eu disse encorajando-a. — A senhora falava de despesas?

— Aquelas contas horríveis. E algumas eu não gostava nem um pouco de mostrar ao Roger. Eram coisas que um homem não entenderia. Ele diria que as coisas não eram necessárias. E claro que se avolumavam, sabe, e continuavam a chegar...

Ela me olhou com apelo, como que pedindo que me condoesse com ela por essa comovente peculiaridade.

— É um hábito que elas têm — concordei.

— E o seu tom se alterava, ficava quase agressivo. Eu lhe asseguro, doutor, eu estava com os nervos à flor da pele. Não podia mais dormir à noite. E uma palpitação horrível no coração. E então recebi uma carta de um cavalheiro escocês — na verdade foram duas cartas: ambas de cavalheiros escoceses. Mr. Bruce MacPherson foi um, e o outro, Colin MacDonald. Uma grande coincidência.

— Dificilmente — eu disse seco. — São escoceses em geral, mas suspeito que haja um traço semítico em sua descendência.

— Empréstimo de dez mil libras, sob assinatura de notas promissórias — murmurou mrs. Ackroyd, recordando. — Escrevi a um deles, mas parece que houve dificuldades.

Ela parou.

Imaginei que estávamos chegando a um território delicado. Não conheço ninguém mais difícil de chegar ao ponto da questão.

— Veja — murmurou mrs. Ackroyd —, é tudo uma questão de expectativas, não é? Expectativas com relação ao testamento. E embora, é claro, eu esperasse

que Roger me provesse, eu não o *sabia*. Eu pensei que se pudesse ao menos dar uma olhada em uma cópia do seu testamento — não em um sentido vulgar de espionar, mas apenas para fazer meus próprios planos.

Ela me olhou de lado. A questão era agora bastante delicada realmente. Graças a Deus que palavras, usadas com habilidade, servem para mascarar a feiúra dos fatos nus.

— Eu só poderia contar isso ao senhor, doutor Sheppard — disse mrs. Ackroyd rapidamente. — Posso confiar que não irá me julgar mal e apresentará o assunto sob a luz correta ao monsieur Poirot. Foi na sexta-feira à tarde...

Ela interrompeu e engoliu em seco, hesitante.

— Sim — repeti encorajando-a. — Na sexta-feira à tarde. E...?

— Todos haviam saído, ou assim eu achava. E fui ao escritório de Roger. Eu tinha razões legítimas para ir lá, quero dizer, não havia nada secreto. E quando vi todos os papéis empilhados sobre a escrivaninha, me veio, como em um raio: “Será que Roger mantém seu testamento em uma destas gavetas?”. Sou tão impulsiva, sempre fui, desde criança. Faço as coisas no ímpeto do momento. Ele tinha deixado as chaves, foi muito descuidado, na fechadura da gaveta superior.

— Entendo — disse compreensivelmente. — A senhora então revistou a escrivaninha. Achou o testamento?

Mrs. Ackroyd soltou um gritinho, e percebi que eu não havia sido diplomático o suficiente.

— Como soa terrível. Mas não foi absolutamente assim, realmente.

— Claro que não foi — eu disse apressado. — A senhora deve perdoar minha colocação infeliz.

— Veja, os homens são tão peculiares. No lugar de Roger, eu não teria objetado a revelar as provisões de meu testamento. Mas os homens são tão sigilosos. Somos forçadas a adotar pequenos subterfúgios em autodefesa.

— E o resultado do pequeno subterfúgio? — perguntei.

— Isso é exatamente o que estou lhe dizendo. Quando cheguei à gaveta inferior, Bourne entrou. Muito estranho. Claro que fechei a gaveta e me levantei, e chamei-lhe a atenção para alguns grãos de poeira na superfície. Mas não gostei do seu jeito — muito respeitosa nas maneiras, mas com uma faísca desagradável em seu olhar. Quase insolente, se me entende. Jamais gostei muito daquela moça. Ela é uma boa empregada, e sempre diz “madame”, e não se opõe a usar toucas e aventais (o que lhe digo, muitas hoje o fazem), e ela é capaz de dizer “não está em casa” sem escrúpulos se precisar responder à porta no lugar de Parker, e ela não tem esses ruídos peculiares gorgolejando por dentro que tantas copeiras parecem ter quando servem à mesa — deixe-me ver, onde eu estava?

— A senhora estava dizendo que, apesar das sua inúmeras qualidades valiosas, jamais gostou de Bourne.

— Nem antes nem agora. Ela é... esquisita. Há algo nela diferente dos outros. Educada demais, esta é minha opinião. Pode-se diferenciar hoje em dia as damas das que não são.

— E o que aconteceu depois? — perguntei.

— Nada. Afinal, Roger entrou. E eu achei que ele estivesse fora para um passeio. E ele disse: “Do que se trata tudo isso?”, e eu disse, “Nada. Eu apenas entrei para buscar o *punch*”. E peguei o *punch* e saí levando-o. Bourne ficou. Eu a ouvi perguntar a Roger se poderia falar com ele um instante. Fui direto para meu quarto e me deitei. Estava muito aborrecida.

Houve uma pausa.

— O senhor explicará para monsieur Poirot, não é? Poderá fazê-lo perceber como foi uma coisa trivial. Mas, é claro, sendo ele tão rigoroso sobre a questão de se ocultar as coisas, lembrei-me logo desse incidente. Bourne deve ter elaborado uma história extraordinária sobre isso, mas o senhor poderá explicar, não poderá?

— Isso é tudo? — eu disse. — A senhora me disse tudo?

— Si-i-m — disse mrs. Ackroyd. — Oh! Sim — acrescentou com firmeza.

Mas eu reparei na hesitação momentânea, e sabia que ela ainda estava retendo alguma coisa. Não foi nada além de um puro lampejo de genialidade que me levou a fazer a pergunta que fiz.

— Mrs. Ackroyd — eu disse —, foi a senhora quem deixou a tampa da mesa-mostruário aberta?

Obtive minha resposta pelo rubor de culpa que nem o *rouge* nem o pó de arroz puderam esconder.

— Como sabia? — ela sussurrou.

— Então foi a senhora?

— Sim... eu... veja... havia uma ou duas peças de prata antigas e muito interessantes. Eu estava lendo a respeito do assunto e tinha uma ilustração de uma pequena peça que tinha alcançado uma grande quantia

na Christie’s. Parecia-me exatamente igual à da mesa-mostruário. Pensei em levá-la para Londres comigo quando eu fosse, e pedir para avaliá-la. Então, se fosse uma peça valiosa realmente, imagine que surpresa agradável seria para Roger?

Evitei comentar, aceitando a história de mrs. Ackroyd tal como apresentada. Inclusive me abstive de perguntar-lhe por que teria sido necessário retirar o que ela queria de uma maneira tão sub-reptícia.

— Por que deixou a tampa aberta? — perguntei. — Esqueceu-a aberta?

— Eu me assustei — disse mrs. Ackroyd. — Ouvi passos vindo do terraço do lado de fora. Corri para fora da sala e apenas tinha subido as escadas quando Parker abriu a porta da frente para você.

— Deve ter sido miss Russell — disse pensativo. Mrs. Ackroyd me revelara um fato muito interessante. Se seu propósito a respeito da prata de Ackroyd fora estritamente honroso eu não sabia e não me importava. O que me interessava era o fato de que miss Russell deveria ter entrado na sala de recepção pela janela, e eu não me enganara quando julguei que estava esbaforida por estar correndo. Onde ela estivera? Pensei no quiosque e no pedaço de cambraia.

— Pergunto-me se o lenço de miss Russell estava engomado! — exclamei impulsivamente.

O sobressalto de mrs. Ackroyd me trouxe à realidade e levantei.

— O senhor acha que pode explicar para monsieur Poirot? — ela perguntou ansiosamente.

— Oh! Certamente. Definitivamente.

Afastei-me, afinal, depois de ser forçado a ouvir mais justificativas para sua conduta.

A copeira estava na sala e ajudou-me a colocar o sobretudo. Eu a observei mais atentamente do que antes. Era óbvio que estivera chorando.

— Por que — perguntei — nos disse que mr. Ackroyd a mandara chamar em seu escritório na sexta-feira? Soube que foi *você* quem pediu para falar com *ele*.

Por um instante olhou para o chão na minha frente.

Então falou.

— Eu ia embora de qualquer maneira — disse insegura.

Eu não disse nada. Ela abriu a porta da frente para mim. Quando ia saindo, ela disse de repente em voz baixa:

— Desculpe-me, senhor, há alguma notícia do capitão Paton?

Balancei negativamente a cabeça, olhando-a de forma inquisitiva.

— Ele tem de voltar — ela disse. — Realmente, realmente, ele tem de voltar.

Ela me encarava com olhos suplicantes.

— Ninguém sabe onde ele está?

— Você sabe? — perguntei asperamente.

Ela negou com a cabeça.

— Não, realmente. Não sei nada. Mas qualquer um que fosse amigo dele lhe diria isto: ele tem de voltar.

Eu aguardei, achando que talvez a moça fosse dizer mais alguma coisa. Sua pergunta seguinte me surpreendeu.

— A que horas eles supõem que o assassinato aconteceu? Pouco antes das 22h?

— Essa é a ideia — eu disse. — Entre 21h45 e 22h.

— Não mais cedo? Não antes de 21h45?

Olhei atentamente para ela. Ela estava obviamente ansiando por uma resposta afirmativa.

— Isso está fora de questão — eu disse. — Miss Ackroyd viu o tio vivo às 21h45.

Ela se virou, e toda a sua figura pareceu abatida.

— Uma bela moça — disse para mim mesmo ao sair. — Uma moça extremamente bonita.

Caroline estava em casa. Ela recebera a visita de Poirot e se sentia satisfeita e importante a respeito.

— Eu o estou ajudando com o caso — ela explicou.

Senti-me bem inquieto. Caroline já não é boa coisa como é. Como ela ficará se seus instintos de detetive forem encorajados?

— Vocês vão sair pela vizinhança procurando pela misteriosa amiga de Ralph Paton? — perguntei.

— É provável que faça isso por conta própria — disse Caroline. — Não, é algo especial que monsieur Poirot quer que eu descubra para ele.

— O que é? — perguntei.

— Ele quer saber se as botas de Ralph Paton eram pretas ou marrons — disse Caroline com grande solenidade.

Eu a olhei. Percebo agora que eu fui inacreditavelmente tolo com relação às botas. Eu falhei completamente em perceber a questão.

— Eram sapatos marrons — eu disse. — Eu os vi.

— Sapatos, não, James, botas. Monsieur Poirot quer saber se o par de botas que Ralph tinha com ele no hotel era marrom ou preto. Muito está ligado a isso.

Pode me chamar de obtuso, se preferir. Eu não percebia.

— E como você irá descobrir? — perguntei.

Caroline disse que não haveria dificuldade com relação a isso. A mais querida amiga de nossa Annie era empregada de miss Ganett, Clara. E Clara estava de namorico com a pessoa que lustra as botas na Three Boars. Tudo era de grande simplicidade, e, com ajuda de miss Ganett, que cooperou lealmente, dando folga imediatamente a Clara, o assunto se resolvia de forma rápida.

Foi durante o nosso almoço que Caroline observou como quem não quer nada:

— Sobre as botas de Ralph Paton.

— Sim — eu disse —, o quê?

— Monsieur Poirot pensou que fossem provavelmente marrons. Ele estava enganado. Elas são pretas.

E Caroline balançou a cabeça várias vezes. Ela, evidentemente, achou que tinha ganho um ponto contra Poirot.

Não respondi. Eu estava matutando o que a cor do par de botas de Ralph Paton tinha a ver com o caso.

15
geoffrey raymond

eu teria mais provas do sucesso das táticas de Poirot naquele dia. O seu desafio fora um toque sutil inspirado por seu conhecimento da natureza humana. Um misto de medo e culpa havia arrancado a verdade de mrs. Ackroyd. Ela foi a primeira a reagir.

Naquela tarde, quando voltei da consulta aos meus pacientes, Caroline me disse que Geoffrey Raymond acabara de sair.

— Ele queria me ver? — perguntei enquanto pendurava o casaco no corredor.

Caroline rondava-me.

— Ele queria ver monsieur Poirot — disse. — Ele acabara de chegar de The Larches. Monsieur Poirot não estava. Mr. Raymond achou que ele poderia estar aqui, ou que você saberia onde ele está.

— Não tenho a menor ideia.

— Tentei fazê-lo esperar — disse Caroline —, mas ele disse que ligaria de volta para The Larches em meia hora, e foi para o vilarejo. Uma grande pena, porque monsieur Poirot chegou praticamente logo depois que ele foi embora.

— Veio aqui?

— Não, para a casa dele.

— Como você sabe?

— A janela lateral — disse Caroline concisamente.

Parecia-me que havíamos esgotado o assunto. Caroline pensava diferente.

— Você não vai até lá?

— Lá onde?

— Para o The Larches, é claro.

— Minha querida Caroline — eu disse —, para quê?

— Mr. Raymond queria vê-lo muito particularmente — disse Caroline. — Você pode descobrir do que se trata.

Levantei a sobrancelha.

— A curiosidade não é meu pecado mais constante — observei friamente. — Posso viver à vontade sem saber o que meus vizinhos estão de fato fazendo e pensando.

— Bobagem, James — disse minha irmã. — Você quer saber tanto quanto eu. Você não é tão honesto, é só isso. Você sempre tem de fingir.

— Realmente, Caroline — eu disse, e me retirei para o consultório.

Dez minutos depois, Caroline bateu à porta e entrou. Trazia nas mãos o que parecia um pote de geleia.

— Imagino, James — ela disse —, se você se importaria de levar este pote de geleia de nêspera para monsieur Poirot? Eu a prometi a ele. Ele nunca provou geleia de nêspera caseira.

— Por que Annie não pode ir? — perguntei friamente.

— Ela está ocupada com uns consertos. Não posso dispensá-la.

Caroline e eu nos entreolhamos.

— Muito bem — eu disse, levantando. — Mas, se eu levar isso, eu deixarei na porta. Você entendeu?

Minha irmã ergueu as sobrancelhas.

— Naturalmente — ela disse. — Quem sugeriu diferente?

Caroline ganhara.

— Se você vir monsieur Poirot — ela disse, quando abriu a porta da frente —, poderia lhe falar sobre as botas.

Foi uma tirada das mais sutis. Eu queria muitíssimo entender o enigma das botas. Quando a velha senhora com a capa bretã abriu-me a porta, peguei-me perguntando mecanicamente se monsieur Poirot estava em casa.

Poirot levantou-se de um salto para me encontrar, com ar totalmente satisfeito.

— Sente-se, meu bom amigo — ele disse. — A poltrona? A cadeira menor? A sala não está muito aquecida, está?

Eu achei que estava sufocante, mas me abstive de dizer. As janelas estavam fechadas, e um fogo alto ardia na lareira.

— Os ingleses têm a mania de ar fresco — declarou Poirot. — O grande ar fica muito bem no exterior, a onde pertence. Por que tê-lo dentro de casa? Mas não discutamos tais banalidades. Você me trouxe algo?

— Duas coisas — eu disse. — Primeiro isto, de minha irmã.

Entreguei o pote de geleia de nêspera.

— Que gentileza de mademoiselle Caroline. Ela se lembrou da promessa. E a segunda coisa?

— Uma informação...

E lhe contei minha conversa com mrs. Ackroyd. Ele ouviu com interesse, mas sem muito entusiasmo.

— Esclarece as coisas — disse pensativo. — E tem certo valor por confirmar a evidência da governanta. Ela disse, lembra--se, que encontrou a tampa da mesa-mostruário aberta e que a fechou.

— E sua declaração de que foi para a sala de recepção para ver se as flores estavam frescas?

— Ah! Nunca levamos isso muito a sério, não foi, meu amigo? Era uma desculpa óbvia inventada às pressas, por uma mulher que sentiu a urgência de explicar sua presença, a qual, aliás, jamais pensaríamos em questionar. Eu considerei a possibilidade de que sua agitação tivesse a ver com o fato de ela estar mexendo na mesa-mostruário, mas creio agora que devemos procurar outra causa.

— Sim — eu disse. — Ela saiu para se encontrar com quem? E por quê?

— Acha que ela foi se encontrar com alguém?

— Sim.

Poirot aquiesceu.

— Eu também — ele disse pensativo.

Houve uma pausa.

— Aliás — eu disse —, tenho uma mensagem para você de minha irmã. As botas de Ralph Paton eram pretas, não marrons.

Eu o observava de perto ao dar o recado, e imagino que percebi um momentâneo gesto de perturbação. Se sim, logo passou.

— Ela está absolutamente certa de que não são marrons?

— Absolutamente.

— Ah! — disse Poirot lamentando. — É uma pena.

E ele tinha um ar bastante decepcionado.

Ele não deu explicações, mas iniciou imediatamente outro tópico de conversa.

— A governanta, miss Russell, que veio lhe consultar naquela sexta-feira de manhã, seria indiscrição perguntar o que se passou na entrevista — fora os detalhes médicos, quero dizer?

— De forma alguma — eu disse. — Quando a parte profissional da conversa terminou, falamos por alguns minutos sobre venenos, e a facilidade ou dificuldade em detectá-los, e sobre consumo de drogas e pessoas que consomem drogas.

— Com referência especial à cocaína? — perguntou Poirot.

— Como sabia? — perguntei com certa surpresa.

Como resposta, o homenzinho levantou-se e cruzou a sala, onde estavam jornais arquivados. Trouxe-me um exemplar do *Daily Budget*, datado de sexta-feira, dia 17 de setembro, e me mostrou um artigo sobre contrabando de cocaína. Era um artigo um tanto quanto sensacionalista, escrito para causar um efeito pitoresco.

— Foi isso que me fez pensar em cocaína, meu amigo — ele disse.

Eu o teria interrogado mais minuciosamente, pois não compreendia direito o que queria dizer, mas naquele momento a porta se abriu e Geoffrey Raymond foi anunciado.

Ele chegou mais jovial e cortês do que nunca, e nos saudou.

— Como vai, doutor? Monsieur Poirot, esta é a segunda vez que venho aqui nesta manhã. Estava ansioso por encontrá-lo.

— Talvez seja melhor eu ir andando — sugeri um pouco sem jeito.

— Não por mim, doutor. Não, é apenas o seguinte — ele continuou, sentando-se em resposta a um gesto de Poirot —, tenho uma confissão a fazer.

— *En verité?* — disse Poirot, com ar de interesse educado.

— Oh, não é importante realmente. Mas, na verdade, minha consciência vem me perturbando desde ontem à tarde. O senhor nos acusou a todos de estarmos retendo alguma coisa, monsieur Poirot, eu me declaro culpado. Eu mantive um segredo.

— E do que se trata, mr. Raymond?

— Como digo, não é nada importante, apenas o seguinte. Eu estava endividado, muito, e essa herança veio na hora certa. Quinhentas libras me recuperam novamente e sobra um pouco para economizar.

Ele sorriu para nós dois com essa franqueza envolvente que o tornava um jovem tão agradável.

— Você sabe como é. Um policial com ar suspeito... não se quer admitir que se esteja mal de dinheiro, acha-se que vai soar mal para eles. Mas fui um tolo, realmente, porque Blunt e eu estávamos na sala de bilhar das 21h45 em diante, então tenho um álibi inequívoco e nada a temer. Ainda assim, quando o senhor nos acusou de esconder coisas, senti um remorso irritante na consciência, e pensei que queria me livrar disso.

Ele se levantou novamente e permaneceu de pé, sorrindo para nós.

— O senhor é um jovem muito sábio — disse Poirot, balançando positivamente a cabeça em sinal de

aprovação. — Veja, quando sei que alguém está escondendo coisas de mim, eu suspeito que o que está sendo mantido em segredo seja realmente muito grave. Fez muito bem.

— Fico feliz de estar livre de suspeitas — riu Raymond. — Eu já vou agora.

— Então é isso — observei, quando a porta se fechou atrás do jovem secretário.

— Sim — concordou Poirot. — Uma mera bagatela, mas, se ele não tivesse estado na sala de bilhar, quem sabe? Afinal, tantos crimes foram cometidos por muito menos do que quinhentas libras. Tudo depende de que soma é suficiente para quebrar um homem. Uma questão de relatividade, não é mesmo? Você já refletiu, meu amigo, que muitas pessoas naquela casa se beneficiaram com a morte de mr. Ackroyd? Mrs. Ackroyd, miss Flora, o jovem mr. Raymond, a governanta, miss Russell. Apenas um, na verdade, não se beneficia, o major Blunt.

Seu tom ao murmurar esse nome foi tão peculiar que o olhei intrigado.

— Não o compreendo bem — disse.

— Duas das pessoas que acusei me disseram a verdade.

— Também acha que o major Blunt tem algo a esconder?

— Com respeito a isso — observou Poirot com displicência —, há um provérbio, não é, que os homens ingleses escondem apenas uma coisa: seu amor. E o major Blunt, devo dizer, não é bom em esconder coisas.

— Algumas vezes — eu disse —, me pergunto se não pulamos para as conclusões rápido demais.

— Como?

— Presumimos que o chantagista de mrs. Ferrars é necessariamente o assassino de mr. Ackroyd. Não poderíamos estar enganados?

Poirot balançou a cabeça energicamente.

— Muito bom. Muito bom mesmo. Eu me perguntava se lhe ocorreria isso. Claro que é possível. Mas precisamos nos lembrar de uma questão. A carta desapareceu. Ainda assim, isso, como diz, não significaria necessariamente que o assassino a pegou. Quando descobriram o corpo, Parker pode ter pegado a carta sem que você percebesse.

— Parker?

— Sim, Parker. Eu acabo retornando ao Parker, sempre, não como o assassino, não, ele não cometeu o assassinato; mas quem se encaixaria mais como o misterioso salafrário que aterrorizava mrs. Ferrars? Ele deve ter recebido a informação sobre a morte de mr. Ferrars de um dos empregados de King's Paddock. De qualquer forma, é mais provável que ele tivesse sabido disso do que um hóspede casual como Blunt, por exemplo.

— Parker poderia ter pegado a carta — admiti. — Foi só mais tarde que percebi que ela desaparecera.

— Quanto tempo depois? Depois que Blunt e Raymond estiveram no quarto, ou antes?

— Não consigo lembrar — disse devagar —, acho que foi antes — não, depois. Sim, tenho quase certeza de que foi depois.

— Isso amplia o campo para três — disse Poirot pensativo. — Mas Parker é o mais provável. Estou pensando em fazer um pequeno teste com Parker. O que me diz, meu amigo, de acompanhar-me até Fernly?

Eu concordei, e partimos imediatamente. Poirot pediu para falar com miss Ackroyd, e logo Flora veio até nós.

— Mademoiselle Flora — disse Poirot —, devo lhe confiar um pequeno segredo. Não estou ainda convencido sobre a inocência de Parker. Proponho fazer um pequeno experimento com sua ajuda. Quero reconstruir algumas das ações dele naquela noite. Mas temos de pensar em alguma coisa para dizer a ele — Ah! Já sei. Quero saber se vozes vindo do pequeno saguão poderiam ser ouvidas do lado de fora no terraço. Agora, chame Parker, por gentileza.

Ela o fez, e logo o mordomo apareceu gentil como sempre.

— O senhor chamou?

— Sim, meu bom Parker. Estou querendo fazer um pequeno experimento. Coloquei o major Blunt no terraço do lado de fora da janela do escritório. Quero saber se alguém ali teria ouvido a voz de miss Ackroyd e a sua no saguão naquela noite. Quero “representar” essa pequena cena novamente. Talvez você pudesse buscar a bandeja ou o que estivesse carregando?

Parker sumiu, e nós fomos para o saguão do lado de fora da porta do escritório. Logo ouvimos um tilintar no corredor de fora, e Parker apareceu na soleira, carregando uma bandeja com um sifão, uma garrafa de uísque e dois copos.

— Um momento — gritou Poirot, levantando a mão e parecendo muito excitado. — Temos de ter tudo em ordem. Como aconteceu. É um pequeno método meu.

— Um hábito estrangeiro, senhor — disse Parker. — Reconstituição do crime é como chamam, não é?

Ele estava bastante tranquilo ali de pé, aguardando educadamente as ordens de Poirot.

— Ah! Ele conhece, o bom Parker — falou alto Poirot. — Ele leu sobre essas coisas. Agora, eu peço a vocês, vamos reproduzir exatamente. Você veio do saguão externo — então. Mademoiselle estava... aqui?

— Aqui — disse Flora, assumindo sua posição bem do lado de fora da porta do escritório.

— Muito bem, senhor — disse Parker.

— Eu acabara de fechar a porta — continuou Flora.

— Sim, senhorita — concordou Parker. — Sua mão ainda estava na maçaneta como agora.

— Então, *allez* — disse Poirot. — Representem para mim a pequena cena.

Flora ficou de pé com a mão na maçaneta e Parker veio cruzando a porta do corredor, segurando a bandeja.

Ele parou logo depois de cruzar a porta. Flora falou.

— Oh! Parker. Mr. Ackroyd não quer ser perturbado esta noite novamente.

— Está certo? — acrescentou baixinho.

— O melhor que posso lembrar, miss Flora — disse Parker —, mas lembro que usou a expressão início da noite em vez de noite. — Então, levantando a voz de uma maneira um pouco teatral: — Muito bem, senhorita. Devo fechar tudo como sempre?

— Sim, por favor.

Parker se retirou cruzando a porta, Flora o seguiu e começou a descer as escadas principais.

— É suficiente? — perguntou por sobre o ombro.

— Admirável — declarou o homenzinho, torcendo suas mãos. — Aliás, Parker, você tem certeza de que

havia dois copos na bandeja nessa noite? Para quem era o segundo copo?

— Eu sempre trago dois copos, senhor — disse Parker. — Há algo mais?

— Não. Obrigado.

Parker se retirou com dignidade até o final.

Poirot ficou de pé, no meio do corredor, com o cenho franzido. Flora desceu e se juntou a nós.

— Seu experimento foi bem-sucedido? — ela perguntou. — Eu não entendo muito bem, sabe...

Poirot sorriu com admiração para ela.

— Não é necessário que compreenda — ele disse. — Mas diga-me, havia realmente dois copos na bandeja de Parker naquela noite?

Flora franziu a testa por um tempo.

— Não consigo lembrar realmente — ela disse. — Creio que sim. É esse o objeto de seu experimento?

Poirot pegou suas mãos e deu umas batidinhas.

— Veja por este ângulo — disse ele —, estou sempre interessado em ver se as pessoas falam a verdade.

— E Parker falou a verdade?

— Eu creio que sim — disse Poirot pensativo.

Alguns minutos depois estávamos retornando ao vilarejo.

— Qual foi o ponto sobre a pergunta dos copos? — perguntei com curiosidade.

Poirot encolheu os ombros.

— É preciso dizer alguma coisa — ele observou. — Essa pergunta em particular era tão boa quanto qualquer outra.

Eu o encarei.

— De qualquer maneira, meu amigo — disse mais seriamente —, eu sei agora algo que queria saber. Vamos deixar assim por enquanto.

16
uma noite de mahjong

naquela noite tivemos uma pequena reunião de *mahjong.* Esse tipo de divertimento simples é muito popular em King’s Abbot. Os convidados chegam com galochas e capas de chuva depois do jantar. Eles compartilham do café e mais tarde de um bolo, sanduíches e chá.

Nesta noite em particular nossos convidados eram miss Ganett e o coronel Carter, que vivia perto da igreja. Uma boa quantidade de fofoca é trocada nessas noites, algumas vezes interferindo seriamente com o jogo em progresso. Costumávamos jogar *bridge*, um *bridge* com muita discussão, nada bom. Achamos que o *mahjong* é mais pacífico. A pergunta irritante de por que cargas d’água seu parceiro não seguiu uma determinada carta é totalmente excluída, e, embora ainda expressemos críticas abertamente, não há o mesmo espírito azedo.

— Que noite fria, não, Sheppard? — disse o coronel Carter, de pé contra a lareira. Caroline levara miss Ganett ao seu quarto, e a ajudava a se livrar de tantas camadas de roupa. — Recorda--me as montanhas afegãs.

— Verdade? — disse polidamente.

— Muito misterioso esse negócio sobre o pobre Ackroyd — continuou o coronel, aceitando uma xícara de café. — Há muito escondido por trás disso tudo, é o que

digo. Entre nós, Sheppard, ouvi a palavra chantagem ser mencionada!

O coronel me lançou um olhar que poderia ser descrito como “de um homem do mundo para outro”.

— Há uma mulher envolvida, sem dúvida — ele disse. — Acredite, uma mulher está envolvida.

Caroline e miss Ganett se reuniram a nós nesse instante. Miss Ganett tomava café enquanto Caroline retirava o *mahjong* da caixa e virava as pedras sobre a mesa.

— Misturando as pedras — disse o coronel brincalhão. — É isso, misturando as pedras, como dizíamos no Clube Xangai.

É nossa opinião particular, de Caroline e minha, que o coronel Carter nunca esteve no Clube Xangai em toda a sua vida. Mais ainda, que ele nunca foi mais longe do que a Índia, onde ele articulava estratégias com carne enlatada, ameixas e geleia de maçã durante a Grande Guerra. Mas o coronel é definitivamente um militar, e em King’s Abbot permitimos às pessoas indulgir em suas pequenas idiossincrasias livremente.

— Vamos começar? — disse Caroline.

Sentamos ao redor da mesa. Por cerca de cinco minutos houve completo silêncio, devido ao fato de que há uma tremenda competição secreta entre nós com relação a quem consegue construir sua parede mais depressa.

— Vá, James — disse Caroline, finalmente. — Você é o Vento do Oriente.

Eu descartei uma peça. Uma ou duas voltas se seguiram, interrompidas pelas observações monótonas de “Três Bambus”, “Dois Círculos”, “*Pung*”, e

frequentemente por miss Ganett dizendo “*Unpung*”, como é de hábito às mulheres clamar muito rapidamente por peças às quais não têm direito.

— Vi Flora Ackroyd esta manhã — disse miss Ganett. — *Pung*, não, *Unpung*. Errei.

— Quatro Círculos — disse Caroline — Onde a viu?

— Ela não *me* viu — disse miss Ganett, com esta importância encontrada apenas em pequenos vilarejos.

— Ah! — disse Caroline interessada. — *Chow.*

— Eu acho — disse miss Ganett, temporariamente distraída — que hoje em dia o correto é dizer “*Chee*” e não “*Chow*”.

— Bobagem — disse Caroline. — Sempre se disse “*Chow*”.

— No Clube Xangai — disse o coronel Carter —, eles dizem “*Chow*”.

Miss Ganett desistiu, vencida.

— O que estavam falando sobre Flora Ackroyd? — perguntou Caroline, depois de um momento ou dois devotados ao jogo. — Ela estava acompanhada?

— Certamente — disse miss Ganett.

Os olhares das duas damas se encontraram e pareceram trocar informação.

— Realmente — disse Caroline interessada. — É fato? Bem, na verdade não me surpreende nem um pouco.

— Estamos aguardando você descartar, miss Caroline — disse o coronel. Algumas vezes ele assume a postura do macho superior, focado no jogo e indiferente às fofocas. Mas ninguém se deixa enganar.

— Se quer saber — disse miss Ganett (— Foi um Bambu que você jogou fora, querida? Oh! Não, estou vendo, foi um Círculo.) Como eu dizia, se quer saber,

Flora tem tido muito sorte. Ela tem sido extremamente afortunada.

— Como assim, miss Ganett? — perguntou o coronel. — Eu irei *Pung* este Dragão Verde. Por que você acha que miss Flora tem tido sorte? Uma moça tão charmosa, eu sei.

— Posso não saber muito sobre crimes — disse miss Ganett, com ar de quem sabe tudo o que há para se saber —, mas posso dizer uma coisa. A primeira pergunta que sempre se faz é “quem foi o último a ver o morto com vida?”. E a pessoa que o fez é considerada suspeita. Agora, Flora Ackroyd foi a última a ver o tio com vida. Deve ter sido muito desagradável para ela, muito desagradável de fato. É minha opinião, e aposto quanto quiserem que Ralph Paton está longe por conta dela, para afastar as suspeitas sobre ela.

— Ora, ora — protestei suavemente —, não está sugerindo que uma jovem como Flora Ackroyd seja capaz de esfaquear o tio a sangue-frio?

— Bem, eu não sei — disse miss Ganett. — Acabo de ler um livro da biblioteca sobre os submundos de Paris, e diz que as piores mulheres criminosas são jovens com rosto de anjo.

— Isso é na França — disse Caroline na mesma hora.

— Exato — disse o coronel. — Vou lhes contar agora uma coisa das mais curiosas, uma história que circulava pelos bazares na Índia...

A história do coronel era interminável, e nem um pouco interessante. Algo que acontecera na Índia há muitos anos não se compara nem por um momento com algo que aconteceu em King’s Abbot anteontem.

Foi Caroline quem felizmente encerrou a história do coronel fazendo *mahjong*. Depois dos momentos ligeiramente desagradáveis sempre ocasionados pelas correções que faço da falha aritmética de Caroline, começamos uma nova rodada.

— Vento do Oriente passa — disse Caroline. — Eu tenho minha própria ideia sobre Ralph Paton. Três Caracteres. Mas no momento ainda estou guardando para mim mesma.

— Está, querida? — disse miss Ganett. — *Chow*, quero dizer, *Pung*.

— Sim — disse Caroline com firmeza.

— Foi tudo bem com a questão das botas? — perguntou miss Ganett. — O fato de serem pretas, quero dizer?

— Muito bem — disse Caroline.

— Do que você acha que se tratava? — perguntou miss Ganett.

Caroline contraiu os lábios e balançou a cabeça com um ar de quem sabia tudo a respeito.

— *Pung* — disse miss Ganett. — Não, *Unpung*. Suponho que o doutor, agora próximo de Poirot, deve saber todos os segredos?

— Longe disso — eu disse.

— James é tão modesto — disse Caroline. — Ah! Um *Kong* escondido.

O coronel deixou escapar um assobio. Por um instante as intrigas foram esquecidas.

— O seu próprio vento, também — ele disse. — E você tem dois *Pungs* de Dragões. Devemos ser cuidadosos. Miss Caroline está pronta para uma ótima mão.

Jogamos por alguns minutos sem nenhuma conversa irrelevante.

— Esse monsieur Poirot — disse o coronel Carter — é realmente um grande detetive?

— O maior que o mundo já conheceu — disse Caroline solenemente. — Ele veio para cá incógnito para evitar publicidade.

— *Chow* — disse miss Ganett. — Uma maravilha para nosso pequeno vilarejo, tenho certeza. Aliás, Clara, a minha empregada, vocês sabem, é grande amiga de Elsie, arrumadeira em Fernly, e o que você acha que Elsie disse a ela? Que muito dinheiro foi roubado, e em sua opinião a copeira teve alguma coisa a ver com isso. Ela está partindo no final do mês, e ela chora muito à noite. Quer saber o que eu acho? A moça provavelmente está ligada a uma gangue. Ela sempre foi uma moça esquisita, não é amiga de nenhuma das moças da região. Ela sai sozinha nos seus dias de folga, muito pouco natural, eu diria, e muito suspeito. Uma vez eu a convidei para ir ao nosso Encontro Amistoso de Moças, mas ela recusou, eu então lhe fiz várias perguntas sobre sua casa, sua família, esse tipo de pergunta, e devo dizer que considerei sua maneira de responder muito impertinente. Na aparência muito respeitosa, mas ela me fez calar da maneira mais direta.

Miss Ganett parou para tomar fôlego, e o coronel, que não tinha nenhum interesse no assunto da empregada, observou que no Clube Xangai o jogo rápido era a regra invariável.

Tivemos uma mão de jogo rápido.

— Esta miss Russell — disse Caroline. — Ela veio aqui fingindo se consultar com James na sexta de manhã. Em

minha opinião ela queria ver onde os venenos eram guardados. Cinco Caracteres.

— *Chow* — disse miss Ganett. — Que ideia extraordinária! Pergunto-me se você estaria certa.

— Falando sobre venenos — disse o coronel. — Eh, o quê? Eu já não descartei? Oh! Oito Bambus.

— *Mahjong!* — disse miss Ganett.

Caroline ficou muito aborrecida.

— Um Dragão Vermelho — disse ela pesarosa —, eu deveria ter tido uma mão de três pares.

— Eu tive dois Dragões Vermelhos durante todo o tempo — comentei.

— Típico de você, James — disse Caroline em tom acusatório. — Você não tem noção do espírito do jogo.

Eu achava que tinha jogado com bastante esperteza. Eu teria de ter pago a Caroline uma enorme soma se ela tivesse feito *mahjong*. O *mahjong* de miss Ganett era do tipo o mais pobre possível, como Caroline fez questão de observar.

O Vento do Oriente passou, e começamos uma nova mão em silêncio.

— O que eu ia dizer há pouco era o seguinte — disse Caroline.

— Sim — disse miss Ganett encorajando-a.

— Minha ideia sobre Ralph Paton...

— Sim, querida — disse miss Ganett ainda mais encorajadora. — *Chow!*

— É um sinal de fraqueza fazer *Chow* tão cedo — disse Caroline severamente. — Você deveria ir atrás de uma boa mão.

— Eu sei — disse miss Ganett. — Você estava dizendo... sobre Ralph Paton?

— Sim. Bem, tenho uma ideia bastante provável de onde ele está.

Nós todos paramos para encará-la.

— Isso é muito interessante, miss Caroline — disse o coronel Carter —, uma ideia inteiramente sua?

— Bem, não exatamente. Deixe-me contar. Vocês conhecem este grande mapa do condado que temos no corredor?

Todos dissemos que sim.

— Quando monsieur Poirot estava saindo outro dia, ele parou, olhou-o e fez um comentário, não me lembro exatamente o que foi. Algo sobre Cranchester ser a única grande cidade próxima a nós, o que é verdade, é claro. Porém, depois que ele se foi, subitamente me ocorreu.

— O que lhe ocorreu?

— O que ele queria dizer. Ralph, é claro, está em Cranchester.

Foi nesse momento que eu esbarrei no suporte das minhas peças. Minha irmã censurou-me imediatamente pela minha falta de jeito, mas com certa indiferença. Estava voltada para sua teoria.

— Cranchester, miss Caroline? — disse o coronel Carter. — Não certamente em Cranchester. É tão perto.

— Por isso mesmo — clamou Caroline triunfante. — Já está bem claro a essa altura que ele não escapou daqui de trem. Ele deve ter simplesmente caminhado até Cranchester. E eu acredito que ele ainda esteja lá. Ninguém imaginaria que ele estaria tão perto, tão à mão.

Apontei várias objeções a essa teoria, mas, quando Caroline mete algo na cabeça, nada a demove.

— E acha que monsieur Poirot teve a mesma ideia — disse miss Ganett pensativa. — É uma coincidência

curiosa, mas fiz um passeio na estrada para Cranchester esta tarde, e ele passou de carro por mim vindo desta direção.

Nós todos nos entreolhamos.

— Nossa, meu Deus — disse miss Ganett de repente —, já tenho *mahjong* e nem reparei.

A atenção de Caroline foi afastada de seus exercícios imaginativos. Ela chamou a atenção de miss Ganett de que uma mão que consistia de jogos mistos e muitos *chows* não valia a pena um *mahjong*. Miss Ganett ouviu imperturbável e coletou suas fichas.

— Sim, querida, entendo o que quer dizer — ela disse. — Mas depende bastante do tipo de mão que se tem logo de saída, não é mesmo?

— Não se terá nunca boas mãos se não se buscar por elas — insistiu Caroline.

— Bem, cada um deve jogar do seu próprio modo, não é? — disse miss Ganett. Ela olhou para suas fichas. — Afinal, estou com muitos pontos até agora.

Caroline, que estava bem para trás, não disse nada.

O Vento do Oriente passou, e começamos novamente. Annie trouxe o chá. Caroline e miss Ganett estavam as duas um pouco exaltadas, como é frequente durante essas noites festivas.

— Se você jogasse um pouco mais rápido, querida — disse Caroline, enquanto miss Ganett hesitava sobre o que descartar. — Os chineses baixam tão rapidamente as peças que soam como pequenos passarinhos saltitando.

Por alguns minutos jogamos como os chineses.

— Você não contribuiu muito com informações, Sheppard — disse o coronel Carter cordialmente. — Você

é um velhaco. Unha e carne com o grande detetive, e nem uma alusão sobre como as coisas estão indo.

— James é uma criatura extraordinária — disse Caroline. — Ele *não* consegue dar informação.

Ela me olhou com certo desagrado.

— Eu lhe asseguro — disse — que não sei nada. Poirot guarda tudo para si mesmo.

— Homem sábio — disse o coronel com uma risadinha. — Ele não se entrega. Porém são grandes sujeitos, esses detetives estrangeiros. Capazes de todo tipo de evasivas, imagino.

— *Pung* — disse miss Ganett, em um tom de silencioso triunfo. — E *mahjong.*

A situação ficou mais tensa. Foi o aborrecimento com o terceiro *mahjong* seguido de miss Ganett que levou Caroline a me dizer, ao construirmos uma nova muralha:

— Você é muito enfadonho, James. Você fica aí sentado como um dois de paus, e não fala nada!

— Mas querida — protestei —, eu não tenho mesmo nada a dizer, ou seja, do tipo de coisa que você está insinuando.

— Bobagem — disse Caroline, ao organizar suas pedras. — Você *deve* saber alguma coisa interessante.

Não respondi por um momento. Eu estava abismado e inebriado. Eu já lera sobre existir algo como o Ganhador Perfeito, que faz *mahjong* na primeira mão. Eu nunca esperara ter tal mão.

Com um triunfo disfarçado expus o jogo em minha mão sobre a mesa.

— Como dizem no Clube Xangai — observei —, *Tin-ho* – o Ganhador Perfeito!

Os olhos do coronel quase saltaram das órbitas.

— Céus! — ele disse. — Que coisa extraordinária. Eu nunca presenciei isso acontecer!

Foi então que eu continuei, instigado pelas zombarias de Caroline, tornando-me temerário por meu triunfo.

— E, quanto a algo interessante — eu disse. — O que dizer de uma aliança de ouro com uma data e a inscrição “De R.” do lado interno?

Eu passo ao largo da cena que se seguiu. Tive de contar exatamente onde esse tesouro foi encontrado. E tive de revelar a data.

— Treze de março — disse Caroline. — Apenas há seis meses. Ah!

Da babel de sugestões e suposições excitadas, três teorias apareceram:

1. A do coronel Carter: que Ralph se casara secretamente com Flora. A primeira e mais simples solução.
2. A de miss Ganett: que Roger Ackroyd estava casado em segredo com mrs. Ferrars.
3. A da minha irmã: que Roger Ackroyd tinha se casado com sua governanta, miss Russell.

Uma quarta e grandiosa teoria foi proposta por Caroline mais tarde, quando fomos deitar.

— Grave minhas palavras — ela disse de repente —, eu não ficaria nada surpresa se Geoffrey Raymond e Flora estivessem casados.

— Nesse caso seria então “De G.”, e não “De R.”, sugeri.

— Nunca se sabe. Algumas moças chamam os homens pelo sobrenome. E você ouviu o que miss Ganett

disse hoje à noite, sobre as preocupações de Flora.

Falando de maneira estrita, não ouvi miss Ganett dizer nada parecido, mas respeitei a experiência de Caroline com relação a indiretas.

— E que tal Hector Blunt — sugeri. — Se for qualquer um...

— Bobagem — disse Caroline. — Eu diria que ele a admira, talvez até esteja apaixonado por ela. Mas tenha certeza, uma moça não vai se apaixonar por um homem velho o suficiente para ser seu pai quando há um belo e jovem secretário por perto. Ela pode encorajar o major Blunt para despistar. As moças são bem ardilosas. Mas há uma coisa que eu *lhe digo*, James Sheppard, Flora Ackroyd não dá a mínima para Ralph Paton e nunca deu. Acredite em mim.

Aceitei com docilidade o que ela disse.

17
parker

ocorreu-me na manhã seguinte que, sob a animação produzida pelo *Tin-ho*, ou o Perfeito Ganhador, eu possa ter sido um pouco indiscreto. Em verdade, Poirot não havia me pedido para manter segredo da descoberta da aliança. Por outro lado, ele não comentara nada a respeito disso quando estava em Fernly, e, até onde eu sabia, eu era a única pessoa que tinha conhecimento desse achado. Senti-me claramente culpado. O fato agora se espalhava por King's Abbot como fogo. Eu aguardava uma grande censura de Poirot a qualquer momento.

O funeral conjunto de mrs. Ferrars e de Roger Ackroyd estava marcado para as 11h. Foi uma cerimônia melancólica e comovente. Todos de Fernly estavam presentes.

Depois que terminou, Poirot, que também estivera presente, me pegou pelo braço e convidou-me para acompanhá-lo de volta a The Larches. Ele parecia muito sério, e eu temia que minha indiscrição da noite anterior já tivesse chegado aos seus ouvidos. Mas logo ficou claro que seus pensamentos estavam ocupados com algo de natureza totalmente diferente.

— Veja — ele disse. — Temos de agir. Com sua ajuda eu proponho que examinemos uma testemunha. Vamos

interrogá-la, vamos amedrontá-la de tal forma que a verdade terá de vir à tona.

— De que testemunha você está falando? — perguntei muito surpreso.

— Parker! — disse Poirot. — Eu lhe pedi que fosse a minha casa hoje ao meio-dia. Ele deve estar nos aguardando neste exato momento.

— O que você está pensando? — arrisquei, olhando de lado para seu rosto.

— Só sei o seguinte: eu não estou satisfeito.

— Você acha que foi ele quem chantageou mrs. Ferrars?

— Ou isso, ou...

— Sim? — disse, depois de esperar um minuto ou dois.

— Meu amigo, digo o seguinte: espero que tenha sido ele.

A gravidade de suas maneiras e algo mais indefinível reduziram-me ao silêncio.

Ao chegar a The Larches, fomos informados de que Parker já aguardava nosso retorno. Ao entrarmos na sala, o mordomo se levantou respeitosamente.

— Bom dia, Parker — disse Poirot agradavelmente. — Um instante, por favor.

Ele removeu o sobretudo e as luvas.

— Permita-me, senhor — disse Parker, e levantou-se de um pulo para ajudá-lo. Ele colocou as peças de forma bem-arrumada sobre uma cadeira perto da porta. Poirot o observava aprovativo.

— Obrigado, meu bom Parker — ele disse. — Sente-se, por favor. O que eu tenho a dizer pode levar certo tempo.

Parker sentou-se com uma inclinação de desculpas.

— Agora, por que acha que lhe pedi que viesse aqui hoje?

Parker tossiu.

— Entendi, senhor, que queria me fazer algumas perguntas a respeito do meu antigo patrão, em particular.

— *Précisément* — disse Poirot sorridente. — Já teve experiência com chantagem?

— Senhor!

O mordomo levantou-se de um salto.

— Não se exalte — disse Poirot com placidez. — Não finja ser um homem honesto ofendido. Você sabe tudo sobre chantagem, não sabe?

— Senhor, eu... eu nunca... nunca fui...

— Insultado — sugeriu Poirot — dessa maneira antes. Então, por que, meu caríssimo Parker, estava tão ansioso para ouvir a conversa no escritório de mr. Ackroyd na outra noite, depois que ouviu a palavra chantagem?

— Eu não fiquei... eu...

— Quem foi seu último patrão? — disse Poirot de repente.

— Major Ellerby, senhor...

Poirot tirou-lhe as palavras da boca.

— Exato. Major Ellerby. O major Ellerby era viciado em drogas, não era? Você viajava com ele. Quando ele esteve nas Bermudas houve um problema, um homem foi morto. O major Ellerby foi parcialmente responsável. Tudo foi abafado. Mas você sabia. Quanto o major Ellerby lhe pagou para ficar de boca calada?

Parker o olhava de queixo caído. O homem estava em frangalhos, suas bochechas tremiam flácidas.

— Veja, eu andei me informando — disse Poirot satisfeito. — É como eu disse. Você recebeu uma boa quantia na época por chantagem, e o major Ellerby continuou pagando até morrer. Agora quero ouvir sobre sua última experiência.

Parker ainda o encarava.

— É inútil negar. Hercule Poirot *sabe*. É verdade o que eu disse sobre o major Ellerby, não é?

Como contra sua vontade, Parker aquiesceu relutante. Seu rosto estava cadavérico.

— Mas eu nunca toquei em nenhum fio de cabelo de mr. Ackroyd — ele choramingou. — Juro por Deus, senhor, não toquei. Tive receio disso vir à tona todo o tempo. E lhe digo que eu não... eu não o matei.

Sua voz elevou-se quase em um grito.

— Estou inclinado a acreditar em você, meu amigo — disse Poirot. — Você não tem o sangue-frio, a coragem. Mas tenho de saber a verdade.

— Eu lhe direi tudo, senhor, tudo o que quiser saber. É verdade que eu tentei ouvir aquela noite. Uma palavra e outra que ouvi deixaram-me curioso. E mr. Ackroyd não querer ser perturbado, e trancando-se com o médico como ele fez. É verdade, por Deus, o que eu disse para a polícia. Eu ouvi a palavra chantagem, senhor, e bem...

Ele parou.

— Achou que haveria algo ali para você? — sugeriu Poirot suavemente.

— Bem, bem, sim, achei, senhor. Pensei que se mr. Ackroyd estava sendo chantageado, por que eu não teria uma parte nisto?

Uma expressão muito curiosa cruzou o rosto de Poirot. Ele se inclinou para a frente.

— Você teve algum motivo, antes dessa noite, para suspeitar de que mr. Ackroyd estivesse sendo chantageado?

— Não realmente, senhor. Foi uma grande surpresa para mim. Era um cavalheiro de hábitos tão regulares.

— Quanto você entreouviu?

— Não muito, senhor. Tive um certo azar. Claro que eu tinha de cuidar de meus afazeres na copa. E quando eu me desloquei uma ou duas vezes até o escritório foi inútil. Na primeira vez o doutor Sheppard saiu e quase me pegou em flagrante, e na outra vez mr. Raymond cruzou comigo no corredor maior e foi naquela direção, então eu sabia que não iria dar certo, e quando eu fui com a bandeja, miss Flora me interceptou.

Poirot olhou longamente para o homem, como se para avaliar sua sinceridade. Parker devolveu o olhar com seriedade.

— Espero que acredite em mim, senhor. Durante todo o tempo, temi que a polícia desencavasse esse velho assunto com o major Ellerby e suspeitasse de mim por causa disso.

— *Eh bien* — disse Poirot finalmente. — Estou disposto a acreditar em você. Mas há uma coisa que devo lhe pedir, que me mostre seu carnê de transações bancárias. Você tem um, imagino?

— Sim, senhor, na verdade, estou com ele aqui.

Sem nenhum sinal de confusão, ele o tirou do bolso. Poirot pegou o pequeno carnê de capa verde e leu os depósitos com atenção.

— Ah! Estou vendo que você comprou quinhentas libras em Letras do Tesouro Nacional este ano?

— Sim, senhor. Tenho mais de mil libras economizadas. Foi o resultado de minha conexão com, humm... meu último patrão, o major Ellerby. E houve bastante movimentação com páreos este ano, fui muito bem-sucedido. Talvez se lembre, senhor, um azarão ganhou o Jubileu. Eu tive a felicidade de apostar nele vinte libras.

Poirot lhe devolveu o carnê.

— Vou lhe desejar um bom-dia. Eu acredito que me disse a verdade. Se não, pior para você, meu amigo.

Quando Parker já tinha ido embora, Poirot pegou seu sobretudo mais uma vez.

— Vai sair novamente? — perguntei.

— Sim, vamos fazer uma pequena visita ao bom mr. Hammond.

— Você acredita na história de Parker?

— Parece confiável o bastante. Está claro que, a menos que ele seja um ator muito bom, ele acredita genuinamente que Ackroyd era a vítima da chantagem. Se é assim, ele não sabe nada sobre o assunto de mrs. Ferrars.

— Então nesse caso, quem...

— *Précisément!* Quem? Mas nossa visita a mr. Hammond atingirá um propósito. Ou irá inocentar Parker completamente, ou...

— Bem?

— Estou com o mau hábito de deixar minhas frases inacabadas esta manhã — disse Poirot desculpando-se. — Você deve ser paciente comigo.

— Aliás — eu disse meio encabulado —, tenho uma confissão a fazer. Receio que inadvertidamente tenha falado sobre aquele anel.

— Que anel?

— O anel que você achou no laguinho de peixes dourados.

— Ah! Sim — disse Poirot com um sorriso largo.

— Espero que isso não o aborreça. Foi muito descuido da minha parte.

— Não, de jeito nenhum, meu bom amigo, de jeito nenhum. Eu não lhe pedi nada. Você tinha a liberdade de falar a respeito se quisesse. Sua irmã ficou interessada?

— Em realidade, ficou. Criou a maior sensação. Todo tipo de teorias correm a respeito.

— Ah! E na verdade é tão simples. A verdadeira explicação saltou aos olhos, não foi?

— Foi? — perguntei secamente.

Poirot riu.

— O sábio não se compromete — ele observou. — Não é verdade? Mas aqui estamos na casa de mr. Hammond.

O advogado estava em seu escritório, e fomos recebidos sem demora. Ele se levantou e nos cumprimentou em sua maneira seca e precisa.

Poirot foi direto ao ponto.

— Monsieur, desejo certa informação sua, ou seja, se você tiver a gentileza de me dar. Você representou, se compreendo bem, mrs. Ferrars de King’s Paddock?

Notei o rápido lampejo de surpresa que surgiu nos olhos do advogado, antes que sua reserva profissional cobrisse mais uma vez seu rosto como uma máscara.

— Certamente. Todos os seus negócios passavam por nossas mãos.

— Muito bem. Agora, antes que lhe peça que me diga alguma coisa, gostaria que ouvisse a história que o

doutor Sheppard vai lhe relatar. Você não se opõe, não é, meu amigo, a repetir a conversa que teve com mr. Ackroyd na noite de sexta-feira?

— Não, de forma alguma — eu disse e logo comecei a narrar a estranha noite.

Hammond ouvia com atenção total.

— Isso é tudo — disse quando terminei.

— Chantagem — disse o advogado pensativamente.

— O senhor está surpreso? — perguntou Poirot.

O advogado tirou o *pince-nez* e o limpou com seu lenço.

— Não — replicou —, não posso dizer que esteja surpreso. Suspeitei de algo assim já há algum tempo.

— Isso nos traz — disse Poirot — à informação que gostaria de pedir. Se alguém pode nos dar uma ideia da soma que foi paga, é o senhor, monsieur.

— Não vejo por que guardar a informação — disse Hammond, depois de um instante. — Durante o ano passado, mrs. Ferrars vendeu certos títulos, e o dinheiro foi depositado em sua conta e não foi reinvestido. Como sua renda era grande, e ela vivia de maneira regrada depois da morte do marido, era óbvio que essas somas destinavam-se a pagar algo em particular. Eu a sondei certa vez sobre esse assunto, e ela disse que ajudava vários parentes pobres de seu marido. Deixei o assunto morrer, é claro. Até hoje sempre imaginei que o dinheiro era pago a alguma mulher que tivesse uma reivindicação sobre Ashley Ferrars. Nunca imaginei que a própria mrs. Ferrars estivesse envolvida.

— E a quantia? — perguntou Poirot.

— No total, diria que as várias quantias somavam ao menos vinte mil libras.

— Vinte mil libras! — exclamei. — Em um ano!

— Mrs. Ferrars era uma mulher muito rica — disse Poirot secamente. — E a punição por assassinato não é agradável.

— Há algo mais que eu possa acrescentar? — perguntou mr. Hammond.

— Não, obrigado — disse Poirot, levantando-se. — Desculpe-nos por desconcertá-lo.

— Não foi nada, absolutamente.

— A palavra *desconcertar* — observei, quando já havíamos saído — não se aplica a esse contexto.

— Ah! — exclamou Poirot — meu inglês nunca será muito perfeito. Idioma curioso. Eu deveria então ter dito *perturbá-lo, n'est ce pas*?

— *Incomodá-lo* é a palavra que você buscava.

— Obrigado, meu amigo. A palavra exata, você é zeloso com isso. *Eh bien*, e sobre nosso amigo Parker? Com vinte mil libras em mãos ele teria continuado a ser um mordomo? *Je ne pense pas.* É possível, é claro, que ele tenha depositado o dinheiro sob outro nome, mas estou disposto a acreditar que ele nos disse a verdade. Se ele é um salafrário, ele é um salafrário em uma escala mediana. Ele não tem grandes ideias. Isso nos deixa com uma possibilidade, Raymond, ou, bem... major Blunt.

— Certamente, não Raymond — objetei. — Já que sabemos que ele estava desesperado e em apuros por causa de quinhentas libras.

— Isso é o que ele diz, não é?

— E quanto ao major Blunt...

— Vou lhe falar algo a respeito do bom major Blunt — interrompeu Poirot. — Meu negócio é indagar. Eu indago. *Eh bien*, essa herança da qual ele fala, descobri que a

quantia era próxima das vinte mil libras. O que você acha disso?

Eu fiquei tão surpreso que mal podia falar.

— É impossível — eu disse finalmente. — Um homem famoso como o major Blunt.

Poirot encolheu os ombros.

— Quem sabe? Ao menos ele é um homem de grandes ideias. Eu confesso que tenho dificuldade em vê-lo como um chantagista, mas há outra possibilidade que você não considerou.

— Qual é?

— O fogo, meu amigo. Ackroyd deve ter destruído ele próprio essa carta, o envelope azul e tudo o mais, depois que você o deixou.

— Acho difícil que seja possível — disse lentamente. — E, no entanto... claro, pode ter sido isso. Ele pode ter mudado de ideia.

Acabáramos de chegar a minha casa, e no impulso convidei Poirot a entrar e comer alguma coisa.

Achei que Caroline ficaria satisfeita comigo, mas é difícil satisfazer as mulheres. Parecia que iríamos ter costeletas para o almoço, e dobradinha com cebola para o pessoal da cozinha. E duas costeletas colocadas diante de três pessoas produziriam constrangimento.

Mas Caroline raramente se intimida por muito tempo. Com magnífica falsidade, explicou a Poirot que, embora James risse dela por fazer isso, ela aderia estritamente a uma dieta vegetariana. Então discorreu feliz sobre as delícias do croquete de nozes (que tenho certeza de que ela nunca provara antes) e comeu com gosto uma torrada com queijo e fez frequentes comentários sobre os perigos dos alimentos com carne.

Mais tarde, quando estávamos sentados diante da lareira, fumando, Caroline atacou Poirot diretamente.

— Não encontrou Ralph Paton ainda? — ela perguntou.

— Onde eu o encontraria, mademoiselle?

— Pensei que talvez o encontrasse em Cranchester — disse Caroline, com profundo propósito no tom de sua voz.

Poirot pareceu meramente perplexo.

— Em Cranchester? Mas por que em Cranchester?

Eu esclareci com um toque de malícia.

— Um dos membros da nossa ampla equipe de detetives o viu por acaso em seu carro na estrada de Cranchester ontem — expliquei.

A perplexidade de Poirot desapareceu. Ele ria abertamente.

— Ah, isso! Uma simples visita ao dentista, *c'est tout.* Meu dente dói. Vou até lá. Meu dente imediatamente melhora. Decido retornar logo. O dentista diz que não. Melhor arrancá-lo. Discuto. Ele insiste. Ele ganha! Este dente, em particular, nunca mais irá doer.

Caroline murchou como um balão furado.

Continuamos a discutir sobre Ralph Paton.

— Uma natureza fraca — insisti. — Mas não má.

— Ah! — disse Poirot. — Mas a fraqueza, onde ela termina? — Exato — disse Caroline. — Veja James, aqui fraco como água, se não fosse eu a cuidar dele.

— Minha querida Caroline — disse irritado —, você não consegue falar sem incluir alusões pessoais?

— Você *é* fraco, James — disse Caroline, bastante imperturbável. — Sou oito anos mais velha do que você

— oh! Eu não me incomodo de monsieur Poirot saber disso...

— Eu jamais teria imaginado, mademoiselle — disse Poirot, com uma leve inclinação galante.

— Oito anos mais velha. Mas sempre considerei meu dever tomar conta de você. Com uma má educação, só Deus sabe em que encrenca você estaria metido a essa altura.

— Eu deveria ter me casado com uma bela aventureira — murmurei olhando para o teto e soltando anéis de fumaça.

— Aventureira! — disse Caroline bufando. — Se estamos falando de aventureiras...

Ela deixou a frase inacabada.

— Sim? — eu disse com certa curiosidade.

— Nada. Mas posso pensar em alguém que não está a centenas de quilômetros de distância.

Ela então se voltou de repente para Poirot.

— James insiste que o senhor acredita que alguém na casa cometeu o assassinato. Tudo o que posso dizer é: está errado.

— Eu não gostaria de estar errado — disse Poirot. — Não é, como vocês dizem, meu *métier*?

— Tenho bastante clareza dos fatos — continuou Caroline, sem prestar atenção à observação de Poirot —, fornecidos por James e por outros. Até onde entendo das pessoas da casa, apenas duas *poderiam* ter tido a oportunidade de fazê-lo. Ralph Paton e Flora Ackroyd.

— Minha querida Caroline...

— James, não me interrompa. Eu sei do que estou falando. Parker a encontrou *do lado de fora* da porta, não

foi? Ele não ouviu o tio lhe dar boa-noite. Ela poderia tê-lo matado ali mesmo naquele momento.

— Caroline.

— Não estou dizendo que ela o *fez*, James. Estou dizendo que ela *poderia* ter feito. Na verdade, embora Flora seja igual a todas essas moças de hoje em dia, sem nenhum respeito pelos mais velhos e achando que sabem tudo sobre qualquer assunto existente, eu não acredito por um segundo que ela pudesse matar uma galinha. Mas aí está. Mr. Raymond e o major Blunt têm álibis. Mrs. Ackroyd tem um álibi. Até essa mulher, Russell, parece ter um, e é uma sorte para ela que o tenha. Quem resta? Apenas Ralph e Flora! E digam o que quiserem, eu não acredito que Ralph Paton seja um assassino. Um menino que conhecemos a vida toda.

Poirot ficou em silêncio um instante, observando a fumaça espiralada saindo de seu cigarro. Quando ele falou finalmente, foi em uma voz gentil e distante que produziu uma impressão curiosa. Era totalmente diferente de seu jeito habitual.

— Vamos considerar um homem, um homem muito comum. Um homem sem nenhuma intenção de assassinato em seu coração. Há nele, em algum lugar, um traço de fraqueza, profundo, que nunca foi ativada, até então. Talvez nunca seja, e se assim for ele irá para o túmulo honrado e respeitado por todos. Mas vamos imaginar que algo se passa. Ele está em dificuldades, ou nem isso talvez. Ele pode tropeçar por acaso em um segredo, um segredo de vida ou morte para alguém. E seu primeiro impulso será expor isso, cumprir seu dever como cidadão honesto. E então o traço de fraqueza se manifesta. Aqui está uma oportunidade de faturar uma

grande quantidade de dinheiro. Ele quer dinheiro, o deseja, e é tão fácil. Ele não precisa fazer nada por ele, a não ser ficar em silêncio. Isso é o início. O desejo por dinheiro aumenta. Ele tem que ter mais, e mais! Ele está inebriado pela mina de ouro que se abriu diante dele. Ele fica ganancioso. E na sua ganância ele ultrapassa a si mesmo. É possível pressionar um homem até quando quiser, mas uma mulher não se deve pressionar demais. Pois a mulher tem no coração um grande desejo de falar a verdade. Quantos maridos que enganaram suas mulheres vão para o túmulo confortáveis levando consigo seus segredos! Quantas mulheres enganam seus maridos e estragam sua vida lançando esse fato nas garras desses mesmos maridos! Foram pressionadas demais. Em um momento de inquietude (do qual mais tarde se arrependerão, *bien entendu*) elas lançam a segurança aos ventos, proclamando a verdade com grande satisfação momentânea para consigo mesmas. Foi o que aconteceu, eu acho, nesse caso. A tensão era muito grande. E então veio seu provérbio, a morte da galinha dos *ovos* de ouro. Mas esse não é o final. O homem de quem estamos falando arriscava ser exposto. E ele não é mais o mesmo homem que foi, digamos, há um ano. Sua fibra moral está debilitada. Ele está desesperado. Ele está lutando uma batalha perdida, e ele está preparado para pegar qualquer meio que esteja ao seu alcance, pois exposição significa sua ruína. E então, a adaga ataca!

Ele ficou em silêncio por um tempo. Era como se tivesse lançado um encantamento na sala. Não posso sequer começar a descrever a impressão que suas

palavras produziram. Havia algo na análise impiedosa e na cruel visualização que nos encheu aos dois de medo.

— Mais tarde — ele continuou suavemente —, com o perigo afastado, ele será ele próprio novamente, normal, bondoso. Mas, se a necessidade mais uma vez surgir, ele atacará de novo.

Caroline se levantou finalmente.

— Você está falando de Ralph Paton — ela disse. — Talvez você esteja certo, talvez não, mas você não pode condenar um homem sem ouvi-lo.

O telefone tocou estridente. Fui ao corredor e atendi.

— O quê? — eu disse. — Sim, é o doutor Sheppard quem fala.

Ouvi por um instante, então respondi brevemente. Ao colocar o fone no gancho, voltei para a sala.

— Poirot — eu disse —, eles prenderam um homem em Liverpool. Seu nome é Charles Kent, acredita-se que ele seja o estranho que visitou Fernly aquela noite. Eles querem que eu vá imediatamente a Liverpool para identificá-lo.

18
charles kent

meia hora depois, Poirot, o inspetor Raglan e eu estávamos no trem a caminho de Liverpool. O inspetor estava visivelmente muito excitado.

— Teremos um esclarecimento pelo menos com relação à questão da chantagem — declarou jubilante. — Ele é um indivíduo violento, pelo que me disseram ao telefone. E consome entorpecentes também. Deverá ser fácil conseguir dele o que queremos. Se houver uma sombra de motivo, nada mais provável seria do que ele ter matado mr. Ackroyd. Mas, nesse caso, por que o jovem Paton estaria se escondendo? A história toda é uma confusão, isso é o que ela é. Aliás, monsieur Poirot, o senhor estava certo sobre aquelas impressões digitais. Eram do próprio mr. Ackroyd. Eu tive a mesma ideia, mas a descartei como sendo dificilmente exequível.

Sorri comigo mesmo. O inspetor Raglan estava claramente salvando sua reputacão.

— Com relação a esse homem — disse Poirot —, ele não foi preso ainda, foi?

— Não, foi detido por suspeita.

— E o que ele diz?

— Muito pouco — disse o inspetor arreganhando os dentes. — Ele é uma figura desconfiada, eu acho. Muito

insulto, mas quase nada além disso.

Ao chegarmos a Liverpool fiquei surpreso ao descobrir que Poirot foi recebido com aclamação. O superintendente Hayes, que veio nos encontrar, trabalhara com Poirot em um caso havia muito tempo, e tinha, evidentemente, uma opinião exagerada sobre os poderes deste.

— Agora que temos aqui monsieur Poirot, o caso não levará muito tempo — ele disse alegre. — Pensei que havia se aposentado, monsieur?

— Aposentei-me, meu bom Hayes, aposentei-me. Mas como a aposentadoria é entediante! Não pode imaginar a monotonia com que passam os dias.

— Acredito. Então veio para dar uma olhada em nosso achado? Este é o doutor Sheppard? Crê que poderá identificá-lo?

— Não tenho muita certeza — disse em dúvida.

— Como o pegaram? — perguntou Poirot.

— A descrição circulou, como sabe. Tanto na imprensa quanto em particular. Não havia muito em que basear, confesso. Esse tipo tem um sotaque americano, e não nega ter estado perto de King’s Abbot naquela noite. Apenas fica perguntando que diabos isso tem a ver conosco e que nos verá no inferno antes de responder a qualquer pergunta.

— Tenho permissão para vê-lo também? — perguntou Poirot.

O superintendente piscou com cumplicidade.

— Temos muito prazer que esteja conosco, senhor. Tem permissão para fazer o que quiser. O inspetor Japp da Scotland Yard perguntava pelo senhor outro dia. Disse que ouviu dizer que o senhor estava envolvido com o

caso extraoficialmente. Onde se esconde o capitão Paton, senhor, poderia me dizer?

— Duvido que fosse prudente na conjuntura atual — disse Poirot afetadamente, e eu mordi os lábios para não sorrir.

O homenzinho realmente safou-se muito bem.

Depois de mais alguma discussão, fomos levados para interrogar o prisioneiro.

Ele era um rapaz jovem, eu diria que não mais de vinte e dois, vinte e três anos. Alto, magro, com mãos ligeiramente trêmulas, e evidência de uma força física considerável, que teria sido ainda maior no passado. Seu cabelo era escuro, mas seus olhos eram azuis e furtivos, olhando raramente direto nos olhos. Eu tinha acalentado todo o tempo a ilusão de que havia algo familiar na figura que eu encontrara aquela noite, mas se esse era o sujeito realmente, eu estava totalmente enganado. Ele não me lembrava absolutamente ninguém que eu conhecesse.

— Então, Kent — disse o superintendente —, levante-se. Aqui estão alguns visitantes que vieram vê-lo. Você reconhece algum deles?

Kent nos olhou mal-humorado, mas não respondeu. Vi seu olhar passar por nós três e voltar-se para mim.

— Então, senhor — disse o superintendente para mim —, o que diz?

— A altura é a mesma — eu disse —, e no que diz respeito à aparência em geral, poderia ser o mesmo homem. Além disso, eu não poderia informar.

— O que diabos é tudo isso? — perguntou Kent. — O que você tem contra mim? Então, fale logo! O que imagina que eu fiz?

Aquiesci.

— É o homem — eu disse. — Eu reconheço a voz.

— Reconhece minha voz, é? Onde você acha que a ouviu antes?

— Na última sexta-feira à noite, do lado de fora do portão de Fernly Park. Você me perguntou a direção para lá.

— Perguntei, não perguntei?

— Você o admite? — perguntou o inspetor.

— Eu não admito nada. Não até que eu saiba o que tem contra mim.

— Você não leu os jornais nos últimos dias? — perguntou Poirot, falando pela primeira vez.

Os olhos do homem se estreitaram.

— Então é disso que se trata, não é? Li que um velho senhor foi morto em Fernly. Está achando que eu fiz o serviço, não está?

— Você esteve lá naquela noite — disse Poirot em voz baixa.

— Como o senhor sabe, mister?

— Por causa disto. — Poirot tirou algo do bolso e mostrou.

Era a pena de ganso que tínhamos encontrado no quiosque.

Ao vê-la o rosto do homem mudou. Ele meio que estendeu sua mão.

— Neve — disse Poirot pensativamente. — Não, meu amigo, está vazia. Estava onde você a deixou cair no quiosque naquela noite.

Charles Kent o olhou em dúvida.

— Você parece saber muito sobre tudo, seu pequeno canalha forasteiro. Talvez se lembre disto: os jornais

dizem que o velho cavalheiro foi morto entre as 21h45 e 22h?

— Exato — concordou Poirot.

— Sim, mas posso me fiar nisso realmente? É o que quero saber.

— Este cavalheiro lhe dirá — disse Poirot.

Ele indicou o inspetor Raglan. Este hesitou, olhou para o superintendente Hayes, depois para Poirot, e finalmente, como se recebendo consentimento, disse:

— Está certo, entre as 21h45 e 22h.

— Então não tem motivo nenhum para me manter aqui — disse Kent. — Estive em Fernly Park por volta das 21h25. Podem perguntar no Dog & Whistle. É um bar cerca de uma milha de Fernly na estrada para Cranchester. Eu entrei numa pequena briga, bem me lembro. Foi perto das 21h45. Que tal?

O inspetor Raglan fez uma anotação em seu caderno.

— Então? — perguntou Kent.

— Investigações serão feitas — disse o inspetor. — Se você falou a verdade, não terá nada a temer. O que estava fazendo afinal em Fernly Park?

— Eu fui até lá me encontrar com alguém.

— Quem?

— Não é assunto seu.

— Melhor manter um linguajar civilizado, meu camarada — avisou-lhe o superintendente.

— Pro inferno com linguajar civilizado. Fui lá tratar de assunto meu, e é tudo. Se eu estava lá antes de o assassinato acontecer, isso é tudo o que interessa para a polícia.

— Seu nome é Charles Kent — disse Poirot. — Onde você nasceu?

O homem o encarou, depois arreganhou os dentes.

— Sou cem por cento britânico — ele disse.

— Sim — disse Poirot meditativo —, acho que sim. Imagino que tenha nascido em Kent.

O homem o encarou.

— Por quê? Por causa do meu nome? O que isso tem a ver? Um homem cujo nome é Kent tem de ter nascido nesse condado em particular?

— Sob certas circunstâncias, imagino que sim — disse Poirot com muita deliberação. — Sob certas circunstâncias, compreende?

Havia tanto propósito em sua voz que surpreendeu os dois policiais. Já com relação a Charles Kent, ele ficou rubro feito um tijolo, e por um instante achei que ia voar sobre Poirot. Ele pensou melhor, no entanto, e se afastou forçando uma risada.

Poirot balançou a cabeça como que satisfeito, e saiu pela porta. Logo os dois policiais se juntaram a ele.

— Vamos verificar essa declaração — observou Raglan. — Entretanto, não creio que ele esteja mentindo. Mas ele precisa dar uma declaração mais exata sobre o que estava fazendo em Fernly. Parece-me que já temos nosso chantagista. Por outro lado, se sua história é verdadeira, ele não poderia ter nada a ver com o assassinato em si. Ele tinha dez libras com ele quando o prendemos, uma quantia considerável. Imagino que aquelas quarenta libras tenham ido para ele, os números nas notas não correspondem, mas é claro que ele as teria trocado imediatamente. Mr. Ackroyd deve ter-lhe dado o dinheiro, e ele o trocou o mais rápido possível. E que história foi aquela de Kent ser seu local de nascimento? O que tem a ver com todo o resto?

— Nada absolutamente — disse Poirot indulgente. — Uma pequena ideia que tive, foi tudo. Eu sou conhecido por minhas pequenas ideias.

— É mesmo? — disse Raglan estudando-o com uma expressão intrigada.

O superintendente deu uma sonora gargalhada.

— Muitas foram as vezes em que ouvi o inspetor Japp dizer isso. Monsieur Poirot e suas pequenas ideias! Muito extravagantes para mim, ele dizia, mas tem sempre alguma coisa nelas.

— Está zombando de mim — disse Poirot, sorrindo. — Mas não importa. Os mais velhos riem por último, algumas vezes, quando os jovens e os espertos não riem absolutamente.

E, balançando a cabeça para eles de maneira sábia, dirigiu- -se para a rua.

Ele e eu almoçamos em um hotel. Sei agora que tudo estava claramente desembaraçado diante dele. Ele tinha conseguido o último fio que precisava para guiá-lo até a verdade.

Mas naquele momento eu não tinha a menor suspeita disso. Eu superestimei sua autoconfiança geral, e presumi que as coisas que me confundiam eram igualmente confusas para ele.

Meu principal enigma era o que poderia Charles Kent estar fazendo em Fernly. Muitas vezes me fiz essa pergunta sem chegar a uma resposta satisfatória. Finalmente aventurei perguntar a Poirot. Sua resposta foi imediata.

— *Mon ami,* eu não imagino; eu sei.

— Sério? — perguntei incrédulo.

— Sim, de fato. Imagino que neste momento não faria nenhum sentido para você se eu dissesse que ele foi a Fernly naquela noite porque ele nasceu em Kent?

Eu o olhei.

— Certamente não faz nenhum sentido para mim — disse secamente.

— Ah! — disse Poirot com pena. — Bem, não importa. Eu ainda tenho minha pequena ideia.

19
flora ackroyd

ao retornar das minhas consultas na manhã seguinte, fui saudado pelo inspetor Raglan. Parei o carro, e o inspetor subiu no estribo.

— Bom dia, doutor Sheppard — ele disse. — Bem, o álibi se confirma.

— O de Kent?

— O de Kent. A garçonete do Dog & Whistle, Sally Jones, lembra-se dele perfeitamente. Selecionou sua foto entre outras cinco. Eram apenas 21h45 quando ele entrou no bar, e o Dog & Whistle fica a mais de uma milha de distância de Fernly Park. A moça mencionou que ele tinha muito dinheiro; ela o viu retirar um punhado de notas do bolso. Isso a surpreendeu muito devido à classe de pessoa que ele era, com um par de botas limpas. Eis onde foram parar essas quarenta libras.

— O homem ainda se recusa a explicar sua visita a Fernly?

— Ele é obstinado como uma mula. Tive uma conversa com Hayes em Liverpool por telefone hoje de manhã.

— Hercule Poirot diz que sabe a razão de o homem ter ido lá naquela noite — observei.

— Ele sabe? — perguntou impetuosamente o inspetor.

— Sim — eu disse com malícia. — Ele diz que ele foi porque nasceu em Kent.

Senti um prazer especial ao passar adiante meu próprio desapontamento.

Raglan me olhou por um instante sem compreender. Então um sorriso largo se espalhou por sua face de um modo astuto e ele bateu na própria testa significativamente.

— Não está bom da cabeça — ele disse. — Eu pensei isso por um tempo. Pobre homem, por isso ele teve de desistir e vir para cá. Deve ser de família, provavelmente. Ele tem um sobrinho que não bate nada bem.

— Poirot tem? — disse muito surpreso.

— Sim, ele nunca o mencionou para você? Muito dócil, acredito, e tudo o mais, porém louco de pedra, pobre tipo.

— Quem lhe contou isso?

De novo um sorriso largo surgiu no rosto do inspetor Raglan.

— Sua irmã, miss Sheppard, foi quem me contou.

Caroline é, realmente, impressionante. Ela não descansa enquanto não souber os últimos detalhes dos segredos de família de todo mundo. Eu, infelizmente, nunca consegui incutir-lhe a decência de mantê-los para si mesma.

— Suba, inspetor — eu disse abrindo a porta do carro. — Vamos juntos para The Larches informar nosso amigo belga das últimas notícias.

— Não temos nada a perder, eu suponho. Afinal, mesmo sendo um pouco amalucado, ele me deu uma dica útil com respeito àquelas impressões digitais. Ele está obcecado com essa ideia boba sobre o tal Kent, mas quem sabe pode haver algo de útil aí.

Poirot nos recebeu com seu habitual sorriso cortês.

Ele ouviu a informação que lhe trouxemos, balançando a cabeça de tempos em tempos.

— Parece correto, não é? — disse o inspetor bastante desanimado. — Um camarada não pode assassinar uma pessoa em um lugar quando está em um bar noutro lugar a uma milha de distância.

— Você vai liberá-lo?

— Não vejo o que mais possa fazer. Não podemos mantê-lo por ter dinheiro ou por falsos motivos. Não podemos provar nada.

O inspetor jogou um fósforo na lareira com um jeito descontente. Poirot o recolheu e o colocou ordenadamente em um pequeno recipiente para essa finalidade. Sua ação foi puramente mecânica. Eu podia perceber que seus pensamentos estavam em algo bem diferente.

— Se eu fosse você — ele disse finalmente —, eu não liberaria Charles Kent ainda.

— O que quer dizer?

Raglan olhava para ele.

— O que estou dizendo. Eu não o liberaria ainda.

— Não acha que ele tem algo a ver com o assassinato, acha?

— Acho que provavelmente não, mas não se pode ter certeza ainda.

— Mas não acabei de lhe dizer...

Poirot levantou a mão protestando.

— *Mais oui, mais oui.* Eu ouvi. Não sou surdo nem burro, graças a Deus! Mas veja, o senhor está abordando o assunto a partir de premissas — não é essa a palavra? — erradas.

O inspetor o encarava seriamente.

— Não sei de onde o senhor tirou isso. Veja aqui, sabemos que mr. Ackroyd estava vivo às 21h45. Admite isso, não é?

Poirot olhou para ele por um instante, então sacudiu a cabeça com um rápido sorriso.

— Eu não admito nada que não seja *provado*!

— Bem, temos provas suficientes disso. Temos a evidência de miss Flora Ackroyd.

— Que ela disse boa-noite ao seu tio? Mas eu nem sempre acredito no que uma jovem moça me diz; não, nem mesmo quando ela é charmosa e bela.

— Mas com os diabos, homem, Parker a viu saindo pela porta.

— Não. — A voz de Poirot soou com uma súbita aspereza. — Isso foi exatamente o que ele não viu. Fiquei satisfeito em relação a isso com nosso pequeno teste do outro dia, lembra-se, doutor? Parker a viu *do lado de fora* da porta, com a mão na maçaneta. Ele não a viu sair do escritório.

— Mas onde mais ela poderia ter estado?

— Talvez nas escadas.

— As escadas?

— Essa é minha pequena ideia; sim.

— Mas estas escadas levam apenas até o quarto de mr. Ackroyd.

— Exatamente.

E o inspetor ainda o olhava espantado.

— Então acha que ela estivera lá em cima no quarto do tio? Bem, por que não? Mas por que ela mentiria a respeito disso?

— Ah! Essa é exatamente a questão. Depende do que ela estava fazendo lá, não é?

— Quer dizer, o dinheiro? Espere aí, não está sugerindo que foi miss Ackroyd quem pegou as quarenta libras?

— Não estou sugerindo nada — disse Poirot. — Mas vou lembrá-lo do seguinte. A vida não era muito fácil para a mãe e a filha. Havia contas, havia constantemente confusão sobre pequenas somas de dinheiro. Roger Ackroyd era um homem peculiar com relação a dinheiro. A moça poderia estar desnorteada por causa de uma soma comparativamente pequena. Imagine por si mesmo o que acontece então. Ela pega o dinheiro e desce a pequena escada. Quando está na metade do caminho ouve o barulho de tilintar de copos vindo do corredor. Ela não tem dúvida do que se trata: Parker está vindo para o escritório. Custe o que custar ela não deve ser vista na escada, Parker irá lembrar com certeza de tê-la visto descendo estas escadas. Ela tem apenas o tempo de correr até a porta do escritório, com a mão na maçaneta para mostrar que estava saindo bem na hora que Parker apareceu na soleira. Ela diz a primeira coisa que lhe passa pela cabeça, uma repetição da ordem que Roger Ackroyd dera mais cedo naquela noite, e então sobe para seu quarto.

— Sim, porém mais tarde — persistiu o inspetor —, ela deve ter percebido a importância essencial de falar a verdade. Afinal, o caso todo está baseado nisso!

— Mais tarde — disse Poirot secamente —, ficou um pouco difícil para mademoiselle Flora. Disseram-lhe apenas que a polícia estava aqui e que tinha havido um roubo. Ela naturalmente salta para a conclusão de que o roubo do dinheiro tinha sido descoberto. Sua única ideia é apegar-se à sua história. Quando ela descobre que seu tio está morto, ela entra em pânico. Jovens hoje em dia não desmaiam, monsieur, sem uma grande provocação. *Eh bien!* Aí está. Ela está preparada para ater-se à sua história, ou confessar tudo. E uma moça bonita e jovem não gosta de admitir que é uma ladra, especialmente diante daqueles cuja estima está ansiosa por manter.

Raglan deu uma pancada na mesa.

— Eu não vou acreditar nisso — ele disse —, não é crível. E o senhor... sabia disso o tempo todo?

— A possibilidade esteve em minha mente desde o começo — admitiu Poirot. — Eu estava convencido de que mademoiselle Flora escondia algo de nós. Para me certificar, fiz o pequeno teste de que lhe falei. O doutor Sheppard me acompanhou.

— Um teste para Parker, foi o que me disse — observei amargamente.

— *Mon ami* — disse Poirot se desculpando —, como lhe disse na ocasião, a pessoa tem de dizer alguma coisa.

O inspetor se levantou.

— Há apenas uma coisa — declarou. — Temos de interrogar a jovem imediatamente. Virá comigo a Fernly, monsieur Poirot!

— Certamente o doutor Sheppard nos levará em seu carro.

Aquiesci de bom grado.

Ao perguntar pela miss Ackroyd, fomos levados à sala de bilhar. Flora e o major Blunt estavam sentados no amplo sofá próximo à janela.

— Bom dia, miss Ackroyd — disse o inspetor. — Podemos trocar uma palavra a sós?

Blunt levantou-se de pronto e dirigiu-se para a porta.

— Do que se trata? — perguntou Flora nervosa. — Não vá, major Blunt. Ele pode ficar, não pode? — ela perguntou, virando-se para o inspetor.

— Como preferir — disse o inspetor rispidamente. — Há uma ou duas perguntas que é meu dever lhe fazer, senhorita, mas eu preferiria fazê-lo em particular, e ouso dizer que a senhorita iria preferir também.

Flora olhou para ele intensamente. Vi seu rosto empalidecer. Ela então se voltou e se dirigiu a Blunt.

— Eu quero que fique. Por favor, sim, de verdade. Seja o que for que o inspetor tem para me dizer, prefiro que ouça.

Raglan deu de ombros.

— Bem, se quer assim, está bem. Bem, miss Ackroyd, monsieur Poirot aqui presente me fez certa sugestão. Ele me sugeriu que a senhorita não estava no escritório na última sexta-feira à noite, que nunca esteve com mr. Ackroyd para dar-lhe boa-noite, que, em vez de estar no escritório, estava na escada descendo do quarto do seu tio quando ouviu Parker cruzando o corredor.

O olhar de Flora voltou-se para Poirot. Ele balançou positivamente a cabeça.

— Mademoiselle, no outro dia, quando sentamos ao redor da mesa, eu lhe implorei que fosse franca comigo. O que a pessoa não conta ao *papa* Poirot ele o descobre.

Foi isso, não foi? Veja, vou facilitar para a senhorita. Você pegou o dinheiro, não pegou?

— O dinheiro — disse Blunt espantado.

Houve um silêncio que durou pelo menos um minuto.

Flora então se recompôs e falou.

— Monsieur Poirot está certo. Eu peguei o dinheiro. Eu roubei. Eu sou uma ladra — sim, uma ladrazinha comum e vulgar. Agora vocês sabem! Fico feliz que tenha vindo à tona. Têm sido um pesadelo estes últimos dias! — Ela se sentou subitamente e enterrou o rosto nas mãos. Falou com voz rouca por entre os dedos. — Vocês não sabem o que tem sido minha vida desde que vim para cá. Querendo as coisas, tramando para tê-las, mentindo, enganando, acumulando dívidas, prometendo pagar — oh! Eu me detesto quando penso em tudo isso! Foi isso que nos uniu, Ralph e eu. Ambos éramos fracos! Eu o compreendia, e tinha pena, porque no fundo sou igual. Não somos fortes o suficiente para nos mantermos sozinhos, nenhum dos dois. Somos fracos, miseráveis, desprezíveis.

Ela olhou para Blunt e de repente se pôs de pé.

— Por que me olha assim, como se não pudesse crer? Eu posso ser uma ladra, mas, de qualquer modo, agora sou real. Não estou mais mentindo. Não estou fingindo ser o tipo de moça que você gostaria, jovem, inocente e simples. Não me importa se não quiser mais me ver. Eu me detesto, me desprezo, mas você precisa acreditar em uma coisa, se falar a verdade tivesse facilitado as coisas para Ralph, eu teria falado. Mas percebi todo esse tempo que isso não teria sido bom para Ralph, tornaria o caso dele ainda pior. Eu não o prejudicava ao me apegar a minha mentira.

— Ralph — disse Blunt. — Compreendo, sempre Ralph.

— Você não entende — disse Flora desalentada. — Você nunca entenderá.

Ela se voltou para o inspetor.

— Eu admito tudo; eu estava perdendo a cabeça por causa de dinheiro. Eu não vi absolutamente o meu tio naquela noite depois que ele deixou a mesa de jantar. E, com relação ao dinheiro, podem fazer como quiser. Nada poderia ser pior do que o que está agora!

De repente ela desmoronou novamente, escondeu o rosto nas mãos, e correu para fora da sala.

— Bem — disse o inspetor em um tom neutro —, então é isso.

Ele parecia bem perdido sobre o que fazer em seguida.

Blunt se aproximou.

— Inspetor Raglan — ele disse baixinho —, aquele dinheiro me foi dado por mr. Ackroyd por alguma razão especial. Miss Ackroyd nunca o tocou. Quando ela diz que o fez, ela está mentindo com a intenção de proteger o capitão Paton. A verdade é como eu contei e estou preparado a sentar no banco de testemunha e jurar sobre isso.

Ele fez uma reverência saltitante e, voltando-se abruptamente, saiu da sala.

Em um segundo Poirot estava atrás dele. Ele o alcançou no corredor.

— Monsieur, um momento, eu lhe imploro, por gentileza.

— Sim?

Blunt estava obviamente impaciente. Ficou de pé, de testa franzida, olhando Poirot.

— É o seguinte — disse Poirot rapidamente —, eu não me deixei enganar pela sua pequena encenação. Não, realmente. Foi mesmo miss Flora quem pegou o dinheiro. Por outro lado o que o senhor imaginou foi muito bom, me agrada. Foi muito bom o que você fez aqui. O senhor é um homem de pensamento e ação rápidos.

— Não estou nem um pouco ansioso por sua opinião, obrigado — disse Blunt friamente.

Ele fez sinal de que queria seguir adiante, mas Poirot, sem se mostrar nada ofendido, o deteve segurando-lhe o braço.

— Ah! Mas o senhor vai me ouvir. Eu tenho mais a dizer. No outro dia eu falava de ocultamentos. Muito bem, todo o tempo eu vi o que esteve escondendo. Mademoiselle Flora, você a ama de todo o coração. Desde o primeiro momento em que a viu, não é mesmo? Oh! Não nos importemos de dizer essas coisas. Por que alguém na Inglaterra acharia necessário mencionar o amor como se fosse um segredo vergonhoso? Você ama mademoiselle Flora. Você procura esconder esse fato de todo mundo. Isso é muito bom, é como deveria ser. Mas ouça o conselho de Hercule Poirot: não o esconda da própria mademoiselle.

Blunt mostrou vários sinais de inquietude enquanto Poirot falava, mas as palavras finais pareceram chamar a sua atenção.

— O que quer dizer com isso? — disse ele vivamente.

— O senhor acha que ela ama o capitão Ralph Paton; mas eu, Hercule Poirot, lhe digo que não é verdade. Mademoiselle Flora aceitou o capitão Paton para agradar

ao seu tio, e porque ela viu no casamento uma maneira de escapar de sua vida aqui que estava ficando totalmente insuportável para ela. Ela gostava dele, e havia muita simpatia e entendimento entre eles. Mas amor, não! Não é o capitão Paton que mademoiselle Flora ama.

— Que diabos quer dizer? — perguntou Blunt.

Percebi o rubor sob seu bronzeado.

— O senhor tem estado cego, monsieur. Cego! Ela é leal, essa pequena. Ralph Paton está sob suspeita, ela se sente na obrigação de ficar do lado dele.

Achei que era hora de dar uma palavrinha para ajudar a uma boa causa.

— Minha irmã me disse na outra noite — falei encorajando — que Flora nunca ligou a mínima para Ralph Paton e nunca iria. Minha irmã está sempre certa sobre essas coisas.

Blunt ignorou meus esforços bem-intencionados. Ele disse para Poirot:

— Acha realmente... — ele começou e parou.

Ele é um desses homens inarticulados que têm dificuldade em se expressar com palavras.

Poirot não tem essa deficiência.

— Se está duvidando de mim, pergunte a ela, monsieur. Mas talvez não se importe mais... o caso do dinheiro...

Blunt emitiu um som como um riso colérico.

— Acha que eu teria isso contra ela? Roger foi sempre um camarada esquisito quanto a dinheiro. Ela entrou em uma confusão e não ousava lhe contar. Pobre criança. Pobre criança solitária.

Poirot olhou pensativamente para a porta lateral.

— Mademoiselle Flora foi para o jardim, eu acho — ele murmurou.

— Tenho sido o maior dos tolos — disse Blunt de repente. — É uma conversa estranha a que tivemos. Como uma dessas peças teatrais dinamarquesas. Mas você é um homem sensato, monsieur Poirot. Obrigado.

Ele pegou a mão de Poirot e apertou de tal forma que levou o outro a encolher-se de aflição. Então se dirigiu com passos largos à porta lateral e saiu para o jardim.

— Não qualquer tipo de tolo — murmurou Poirot, ternamente cuidando da mão machucada. — Apenas o de um tipo: o tolo apaixonado.

20
miss russell

o inspetor raglan recebera um rude golpe. Ele não se deixara enganar pela mentira cavalheiresca de Blunt mais do que nós. Nosso caminho de retorno ao vilarejo foi pontuado por suas reclamações.

— Isso altera tudo, altera tudo. Não sei se o percebeu, monsieur Poirot?

— Penso que sim, sim, penso que sim — disse Poirot. — Veja, eu tenho pensado nessa ideia há um tempo.

O inspetor Raglan, que fora recém-introduzido a essa ideia havia menos de meia hora, olhou infeliz para Poirot e continuou com suas descobertas.

— Esses álibis, agora. Inúteis! Totalmente sem valor. Preciso começar tudo de novo. Descobrir o que cada um estava fazendo a partir de 21h30. 21h30, esta é a hora a nos atermos. O senhor tem razão sobre esse homem, Kent — não *o* soltaremos ainda. Deixe-me ver agora, às 21h45 no Dog & Whistle. Ele deve ter chegado lá em 15 minutos se ele tiver corrido. É possível que fosse a voz *dele* que mr. Raymond ouviu, falando com mr. Ackroyd, pedindo o dinheiro que mr. Ackroyd recusou. Mas uma coisa é clara, não foi ele quem deu o telefonema. A estação fica a meia milha de distância na outra direção, quase mais de uma milha e meia do Dog & Whistle, e ele

ficou no Dog & Whistle até cerca de 22h10. Maldito telefonema! Sempre esbarramos nele.

— É verdade — concordou Poirot. — É curioso.

— É possível, se o capitão Paton entrou no escritório de seu tio e o encontrou assassinado, que *ele* tenha enviado o recado. Assustou-se, pensou que fosse ser acusado, e desapareceu. Isso é possível, não é?

— Por que ele teria telefonado?

— Pode não ter tido certeza de que o velho estivesse mesmo morto. Pensou em chamar o médico o mais rápido possível, mas não queria se entregar. Sim, é o que digo. O que acha dessa teoria? Algo assim, eu diria.

O inspetor estufou o peito com importância. Ele estava tão claramente satisfeito consigo mesmo que qualquer observação nossa teria sido supérflua.

Nesse momento chegamos à minha casa, e corri para atender os pacientes do consultório, que já esperavam há um tempo considerável, deixando Poirot livre para caminhar até a delegacia com o inspetor.

Tendo dispensado o último paciente, andei para o pequeno quarto nos fundos da casa que chamo de minha oficina; tenho muito orgulho do aparelho de rádio sem fio que consegui fabricar em casa. Caroline detesta minha oficina. Ali guardo minhas ferramentas, e Annie não tem permissão de devastar tudo com o espanador e a vassoura. Estava ajustando a engrenagem de um despertador que tinha sido considerado pelo pessoal da casa como totalmente não confiável, quando a porta se abriu e Caroline enfiou a cabeça para dentro.

— Oh! Aí está você, James — ela disse, com grande desaprovação. — Monsieur Poirot quer vê-lo.

— Bem — eu disse bem irritado, pois sua entrada súbita havia me assustado e eu soltara uma peça do delicado mecanismo —, se ele quer me ver, ele pode vir até aqui.

— Aqui? — disse Caroline.

— Foi o que eu disse. Aqui.

Caroline fungou em desaprovação e se retirou. Voltou um momento depois, empurrando Poirot para dentro, e depois se retirou novamente, batendo a porta.

— Aha! Meu amigo — disse Poirot, aproximando-se e torcendo as mãos. — Você não se livrou de mim tão fácil, como vê!

— Terminou com o inspetor? — perguntei.

— No momento, sim. E você, viu todos os pacientes?

— Sim.

Poirot sentou-se e me olhou, inclinando para um lado sua cabeça oval, com um ar de quem saboreia uma deliciosa piada.

— Está errado — disse finalmente. — Você ainda tem um paciente para ver.

— Não você?! — exclamei surpreso.

— Ah, não eu, *bien entendu*. Eu, eu tenho uma saúde magnífica. Não, para dizer a verdade, é um pequeno complô meu. Há uma pessoa que eu desejo ver, entende, e ao mesmo tempo não é preciso que todo o vilarejo fique intrigado com o assunto, que é o que aconteceria se a dama viesse me ver em casa, pois é uma dama. Mas ela já veio até você como paciente antes.

— Miss Russell! — exclamei.

— *Précisément.* Quero muito falar com ela, então lhe enviei um pequeno bilhete marcando hora em seu consultório. Está aborrecido comigo?

— Não, ao contrário — eu disse. — Isto é, caso eu possa estar presente durante a entrevista.

— Mas é claro! Em seu próprio consultório!

— Sabe — eu disse, deixando de lado as pinças que estava segurando —, é extraordinariamente intrigante, a coisa toda. Cada novo desenvolvimento que surge é como a sacudidela que se dá em um caleidoscópio, tudo muda completamente de aspecto. Agora, por que está tão ansioso em ver miss Russell?

Poirot levantou as sobrancelhas.

— É óbvio certamente? — ele murmurou.

— Lá vem você de novo — resmunguei. — Tudo lhe parece óbvio. Mas você me deixa no escuro.

Poirot sacudiu a cabeça amigavelmente para mim.

— Está zombando de mim. Tome o assunto da mademoiselle Flora. O inspetor ficou surpreso, mas você não.

— Eu nunca sonhei que ela pudesse ser a ladra — protestei.

— Isso talvez não. Mas eu estava observando seu rosto e você não estava, como o inspetor Raglan, estarrecido e incrédulo.

Pensei por um ou dois minutos.

— Talvez esteja certo — disse por fim. — Durante todo o tempo senti que Flora estava retendo alguma coisa, então a verdade, quando veio, era subconscientemente esperada. Aborreceu muito o inspetor Raglan, pobre homem.

— Ah! *Pour ça, oui*! O pobre homem tem de rearranjar todas as suas ideias. Eu aproveitei seu estado mental caótico para induzi-lo a me fazer um pequeno favor.

— Qual foi?

Poirot pegou uma folha de papel do bolso. Tinha algumas palavras escritas que ele leu em voz alta.

— A polícia tem, há alguns dias, procurado pelo capitão Ralph Paton, sobrinho de mr. Ackroyd de Fernly Park, cuja morte ocorreu sob trágicas circunstâncias na última sexta-feira. O capitão Paton foi encontrado em Liverpool, onde estava a ponto de embarcar para a América.

Ele dobrou o pedaço de papel novamente.

— Isso, meu amigo, estará nos jornais amanhã de manhã.

Eu o encarei atônito.

— Mas não é verdade! Ele não está em Liverpool!

Poirot sorriu-me radiante.

— Sua inteligência é tão rápida! Não, ele não foi encontrado em Liverpool. O inspetor Raglan estava muito relutante em me deixar enviar esse parágrafo para a imprensa, especialmente porque não podia me abrir com ele. Mas eu lhe assegurei o mais solenemente que resultados muito interessantes se seguiriam a esta publicação, e ele então concordou, depois de estipular que não iria, de nenhuma maneira, se responsabilizar por isso.

Eu olhei para Poirot. Ele me sorriu de volta.

— Não compreendo — disse por fim —, o que espera conseguir com isso.

— Deveria usar suas pequenas células cinzentas — disse Poirot seriamente.

Ele se levantou e veio para o banco.

— Você tem realmente amor pelas máquinas — disse, depois de inspecionar os destroços do meu trabalho.

Todos os homens têm seus *hobbies*. Eu chamei a atenção de Poirot imediatamente para o rádio que havia feito. Ao descobri-lo interessado, mostrei-lhe mais uma ou duas de minhas pequenas invenções, coisas insignificantes mas úteis em casa.

— Decididamente — disse Poirot —, você deveria ser um inventor de profissão e não um médico. Mas ouvi tocar a campainha, é sua paciente. Vamos para o consultório.

Uma vez eu já ficara impressionado com os resquícios de beleza no rosto da governanta. Esta manhã, fiquei novamente impressionado. Vestida de preto, de maneira simples, alta, ereta e mais independente do que nunca, com seus grandes olhos negros e um rubor incomum em suas bochechas em geral pálidas, percebi que quando moça deveria ter sido maravilhosamente bela.

— Bom dia, mademoiselle — disse Poirot. — Gostaria de sentar? O doutor Sheppard é muito gentil em me permitir usar seu consultório para uma pequena conversa que quero muito ter com a senhorita.

Miss Russell sentou-se com sua compostura usual. Se ela estava interiormente agitada, não se manifestou externamente.

— É uma maneira singular de fazer as coisas, se me permite dizer — ela observou.

— Miss Russell, tenho novidades para a senhorita.

— Verdade?

— Charles Kent foi preso em Liverpool.

Nenhum músculo se moveu em seu rosto. Ela apenas abriu seus olhos um pouco mais, e perguntou com um tom desafiador:

— Sim, e então?

Mas naquele instante me ocorreu a semelhança que havia me assombrado todo esse tempo, algo familiar na maneira desafiadora de Charles Kent. As duas vozes, uma rouca e rude, a outra penosamente elegante, eram estranhamente a mesma no timbre. Era miss Russell que ele me lembrara naquela noite do lado de fora dos portões de Fernly Park.

Olhei para Poirot, satisfeito com minha descoberta, e ele concordou imperceptivelmente com um movimento de cabeça.

Em resposta à pergunta de miss Russell, ele balançou as mãos em um gesto tipicamente francês.

— Achei que poderia ficar interessada, só isso — ele disse calmamente.

— Bem, não estou exatamente interessada — disse miss Russell. — Quem é esse Charles Kent, afinal?

— Ele é um homem, mademoiselle, que esteve em Fernly na noite do assassinato.

— Verdade?

— Felizmente para ele, ele tem um álibi. Às 21h45 ele estava em um local público a uma milha de distância.

— Sorte a dele — comentou miss Russell.

— Mas ainda não sabemos o que ele estava fazendo em Fernly Park. Quem ele foi encontrar, por exemplo.

— Receio não poder ajudá-los — disse a governanta educadamente. — Nada chegou aos *meus* ouvidos. Se isso é tudo...

Ela fez um movimento com intenção de se levantar. Poirot a interrompeu.

— Não é tudo — disse suavemente. — Esta manhã surgiram novas revelações. Parece agora que mr.

Ackroyd foi morto não às 21h45, mas *antes.* Entre as 20h50, quando o doutor Sheppard saiu, e as 21h45.

Vi a cor desaparecer do rosto da governanta, deixando-a com uma palidez mortal. Ela se inclinou para a frente, com o corpo balançando.

— Mas miss Ackroyd disse... miss Ackroyd disse.

— Miss Ackroyd admitiu que estava mentindo. Ela nunca esteve no escritório naquela noite.

— Então?

— Então, parece que temos o homem que procuramos na figura desse Charles Kent. Ele veio a Fernly, não pode dizer o que estava fazendo ali...

— Eu posso dizer o que ele estava fazendo ali. Ele nunca tocou em um fio de cabelo do velho Ackroyd; ele nunca chegou perto do escritório. Ele não o fez, eu lhe digo.

Ela se inclinava para a frente. Aquele autocontrole de ferro estava quebrando finalmente. O terror e o desespero estavam em seu rosto.

— Monsieur Poirot! Monsieur Poirot! Oh, acredite em mim.

Poirot se levantou e foi até ela. Ele bateu-lhe no ombro de modo tranquilizador.

— Mas sim, mas sim, acreditarei. Eu tinha de fazê-la falar, sabe.

Por um instante a suspeita despontou nela.

— O que disse é verdade?

— Que Charles Kent é suspeito do crime? Sim, isso é verdade. Só você pode salvá-lo, dizendo a razão de sua vinda a Fernly.

— Ele veio me ver. — Ela disse em uma voz baixa, rápida. — Eu saí para encontrá-lo...

— No quiosque, sim, eu sei.

— Como sabe?

— Mademoiselle, é a profissão de Hercule Poirot descobrir as coisas. Eu sei que você foi mais cedo lá fora e que deixou uma mensagem no quiosque dizendo a que horas você estaria lá.

— Sim, fiz isso. Eu tive notícias dele, dizendo que estava vindo. Eu não ousaria deixá-lo vir até a casa. Escrevi para o endereço que ele me deu e disse que o encontraria no quiosque, e o descrevi para ele para que pudesse achá-lo. Depois temi que ele não esperasse lá pacientemente, e saí correndo para deixar um bilhete dizendo que eu estaria ali às 21h10. Não queria que os empregados me vissem, então saí pela janela do salão de recepção. Quando retornei, encontrei o doutor Sheppard, e pensei que ele poderia achar estranho. Eu estava sem fôlego porque estava correndo. Eu não sabia que ele era esperado para jantar naquela noite.

Ela parou.

— Continue — disse Poirot. — Você saiu para encontrá-lo às 21h20. Sobre o que conversaram?

— É difícil. Veja...

— Mademoiselle — disse Poirot, interrompendo-a —, nesse assunto preciso ter toda a verdade. O que nos disser não precisará sair destas quatro paredes. O doutor Sheppard será discreto, e eu também. Veja, eu a ajudarei. Esse Charles Kent é seu filho, não é?

Ela aquiesceu. A cor voltou ao seu rosto.

— Ninguém nunca soube. Foi há muito tempo, muito tempo, em Kent. Eu não era casada...

— Então você usou o nome do condado como um sobrenome para ele. Entendi.

— Eu trabalho. Consegui pagar pelo seu sustento. Eu nunca lhe disse que era sua mãe. Mas ele resultou em uma pessoa não muito boa, ele bebia, e depois passou a consumir drogas. Consegui pagar sua passagem para o Canadá. Eu não tinha notícias dele havia um par de anos. Então, de alguma maneira, ele descobriu que eu era sua mãe. Escreveu-me pedindo dinheiro. Finalmente, tive notícias dele já de volta a este país. Ele vinha me ver em Fernly, ele disse. Eu não ousei deixá-lo chegar até a casa. Eu sempre fui considerada uma pessoa tão, tão respeitável. Se alguém desconfiasse teria sido o fim de minha função como governanta. Então lhe escrevi do modo como acabo de lhe relatar.

— E de manhã você veio ver o doutor Sheppard?

— Sim. Eu me perguntava se seria possível fazer alguma coisa. Ele não era um mau menino, antes de tomar drogas.

— Entendo — disse Poirot. — Vamos então continuar com a história. Ele veio àquela noite ao quiosque?

— Sim, ele estava me esperando quando cheguei lá. Ele foi muito rude e agressivo. Eu tinha trazido comigo todo o dinheiro que eu tinha e lhe dei. Conversamos um pouco, e então ele se foi.

— A que horas foi isso?

— Deveria ser por volta das 21h20 ou 21h25. Não tinha passado ainda das 21h30 quando voltei para a casa.

— Em que direção ele foi?

— Foi embora pelo mesmo caminho que veio, pela trilha que dá na entrada de carros próximo ao portão.

Poirot aquiesceu.

— E você, o que fez?

— Voltei para a casa. O major Blunt andava de um lado a outro do terraço fumando, então dei uma volta para entrar pela porta lateral. Eram, então, 21h30, como lhe disse.

Poirot aquiesceu novamente. Fez umas anotações em seu minúsculo caderno.

— Creio que é tudo — disse ele pensativo.

— Devo... — ela hesitou. — Devo contar tudo isso ao inspetor Raglan?

— Talvez venha a ser necessário. Mas não nos apressemos. Vamos prosseguir devagar, com a devida ordem e método. Charles Kent não foi ainda formalmente acusado de assassinato. Circunstâncias poderão surgir tornando sua história desnecessária.

Miss Russell se levantou.

— Muito obrigada, monsieur Poirot — ela disse. — O senhor foi muito gentil, muito gentil realmente. O senhor acredita em mim, não é mesmo? Que Charles não teve nada a ver com esse horrível assassinato!

— Parece não haver dúvida de que o homem que conversava com mr. Ackroyd na biblioteca às 21h30 não poderia ser seu filho. Tenha coragem, mademoiselle. Tudo ficará bem.

Miss Russell partiu. Poirot e eu ficamos.

— Então, aí está — eu disse. — Toda vez retornamos a Ralph Paton. Como descobriu que foi miss Russell que Charles Kent veio ver? Você reparou na semelhança?

— Eu a tinha relacionado ao homem misterioso bem antes de estar face a face com ele. Assim que encontramos aquela pena de ganso. A pena sugeria entorpecente, e me lembrei do seu relato sobre a visita de miss Russell ao consultório. Então encontrei o artigo

sobre a cocaína neste jornal matinal. Tudo parecia muito claro. Ela ouvira falar de alguém naquela manhã, alguém viciado em drogas, ela leu o artigo no jornal e veio até você para fazer algumas perguntas. Ela mencionou cocaína, já que o artigo em questão era sobre cocaína. Então, quando você pareceu muito interessado, ela rapidamente mudou para o tema de histórias de detetive e venenos não detectáveis. Eu suspeitei de um filho ou um irmão, ou alguma relação masculina indesejável. Ah! Mas preciso ir. É hora do almoço.

— Fique e almoce conosco — sugeri.

Poirot sacudiu a cabeça negativamente. Um leve brilho surgiu em seus olhos.

— Não hoje de novo. Não devo forçar mademoiselle Caroline a adotar a dieta vegetariana dois dias seguidos.

Ocorreu-me que não havia muito o que escapasse a Hercule Poirot.

21
o parágrafo no jornal

caroline, é claro, não deixou de reparar em miss Russell à porta do consultório. Eu já imaginava e já tinha pronto um relato elaborado sobre o joelho ruim da governanta. Mas Caroline não estava com disposição para interrogatórios. Sua perspectiva era de que ela sabia por que realmente miss Russell tinha vindo e eu não.

— Veio sondá-lo, James — disse Caroline. — Sondá-lo da maneira mais vergonhosa, não tenho dúvida. Nem tente me interromper. Ouso dizer que você não tinha a menor ideia de que ela estava fazendo isso. Os homens *são* tão simplórios. Ela sabe que você é confidente de monsieur Poirot, e quer descobrir sobre as coisas. Sabe o que acho, James?

— Nem posso imaginar. Você pensa coisas tão mirabolantes.

— Nem tente ser sarcástico. Eu acho que miss Russell sabe mais sobre a morte de mr. Ackroyd do que quer admitir.

Caroline recostou-se triunfante na cadeira.

— Você pensa isso realmente? — disse distraído.

— Você está um tédio hoje, James. Nenhum entusiasmo. É esse seu fígado.

Nossa conversa voltou-se então para assuntos puramente pessoais.

O parágrafo inspirado por Poirot, como esperado, apareceu no nosso jornal na manhã seguinte. Eu desconhecia o seu objetivo, mas seu efeito em Caroline foi imenso.

Ela começou por declarar, o mais falsamente, que ela havia dito aquilo o tempo todo. Ergui as sobrancelhas, mas não discuti. Caroline, no entanto, deve ter sentido uma pontada na consciência, pois continuou:

— Eu posso não ter de fato mencionado Liverpool, mas eu sabia que ele ia tentar escapar para a América. Foi isso que o capitão fez.

— Sem muito sucesso — lhe lembrei.

— Pobre moço, então o pegaram. Eu acho, James, que é seu dever garantir que ele não seja enforcado.

— O que você espera que eu faça?

— Bem, você é um médico, não é? Você o viu crescer desde menino. Ele não é mentalmente responsável. Essa é a linha a seguir, é lógico. Outro dia mesmo li que eles são muito felizes em Broadmoor, é como um clube de alta classe.

Mas as palavras de Caroline me lembraram de algo.

— Eu nunca soube que Poirot tinha um sobrinho débil — eu disse curioso.

— Não? Oh, ele me contou tudo a respeito disso. Pobre rapaz. É uma grande dor para toda a família. Eles o mantiveram até agora em casa, mas está chegando a tal ponto que eles receiam que ele terá de ir para algum tipo de instituição.

— Eu imagino que, a esta altura, você já saiba bastante tudo o que há para saber sobre a família de Poirot — disse exasperado.

— Bastante — disse Caroline complacente. — É um grande alívio para as pessoas poder falar sobre seus problemas com alguém.

— Pode ser — disse —, se as deixassem fazê-lo espontaneamente. Se elas gostam de ter suas confidências extraídas à força é outro assunto.

Caroline simplesmente olhou-me com ar de um mártir cristão deliciando-se com o martírio.

— Você é tão controlado, James — ela disse. — Você detesta expressar-se, ou compartilhar informação, e acha que todo mundo tem de ser como você. Eu espero nunca ter arrancado confidências de ninguém. Por exemplo, se monsieur Poirot vier esta tarde, como disse que faria, eu não sonharia em lhe perguntar quem foi que chegou à sua casa esta manhã cedo.

— Cedo nesta manhã? — perguntei.

— Muito cedo — disse Caroline. — Antes de o leite chegar. Eu estava olhando pela janela, a persiana estava batendo. Era um homem. Ele chegou em um carro fechado, e estava todo coberto de agasalhos. Eu não consegui vislumbrar seu rosto. Mas vou lhe dizer *minha* ideia, e você verá que estou certa.

— Qual é sua ideia?

Caroline baixou a voz misteriosamente.

— Um funcionário do Ministério do Interior — ela falou num fôlego só.

— Um funcionário do Ministério do Interior — disse admirado. — Minha querida Caroline!

— Grave minhas palavras, James, você verá que tenho razão. Essa tal Russell veio aqui naquela manhã atrás de seus venenos. Roger Ackroyd pode facilmente ter tido sua comida envenenada naquela noite.

Eu ri alto.

— Bobagem — clamei. — Ele foi esfaqueado pelas costas. Você sabe disso tanto quanto eu.

— Depois de morto, James — disse Caroline —, para criar uma pista falsa.

— Minha boa senhora — eu disse —, examinei o corpo, e sei do que estou falando. Aquele ferimento não foi infringido depois da morte, foi a causa da morte, e você não precisa duvidar disso.

Caroline simplesmente continuou com um olhar onisciente, que me aborrecia, e continuei:

— Talvez você possa me dizer, Caroline, se eu tenho ou não um diploma médico?

— Ouso dizer que você tem o diploma médico, James, ao menos eu sei que você tem. Mas você não tem imaginação alguma.

— Tendo você dotado com uma porção tripla, não me sobrou nenhuma — disse secamente.

Diverti-me ao observar as manobras de Caroline naquela tarde quando Poirot chegou como esperado. Minha irmã, sem perguntar diretamente, contornou o assunto do visitante misterioso de todas as formas possíveis. Pelo brilho nos olhos de Poirot, percebi que ele notara seu objetivo. Ele permaneceu gentilmente inacessível, e bloqueou seus avanços tão bem que ela própria ficou perdida, sem saber como continuar.

Tendo, imaginei, se divertido por dentro com o pequeno jogo, ele se levantou e sugeriu uma caminhada.

— É que preciso reduzir o peso um pouco — explicou. — Você viria comigo, doutor? E talvez mais tarde miss Caroline possa nos oferecer um chá.

— Com prazer — disse Caroline. — Seu... convidado não viria também?

— Você é muito gentil — disse Poirot. — Mas não, meu amigo está repousando. Logo você terá de conhecê-lo.

— Um amigo antigo seu, me disseram — disse Caroline, fazendo um último esforço valente.

— Foi mesmo? — murmurou Poirot. — Bem, devemos ir.

Nossa caminhada nos levou na direção de Fernly. Tinha imaginado que seria isso. Eu estava começando a compreender os métodos de Poirot. Cada pequena irrelevância tinha um valor sobre o todo.

— Tenho um pedido para fazer a você, meu amigo — ele disse finalmente. — Hoje à noite, em minha casa, desejo fazer uma pequena conferência. Você virá, não é?

— Certamente — disse.

— Ótimo. Preciso também de todas as pessoas da casa, ou seja: mrs. Ackroyd, mademoiselle Flora, major Blunt, mr. Raymond. Quero que você seja meu embaixador. Essa pequena reunião está marcada para as 21h. Você os convidará, por favor?

— Com prazer; mas por que você mesmo não os convida?

— Porque eles irão fazer perguntas: Por quê? Para quê? Vão querer saber qual é minha intenção. E, como você sabe, meu amigo, eu não gosto de explicar minhas pequenas ideias até que seja o momento para isso.

Sorri ligeiramente.

— Meu amigo Hastings, aquele sobre quem lhe falei, costumava me dizer que eu era uma ostra humana. Mas

ele era injusto. Sobre os fatos, eu não retenho nada comigo. Mas cada um os interpreta a seu modo.

— Quando quer que eu faça isso?

— Agora, se puder. Estamos perto da casa.

— Você não vai entrar?

— Não, irei passear no jardim. Vou me reunir a você perto da guarita, no portão, em 15 minutos.

Aquiesci, e parti para realizar minha tarefa. O único membro da família que estava em casa era mrs. Ackroyd, que tomava um chá mais cedo. Ela me recebeu cortesmente.

— Você foi tão bom, doutor — ela murmurou —, por esclarecer aquele pequeno assunto com monsieur Poirot. Mas a vida é um problema atrás do outro. Você soube de Flora, é claro?

— O que exatamente? — perguntei com cautela.

— Esse novo noivado. Flora e Hector Blunt. Claro que não é um partido tão bom quanto Ralph teria sido. Mas, afinal de contas, a felicidade vem em primeiro lugar. O que a querida Flora precisa é de um homem mais velho, alguém estável e confiável, e Hector é um homem realmente muito distinto ao seu próprio modo. Você leu a notícia sobre a prisão de Ralph no jornal esta manhã?

— Sim — disse —, li.

— Horrível. — Mrs. Ackroyd fechou os olhos e estremeceu. — Geoffrey Raymond ficou em um estado terrível. Ligou para Liverpool. Mas não lhe disseram nada na delegacia de lá. Na verdade, eles disseram que não tinham prendido Ralph absolutamente. Mr. Raymond insiste que foi tudo um engano... — um, como é que se chama? — um *blefe* do jornal. Proibi que fosse

mencionado na frente dos empregados. Uma desgraça terrível. Imagine se Flora tivesse de fato casado com ele.

Mrs. Ackroyd fechou os olhos angustiada. Comecei a me perguntar quando eu deveria falar do convite de Poirot.

Antes de ter tempo de falar, mrs. Ackroyd começou novamente.

— Você esteve aqui ontem, não foi, com aquele insuportável inspetor Raglan? Homem brutal, ele aterrorizou Flora dizendo que ela pegara o dinheiro do quarto do pobre Roger. E a questão era tão simples, na verdade. A querida menina desejava algumas libras emprestadas, não quis perturbar seu tio, já que ele tinha dado ordens estritas para não ser incomodado, mas, sabendo onde ele guardava o dinheiro, ela foi até lá e pegou o que precisava.

— Foi isso que Flora contou sobre o assunto? — perguntei.

— Meu querido doutor, sabe como são as moças hoje em dia. São tão facilmente induzidas a agir. O senhor, é claro, sabe tudo sobre hipnose e esse tipo de coisa. O inspetor grita com ela, diz a palavra “roubo” várias vezes, até que a pobre criança adquire uma inibição — ou é um complexo? Eu sempre misturo essas duas palavras — e pensa de fato que foi ela quem roubou o dinheiro. Vi imediatamente como foi. Mas só posso ser grata pela confusão, afinal, de certo modo, parece que aproximou esses dois, Hector e Flora, quero dizer. E lhe asseguro que me preocupei muito com Flora no passado: então, houve um momento em que achei que haveria algum tipo de entendimento entre ela e mr. Raymond. Imagine! — A voz de mrs. Ackroyd se elevou em

estridente horror. — Um secretário particular, sem praticamente nenhum bem pessoal.

— Teria sido um severo golpe para a senhora — disse. — Bem, mrs. Ackroyd, tenho um recado de mr. Hercule Poirot.

— Para mim?

Mrs. Ackroyd tinha um ar bastante alarmado.

Apressei-me em tranquilizá-la e expliquei o que Poirot queria.

— Certamente — disse mrs. Ackroyd um pouco em dúvida —, imagino que tenhamos de ir, se monsieur Poirot assim o diz. Mas do que se trata? Gostaria de estar prevenida.

Assegurei, de verdade, que eu mesmo sabia tanto quanto ela.

— Muito bem — disse mrs. Ackroyd finalmente, um tanto de má vontade —, direi aos outros, e estaremos lá às 21h.

Despedi-me logo em seguida e me reuni a Poirot no local combinado.

— Receio que tenha demorado mais do que 15 minutos — observei. — Mas quando aquela boa senhora começa a falar é uma tarefa dificílima conseguir um espaço para introduzir uma palavra.

— Não tem importância — disse Poirot. — Estive me divertindo bastante. Este parque é magnífico.

Partimos na direção de casa. Quando chegamos, para nossa grande surpresa, Caroline, que evidentemente estava esperando por nós, abriu a porta.

Levou os dedos aos lábios. Seu rosto todo cheio de importância e excitação.

— Ursula Bourne — ela disse —, a copeira de Fernly. Ela está aqui! Eu a instalei na sala de jantar. Ela está em um estado lastimável, pobrezinha. Diz que tem de ver monsieur Poirot imediatamente. Fiz tudo o que podia. Levei para ela uma xícara de chá quente. Mexe com o coração ver alguém em tal estado.

— Na sala de jantar? — perguntou Poirot.

— Por aqui — eu disse e abri rapidamente a porta.

Ursula Bourne estava sentada perto da mesa. Seus braços abertos diante dela, e evidentemente acabara de erguer a cabeça. Seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar.

— Ursula Bourne — murmurei.

Mas Poirot passou por mim com as mãos estendidas.

— Não — ele disse —, não é isso, eu acho. Não é Ursula Bourne, não é, minha criança, mas Ursula Paton? Mrs. Ralph Paton.

22
a história de ursula

Por uns instantes a moça olhou muda para Poirot. Então sua reserva se rompeu completamente, ela balançou a cabeça uma vez concordando, e irrompeu em uma explosão de soluços.

Caroline passou por mim e, envolvendo a moça, batia em seu ombro.

— Vamos, vamos, minha querida — ela disse suavemente —, tudo ficará bem. Você verá, tudo ficará bem.

Enterrada sob a curiosidade e o gosto pelo escândalo, há muita bondade em Caroline. No momento, mesmo o interesse despertado pela revelação de Poirot se perdeu diante da tristeza da moça.

Logo Ursula se sentou e enxugou os olhos.

— Isso é uma fraqueza e uma bobagem de minha parte — ela disse.

— Não, não, minha criança — disse Poirot com delicadeza. — Todos nós reconhecemos a tensão desta última semana.

— Deve ter sido uma coisa horrível — eu disse.

— E então descobrir que o senhor sabia — continuou Ursula. — Como soube? Foi Ralph quem lhe contou?

Poirot negou com a cabeça.

— Sabe o que me trouxe aqui — continuou a moça. — *Isto.*

Ela mostrou um pedaço amassado de jornal, e reconheci o parágrafo que Poirot publicara.

— Diz que Ralph foi preso. Tudo foi inútil, então. Não preciso mais fingir.

— Parágrafos de jornal nem sempre são verdadeiros, mademoiselle — murmurou Poirot, tendo a decência de parecer envergonhado de si mesmo. — De todo modo, eu acho que você fará bem em tirar essa situação a limpo. A verdade é tudo de que precisamos agora.

A moça hesitou, olhando em dúvida para ele.

— Você não confia em mim — disse Poirot gentilmente. — Porém, de qualquer modo, você veio aqui me procurar, não foi? Por quê?

— Porque eu não acredito que Ralph tenha feito isso — disse a moça em voz baixa. — E acho que o senhor é muito hábil, e encontrará a verdade. E também...

— Sim?

— Eu o acho gentil.

Poirot sacudiu várias vezes a cabeça.

— É muito bom isso, sim, é muito bom. Ouça, eu de verdade acredito que seu marido é inocente, mas o caso vai muito mal. Se devo salvá-lo, tenho de saber tudo o que há para saber, mesmo que pareça a princípio tornar o caso ainda pior.

— Como o senhor é compreensivo — disse Ursula.

— Então você vai me contar a história toda, não é? Desde o início.

— Não vai *me* pedir para que saia, espero — disse Caroline, instalando-se confortavelmente em uma

poltrona. — O que eu quero saber — ela continuou — é por que a moça estava disfarçada de copeira?

— Disfarçada? — perguntei.

— Foi o que eu disse. Por que você fez isso, criança? Por um salário?

— Para sobreviver — disse Ursula secamente.

E, encorajada, ela continuou a história que reproduzo aqui com minhas próprias palavras.

Ursula Bourne parece que vinha de uma família de sete irlandeses pobres. Com a morte do pai, a maioria das meninas foi enviada para o mundo para ganhar a vida. A irmã mais velha de Ursula casou-se com o capitão Folliott. Foi ela quem eu vi naquele domingo, e a razão de seu constrangimento ficou bastante clara. Determinada a ganhar a vida e não sendo atraída pela ideia de ser uma ama de crianças, a única profissão disponível para uma menina despreparada, Ursula preferiu o trabalho de copeira. Ela desdenhava rotular-se como “dama de companhia”. Ela seria uma legítima copeira, com uma referência provida pela irmã. Em Fernly, apesar de certo distanciamento, que, como se viu, causava comentários, ela era um sucesso em seu trabalho, rápida, competente e meticulosa.

— Eu gostava do trabalho — ela explicou. — E eu tinha muito tempo para mim.

E então houve o encontro dela com Ralph Paton, e o caso amoroso entre eles que culminou em um casamento secreto. Ralph a persuadiu, um pouco contra a vontade dela. Seu argumento foi que o tio não ia aprovar seu casamento com uma moça sem dinheiro. Melhor seria casarem-se em segredo, e dar a notícia depois em um momento mais favorável.

Assim foi feito, e Ursula Bourne se tornou Ursula Paton. Ralph declarou que ele pretendia saldar suas dívidas, encontrar um trabalho, e então, quando estivesse em condições de sustentá-la, e independentemente de seu pai adotivo, eles lhe dariam a notícia.

Porém, para pessoas como Ralph Paton, virar uma página em branco é mais fácil em teoria do que na prática. Ele esperava que seu padrasto, enquanto ainda ignorasse seu casamento, pudesse ser persuadido a pagar suas dívidas e reerguê-lo novamente. Mas a revelação do montante das dívidas de Ralph simplesmente enfureceu Roger Ackroyd, que se recusou a fazer qualquer coisa. Passaram-se alguns meses, e Ralph então foi esperado mais uma vez em Fernly. Roger Ackroyd não usou de rodeios. Era o desejo de seu coração que Ralph se casasse com Flora, ele disse isso claramente ao rapaz.

E foi aqui que a fraqueza inata de Ralph Paton se manifestou. Como sempre, ele agarrou a saída mais confortável, a solução imediata. Até onde eu percebi, nem Flora nem Ralph tinham nenhuma afeição amorosa. Era, de ambos os lados, um acordo de negócio. Roger Ackroyd impôs seu desejo, e eles concordaram. Flora aceitou a oportunidade de liberdade, dinheiro e um horizonte ampliado. Ralph, é claro, fazia um jogo diferente. Mas ele estava em um buraco financeiro muito difícil. Ele agarrou a chance. Suas dívidas seriam pagas. Ele poderia recomeçar novamente do zero. Ele não era muito de planejar o futuro, mas creio que viu vagamente que seu noivado com Flora poderia ser rompido mais adiante, depois que um tempo decente tivesse passado.

Tanto Flora quanto ele estipularam que o noivado deveria ser mantido em segredo por enquanto. Ele estava ansioso por escondê-lo de Ursula. Sentiu instintivamente que a sua natureza, forte e resoluta, com uma aversão inerente à duplicidade, não iria acolher tal situação.

Chegou então o momento crucial em que Roger Ackroyd, sempre autoritário, decidiu anunciar o noivado. Ele não comentou sua intenção com Ralph, apenas com Flora, e Flora, apática, não se opôs. A notícia caiu como uma bomba sobre Ursula. Chamado por ela, Ralph veio correndo da cidade. Encontraram-se no bosque, onde parte de sua conversa foi entreouvida por minha irmã. Ralph implorou para que se mantivesse calada por mais um tempo. Ursula estava igualmente determinada a acabar com os segredos. Ela iria dizer a mr. Ackroyd a verdade sem esperar mais. Marido e mulher se separaram agastados.

Ursula, firme em seu propósito, procurou conversar com Roger Ackroyd naquela mesma tarde, e contou-lhe a verdade. Sua conversa foi tempestuosa e teria sido ainda mais tempestuosa se Roger Ackroyd não estivesse obcecado por seus próprios problemas. No entanto, foi bastante ruim. Ackroyd não era o tipo de homem que perdoasse ser enganado. Seu rancor era sobretudo dirigido a Ralph, mas Ursula teve seu quinhão, já que ele a via como a moça que tinha deliberadamente tentado “pescar” o filho adotivo de um homem muito rico. Coisas imperdoáveis foram ditas de ambos os lados.

Naquela mesma noite Ursula tinha um encontro marcado com Ralph no pequeno quiosque, saindo às escondidas de casa pela porta lateral. A conversa foi de censuras mútuas. Ralph acusava Ursula de ter arruinado

irremediavelmente seus planos por causa da revelação feita fora de hora. Ursula reprovava Ralph por sua duplicidade.

Finalmente se separaram. Meia hora mais tarde descobriu- -se o corpo de Roger Ackroyd. Ursula não viu nem teve notícias de Ralph desde aquela noite.

À medida que a história se desenvolvia, percebi cada vez mais que sequência comprometedora de fatos aquilo fora. Vivo, Ackroyd dificilmente teria deixado de alterar seu testamento, eu o conhecia muito bem para saber que essa seria sua primeira ideia. Sua morte veio na hora certa para Ralph e Ursula Paton. Não é de admirar que a moça tenha ficado quieta, desempenhando seu papel consistentemente.

Minhas contemplações foram interrompidas. Era a voz de Poirot que falava, e eu sabia, pela seriedade em seu tom, que ele também estava bastante consciente das implicações da situação.

— Mademoiselle, devo lhe fazer uma pergunta, e você deve responder com a verdade, pois tudo depende disto: Que horas eram quando você e o capitão Paton se separaram no quiosque? Demore o tempo necessário para que sua resposta seja muito precisa.

A moça deu uma pequena risada, amarga e em sã consciência.

— O senhor acha que eu já não pensei nisso inúmeras vezes? Eram exatamente 21h30 quando eu saí para ir encontrá-lo. O major Blunt andava de um lado para o outro no terraço, então eu tive de dar a volta nos arbustos para evitá-lo. Deveriam faltar 27 minutos para as 22h quando cheguei ao quiosque. Ralph estava esperando por mim. Eu fiquei com ele 10 minutos, não

mais do que isso, pois eram exatamente 21h45 quando voltei para casa.

Percebi agora a razão da insistência de sua pergunta no outro dia. Se fosse possível apenas provar que Ackroyd tinha sido morto antes das 21h45, e não depois! Vi um reflexo desse pensamento na pergunta seguinte de Poirot.

— Quem saiu primeiro do quiosque?

— Eu.

— Deixando Ralph Paton lá?

— Sim, mas o senhor não acha...

— Mademoiselle, não importa o que eu acho. O que fez quando voltou para casa?

— Fui para o meu quarto.

— E ficou lá até que horas?

— Até cerca de 22h.

— Tem alguém que possa provar isso?

— Provar? Que eu estava em meu quarto, quer dizer? Oh! Não. Mas certamente. Oh! Entendo, podem pensar... podem pensar.

Vi o horror do entendimento em seus olhos.

Poirot concluiu a frase para ela.

— Que foi *você* que entrou pela janela e esfaqueou mr. Ackroyd enquanto ele estava sentado? Sim, eles podem pensar exatamente isso.

— Só um tolo pensaria uma coisa dessas — disse Caroline indignada.

Ela bateu de leve no ombro de Ursula.

A moça tinha o rosto escondido nas mãos.

— Horrível — ela murmurava —, horrível.

Caroline a sacudiu amigavelmente.

— Não se preocupe, minha querida — ela disse —, monsieur Poirot não acha isso realmente. E com relação a esse seu marido, eu não o acho grande coisa, e lhe digo isso francamente. Fugir e deixá-la para enfrentar a situação sozinha.

Mas Ursula balançou com força a cabeça.

— Oh, não — ela clamou. — Não foi assim absolutamente. Ralph não fugiria por si próprio. Entendo isso agora. Se ele ouviu falar do assassinato do padrasto, ele deve ter pensado que fui eu quem o matou.

— Ele não pensaria uma coisa dessas — disse Caroline.

— Fui tão cruel naquela noite, tão dura e amarga. Eu não ouvia o que ele estava tentando dizer; não acreditava que ele se importasse realmente. Eu fiquei ali apenas lhe dizendo o que pensava dele, e dizendo as coisas mais frias e cruéis que vinham à minha mente, fazendo o possível para feri-lo.

— Não lhe fez nenhum mal — disse Caroline. — Nunca se preocupe com o que você diz a um homem. Eles são tão vaidosos que nunca acreditam que esteja sendo sincera quando não estiver elogiando.

Ursula continuou, torcendo e destorcendo nervosamente as mãos.

— Quando o assassinato foi descoberto e ele não se apresentou, fiquei terrivelmente aborrecida. Por um instante apenas me perguntei, mas eu sabia que ele não poderia, ele não poderia. Mas eu queria que ele se apresentasse e dissesse abertamente que não tinha nada que ver com aquilo. Eu sabia que ele gostava muito do doutor Sheppard, e achei que talvez o doutor Sheppard pudesse saber onde ele se escondia.

Ela se voltou para mim.

— Foi por isso que eu lhe disse o que disse naquele dia. Pensei que, se soubesse onde ele estava, poderia lhe passar o recado.

— Eu? — exclamei.

— Por que James saberia onde ele estava? — perguntou Caroline vivamente.

— Era pouco provável, eu sei — admitiu Ursula —, mas Ralph falava frequentemente do doutor Sheppard, e eu sabia que ele provavelmente o consideraria seu melhor amigo em King's Abbot.

— Minha querida criança — eu disse —, não tenho a menor ideia de onde Ralph Paton está no momento.

— Isso é bem verdade — disse Poirot.

— Mas... — Ursula segurou perplexa o recorte de jornal.

— Ah! Isso — disse Poirot, ligeiramente constrangido. — Uma *bagatelle*, mademoiselle. Um *rien du tout*. Nem por um instante acredito que Ralph Paton tenha sido preso.

— Mas então... — começou a moça devagar.

Poirot continuou apressado:

— Há uma coisa que eu deveria saber: o capitão Paton usou sapatos ou botas naquela noite?

Ursula sacudiu a cabeça.

— Não consigo me lembrar.

— Uma pena! Mas como lembraria? Agora, madame — ele sorriu para ela, com a cabeça inclinada para o lado, sacudindo o dedo indicador eloquentemente —, sem perguntas. E não se atormente. Tenha coragem, e coloque sua fé em Hercule Poirot.

23
a pequena reunião de poirot

— e agora — disse Caroline, se levantando —, esta jovem vai subir e se deitar. Não se preocupe, minha querida. Monsieur Poirot fará tudo que puder por você, tenha certeza disso.

— Tenho de retornar a Fernly — disse Ursula em dúvida.

Mas Caroline silenciou seus protestos com uma mão firme.

— Bobagem. Você está em minhas mãos por enquanto. Você ficará aqui agora, de qualquer modo, não, monsieur Poirot?

— É o melhor plano — concordou o pequeno belga. — Esta noite quero que mademoiselle — me desculpe, madame — venha a minha pequena reunião. Às 21h em minha casa. É muito importante que ela esteja lá.

Caroline aquiesceu, e saiu da sala com Ursula. A porta se fechou atrás delas. Poirot jogou-se novamente na cadeira.

— Até o momento, está tudo bem — ele disse. — As coisas estão se ajeitando por si só.

— A situação está ficando cada vez pior contra Ralph Paton — observei em tom pessimista.

Poirot concordou com a cabeça.

— Sim, é fato. Mas era esperado, não era?

Olhei para ele, um pouco perplexo com essa observação. Ele estava recostado na cadeira, com os olhos semicerrados, a ponta dos dedos tocando-se. De repente, suspirou e balançou a cabeça.

— O que é? — perguntei.

— É que há momentos em que sou tomado por uma grande saudade de meu amigo Hastings. Esse é o amigo de quem lhe falei, o que agora mora na Argentina. Sempre, quando eu tinha um caso importante, ele estava ao meu lado. E ele me ajudou, sim, frequentemente me ajudou. Pois ele tinha um dom especial, aquele de esbarrar sem querer em verdades, sem sequer perceber, *bien entendu.* Às vezes ele dizia algo especialmente tolo, e acredite que essa observação tola me revelava a verdade! E também era uma prática sua manter um registro escrito dos casos que eram interessantes.

Emiti uma ligeira tosse constrangida.

— No que diz respeito a isso — comecei e então parei.

Poirot sentou-se ereto na cadeira. Seus olhos brilhavam.

— Sim? O que ia dizendo?

— Bem, na verdade, eu li algumas das narrativas do capitão Hastings, e pensei, por que não experimentar eu mesmo fazer algo assim? Seria uma pena não fazê-lo — oportunidade única, talvez a única vez em que vá estar envolvido em algo dessa natureza.

Senti-me cada vez mais quente, e cada vez mais incoerente, atrapalhado pelo discurso acima.

Poirot levantou-se de um salto. Tive um momento de terror, imaginando que ele iria me dar um abraço à

francesa, mas felizmente ele se conteve.

— Mas isso é magnífico. Você então tem escrito suas impressões sobre o caso?

Aquiesci.

— *Epatant!* — clamou Poirot. — Deixe-me vê-las, agora mesmo.

Eu não estava realmente preparado para esse súbito pedido. Espremi o cérebro para lembrar de certos detalhes.

— Espero que não se importe — gaguejei. — Posso ter sido um pouco *pessoal* aqui e ali.

— Oh! Eu entendo perfeitamente; você se referiu a mim como cômico, como, talvez, ridículo, aqui e ali? Não tem nenhuma importância. Hastings também não era sempre polido. Eu tenho a mente acima dessas trivialidades.

Ainda um pouco em dúvida, esquadrinhei as gavetas de minha escrivaninha e retirei uma pilha desordenada do manuscrito e a entreguei. De olho em uma possível futura publicação, dividi o trabalho em capítulos, e na noite anterior o atualizara com um relato sobre a visita de miss Russell. Poirot tinha então vinte capítulos.

Eu o deixei com eles e saí.

Eu tinha o compromisso de ver um caso que ficava distante. E já eram mais de 20h quando retornei, sendo saudado com um jantar quente em uma bandeja e a informação de que Poirot e minha irmã tinham jantado juntos às 19h30, e que o primeiro se dirigira à oficina para acabar a leitura do manuscrito.

— Espero, James — disse minha irmã —, que você tenha sido cuidadoso ao falar sobre mim no manuscrito?

Meu queixo caiu. Eu não fora nada cuidadoso.

— Não que tenha muita importância — disse Caroline, lendo corretamente minha expressão. — Monsieur Poirot saberá o que pensar. Ele me compreende muito melhor do que você.

Dirigi-me à oficina. Poirot estava sentado próximo à janela. O manuscrito estava ordenado em uma pilha sobre uma cadeira perto dele. Ele colocou a mão sobre ele e falou.

— *Eh bien* — ele disse —, eu o congratulo por sua modéstia!

— Oh! — eu disse um tanto surpreso.

— E por sua reticência — ele acrescentou.

Eu disse “oh!” novamente.

— Hastings não escrevia assim — continuou meu amigo. — Em cada página, muitas vezes tinha a palavra “eu”. O que *ele* pensou, o que *ele* fez. Mas você manteve sua personalidade em segundo plano; apenas uma ou duas vezes ela se intromete, e em cenas domésticas, digamos?

Ruborizei ligeiramente diante do brilho em seu olhar.

— O que você acha de fato do material? — perguntei nervosamente.

— Você quer minha opinião sincera?

— Sim.

Poirot deixou de lado seu tom de pilhéria.

— Um relato muito meticuloso e preciso — ele disse gentilmente. — Você registrou todos os fatos fielmente e exatamente, embora tenha se mostrado reticente sobre sua própria contribuição neles.

— E lhe ajudou?

— Sim. Devo dizer que me ajudou consideravelmente. Venha, temos de ir para minha casa e arrumar o palco

para minha pequena atuação.

Caroline estava no corredor. Eu acho que ela esperava ser convidada para nos acompanhar. Poirot lidou com a situação com tato.

— Eu gostaria muito de tê-la presente, mademoiselle — disse ele lamentando —, mas a essa altura não seria sábio. Veja, todas essas pessoas hoje à noite são suspeitas. Entre elas, encontrarei quem matou mr. Ackroyd.

— Você realmente acha isso? — perguntei incrédulo.

— Vejo que você não — disse Poirot secamente. — Você ainda não aprecia o verdadeiro mérito de Hercule Poirot.

Nesse instante Ursula desceu as escadas.

— Você está pronta, minha jovem? — disse Poirot. — Ótimo. Iremos juntos para minha casa. Mademoiselle Caroline, acredite, faço tudo o que é possível para lhe prestar serviço. Boa noite.

Saímos, deixando Caroline como um cão a quem um passeio foi recusado, plantada no degrau da porta de entrada nos olhando.

A sala de estar em The Larches estava preparada. Sobre a mesa havia diversos licores e copos. Também havia um prato de biscoitos. Várias cadeiras foram transferidas de outra sala.

Poirot andava de um lado para o outro rearranjando as coisas. Tirando uma cadeira daqui, alterando a posição de uma luminária ali, ocasionalmente abaixando-se e ajeitando um dos tapetes que cobria o chão. Ele estava especialmente preocupado com a luz. As luminárias estavam arrumadas de maneira a iluminar claramente o lado da sala onde as cadeiras estavam

agrupadas, ao mesmo tempo que deixavam a outra extremidade da sala, onde imagino que Poirot se sentaria, na penumbra.

Ursula e eu o observávamos. Nesse instante tocou a campainha.

— Eles chegaram — disse Poirot. — Ótimo, tudo está pronto.

A porta se abriu e o grupo de Fernly entrou. Poirot adiantou- -se e cumprimentou mrs. Ackroyd e Flora.

— Foi muito bom vocês virem — ele disse. — E major Blunt e mr. Raymond.

O secretário estava mais jovial que nunca.

— Qual é a grande ideia? — ele disse, rindo. — Alguma máquina científica? Teremos correias ao redor dos nossos pulsos que registrem batidas culpadas de coração? Existe uma invenção assim, não é?

— Eu li a respeito, sim — admitiu Poirot. — Mas sou antiquado. Uso métodos antigos. Trabalho apenas com as células cinzentas. Agora, vamos começar, mas primeiro tenho um anúncio para fazer a todos vocês.

Ele pegou a mão de Ursula e a puxou para a frente.

— Esta moça é mrs. Ralph Paton. Ela casou-se em março último com o capitão Paton.

Um pequeno grito irrompeu de mrs. Ackroyd.

— Ralph! Casado! Em março último! Oh! Mas é um absurdo. Como poderia?

Ela encarou Ursula como se nunca a tivesse visto antes.

— Casado com Bourne? — ela disse. — Realmente, monsieur Poirot, não acredito no que diz.

Ursula corou e começou a falar, mas Flora antecipou-se.

Indo rapidamente para o lado da moça, passou a mão por seu braço.

— Você não deve se importar por estarmos surpresos — ela disse. — Veja, não tínhamos ideia disso. Você e Ralph mantiveram o segredo tão bem. Eu estou muito feliz com isso.

— É muito gentil, miss Ackroyd — disse Ursula em voz baixa —, e tem todo o direito de ficar furiosa. Ralph se comportou muito mal, especialmente com a senhorita.

— Não precisa se preocupar com isso — disse Flora, dando--lhe uma batidinha consoladora no braço. — Ralph estava acuado e tomou a única saída possível. Eu possivelmente teria feito o mesmo no lugar dele. No entanto, acho que ele deveria ter me confiado o segredo. Eu não o teria deixado na mão.

Poirot bateu delicadamente na mesa, pigarreando significativamente.

— A reunião de diretoria vai começar — disse Flora. — Monsieur Poirot indica que não podemos conversar. Mas diga-me uma coisa apenas. Onde está Ralph?

— Mas eu não sei — clamou Ursula, quase chorando. — É isto, eu não sei.

— Ele não foi preso em Liverpool? — perguntou Raymond. — Está escrito no jornal.

— Ele não está em Liverpool — disse Poirot rapidamente.

— Na verdade — observei —, ninguém sabe onde ele está.

— Exceto Hercule Poirot, não é? — disse Raymond.

Poirot respondeu seriamente à caçoada do outro.

— Eu, eu sei tudo. Lembre-se disso.

Geoffrey Raymond ergueu as sobrancelhas.

— Tudo? — assobiou. — Uau! É muito.

— Está dizendo que pode realmente supor onde Ralph Paton está escondido? — perguntei incrédulo.

— Se chama isso de suposição, eu chamo de conhecimento, meu amigo.

— Em Cranchester? — arrisquei.

— Não — replicou Poirot seriamente —, não em Cranchester.

Ele não disse mais nada, mas a um gesto o grupo se sentou em seu lugar. Ao fazerem isso, a porta abriu mais uma vez e duas outras pessoas entraram e se sentaram perto desta. Eram Parker e a governanta.

— O número está completo — disse Poirot. — Estão todos aqui.

Havia um sinal de satisfação no tom de sua voz. E, ao ouvi- -la, percebi certa sombra de inquietação passar no rosto de todo o grupo do outro lado da sala. Havia em tudo isso um ar de uma armadilha; como uma armadilha que se fechara.

Poirot leu a lista de maneira importante.

— Mrs. Ackroyd, miss Flora Ackoryd, major Blunt, mr. Geoffrey Raymond, mrs. Ralph Paton, John Parker, Elizabeth Russell.

Ele pousou o papel sobre a mesa.

— Qual o significado de tudo isto? — começou Raymond.

— A lista que acabei de ler — disse Poirot — é uma lista de pessoas suspeitas. Cada um de vocês presentes teve a oportunidade de matar mr. Ackroyd.

Mrs. Ackroyd levantou-se de um salto, produzindo um grito gutural.

— Não gosto disto — ela gemeu. — Não gosto disto. Prefiro ir para casa.

— Não poderá ir para casa, madame — disse Poirot severamente —, até que tenha ouvido o que tenho a dizer.

Ele parou por um momento, e pigarreou.

— Vou começar do princípio. Quando miss Ackroyd pediu--me para investigar o caso, fui a Fernly Park com o bom doutor Sheppard. Andei com ele ao longo do terraço, onde me mostraram as impressões de pegadas no peitoril da janela. Dali o inspetor Raglan levou-me por um caminho que dá diretamente na entrada para carros. Avistei um pequeno quiosque, que vasculhei com cuidado. Encontrei ali duas coisas, um pedaço de cambraia engomada e uma pena de ganso oca. O pedaço de cambraia me lembrou imediatamente um avental de doméstica. Quando o inspetor Raglan me mostrou sua lista de pessoas presentes na casa, percebi logo que uma das empregadas, Ursula Bourne, a copeira, não tinha um álibi verdadeiro. De acordo com sua história, ela estava em seu quarto das 21h30 até as 22h. Mas suponhamos que, em vez disso, estivesse no quiosque? Se estava, ela deve ter ido até lá se encontrar com alguém. Então, sabemos pelo doutor Sheppard que alguém de fora *entrou* na casa naquela noite, o estranho que ele acabara de encontrar no portão. Em uma primeira impressão parecia que nosso problema estava resolvido, e que o estranho fora ao quiosque encontrar Ursula Bourne. Estava bem claro que ele *fora* ao quiosque por causa da pena de ganso oca. Isso me sugeriu imediatamente que fosse um consumidor de drogas, e uma pessoa que tivesse adquirido esse hábito do outro lado do Atlântico

onde cheirar “neve” é mais comum do que neste país. O homem que o doutor Sheppard encontrou tinha um sotaque americano, que se encaixava com essa suposição.

“Mas fiquei preso a um ponto. *Os horários não encaixavam.* Ursula Bourne não poderia certamente ter ido ao quiosque antes das 21h30, enquanto o homem deve ter chegado lá alguns minutos depois das 21h. Eu poderia, é claro, presumir que ele esperou ali por meia hora. A única suposição alternativa seria que teria havido dois encontros separados no quiosque naquela noite. *Eh bien*, assim que me inclinei a essa suposição, encontrei vários fatos significativos. Descobri que miss Russell, a governanta, tinha visitado o doutor Sheppard naquela manhã, e tinha demonstrado um grande interesse na cura de vítimas de hábitos de consumo de drogas. Juntando isso com a pena de ganso, assumi que o homem em questão veio a Fernly para encontrar a governanta e não Ursula Bourne. Quem, então, Ursula Bourne foi encontrar? Eu já não tinha mais dúvidas. Primeiro encontrei um anel — uma aliança de casamento — com “De R.” e uma data no interior. Então soube que Ralph Paton tinha sido visto subindo o caminho que levava ao quiosque às 21h25, e soube também de certa conversa que acontecera no bosque perto do vilarejo naquela mesma tarde, uma conversa entre Ralph Paton e uma moça desconhecida. Eu tinha então os meus fatos se sucedendo em uma maneira clara e ordenada. Um casamento secreto, um noivado anunciado no dia da tragédia, a conversa tempestuosa no bosque e o encontro marcado no quiosque naquela noite.

“Incidentalmente isso me provava uma coisa, que tanto Ralph Paton quanto Ursula Bourne (ou Paton) tinham os motivos mais fortes para desejar mr. Ackroyd fora do caminho. E também esclareceu inesperadamente outro ponto. Não poderia ter sido Ralph Paton quem esteve com mr. Ackroyd no escritório às 21h30.

“Chegamos então a um outro aspecto, e muito interessante, do crime. Quem estava na sala com mr. Ackroyd às 21h30? Não era Ralph Paton, que estava no quiosque com sua mulher. Nem Charles Kent, que já partira. Quem então? E me fiz minha pergunta mais inteligente, e mais audaciosa: *Havia alguém com ele?*

Poirot inclinou-se para a frente e lançou triunfantemente as últimas palavras para nós, recostando-se depois com ar de quem desfechou um golpe decisivo.

Raymond, no entanto, não parecia impressionado, e formulou um leve protesto.

— Eu não sei se o senhor está tentando fazer de mim um mentiroso, monsieur Poirot, mas o assunto não depende só da minha evidência, exceto talvez com respeito à exatidão das palavras usadas. Lembre-se, o major Blunt também ouviu mr. Ackroyd falando com alguém. Ele estava no terraço do lado de fora e não pôde ouvir as palavras claramente, mas ele ouviu as vozes distintamente.

Poirot aquiesceu.

— Eu não esqueci — disse baixo. — Mas major Blunt tinha a impressão de que era com o senhor que mr. Ackroyd falava.

Por um instante Raymond pareceu surpreendido. Então se recuperou.

— Blunt sabe agora que estava enganado — ele disse.

— Exatamente — concordou o outro.

— No entanto, deve haver uma razão para ele pensar assim — refletiu Poirot. — Oh, não — ele levantou a mão em protesto —, eu sei a razão que dará, mas não é suficiente. Devemos buscar em outro lugar. Colocarei da seguinte maneira. Desde o início do caso fiquei impressionado por uma coisa, a natureza dessas palavras que mr. Raymond entreouviu. Tem me surpreendido que ninguém tenha comentado a respeito delas, não tenha percebido nada estranho nelas.

Ele parou um minuto e então citou suavemente:

— ... *os saques contra minha bolsa têm sido tão frequentes ultimamente que temo ser impossível concordar com seu pedido*. Nada soa estranho para vocês?

— Acho que não — disse Raymond. — Ele frequentemente ditava cartas para mim usando quase exatamente essas mesmas palavras.

— Exatamente — clamou Poirot. — É aí que quero chegar. Um homem usaria essas palavras ao *falar* com outro? Impossível que fosse parte de uma conversa real. Agora, se ele estivesse ditando uma carta...

— Quer dizer que ele estava lendo uma carta em voz alta? — disse Raymond devagar. — Mesmo assim, ele deveria estar lendo para alguém.

— Mas por quê? Não temos nenhuma evidência de que houvesse mais alguém na sala. Nenhuma outra voz além da do mr. Ackroyd foi ouvida, lembre-se.

— Certamente que um homem não leria cartas desse tipo, em voz alta para si mesmo, a menos que ele

estivesse... bem, ficando maluco.

— Todos se esqueceram de uma coisa — disse Poirot suavemente. — O estranho que esteve na casa na quarta-feira anterior.

Todos o encararam.

— Mas sim — disse Poirot, balançando a cabeça de maneira encorajadora —, na quarta-feira. O jovem em si não era importante. Mas a firma que ele representava me interessou muitíssimo.

— A companhia do ditafone — falou Raymond. — Entendo agora. Um ditafone. É isso que está pensando?

Poirot aquiesceu.

— Mr. Ackroyd tinha prometido investir em um ditafone, o senhor se lembra. Eu tive a curiosidade de inquirir junto à companhia em questão. A resposta deles foi que mr. Ackroyd *comprou* um ditafone com seu representante. Por que ele lhe escondeu o fato, eu não sei.

— Ele deve ter desejado me surpreender — murmurou Raymond. — Ele tinha um prazer infantil de surpreender as pessoas. Pretendia guardar na manga por um ou dois dias. Provavelmente estava brincando com ele, como um brinquedo. Sim, se encaixa. O senhor está certo, ninguém usaria exatamente essas palavras em uma conversa casual.

— Isso explica, também — disse Poirot —, por que o major Blunt pensou que fosse o senhor no escritório. Os fragmentos de conversa que chegavam até ele eram partes do ditado, e então seu subconsciente deduziu que fosse o senhor que estivesse com ele. Sua mente consciente estava ocupada com outro assunto muito diferente... a figura branca que ele tinha percebido. Ele

imaginava que fosse miss Ackroyd. De fato, é claro, era o avental de Ursula Bourne que ele viu quando ela saía furtivamente para o quiosque.

Raymond tinha se recuperado da surpresa inicial.

— De todas as formas — ele observou —, essa sua descoberta, embora brilhante (tenho certeza de que eu jamais teria pensado nisso), não muda a posição essencial. Mr. Ackroyd estava vivo às 21h30, já que falava no ditafone. Parece claro que o homem, Charles Kent, estava fora do local nesse horário. E Ralph Paton...?

Ele hesitou, olhando para Ursula.

Ela enrubesceu, mas a resposta foi firme o bastante.

— Ralph e eu nos separamos logo antes das 21h45. Ele não chegou perto da casa, tenho certeza. Ele não tinha a intenção de fazê-lo. A última coisa no mundo que ele queria era estar frente a frente com o padrasto. Ele teria se apavorado.

— Não é que eu duvide nem por um momento de sua história — explicou Raymond. — Sempre tive certeza de que o capitão Paton era inocente. Mas é preciso pensar no tribunal e nas perguntas que seriam feitas. Ele está em uma posição muito infeliz, mas se ele se apresentasse...

Poirot interrompeu.

— Esse é seu conselho? Que ele deveria se apresentar?

— Certamente. Se sabe onde ele está...

— Percebo que não acredita que eu saiba. E, no entanto, acabei de lhes dizer que eu sei tudo. A verdade sobre o telefonema, as pegadas no peitoril da janela, o esconderijo de Ralph Paton...

— Onde ele está? — disse Blunt subitamente.

— Não muito longe — disse Poirot, sorrindo.

— Em Cranchester? — perguntei.

Poirot virou-se para mim.

— Sempre me pergunta isso. A ideia de Cranchester é para você uma *idée fixe.* Não, ele não está em Cranchester. Ele está — *ali*!

Ele apontou dramaticamente o indicador. A cabeça de todos se voltaram.

Ralph Paton estava de pé na porta.

24
a história de ralph paton

foi um momento muito desconfortável para mim. Eu quase não apreendi o que se passou em seguida, mas houve exclamações de surpresa! Quando recuperei domínio de mim mesmo para perceber o que estava acontecendo, Ralph Paton estava ao lado de sua mulher, de mãos dadas, e sorria para mim do outro lado da sala.

Poirot também sorria, e ao mesmo tempo sacudia um dedo eloquente em minha direção.

— Eu não lhe disse, pelo menos umas trinta e seis vezes, que é inútil esconder coisas de Hercule Poirot? — ele perguntou. — Pois em todo caso ele vai descobrir?

Ele se virou para os outros.

— Um dia, vocês lembram, tivemos uma pequena sessão ao redor da mesa, apenas seis de nós. Eu acusei as outras cinco pessoas de esconder algo de mim. Quatro delas revelaram seus segredos. O doutor Sheppard não revelou o dele. Mas todo o tempo eu suspeitei. O doutor Sheppard fora à Three Boars naquela noite, esperando encontrar Ralph. Ele não o encontrou ali; mas suponha, eu disse a mim mesmo, que ele o tenha encontrado na rua em seu caminho para casa? O doutor Sheppard era um amigo do capitão Paton, e ele viera diretamente da cena do crime. Ele deveria saber que as coisas estavam

bem pretas para ele. Talvez ele soubesse mais do que todos...

— Eu sabia — disse pesarosamente. — Imagino que eu também deva trazer tudo às claras agora. Eu fui ver Ralph naquela tarde. De início ele recusou-se a se abrir comigo, porém mais tarde me contou sobre seu casamento e o buraco em que estava. Assim que o assassinato foi descoberto, percebi que no momento em que os fatos viessem à tona, a suspeita cairia com certeza sobre Ralph, ou, se não sobre ele, sobre a moça que ele amava. Naquela noite expus os fatos diante dele. A ideia de que teria possivelmente que dar evidências que poderiam incriminar sua mulher o fez decidir a qualquer preço a...

Eu hesitei e Ralph completou:

— ...a dar no pé — ele disse expressivamente. — Veja, Ursula me deixara e retornara à casa. Eu achava possível que ela tivesse tentado ter outra conversa com meu padrasto. Ele já tinha sido bastante rude com ela naquela tarde. Ocorreu-me que ele poderia tê-la insultado, de uma maneira tão imperdoável que, sem saber o que estava fazendo, ela...

Ele parou. Ursula soltou sua mão da dele, e deu um passo para trás.

— Você pensou isso, Ralph! Você de fato pensou que eu poderia ter feito isso?

— Vamos voltar para a conduta repreensível do doutor Sheppard — disse Poirot secamente. — O doutor Sheppard concordou em fazer o que pudesse para ajudá-lo. Ele foi bem--sucedido em esconder o capitão Paton da polícia.

— Onde? — perguntou Raymond. — Em sua própria casa?

— Ah, não, realmente — disse Poirot. — Deveria se fazer a pergunta que me fiz. Se o bom doutor está escondendo o jovem, que lugar escolheria? Deve ser necessariamente próximo. Eu pensei em Cranchester. Um hotel? Não. Uma pensão? Ainda mais óbvio. Onde, então? Ah! Percebi. Um sanatório. Um hospital para os mentalmente perturbados. Testei minha teoria. Inventei um sobrinho com distúrbio mental. Consultei mademoiselle Sheppard sobre as clínicas mais indicadas. Ela me deu o nome de duas próximas a Cranchester para onde seu irmão encaminhava pacientes. Investiguei. Sim, em uma delas um paciente tinha sido trazido pelo próprio doutor no sábado de manhã cedo. Esse paciente, embora conhecido por outro nome, identifiquei facilmente como o capitão Paton. Depois de certas formalidades necessárias, me permitiram trazê-lo. Ele chegou em minha casa nas primeiras horas da manhã de ontem.

Olhei para ele com pesar.

— O funcionário do Ministério Interior de Caroline — murmurei. — E pensar que nunca imaginei!

— Entende agora por que chamei a atenção para a reticência de seu manuscrito — murmurou Poirot. — Era estritamente verdadeiro até onde foi... mas não foi muito longe, não é, meu amigo?

Eu estava confuso demais para argumentar.

— O doutor Sheppard tem sido muito leal — disse Ralph. — Ele ficou do meu lado apesar de tudo. Ele fez o que considerou o melhor. Eu entendo agora, pelo que me disse monsieur Poirot, que não foi o melhor realmente. Eu deveria ter me apresentado e encarado a

tempestade. Veja, na clínica nunca víamos um jornal sequer. Eu não sabia nada do que estava se passando.

— O doutor Sheppard tem sido um modelo de discrição — disse Poirot secamente. — Mas eu descobri todos os pequenos segredos. É minha função.

— Agora podemos ouvir sua versão do que aconteceu naquela noite — disse Raymond impacientemente.

— Já sabe — disse Ralph. — Há muito pouco para eu acrescentar. Deixei o quiosque por volta das 21h45 e vaguei ao acaso, tentando decidir o que fazer em seguida, que direção tomar. Tenho de admitir não ter nem a sombra de um álibi, mas dou minha palavra solene de que nunca fui até o escritório, que não vi meu padrasto vivo ou morto. Não importa o que o mundo pense, eu gostaria que todos vocês acreditassem em mim.

— Nenhum álibi — murmurou Raymond. — Isso é mal. Eu acredito em você, é claro, mas é uma situação ruim.

— Entretanto, torna tudo muito simples — disse Poirot, com voz alegre. — Muito simples, realmente.

Nós todos o encaramos.

— Vocês entendem o que digo? Não? Apenas isto: para salvar o capitão Paton, o verdadeiro assassino precisa confessar.

Ele sorriu para todos nós.

— Mas sim, realmente quero dizer isso. Vejam, eu não convidei o inspetor Raglan para estar aqui. Isso teve uma razão. Eu não queria dizer a ele tudo o que eu sabia, pelo menos não queria contar a ele esta noite.

Ele se inclinou para a frente, e subitamente tanto sua voz quanto sua personalidade se modificaram. Ele de repente se tornou perigoso.

— Eu que lhes falo, eu sei que o assassino de mr. Ackroyd está nesta sala agora. É para o assassino que falo. *Amanhã a verdade será levada ao inspetor Raglan.* Você compreende?

Houve um silêncio tenso. Em meio a ele entrou a velha senhora bretã com um telegrama em uma salva. Poirot o abriu, rasgando-o.

A voz de Blunt ergueu-se abrupta e ressonante.

— O assassino está entre nós, você diz? Você sabe... quem?

Poirot leu a mensagem. Ele a amassou em sua mão.

— Eu sei, agora.

Ele bateu na bola de papel amassada.

— O que é isso? — disse Raymond vivamente.

— Um telegrama de um comissário de bordo a caminho, agora, dos Estados Unidos.

Houve um silêncio mortal. Poirot levantou-se e curvou-se.

— *Messieurs et mesdames,* esta minha reunião terminou. Lembrem-se — *a verdade será levada ao inspetor Raglan pela manhã.*

25
toda a verdade

um pequeno gesto de Poirot convidou-me para ficar depois que todos partissem. Obedeci, indo até a lareira, e pensativamente remexi os grandes tocos de lenha com a ponta de minha bota.

Eu estava intrigado. Pela primeira vez eu estava totalmente perdido com relação às palavras de Poirot. Por um instante fiquei tentado a pensar que a cena que acabara de testemunhar era uma farsa gigantesca, que ele estava, como se diz, “representando um papel” com a finalidade de fazê-lo parecer interessante e importante. Mas, apesar disso, eu era forçado a acreditar em uma realidade subjacente. Houve uma ameaça real em suas palavras, e uma sinceridade direta e inquestionável. Mas eu ainda acreditava que ele estava na trilha errada.

Quando a porta se fechou depois da última pessoa do grupo, ele se aproximou da lareira.

— Bem, meu amigo — disse baixo —, e o que você pensa de tudo isso?

— Eu não sei o que pensar — disse francamente. — Qual foi o propósito? Por que não ir diretamente ao inspetor Raglan com a verdade em vez de dar ao culpado esse aviso elaborado?

Poirot sentou-se e pegou sua caixa de pequenas cigarrilhas russas. Ele fumou por um instante. Então:

— Use suas células cinzentas — ele disse. — Há sempre uma verdade por trás de minhas ações.

Hesitei por um momento, e então disse devagar:

— A primeira coisa que me ocorre é que você mesmo não sabe quem é o culpado, mas tem certeza de que ele estava entre aqueles que estiveram aqui hoje à noite. Assim suas palavras tiveram a intenção de forçar uma confissão de um assassino desconhecido?

Poirot acenou aprovando.

— Uma ideia inteligente, mas não verdadeira.

— Pensei, talvez, que ao fazê-lo acreditar que você sabia, forçaria o assassino a se revelar, não necessariamente através de uma confissão. Ele poderia tentar silenciá-lo como fizera com mr. Ackroyd, antes que possa agir amanhã de manhã.

— Uma armadilha tendo a mim como isca! *Merci, mon ami,* mas não sou heroico o suficiente para isso.

— Então não o compreendo. É claro que está arriscando deixar o assassino escapar colocando-o de sobreaviso?

Poirot negou com a cabeça.

— Ele não pode escapar — disse seriamente. — Só há uma saída, e esta não leva à liberdade.

— Você realmente acredita que uma destas pessoas aqui hoje à noite cometeu o assassinato? — perguntei incrédulo.

— Sim, meu amigo.

— Qual delas?

Houve silêncio por alguns instantes. Então Poirot jogou a ponta de sua cigarrilha na lareira e começou a

falar em um tom baixo e reflexivo.

— Eu o conduzirei pelo caminho que percorri. Você vai me acompanhar passo a passo e ver por si mesmo que todos os fatos apontam indubitavelmente para uma pessoa. Agora, para começar, houve dois fatos e uma pequena discrepância no horário que especialmente chamaram a minha atenção. O primeiro fato foi o telefonema. Se Ralph Paton fosse realmente o assassino, o telefonema se tornava sem sentido e absurdo. Assim eu disse a mim mesmo, Ralph Paton não é o assassino.

"Fiquei satisfeito com a ideia de que o telefonema não viera de ninguém da casa, porém eu estava convencido de que era entre aqueles presentes na noite fatal que eu teria de buscar meu criminoso. Assim concluí que o telefonema deveria ter sido dado por um cúmplice. Não estava muito contente com essa dedução, mas deixei estar por um momento.

"Em seguida examinei o *motivo* para o telefonema. Isso foi difícil. Eu só podia encontrá-lo julgando por seu *resultado*. Que foi fazer com que o assassino fosse descoberto naquela noite em vez de, com toda a probabilidade, na manhã seguinte. Concorda com isso?"

— Si-im — admiti. — Sim. Como você diz, tendo mr. Ackroyd dado ordens para não ser perturbado, ninguém teria entrado no escritório naquela noite.

— *Très bien.* O caso progride, não é? Mas as situações ainda estavam obscuras. Qual a vantagem de ter o crime descoberto naquela noite em vez da manhã seguinte? A única ideia que me ocorreu foi que o assassino, sabendo que o crime seria descoberto numa determinada hora, teria certeza de estar presente quando a porta fosse arrombada, ou, de qualquer modo, imediatamente após.

E agora chegamos ao segundo fato, a cadeira empurrada da parede. O inspetor Raglan não considerou que fosse importante. Eu, ao contrário, sempre considerei o fato de suma importância.

“Em seu manuscrito você desenhou uma planta bem clara do escritório. Se você a tivesse consigo nesse momento veria que a cadeira, tendo sido empurrada na posição indicada por Parker, estaria em um alinhamento direto entre a porta e a janela.”

— A janela! — falei rapidamente.

— Você, também, teve minha primeira ideia. Imaginei que a cadeira tivesse sido empurrada para que algo em conexão com a janela não pudesse ser visto por ninguém que entrasse pela porta. Mas logo abandonei essa suposição, pois, embora a poltrona tivesse um espaldar alto, ela obstruía muito pouco a janela, apenas a parte entre o peitoril e o chão. Não, *mon ami*, mas lembre-se de que bem diante da janela estava uma mesa com livros e revistas sobre si. Agora essa mesa *estava* completamente escondida pela cadeira tirada do lugar — e imediatamente tive minha primeira ligeira suspeita da verdade.

“Suponha que houvesse algo sobre aquela mesa que não fosse para ser visto? Algo colocado ali pelo assassino? E mesmo assim eu não tinha a menor ideia do que poderia ser isso. Mas eu sabia alguns fatos muito interessantes sobre o objeto. Por exemplo, era algo que o assassino não pudera levar com ele quando cometeu o crime. Ao mesmo tempo era vital que fosse removido o mais rápido possível depois que o crime fosse descoberto. Isso aliado ao recado telefônico, e a

oportunidade para o assassino estar no local quando o corpo fosse descoberto.

“Agora, quatro pessoas estiveram na cena antes de a polícia chegar. Você, Parker, o major Blunt e mr. Raymond. Eliminei Parker imediatamente, já que a qualquer hora que o crime fosse descoberto ele seria uma pessoa com certeza presente no local. E também foi ele quem me falou sobre a cadeira fora do lugar. Parker, então, era inocente (do assassinato, é claro. Eu ainda acho possível que ele estivesse chantageando mrs. Ferrars). Raymond e Blunt, no entanto, permaneceram sob suspeita, já que, se o crime tivesse sido descoberto cedo de manhã, seria bem provável que eles só tivessem chegado na cena tarde demais para impedir que o objeto na mesa redonda fosse descoberto.

“Agora, que objeto era esse? Você ouviu meus argumentos esta noite com relação aos fragmentos de conversa entreouvidas? Logo que soube que um representante da firma de ditafone telefonara, a ideia de um ditafone se fixou em minha mente. Você ouviu o que eu disse nesta sala não faz nem meia hora? Todos concordaram com minha teoria, mas um fato vital parece ter-lhes escapado. Assumindo que um ditafone estava sendo usado por mr. Ackroyd naquela noite, por que o ditafone não foi encontrado?”

— Não pensei nisso — eu disse.

— Sabemos que um ditafone foi fornecido a mr. Ackroyd. Mas nenhum ditafone foi encontrado entre seus pertences. Então, se algo tivesse sido retirado da mesa, por que não um ditafone? Mas havia certas dificuldades nisso. A atenção de todos estava, é claro, focada no homem assassinado. Creio que qualquer um poderia ter

ido até a mesa despercebido pelas outras pessoas na sala. Mas um ditafone tem certamente um volume, não pode ser colocado discretamente no bolso. Deve ter tido algum recipiente capaz de contê-lo.

“Você está vendo aonde quero chegar? A figura do assassino está tomando forma. Uma pessoa que estava na cena, mas que não estaria se o crime tivesse sido descoberto na manhã seguinte. Uma pessoa carregando um receptáculo no qual caberia um ditafone...”

Interrompi.

— Mas por que remover o ditafone? Qual a razão?

— Você está agindo como mr. Raymond. Assume que o que foi ouvido às 21h30 era a voz de mr. Ackroyd falando para o ditafone. Mas considere essa útil invenção por um instante. Você dita nele, não é? E um tempo depois uma secretária ou datilógrafa o liga, e a voz fala de novo.

— Você quer dizer... — eu exclamei.

Poirot aquiesceu.

— Sim, é o que quero dizer. *Às 21h30 mr. Ackroyd já estava morto.* Era o ditafone que falava, não o homem.

— E o assassino o ligou. Então ele deve ter estado no quarto naquele instante?

— Possivelmente. Mas não devemos excluir a possibilidade de algum dispositivo mecânico ter sido aplicado, algo da natureza de um marcador de tempo, ou mesmo de um simples despertador. Mas nesse caso temos de acrescentar duas qualificações ao nosso retrato imaginário do assassino. Deve ser alguém que sabia que mr. Ackroyd comprara um ditafone e alguém com o conhecimento técnico necessário.

“Eu já tinha chegado mentalmente até aqui quando nos deparamos com as pegadas no peitoril da janela. Nesse ponto, três conclusões estavam abertas para mim. (1) Elas deveriam ter sido de fato feitas por Ralph Paton. Ele estivera em Fernly naquela noite e deve ter galgado para o escritório e encontrado o tio morto. Era uma hipótese. (2) Havia a possibilidade de que as pegadas tivessem sido feitas por outra pessoa que tivesse o mesmo tipo de sola de borracha nos sapatos. Mas os residentes da casa tinham sapatos com sola crepe, e recusei-me a acreditar na coincidência de alguém de fora usar o mesmo tipo de sapatos que Ralph Paton. Charles Kent, como sabemos pela garçonete do Dog & Whistle, vestia um par de botas novas e limpas. (3) Essas pegadas foram feitas por alguém que deliberadamente queria jogar as suspeitas sobre Ralph Paton. Para testar essa última conclusão, era necessário averiguar alguns fatos. Um par dos sapatos de Ralph fora obtido pela polícia na Three Boars. Nem Ralph nem ninguém poderia tê-los usado já que estavam sendo engraxados. Segundo a teoria da polícia, Ralph estava usando outro par do mesmo tipo, e descobri que, sim, era verdade que ele tinha dois pares. Agora, para que minha teoria ficasse comprovada, era necessário que o assassino tivesse usado os sapatos de Ralph naquela noite, e, nesse caso, Ralph estaria usando um *terceiro* par de calçados de algum tipo. Eu dificilmente acreditaria que ele trouxesse três pares de sapatos iguais, o terceiro par era mais provavelmente um par de botas. Pedi a sua irmã que fizesse uma pesquisa a respeito desse ponto, dando ênfase à cor, para — admito honestamente — ocultar a verdadeira razão do meu pedido.

“Você conhece o resultado das investigações dela. Ralph Paton *tinha* um par de botas com ele. A primeira pergunta que eu fiz a ele quando veio para minha casa ontem de manhã foi o que ele estava calçando na noite fatal. Ele respondeu imediatamente que calçava *botas*, ele ainda as calçava, na verdade, não tendo outra coisa para calçar.

“Assim demos um passo adiante na nossa descrição do assassino: uma pessoa que tivesse tido a oportunidade de pegar esses sapatos de Ralph Paton na Three Boars naquele dia.”

Ele parou, e então disse, com uma voz ligeiramente elevada:

— Há ainda mais um ponto. O assassino deve ter sido alguém que teve a oportunidade de pegar aquela adaga na mesa-mostruário. Você pode argumentar que qualquer pessoa na casa poderia tê-lo feito, mas eu lhe relembro que mrs. Ackroyd foi muito enfática ao dizer que a adaga não estava lá quando ela examinou a vitrine.

Ele parou novamente.

— Vamos recapitular, agora que tudo está claro. Uma pessoa que estivera na Three Boars mais cedo naquele dia, uma pessoa que conhecia Ackroyd bem o suficiente para saber que ele tinha comprado um ditafone, uma pessoa que tivesse uma mente boa para mecânica, que tivera a oportunidade de pegar a adaga da mesa-mostruário antes que miss Flora chegasse e que tinha com ele um recipiente adequado o suficiente para esconder o ditafone, como uma maleta preta, e que tivera o escritório só para si por alguns minutos depois

de o crime ser descoberto, enquanto Parker telefonava para a polícia. De fato — *doutor Sheppard!*

26
e nada mais que a verdade

houve um silêncio mortal por um minuto e meio. Então eu ri.

— Você está louco — eu disse.

— Não — disse Poirot placidamente. — Não estou louco. Foi a pequena discrepância de horário que chamou a minha atenção em primeiro lugar para você, logo no início.

— Discrepância de horário? — inquiri intrigado.

— Mas, sim. Você se lembra de que todos concordaram, você inclusive, que se leva cinco minutos para andar da guarita até a casa, ou menos, se pelo atalho para o terraço. Mas você saiu da casa às 20h50 — tanto em sua declaração quanto na de Parker, e no entanto eram 21h quando você cruzou o portão da guarita. Era uma noite fria, não uma noite em que um homem estaria inclinado a perambular; por que você demorou 10 minutos para percorrer um caminho em que se leva 5? Todo o tempo eu percebi que tínhamos apenas a sua declaração de que a janela do escritório tinha sido fechada. Ackroyd lhe perguntou se tinha feito isso; ele mesmo nunca foi verificar. Suponhamos, então, que a janela do escritório estava destrancada? Haveria tempo suficiente nesses 10 minutos para você correr por fora da

casa, mudar de sapatos, subir pela janela, matar Ackroyd, e estar no portão às 21h? Decidi que não, já que com toda a probabilidade um homem nervoso, como Ackroyd se encontrava naquela noite, ouviria você subindo pela janela, e haveria então uma briga. Mas suponhamos que você tivesse matado Ackroyd *antes* de sair, quando estava de pé ao lado de sua cadeira? Então você sai pela porta da frente, corre para o quiosque, retira os sapatos de Ralph Paton da sacola que trouxe com você naquela noite, calça-os, anda pela lama com eles e deixa as pegadas no peitoril da janela, pula para dentro, tranca a porta do escritório por dentro, corre de volta para o quiosque e corre para o portão. (Fiz essas mesmas ações outro dia, quando você estava com mrs. Ackroyd, levou exatamente dez minutos.) Rumou então para casa com um álibi, já que marcou o ditafone para as 21h30.

— Meu caro Poirot — eu disse em uma voz que soava estranha e forçada aos meus próprios ouvidos —, você tem estado remoendo esse caso há tempo demais. Que cargas d’água eu ganharia matando Ackroyd?

— Segurança. Foi você quem chantageou mrs. Ferrars. Quem poderia ter melhor conhecimento do que matou mr. Ferrars do que o médico que o atendia? Quando falou comigo pela primeira vez, naquele dia no jardim, você mencionou uma herança que recebera um ano antes. Não pude encontrar nenhum traço de uma herança. Você precisava inventar alguma maneira de explicar as vinte mil libras de mrs. Ferrars. Perdeu a maior parte especulando — então a pressionou demais, e mrs. Ferrars encontrou uma saída que você não esperava. Se Ackroyd tivesse conhecimento da verdade

ele não teria nenhuma piedade de você, você estaria arruinado para sempre.

— E o telefonema? — perguntei, tentando reagir. — Você tem uma explicação plausível para isso também, eu presumo?

— Confesso que foi meu maior obstáculo, quando descobri que uma ligação tinha sido efetivamente feita para você da estação. Eu primeiro acreditei que você simplesmente inventara a história. Foi um toque muito esperto, esse. Você tinha de ter alguma desculpa para chegar a Fernly, encontrar o corpo, e assim ter a chance de remover o ditafone do qual dependia seu álibi. Eu tinha uma noção muito vaga de como isso tinha acontecido quando vim ver sua irmã naquele primeiro dia e perguntei sobre os pacientes que você consultara na sexta-feira de manhã. Eu não tinha pensado em miss Russell até então. Sua visita foi uma coincidência de sorte, já que distraiu sua mente do real objeto de minhas questões. Eu encontrei o que viera buscar. Entre os seus pacientes naquela manhã estava o comissário de um navio americano. Quem mais adequado do que ele, que partia de trem para Liverpool naquela noite? E depois ele estaria em alto-mar, bem fora do caminho. Eu reparei que o *Orion* zarpou no sábado, e tendo obtido o nome do comissário enviei-lhe um telegrama com certa pergunta. Foi essa resposta que você me viu receber agora há pouco.

Ele me entregou a mensagem. Dizia o seguinte: “Está correto. O doutor Sheppard me pediu para deixar um bilhete na casa de um paciente. Eu deveria ligar para ele da estação com a resposta. A resposta foi ”nenhuma resposta”.

— Foi uma ideia inteligente — disse Poirot. — O telefonema era genuíno. Sua irmã o viu atender. Mas só havia a palavra de um homem sobre o que havia sido dito do outro lado da linha: a sua própria!

Eu bocejei.

— Tudo isso — eu disse em resposta —, é muito interessante, mas dificilmente se encaixa na esfera dos procedimentos práticos.

— Você acha que não? Lembre-se do que eu disse, a verdade será levada ao inspetor Raglan amanhã de manhã. Mas, por sua boa irmã, estou lhe dando a oportunidade de outra saída. Pode haver, por exemplo, uma overdose de um sonífero. Você me entende? Mas o capitão Paton precisa ser inocentado — *ça va sans dire.* Eu sugiro que você termine esse seu interessante manuscrito abandonando as reticências anteriores.

— Você parece ser muito prolífico de sugestões — observei. — Tem certeza de que já terminou?

— Agora que você me lembra do fato, é verdade que há ainda mais um ponto. Seria muito pouco sábio de sua parte tentar me silenciar como silenciou mr. Ackroyd. Esse tipo de coisa não acontece com Hercule Poirot, você entende?

— Meu querido Poirot — eu disse com um ligeiro sorriso —, independentemente do que eu seja, não sou um tolo.

Levantei-me.

— Bem, bem — eu disse com um leve bocejo —, devo ir para casa. Obrigado por uma noite tão interessante e instrutiva.

Poirot também se levantou e se curvou com sua habitual polidez quando eu saía da sala.

27
apologia

cinco horas da manhã, estou muito cansado, mas finalizei minha tarefa. Meus braços doem de escrever.

Um estranho final para meu manuscrito. Eu pretendia que fosse publicado algum dia como a história de um fracasso de Poirot! É esquisito como as coisas terminam.

Todo o tempo eu tinha uma premonição do desastre, desde o minuto em que vi Ralph Paton e mrs. Ferrars juntos. Eu pensei naquele instante que ela confidenciava com ele; e, como se revelou, eu estava muito enganado, mas a ideia persistia mesmo depois de eu ter ido ao escritório de Ackroyd naquela noite, até que ele me disse a verdade.

Pobre velho Ackroyd. Fico sempre feliz por ter lhe dado uma chance. Eu lhe implorei que lesse a carta antes que fosse tarde demais. Ou deixe-me ser honesto, eu subconscientemente não teria percebido que, com uma pessoa teimosa como ele, essa seria a melhor chance de levá-lo a *não* ler? Seu nervosismo naquela noite era psicologicamente interessante. Ele sabia que o perigo estava próximo. E, no entanto, ele nunca suspeitou *de mim.*

A adaga foi um pensamento *a posteriori*. Eu tinha trazido uma arma mais útil, minha própria, mas, quando

vi o punhal na mesa prateada, me ocorreu imediatamente como seria melhor usar uma arma que não apontasse para mim.

Suponho que eu tinha a intenção de assassiná-lo o tempo todo. Assim que soube da morte de mrs. Ferrars, conveci-me de que ela teria contado alguma coisa a ele antes de morrer. Quando o encontrei e ele estava tão agitado, eu pensei que talvez já soubesse da verdade, mas que ele não podia acreditar nela, e me daria a chance de refutar.

Assim fui para casa e me preveni. Se o problema fosse finalmente apenas alguma coisa com Ralph — bem, menos mau. Ele tinha me dado o ditafone dois dias atrás para ajustar. Algo estava errado com ele, e eu o persuadi a deixar que eu olhasse, em vez de enviá-lo de volta. Eu fiz o que quis com ele, e levei-o em minha maleta naquela noite.

Fico muito satisfeito comigo mesmo, como escritor. O que poderia ser melhor, por exemplo, do que o seguinte trecho: “A carta fora trazida às 20h40. Eram apenas 20h50 quando eu o deixei, com a carta ainda por ler. Hesitei com a mão na maçaneta, olhando para trás e me perguntando se tinha deixado alguma coisa por fazer”.

Tudo verdade, veja. Mas imagine que eu tivesse colocado uma linha de estrelas depois da primeira frase! Alguém teria imaginado o que acontecera exatamente no espaço daqueles 10 minutos?

Quando olhei ao redor da sala, desde a porta, estava bastante satisfeito. Nada tinha sido deixado por fazer. O ditafone estava sobre a mesa perto da janela, ajustado para ligar às 21h30 (o mecanismo daquele pequeno artifício era muito inteligente, baseado no princípio do

despertador), e a poltrona estava puxada para esconder sua visão da porta.

Devo admitir que me deu um susto e tanto esbarrar com Parker bem do lado de fora da porta. Eu registrei fielmente esse fato.

Então, mais tarde, quando o corpo foi descoberto e eu enviei Parker para chamar a polícia, que judicioso uso de palavras: "*Fiz o pouco que tinha para ser feito*". Foi bem pouco, simplesmente jogar o ditafone na minha maleta e empurrar a cadeira de volta contra a parede, em seu lugar habitual. Eu jamais poderia imaginar que Parker repararia naquela cadeira. Logicamente, ele deveria ter ficado tão ansioso sobre o corpo que ficaria cego para todo o resto. Mas eu não tinha contado com o complexo do empregado treinado.

Eu gostaria de ter sabido com antecedência que Flora iria dizer que tinha visto seu tio vivo às 21h45. Isso me intrigou mais do que posso admitir. Na verdade, durante todo o caso houve coisas que me atordoaram. Todos parecem ter feito a sua parte.

Meu maior receio o tempo todo foi Caroline. Eu imaginei que ela poderia ter desconfiado. Curiosa a maneira como ela falou naquele dia sobre meu "traço de fraqueza".

Bem, ela nunca saberá a verdade. Há, como Poirot disse, uma saída...

Eu posso confiar nele. Ele e o inspetor Raglan darão um jeito entre os dois. Não gostaria que Caroline soubesse. Ela gosta de mim, e, também, ela é orgulhosa... Minha morte será uma tristeza para ela, mas tristeza passa...

Quando eu tiver terminado de escrever, fecharei todo este manuscrito em um envelope e o endereçarei a Poirot.

E então, o que será? Veronal? Haveria um tipo de justiça poética. Não que eu tenha qualquer responsabilidade pela morte de mrs. Ferrars. Foi a consequência direta de seus atos. Não sinto pena dela.

Não sinto pena de mim mesmo.

Então que seja Veronal.

Mas eu gostaria que Hercule Poirot não tivesse nunca se aposentado e vindo para cá cultivar abobrinhas.